



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**THIAGO BRANDÃO DE ASSIS**

**COMPREENDENDO A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA POR MEIO DO  
MODELO BIOPSIKOSSOCIAL: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O  
PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO**

João Pessoa  
2024

**THIAGO BRANDÃO DE ASSIS**

**COMPREENDENDO A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA POR MEIO DO  
MODELO BIOPSISSOCIAL: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O  
PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO**

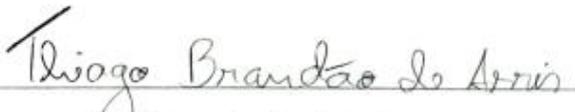
Trabalho de Conclusão do Mestrado apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (PROFBIO), do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

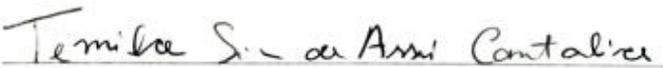
Área de concentração: Ensino de Biologia.

Linhas de Pesquisa: Comunicação, ensino e aprendizagem em biologia.

Macroprojeto: Produção e avaliação de recursos didático-pedagógicos para o ensino de biologia.

**Orientador(a):** Dr<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice

  
Thiago Brandão de Assis  
Mestrando

  
Dr<sup>a</sup>. Temilce Simões de Assis Cantalice  
Assinatura do Orientador

João Pessoa  
2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A848c Assis, Thiago Brandao de.

Compreendendo a sexualidade na adolescência por meio do modelo biopsicossocial : estratégias didáticas para o professor do Ensino Médio / Thiago Brandao de Assis. - João Pessoa, 2024.

251 f. : il.

Orientação: Temilce Simões de Assis Cantalice.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

1. Educação sexual - Abordagem integradora. 2. Educação sexual - Metodologias ativas. 3. Sexualidade - Adolescência. 4. Dinâmica de grupo - Oficinas. I. Cantalice, Temilce Simões de Assis. II. Título.

UFPB/BC

CDU 613.88(043)

**THIAGO BRANDÃO DE ASSIS**

**COMPREENDENDO A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA POR MEIO DO  
MODELO BIOPSIKOSSOCIAL: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O  
PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão do Mestrado apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (PROFBIO), do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Data: 28/03/2024

Resultado: Aprovado

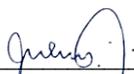
**BANCA EXAMINADORA**



Dr.<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice – DFP/CCS/UFPB  
Orientadora



Dr. Thiago Leite de Melo Ruffo – Campus Cabedelo/IFPB  
Avaliador Interno



Dr. José Washigton de Moraes Medeiros – Campus João Pessoa/UAGN/IFPB  
Avaliador Externo

Dedico este trabalho aos docentes que, assim como eu, suscitam o desejo de trabalhar a Educação Sexual em sua completude e de maneira integral com o adolescente para que percebamos que esta fase é singular e que cada ser humano a atravessa ao seu modo.

Também dedico este trabalho aos meus pais e minha esposa Emanuela que auxiliaram de todas as formas para que pudesse tornar-se realidade.

## RELATO DO MESTRANDO

**Instituição:** Universidade Federal da Paraíba

**Mestrando:** Thiago Brandão de Assis

**TCM:** COMPREENDENDO A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA POR MEIO DO MODELO BIOPSISSOCIAL: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO

**Data da defesa do TCM:** 28/03/2024

O PROFBIO surgiu para mim em um contexto de pandemia como uma oportunidade para que eu melhorasse minha prática docente, pois eu próprio admitira que a mesma se encontrava defasada por ainda trabalhar em um contexto repassar conteúdo sem que oferecesse ao estudante oportunidades para investigar como determinado tema chegou naquele ponto, pronto e acabado disponível no livro didático.

Participar das aulas semanais e realizar as atividades online constituíram-se de desafios sem precedentes pois foi necessário conciliar trabalho com o mestrado e um sonho de oferecer aos discentes uma aula de Biologia que tivesse um sentido para eles, pois era comum ouvir dizer deles próprios que a matéria continha nomes difíceis e impossíveis de serem decorados. O PROFBIO também oportunizou a troca de conhecimentos e práticas-pedagógicas com diversos professores-mestrando seja durante as aulas, seja durante as Jornadas Pedagógicas por meio das AASA. Isto, para mim, foi um dos pontos altos do programa.

Finalizo este relato com a certeza de que houve grandes melhorias no meu fazer pedagógico, pois o mestrando que aqui se apresenta é diferente do mestrando que estrou no programa há dois anos, pois agora observo que não sou detentor do conhecimento, mas um mediador entre este e o estudante. E percebo que com esta mudança, a Biologia passa a desempenhar um papel importante para o aluno.

Apesar dos percalços enfrentados durante a jornada, posso dizer que foi gratificante ao final, pois evolui como pessoa e como profissional e que, atualmente, posso realizar um fazer pedagógico diferente por meio de metodologias ativas que instiguem e despertem a curiosidade no estudante com relação a disciplina de Biologia.

  
Thiago Brandão de Assis

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da sabedoria para conseguir vencer mais uma etapa em minha carreira profissional e por dar-me forças e consolo nos momentos tristes.

Aos meus pais, Antonio e Zitila, pelo apoio, incentivo e suporte durante esses anos de mestrado.

A minha Esposa Emanuela pelo suporte, paciência, compreensão e por ser um pilar emocional em todos os momentos deste percurso cheio de altos e baixos.

Ao meu pet Messala por me proporcionar momentos de alegria e descontração em meio aos momentos de estresse.

Ao PROFBIO (UFPB) pela oportunidade de me reinventar como profissional e fazer um mestrado voltado verdadeiramente para o Ensino de Biologia.

A minha orientadora Temilce pela paciência, pela calma, pelos ensinamentos, pela compreensão e por todas as contribuições para a elaboração desse trabalho e também a minha banca de acompanhamento pelas contribuições a este trabalho.

Aos docentes do PROFBIO pelos ensinamentos e contribuições para uma educação básica de qualidade.

A banca examinadora, nas pessoas do Prof. Dr. José Washington e da Prof. Dr. Thiago Ruffo, pela aceitação do convite.

Ao quarteto de amigos formados no início do curso por sempre se fazerem presentes apoiando e ajudando uns aos outros.

Aos demais colegas de turma pelo apoio, pelo auxílio e pela troca de experiências ao longo deste percurso.

Aos estudantes participantes deste trabalho da ECIT Cristiano Cartaxo, pois sem o apoio de vocês, este projeto não estaria concluído.

A gestão escolar por conseguir organizar meu horário escolar para permitir que eu me ausentasse as sextas-feiras.

A Fernanda Chagas da 9ª GRE pelo apoio para realizar o mestrado.

Aos colegas professores da área de Ciências da Natureza e Matemática da ECIT Cristiano Cartaxo pelo apoio durante o transcurso deste mestrado.

A professora Tamires Zambrano da ECIT Cristiano Cartaxo por revisar o resumo do trabalho em língua inglesa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

A questão da sexualidade é algo inerente à vida humana e inclui sensações corpóreas, subjetivas e emocionais que se manifestam ao longo da vida, varia entre as pessoas e está além da reprodução. Na Biologia, há duas formas de se perceber/ensinar sobre sexualidade, o modelo biológico-centrado e preventivo que enfatiza aspectos biológicos da sexualidade e o modelo biopsicossocial que apresenta concepções mais amplas sobre a sexualidade. Enfatizou-se o segundo modelo, pois a sexualidade é entendida como fenômeno natural, sendo expressa de múltiplas formas, nas diferentes etapas da vida, nos diferentes contextos e realidades subjetivas, sociais e culturais. O ensino por investigação desempenha um papel crucial na educação sexual, capacitando os alunos a explorarem prevenção de IST, contracepção, saúde sexual e relacionamentos para promover habilidades críticas, tomada de decisões informadas e compreensão das complexidades da sexualidade humana, contribuindo para uma educação mais aberta, inclusiva e contextualizada. O objetivo deste TCM foi desenvolver a temática educação sexual por meio de oficinas de dinâmica em grupo em uma perspectiva investigativa, permitindo aos estudantes explorar conceitos, normas sociais e questões de gênero por meio de pesquisa, discussões e análises críticas, capacitando-os a tomar decisões informadas e promovendo a compreensão abrangente da sexualidade. O projeto foi desenvolvido na ECIT Cristiano Cartaxo, localizada na cidade de Cajazeiras/PB, com três turmas da segunda série do ensino médio, totalizando 18 estudantes com idades entre 16 e 18 anos. O trabalho apresentou natureza aplicada, abordagem quanti-qualitativa do tipo pesquisa participante. As estratégias metodológicas envolveram: reunião com os pais/responsáveis, aplicação de questionário diagnóstico e metodologias ativas baseadas em oficinas de dinâmicas em grupos. O trabalho partiu de uma compreensão inicial do que os estudantes conhecem por sexualidade e educação sexual mediante aplicação de um questionário diagnóstico para, a partir deste ponto, iniciar a execução das atividades com a construção de contrato de convivência e as dinâmicas com enfoque no aspecto biopsicossocial. Foram obtidos dados quanti-qualitativos a partir da aplicação do questionário diagnóstico e qualitativos a partir de registros de imagens, áudios, vídeos e textos. As informações referentes ao questionário foram tabuladas em planilhas para serem analisadas quanto as respostas dos participantes ao instrumento de coleta. Os discursos dos participantes foram categorizados e analisados sob a perspectiva de análise de conteúdo de Bardin. Através das oficinas de dinâmica em grupo, os participantes perceberam quão complexa é a adolescência por tratar-se de um período singular para cada pessoa. Além disto, o enfoque biopsicossocial trouxe uma nova dimensão de aprendizado no qual os estudantes correlacionaram aspectos biológicos com aspectos sociais, econômicos, culturais e psicológicos. A culminância foi resultado de debates ao longo das oficinas de dinâmica em grupo que envolveu trabalhos realizados pelos próprios estudantes relacionados aos temas IST e contracepção, mitos e verdades e empoderamento feminino. As atividades realizadas foram compiladas em uma cartilha digital, que auxiliará docentes do ensino médio a trabalhar a temática educação sexual por meio de metodologias ativas enfatizando o papel do estudante como protagonista da aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação sexual; Abordagem Integradora; Metodologias Ativas; Oficinas em Dinâmica de Grupo.

## ABSTRACT

The issue of sexuality is an inherent aspect of human life, encompassing bodily, subjective, and emotional sensations that extend beyond reproduction. In biology, there are two ways of perceiving/teaching about sexuality: the biological-centered and preventive model, which emphasizes biological aspects of sexuality, and the biopsychosocial model, which presents broader conceptions of sexuality. The second model was emphasized, as sexuality is understood as a natural phenomenon expressed in multiple ways, at different stages of life, in various contexts, and subjective, social, and cultural realities. Inquiry-based teaching plays a crucial role in sex education, enabling students to explore STI prevention, contraception, sexual health, and relationships to promote critical skills, informed decision-making, and understanding of the complexities of human sexuality, contributing to a more open, inclusive, and contextualized education. The aim was to develop the theme of sex education through group dynamics workshops that promote an investigative approach, allowing students to explore concepts, social norms, and gender issues through research, discussion, and critical analysis, enabling them to make informed decisions and promoting a comprehensive understanding of sexuality. The project was carried out at ECIT Cristiano Cartaxo, located in the city of Cajazeiras/PB, with three secondary school classes, totaling 18 students aged between 16 and 18. The work presented an applied nature, a quantitative-qualitative approach of the participatory research type. The methodological strategies included a meeting with parents/guardians, the administration of a diagnostic survey, and active methodologies based on group dynamics workshops. The work began with an initial understanding of what the students knew about sexuality and sex education through the application of a diagnostic survey, and from this point, the implementation of the activities began with the construction of a coexistence contract and the dynamics focusing on the biopsychosocial aspect. Quantitative and qualitative data were collected from the diagnostic survey and through the recording of images, audios, videos, and texts. The information from the questions was tabulated in spreadsheets to be analyzed in terms of the participants' responses to the collection instrument. The participants' speeches were categorized and analyzed from the perspective of Bardin's content analysis. Through the group dynamics workshops, the participants realized the complexity of adolescence, as it is a unique period for each individual. In addition, the biopsychosocial approach brought a new dimension of learning in which the students correlated biological aspects with social, economic, cultural, and psychological aspects. The culmination was the result of debates during the group dynamics workshops involving work done by the students themselves on the themes of STIs and contraception, myths and truths, and female empowerment. The activities carried out were compiled into a digital booklet, which will help high school teachers to work on the subject of sex education using active methodologies, emphasizing the role of the student as the protagonist of learning.

**Keywords:** Sexual education; Integrative Approach; Active Methodologies; Group dynamics workshops.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AEE</b>	Atendimento Educacional Especializado
<b>Aids</b>	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>CCM</b>	Centro de Ciências Médicas
<b>CDC</b>	Centers for Disease Control and Prevention
<b>CDC</b>	Código de Defesa do Consumidor
<b>CEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa
<b>CNE</b>	Conselho Nacional de Educação
<b>CNS</b>	Conselho Nacional de Saúde
<b>CONEP</b>	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
<b>DIU</b>	Dispositivo Intrauterino
<b>DIP</b>	Doença Inflamatória Pélvica
<b>DST</b>	Doença Sexualmente Transmissível. O termo ainda é usado neste trabalho, pelo fato de os estudantes e parte da população ainda não se atualizarem a respeito do mesmo. Além disto, referências anteriores ao ano de 2016 aparecem com o presente termo. A modificação da nomenclatura para o termo IST ocorreu com o Decreto de Nº 8.901/2016, publicado no D.O.U em 11/11/2016.
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>ECIT</b>	Escola Cidadã Integral Técnica de Nível Médio
<b>ENEM</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>FEBRASGO</b>	Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia
<b>FSH</b>	Hormônio Folículo Estimulante
<b>IST</b>	Infecção Sexualmente Transmissível
<b>GnRH</b>	Hormônio Liberador de Gonadotrofinas
<b>HIV</b>	Vírus da Imunodeficiência Humana
<b>HHG</b>	Eixo Hipotálamo-Hipófise-Gonadal
<b>HPV</b>	Papilomavírus Humano
<b>HTLV</b>	Vírus-T Linfotrópico Humano do Tipo 1
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
<b>LGBTQIAPN+</b>	Lésbicas, Gays, <b>Bi</b> , Trans, <b>Queer/Questionando</b> , Intersexo, <b>Assexuais/Arromânticas/Agênero</b> , <b>Pan/Poli</b> , Não-binárias e <b>mais</b>
<b>LH</b>	Hormônio Luteinizante
<b>MS</b>	Ministério da Saúde
<b>OPAS</b>	Organização Pan-Americana da Saúde
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PCN+</b>	Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>RENAME</b>	Relação Nacional de Medicamentos Essenciais
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>TALE</b>	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>TCUISV</b>	Termo de Consentimento de Uso de Imagem e Som de Voz
<b>TIC</b>	Tecnologia da Informação e Comunicação
<b>UNFPA</b>	Fundo de População das Nações Unidas

<b>UFPB</b>	Universidade Federal da Paraíba
<b>WHO-OMS</b>	World Health Organization – Organização Mundial da Saúde

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Mapa da Paraíba, mostrando a cidade de Cajazeiras localizada no sertão paraibano. 51
- Figura 2 Localização da ECIT Cristiano Cartaxo no bairro Jardim Oasis. O círculo vermelho mostra a localização geográfica da escola no início da cidade de Cajazeiras/PB (a figura em miniatura mostra as coordenadas geográficas da instituição de ensino). 51

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	A escola, figura inferior, localiza-se no bairro Jardim Oásis, na região leste da cidade. Foto da parte frontal da instituição de ensino.	52
Fotografia 2	Momento da reunião de pais e mestres em que foi explanado sobre o objetivo deste trabalho.	56
Fotografia 3	Momento de aplicação do Questionário Diagnóstico.	56
Fotografia 4	Representação da fase da infância e fase da adolescência de uma aluna.	99
Fotografia 5	Representação da fase da infância e fase da adolescência de um aluno.	99
Fotografia 6	Demonstração, pelos estudantes, da correta inserção e utilização do preservativo feminino.	136
Fotografia 7	Distribuição de preservativos masculino e feminino para os presentes que assistiram a apresentação. Detalhe para a figura central que é um modelo anatômico de um feto como uma das consequências ao não se utilizar o preservativo durante o ato sexual.	136
Fotografia 8	Folder feito pelos estudantes sobre IST.	137
Fotografia 9	Cartaz sobre formas de transmissão do HIV, o vírus da Aids, conseguido pelos alunos junto a Secretaria Estadual de Saúde.	137
Fotografia 10	Datashow apresentando outras IST. No momento da captura da imagem, falou-se sobre o HPV.	137
Fotografia 11	Jogo de roleta com perguntas utilizado pelos estudantes ao final da apresentação.	138
Fotografia 12	Detalhe encontrado na parte anterior ao jogo de roleta com perguntas mostrando os papéis no qual estavam contidas as perguntas. Logo abaixo, tem-se os questionamentos presentes em cada papel.	138
Fotografia 13	Fotografia realizada ao fim da culminância com os estudantes-apresentadores desta culminância que relacionou a adolescência com IST e métodos contraceptivos.	139
Fotografia 14	Mitos escolhidos pelo grupo que foram utilizados no jogo do quis.	140
Fotografia 15	Os mitos escolhidos pelos estudantes foram organizados na disposição abaixo. Uma placa era escolhida aleatoriamente para os participantes do quiz responderem. Quem tocasse primeiro a sineta, era quem detinha o direito de resposta,	142
Fotografia 16	Estudantes em um momento de explanação inicial sobre mitos e a disseminação de notícias falsas.	143

Fotografia 17	Cartazes expostos pelos estudantes versando sobre a participação da mulher transexual no mercado de trabalho e os crimes de ódio a que este grupo em particular está sujeito.	144
Fotografia 18	Estudante fotografado no momento de sua explanação sobre diferenças e semelhanças biológicas entre homens e mulheres.	144
Fotografia 19	Cartazes sobre a temática identidade de gênero e processo hormonal para modificação corporal mediante a utilização de hormônios. Tais conceitos ainda sofrem bastante resistência, pois as pessoas desconhecem termos como cisgênero e transgênero e, muitas vezes, elas acreditam que é algum tipo de distúrbio mental ou “ausência de Deus na vida”. A explicação fornecida pelo grupo é baseada em uma questão de disforia de gênero que é uma incongruência entre o sexo biológico e a identidade, causando sofrimento em quem apresente este estado.	145
Fotografia 20	Imagem fotografada ao fim da culminância demonstrando a satisfação dos estudantes com a aprendizagem vivenciado pela temática.	145
Fotografia 21	Imagem presente no corredor da ECIT Cristiano Cartaxo sobre discriminação sexual, bem como as consequências de quem a praticar.	149

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quadro-resumo com os procedimentos realizados no transcurso deste projeto.	54
Quadro 2	Comparação, absoluta e em porcentagem, da frequência com que os estudantes participantes da pesquisa buscam informação através de diferentes categorias.	67
Quadro 3	Transcrição das entrevistas realizadas pelos estudantes com alguns de seus próprios familiares.	129

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Para você, o que seria sexualidade?”	73
Gráfico 2	Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Para você, o que seria Educação Sexual?”	75
Gráfico 3	Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Cite, logo abaixo, exemplos de IST que você conhece”	77
Gráfico 4	Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Cite, logo abaixo, exemplos de métodos contraceptivos que você conhece.”	82
Gráfico 5	Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você saberia informar qual a importância dos métodos contraceptivos?”	88
Gráfico 6	Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você tem vergonha de falar para alguém os temas que envolvam a área de educação sexual? Por quê?”	91
Gráfico 7	Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você acha que o meio no qual você vive tem influência sobre suas escolhas e/ou preferências sexuais? Por quê?”	93
Gráfico 8	Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você acha que o meio no qual você vive tem influência sobre suas informações sobre educação sexual? Por quê?”	95
Gráfico 9	Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você já sofreu ou algum tipo de discriminação (bullying, assédio sexual, homofobia, etc.)?”	96

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
2	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	22
2.1	<b>Caracterizando a adolescência</b> .....	22
2.2	<b>A educação sexual na legislação brasileira e paraibana</b> .....	24
2.3	<b>Considerações fisiológicas sobre a transição para a adolescência</b> .....	29
2.4	<b>Por que estudar educação sexual na adolescência?</b> .....	31
2.5	<b>A educação sexual como prática emancipatória e libertadora</b> .....	35
2.6	<b>Educação sexual sob a ótica do modelo biopsicossocial</b> .....	36
2.7	<b>O ensino por investigação na construção da aprendizagem</b> .....	39
2.7.1	Oficinas em Dinâmicas de Grupo.....	40
2.8	<b>A importância da práxis pedagógica para compreender o real significado de se estudar a Biologia relacionada com a saúde</b> .....	41
3	<b>OBJETIVO</b> .....	44
3.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	44
3.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	44
4	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	45
4.1	<b>Natureza, Abordagem e Tipo de pesquisa</b> .....	45
4.2	<b>Aprendizagem baseada em dinâmicas</b> .....	47
4.3	<b>Local de estudo e atores sociais</b> .....	48
4.4	<b>Desenvolvimento da pesquisa</b> .....	51
4.5	<b>Coleta, organização e tratamento de dados</b> .....	55
5	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	58
5.1	<b>Análise do perfil discente</b> .....	58
5.2	<b>Análise do questionário diagnóstico</b> .....	58
5.3	<b>Análise das oficinas de dinâmicas em grupo</b> .....	96
5.2.1	Adolescer .....	97
5.2.2	Coisa de Homem e/ou de Mulher .....	102
5.2.3	Mito ou Verdade .....	118
5.2.4	Como a mulher é vista na sociedade? .....	122
6	<b>CULMINÂNCIA</b> .....	133
6.1	<b>Adolescência, IST e Contracepção</b> .....	133
6.2	<b>Adolescência e os mitos existentes</b> .....	138

6.3	Adolescência e o empoderamento das mulheres cisgênero e transgênero .....	141
7	CONCLUSÃO .....	144
8	PRODUTO .....	149
9	REFERÊNCIAS .....	150
APÊNDICE A	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .....	180
APÊNDICE B	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS ESTUDANTES MAIORES DE IDADE .....	183
APÊNDICE C	TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) .....	186
APÊNDICE D	TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ (TCUISV) .....	190
APÊNDICE E	TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR .....	192
APÊNDICE F	QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO .....	193
APÊNDICE G	CONTRATO DE CONVIVÊNCIA .....	197
APÊNDICE H	ROTEIRO DESCRITIVO DA OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO ADOLESCER .....	199
APÊNDICE I	ROTEIRO DESCRITIVO DA OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO COISA DE HOMEM E/OU DE MULHER .....	201
APÊNDICE J	ROTEIRO DESCRITIVO DA OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO MITO OU VERDADE .....	206
APÊNDICE K	ROTEIRO DESCRITIVO DA OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO COMO A MULHER É VISTA PELA SOCIEDADE .....	208
APÊNDICE L	USO DE OFICINAS DE DINÂMICAS EM GRUPO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL POR MEIO DE UMA ABORDAGEM BIOPSIKOSSOCIAL .....	213
ANEXO A	TERMO DE ANUÊNCIA .....	241
ANEXO B	PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....	242
ANEXO C	LETRA DA MÚSICA “ESSE CARA SOU EU” DO CANTOR ROBERTO CARLOS .....	246
ANEXO D	LETRA DA MÚSICA “É POR ISSO QUE SOFRE” DE DJ BATATA, TATI QUEBRA BARRACO E BÁRBARA LABRES .....	247

<b>ANEXO E</b>	<b>LETRA DA MÚSICA “TIJOLOS &amp; VADIAS” DE BROCASITO</b>	<b>.249</b>
<b>ANEXO F</b>	<b>LETRA DA MÚSICA “MEU NAMORADO É MAIOR OTÁRIO” DE MC CAROL .....</b>	<b>250</b>
<b>ANEXO G</b>	<b>LETRA DA MÚSICA “TODA ARREPIADA” DE HYTALO SANTOS E RENATINA CABULOSA .....</b>	<b>251</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A sexualidade perpassa por aspectos sociais, corporais, culturais, subjetivos, emocionais, racionais e cognitivos, que vão além do sexo; este acaba por ser reduzido ao privativo e com finalidade procriativa (Lopes, 2014) ou a categorização de gênero masculino e feminino (Andrade, 2009). Apesar da finalidade descrita por Lopes ser válida, ela é reducionista, pois desejo e prazer podem incitar mais do que o ato reprodutivo. Domingues e Alvarenga (1997) afirmam que a adolescência é o período em que se manifestam as maiores oportunidades para a identificação de gênero e sexo. Os autores argumentam que o desenvolvimento da sexualidade desempenha um papel crucial na formação da identidade adolescente, evidenciando-se por meio de diversas formas de identificação, incluindo a descoberta do 'outro' como objeto de afeto ou desejo.

Nesta fase o adolescente pode ter uma vivência intensa da sexualidade a depender do contexto social ao qual ele vive. Isto pode representar perigos em que ele pode estar sujeito a aquisição de IST ou ocorrer uma gravidez precoce. A sexualidade não se manifesta apenas nesta fase quando ele está em um período de descobertas e aventuras; mas ela se manifesta ao longo da vida e a forma como ocorre varia de pessoa para pessoa e dependendo de diferentes condições vinculadas a diferentes contextos sociais, econômicos, familiares, subjetivos, dentre outros (Ressel; Gualda, 2003).

Durante o desenvolvimento do ser humano, o corpo modifica não apenas fisicamente devido ao desenvolvimento natural à medida que o tempo passa, mas também há o desenvolvimento cognitivo, da mente, das relações com outras pessoas, enfim, é a contribuição de cada experiência vivida por uma pessoa que formará o indivíduo em sua totalidade. A isto, dá-se o nome de corporeidade que também é o modo que o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento de relação com o mundo.

A corporeidade integra vários elementos e, dentre estes, está a sexualidade. Conforme enfatizado por Bonfim (2020), ela representa a relação estreita que uma pessoa mantém com o mundo, imbuída da influência cultural, englobando tanto o ser humano quanto a sua sexualidade. O indivíduo é intrinsecamente ligado ao seu corpo. A corporeidade é a união entre corpo e mente, representando a totalidade da experiência humana. O corpo, em si, constitui um universo que se humaniza e se desenvolve por meio das vivências. Ao nascer, o ser humano é, por natureza, um ser animal que se humaniza progressivamente por intermédio das conexões que estabelece com ele mesmo, com outros indivíduos e com o mundo ao seu redor. Esse

processo se realiza por meio da educação, seja ela de natureza familiar, social, cultural, religiosa ou escolar.

A sexualidade permeia toda a vida do homem ou da mulher e está além da reprodução, pois envolve relação entre duas pessoas, sentimentos e desejos recíprocos. Outro fator que pode contribuir para esta sexualidade é o meio – social, relacional, cultural e escolar – em que o indivíduo está inserido. Sobre a relação entre a educação corporal e a educação sexual, aquela desempenha um papel integral na educação sobre sexualidade, oferecendo oportunidades para adquirir conhecimentos essenciais que promovem o desenvolvimento da autoestima, responsabilidade corporal e emocional, a formação de valores éticos e estéticos, bem como a capacidade de desafiar estereótipos, eliminar preconceitos, abordar a desigualdade de gênero e prevenir infecções sexualmente transmissíveis (Bonfim, 2020).

A educação sexual fornece aos alunos as informações necessárias para que eles possam tomar decisões sobre a saúde sexual; isto se reflete em como os estudantes lidam com as mudanças que estão ocorrendo em suas vidas físicas, emocionais e psicológicas. É no espaço escolar que o discente pode adquirir conhecimento sobre o próprio corpo, sobre relacionamento saudável com os pares, desmitificar tabus e preconceitos, bem como se proteger de IST e gravidez precoce (Almeida *et al.*, 2017).

É importante destacar que no seio escolar, na primeira série do ensino médio, é ministrado o componente curricular que trata sobre sistemas reprodutores masculino e feminino, IST, métodos contraceptivos e gravidez. Este modo de ensino sobre práticas de educação sexual está centrado no modelo biológico e preventivo que, segundo Vieira; Matsukura (2017), está relacionado a uma concepção predominantemente biológica do conceito de educação sexual e sexualidade. Os aspectos subjetivos, sociais e culturais que estejam relacionados à sexualidade, são abordados de forma rasa ou silenciados; ou seja, trata-se de um modelo preventivo que controla e disciplina a sexualidade, trazendo valores conservadores que norteiam esta prática, uma vez que impõem que algo esteja certo ou errado perante aos olhos da sociedade, ocorrendo a manifestação de aspectos negativos e repressivos no exercício da sexualidade (Vieira; Matsukura, 2017).

O modelo biopsicossocial apresenta concepções maiores sobre a sexualidade, nas quais questões sociais e subjetivas são incluídas e trabalhadas nas práticas de educação sexual com adolescentes além dos aspectos biológicos. Nesta visão maior, a sexualidade é entendida como algo intrínseco ao homem e a mulher e pode ser expressada de diversas formas, nas diferentes etapas da vida, nos diferentes contextos e realidades subjetivas, sociais e culturais (Meira *et al.*, 2006). Lionço; Diniz (2008) reconhecem que o panorama para a autoestima, as características

relacionadas à fase da adolescência, as questões de gênero e as diversidades, estão estreitamente relacionadas ao exercício da sexualidade e à adoção de comportamentos preventivos. É fundamental enfatizar a necessidade de uma compreensão mais ampla da sexualidade e das questões a serem abordadas nas práticas educacionais. Isso inclui a importância de abordar tópicos como a diversidade sexual dentro do ambiente escolar, visando sensibilizar os adolescentes para a valorização e o respeito às diversas orientações sexuais (Vieira; Matsukura, 2017).

A inserção do modelo biopsicossocial como eixo estruturante para trabalhar a temática de educação sexual no ensino médio integrará aspectos sociais dos estudantes que são imperceptíveis no modelo biológico-centrado e preventivo. Este assunto é restrito a área de Biologia, não é trabalhada de forma transversal e é ministrada com um enfoque baseado no disciplinamento do estudante sem conexões com sua vivência além dos muros escolares. O presente trabalho buscou demonstrar ao estudante que a sexualidade vai além de aspectos biológicos e engloba também aspectos sociais quando é dada ênfase ao modelo biopsicossocial.

A educação sexual é um tópico complexo que frequentemente gera debates e controvérsias. Um dos principais problemas que surgem diz respeito à abordagem adequada a ser adotada nas escolas. Há argumentos de que ela deve ser abrangente e incluir informações detalhadas sobre contracepção, prevenção de IST e diversidade de gênero desde uma idade precoce. Todavia, há quem discorde desta abordagem e pode ser inadequada para certas faixas etárias, pois pode ser percebida como excessivamente explícita ou invasiva. Portanto, a determinação de quando e como a educação sexual deve ser introduzida nas escolas continua sendo uma questão problemática que envolve considerações culturais, éticas e pedagógicas.

Além do mais, uma problemática adicional envolve a influência da religião e valores culturais na educação sexual. Existem diferenças significativas nas opiniões sobre o que deve ser ensinado nas escolas em relação à sexualidade, com grupos religiosos e conservadores frequentemente argumentando contra a inclusão de informações que entrem em conflito com suas crenças. Isso cria um desafio na formulação de políticas educacionais equilibradas que respeitem a diversidade de valores e crenças, ao mesmo tempo em que fornecem informações objetivas e cientificamente comprovadas sobre saúde sexual e relacionamentos. Este tema é uma tarefa complexa que requer um diálogo aberto e uma consideração cuidadosa das necessidades e direitos de todos os estudantes.

Como problemáticas relacionadas à temática tem-se a insegurança de trabalhar conteúdos relacionados à educação sexual, já que é algo que está além do aspecto biológico e, portanto, centrado na figura do docente de Biologia. Outro aspecto a ser mencionado é ausência

de formações continuadas voltadas para os docentes em geral para que sejam capazes de trabalhá-la de forma transdisciplinar que agregue não apenas conhecimentos, mas também valores humanos que são inerentes a todos.

A importância de estudar e promover a educação sexual é inegável, pois ela desempenha um papel fundamental na saúde e no bem-estar das pessoas. O conhecimento sobre sexualidade não se limita apenas à prevenção de gravidez indesejada e de IST, embora sejam aspectos importantes. Ela visa capacitar as pessoas a desenvolverem relacionamentos saudáveis, a compreender e respeitar a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, e a navegar pelas complexidades emocionais e sociais da sexualidade. Além disso, a educação sexual contribui para a formação de valores éticos, promovendo o respeito pelos direitos e consentimento, bem como o combate a estereótipos de gênero tão prejudiciais atualmente.

Em se tratando de defender as pessoas de uma imagem preconcebida de gênero, este envolve características psicossociais associadas a cada sexo, formando a identidade de gênero a partir das expectativas internalizadas pelo indivíduo em resposta a influências biológicas e sociais (Unger, 1979). O estereótipo é uma representação distorcida da realidade, que contém aspectos subjetivos os quais influenciam o comportamento humano. Isto, na maior parte dos casos, incluem preconceitos e juízos de valor, afetando nossas decisões e ações (Reis; Maia, 2008).

Quando se unem a ideia destes conceitos sobre estereótipo de gênero, tem-se referência a generalizações pré-concebidas e, muitas vezes, rígidas sobre comportamentos, papéis, características e habilidades consideradas adequadas para homens e mulheres com base em suas identidades de gênero. Tais juízos podem reforçar ideias preconceituosas e limitar a liberdade individual, contribuindo para a desigualdade de gênero e a perpetuação de normas sociais restritivas. Por tais motivos expostos, é importante não apenas lutar para reduzir os estereótipos de gênero, bem como promover a igualdade e respeito entre as pessoas independente de suas características.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Caracterizando a adolescência

A vida do ser humano perpassa pelas fases da infância, da adolescência, da vida adulta e da senescência. É importante citar também que existem fases de transição que são a puberdade, a juventude e o climatério. Em cada fase do desenvolvimento, existem características próprias e intrínsecas àquela fase. Dois importantes eventos permeiam a vida de todos os seres vivos: o nascimento e a morte.

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), a fase transitória da adolescência compreende dos 10 aos 19 anos de idade e a juventude estende-se dos 15 aos 24 anos de idade. A Organização Pan-Americana da Saúde classifica o período em seis estágios progressivos: pré-adolescência, adolescência inicial, adolescência média, adolescência tardia, juventude e idade jovem adulta; além disto, considera cinco domínios do desenvolvimento: corporal, cerebral, sexual, emocional e social (Breinbauer; Maddaleno, 2008). É nesta etapa da vida que ocorrem as mudanças mais significativas na vida de uma pessoa é que a torna singular diante de outros seres humanos. Ela também marca um período transitório entre a infância e a vida adulta de um ser humano.

Segundo o Marco Legal do Ministério da Saúde (Brasil, 2007), a adolescência está intimamente ligada a um processo de desenvolvimento biopsicossocial. Em termos práticos biológicos, está ligado ao início da puberdade, diminuição gradativa do crescimento físico ao fim do período, modificação e desenvolvimento na composição corporal e musculatura, maturações sexual, hormonal e cerebral. Ainda, conforme o Marco Legal, a puberdade é universal, algo que atinge a todos os indivíduos; todavia, a adolescência é algo personalíssimo, influenciado socioculturalmente que molda e reformula uma pessoa em todos os aspectos.

Em termos sociais, a adolescência compreende o período transitório entre a infância e a idade adulta que é o resultado da união entre as dimensões da biologia e do social de se unem através da vivência do indivíduo ao longo dos anos (Quiroga; Vitalle, 2013). Esta formação do processo identitário considera as dimensões intrapessoais, interpessoais e culturais (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Silvares, 2010). Durante a construção deste processo, o adolescente parte de comportamentos e atitudes típicas da fase infantil, o qual ele persegue metas eleitas por outras figuras importantes do próprio convívio, para apresentarem processos de formação da identidade da fase adulta (Stephen; Fraser; Marcia, 1992; Lewis, 2003).

Em seguida, o adolescente adia obrigações por debater-se com temas quer sejam profissionais, quer sejam ideológicos; neste momento ele passa por uma crise de identidade por não ter definido escolhas que moldarão a sua vida. Este período de transição específico é denominado de Moratória Psicossocial que é compreendido como o período entre a segurança na infância e a autonomia adulta autonomia adulta de autoria psicanalista Erik Erikson (Schoen-Ferreira, 2007). Quando o jovem faz as escolhas, ele alcança um patamar de estabilidade, encerrando a crise que o atingiu no estágio anterior e são marcados por apresentarem o processo identitário firmado (Schwartz; Dunham, 2000).

O adolescente, conforme aponta Granville Stanley Hall, em sua obra intitulada *Adolescence* (1904), descreve e enfatiza que este período em particular é caracterizado por ser tempestuoso (Arnett, 1999). Atualmente, esta fase é apontada como um período estressante (Arnett, 1999; Breinbauer; Maddaleno, 2008; Zimmer-Gembeck; Skinner, 2008) decorrente possivelmente de mudanças estruturais do corpo, sociais, cognitivas e psicológicas desta fase (Justo; Enumo, 2015). Parizotto e Tonelli (2005, p. 92), ao comentarem sobre juventude, destacam que ela:

“ao mesmo tempo em que é vista como categoria social, com características próprias desta fase, também se depara com alguns paradigmas que merecem a nossa reflexão. Um deles diz respeito ao jovem como agente causador de problemas. Tais problemas relacionam-se aos rótulos “impostos” pela sociedade que percebe essa fase envolta de significados associados a aspectos negativos, haja vista os termos pejorativos que foram se formando com o passar dos tempos como: “aborrescência”, delinquência juvenil, desagregação. Identifica-se aqui uma relação lógica de causa e efeito: se o adolescente representa problemas sociais e risco a si mesmo e à sociedade, é preciso prevenir a sua exposição a determinados fatores, como a gravidez.”

Conforme Justo; Enumo (2015), estas mudanças decorrem da frequência e da variabilidade de experiências vivenciadas pelos adolescentes nos mais diferentes ambientes frequentados por esta categoria; tais vivências desencadeiam experiências difíceis e reações estressantes neles por estarem presentes fontes de estressores biológicos e psicossociais (Spina, 1998).

É importante mencionar que ser adolescente é uma época desafiadora da vida, pois é marcada por grandes mudanças no corpo, na mente e na vida social. É um período em que surgem novos desafios, novas responsabilidades e novos conflitos. É um momento em que eles experimentam emoções e sentimentos novos e, às vezes, conflitantes. É comum que eles sintam ansiedade, insegurança e medo diante de tanta mudança. Estes sentimentos podem ser difíceis de lidar, pela imaturidade da idade, mas é importante que os adolescentes tenham em mente

que existem formas saudáveis de expressá-los e que eles não devem estar sozinhos na jornada que irá conduzi-lo e prepará-lo para a vida adulta.

## **2.2 A educação sexual nas legislações brasileira e paraibana**

É premente que os adolescentes tenham acesso a informações relevantes sobre saúde sexual, para que eles possam tomar decisões conscientes sobre seus corpos e seus relacionamentos. Para atingir este objetivo, as leis desempenham um papel importante, pois estabelecem limites e regras para que os adolescentes possam desenvolver suas vidas de maneira segura e saudável; além disto, elas visam proteger este grupo de quaisquer formas de discriminação e negligência, garantindo-lhes respeito e dignidade. A educação sexual é, portanto, essencial para que os adolescentes saibam como tomar decisões informadas sobre seu bem-estar sexual, bem como conhecer os direitos e deveres estabelecidos pelas leis.

A LDB (Lei nº 9.394/96), que estabelece as diretrizes para a educação no Brasil, não aborda especificamente a educação sexual de forma detalhada. Ela, quando incorporada ao currículo escolar, geralmente é regulamentada por programas governamentais voltados para a saúde e a educação. Esses programas podem abordar questões relacionadas à sexualidade, prevenção de IST, contracepção, orientação sexual e respeito à diversidade de gênero. A LDB, todavia, ela cita concepções gerais a respeito do tema ao longo do texto:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;

XIV – respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva.

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

IX – promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas;

X – estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 9º Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança, o adolescente e a mulher serão incluídos, como temas transversais, nos currículos de que trata o caput deste artigo, observadas as diretrizes

da legislação correspondente e a produção e distribuição de material didático adequado a cada nível de ensino.

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

IV – a proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes e o apoio à formação permanente dos profissionais de que trata o caput deste artigo para identificação de maus-tratos, de negligência e de violência sexual praticados contra crianças e adolescentes.” (NR)

Os incisos do artigo 3 trazem a questão do respeito que se deve ter para com qualquer pessoa independente das escolhas e orientações sexuais. Esta questão é enfatizada também no inciso IV do parágrafo três quando é falado sobre a tolerância recíproca em que é assentada a vida social. Os incisos do artigo 12 explicitam sobre prevenção e combate à violência de qualquer tipo, bem como a promoção de uma cultura de paz no ambiente escolar; é importante frisar que as ações acima são contempladas como temas transversais, conforme pontuado no parágrafo 9, quando engloba os direitos universais e prevenção a todas as formas de violência. Devido a esse ponto, tais temas são pautados em currículos escolares, como garantia dos Direitos Humanos. O inciso IV do parágrafo único do artigo 61 suscita a formação permanente dos profissionais de educação com a finalidade de identificação de violência sexual contra crianças e adolescentes.

Frente à complexidade de reconhecer, respeitar e abordar a Diversidade Sexual e de Gênero nas instituições de ensino, especialmente desde a introdução parcial de Políticas Públicas de Gênero e Diversidade no currículo escolar, surgem questões relacionadas ao modo como esse tópico se encaixa no contexto educacional. Esse enquadramento muitas vezes permanece oculto sob a bandeira mais ampla do “Respeito às Diferenças na Escola”. Quando essa bandeira não especifica quais diferenças são abordadas, pode resultar na omissão da Diversidade Sexual e de Gênero. As maneiras pelas quais a escola negligencia as Identidades e Diferenças sexuais e de gênero podem, em parte, contribuir para as dificuldades enfrentadas pelo grupo LGBTQIAPN+ em relação à violência e à marginalização social, embora não sejam a única causa dessa situação (Silva, 2019).

O ECA é um marco na luta pela defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Através dele, as crianças e adolescentes passam a ter direitos que antes eram desconhecidos, como o direito à educação, lazer, saúde, entre outros. É importante destacar que o documento prevê o direito à proteção e ao respeito à sua integridade física, moral e psicológica, bem como estabelece normas de proteção especial para crianças e adolescentes em situação de risco social (Soares, 2005). Além disso, o ECA também determina a responsabilidade dos pais, tutores, representantes legais e do Estado para a proteção das crianças e adolescentes (Brasil, 1990). O Estatuto da Criança e do Adolescente, portanto, é essencial para garantir os direitos das crianças e adolescentes e para assegurar que todos eles possam ter acesso aos direitos fundamentais. O adolescente é portador de direitos preconizados pelo estatuto nos artigos 2º, 3º, 4º e 5º:

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. (...);

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade;

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (Incluído pela Lei nº 13.257, de 2016)

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (...);

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL, 1990).

É importante vislumbrar através do ECA que tanto crianças quanto adolescentes estão protegidas por lei perante quaisquer formas de discriminação, além de que os vários setores da sociedade são responsáveis por protegê-los de quaisquer formas de negligência.

Jimenez; Assis; Neves (2015, p. 1093) comentam que: “os direitos sexuais e reprodutivos de crianças e adolescentes são amplamente reconhecidos, (...), por meio de

Conferências Internacionais das quais o Brasil é signatário”. Apesar disso, a temática é complexa e contraditória, pois, conforme apontado por Pirotta e Pirotta (2005, p. 88):

“O tratamento que o ECA dá aos direitos sexuais e reprodutivos de crianças e adolescentes é sempre pela negativa, ou seja, tem sempre o intuito de prevenir o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes pelos adultos. É notável a ausência de direitos afirmativos referentes à vida sexual e reprodutiva”.

Conforme os PCN, o tema sobre a sexualidade foi intensificado nas décadas de 60 e 70, provavelmente em função de grupos feministas e grupos que foram a favor do controle da natalidade. O enfoque foi o de repensar o papel escolar e os conteúdos por ela trabalhados. A partir da década de 80, os trabalhos sobre o tema sexualidade foram intensificados em virtude do crescimento de gravidez entre adolescentes e o crescimento da incidência de HIV entre os mais jovens. Os pais reivindicam que seja trabalhada a temática na escola, pois reconhecem a importância dela, mas também relatam as dificuldades de falarem abertamente sobre o assunto em seus respectivos lares.

Os PCN retratam a temática de maneira mais abrangente, pois o documento cita o papel da família e da escola na construção da educação sexual e da sexualidade sobre a criança e ao adolescente. Segundo o documento:

“Toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de ‘cuidados’ recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, são carregados dos valores associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem. O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não, e a forma como o faz, determina em grande parte a educação das crianças e jovens. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vai construindo e expressando a sua sexualidade (Brasil, 1998, p. 291).

No espaço escolar:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. Há também a presença clara da sexualidade dos adultos que atuam na escola. Pode-se notar, por exemplo, a grande inquietação e curiosidade que a gravidez de uma professora desperta nos alunos menores. Os adolescentes testam, questionam e tomam como referência a percepção que têm da sexualidade de seus professores, por vezes desenvolvendo fantasias, em busca de seus próprios parâmetros. Todas essas questões são expressas pelos alunos na escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa (Brasil, 1998, p. 292).

As PCN+, que é outro documento norteador que abrange a Educação Sexual, mencionam a importância do respeito entre os estudantes, fato este que pode ser obtido pela aquisição de conhecimentos sobre o tema sexualidade de forma que:

“Ampliem as capacidades de valorizar os cuidados com o próprio corpo, de entender que a sexualidade é algo inerente à vida e à saúde (...). Um conhecimento maior sobre seu próprio corpo, por sua vez, pode contribuir para a formação da autoestima, como também para o desenvolvimento de comportamentos de respeito ao próprio corpo e aos dos outros, para o entendimento da saúde como um valor pessoal e social e para a compreensão da sexualidade humana sem preconceitos” (Brasil, 2018, p. 34).

Resta evidente que os PCN+, voltados para estudantes do ensino médio, vêm ampliar o entendimento sobre o corpo, a sexualidade, a saúde e os usos destes pela sociedade; além disto, é necessário valorizar o cuidado corporal, pois a sexualidade faz parte da vida e da saúde do ser humano (Brasil, 2018).

A BNCC para o ensino médio, cita uma única vez o termo sexualidade se referindo apenas às situações de trabalho coletivo, baseadas no interesse dos estudantes para favorecer o seu protagonismo, por meio de núcleos de estudos para a articulação entre as áreas do conhecimento como forma de proporcionar a abordagem da temática:

“Núcleos de estudos: desenvolvem estudos e pesquisas, promovem fóruns de debates sobre um determinado tema de interesse e disseminam conhecimentos por meio de eventos – seminários, palestras, encontros, colóquios –, publicações, campanhas etc. (juventudes, diversidades, sexualidade, mulher, juventude e trabalho etc.)” (Brasil, 2018, p. 472).

O Plano Estadual Decenal de Educação do Estado da Paraíba (2015-2025), as Diretrizes Operacionais Escolares do Estado da Paraíba (2021) e a Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2023), infelizmente, não tratam da temática da forma como realmente deveria ser tratado, trazendo apenas questões relacionadas a orientação sexual que é uma pequena parte dentro da educação sexual. Os documentos paraibanos que tratam do currículo da educação básica discorrem de forma tímida e descontextualizada sobre a sexualidade e os conteúdos a ela relacionados, trazendo na maioria das vezes assuntos com uma abordagem estritamente biológica sobre reprodução, contracepção e doenças (Aurino, 2019). Isso reflete no trabalho docente do professor de Biologia que mantêm o foco temático das aulas no modelo biológico-centrado e preventivo que é o que consta nos livros didáticos, em detrimento ao modelo biopsicossocial (Vieira; Matsukura, 2017).

Contudo, as Diretrizes Operacionais Escolares para o Estado da Paraíba de 2024 trouxeram uma atualização importante com relação ao respeito para com a diversidade. Com a aprovação da Resolução Nº 1, de 30 de maio de 2012, do CNE, estabeleceu-se as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos a serem observadas por todo o sistema de ensino, englobando o ensino básico e superior. Conforme o documento paraibano:

“A educação em Direitos Humanos é toda a aprendizagem que desenvolve o conhecimento, as habilidades e os valores desses direitos, garantindo o direito ao acesso, à permanência e ao sucesso das pessoas, tendo como princípio reconhecer e respeitar as diversidades de gênero e de orientação sexual (...)” (Paraíba, 2024, p. 52).

Além disto, o documento orienta a implantação do estudo de temas relacionados aos direitos humanos em sala de aula, alinhado ao projeto político-pedagógico escolar, com o objetivo de fomentar a prática da cidadania. Ademais, em regime de colaboração com instâncias superiores estaduais para criar, desenvolver e implementar sequências de projetos de educação em direitos humanos, abordando e enfrentando todas as violações de direitos no ambiente escolar da Rede Estadual de Ensino.

O PPP da ECIT Cristiano Cartaxo apresenta o termo “respeito” como um dos valores que a instituição escolar carrega consigo. Além disto, em um tópico relacionado as “Práticas e Vivências em Protagonismo” quando são falados sobre “Clubes de Protagonismo”, o mesmo salienta que “têm como objetivo a convivência e o desenvolvimento da solidariedade e do respeito às diferenças” (p. 17). Este respeito está incluído os direitos humanos, à orientação sexual e às diversidades de gênero.

### **2.3 Considerações fisiológicas sobre a transição para a adolescência**

Ao nascer, a criança, diferenciada por sua genitália infantil externa, é submetida imediatamente a um tipo de criação específico para meninos ou meninas. Os seres humanos são moldados socialmente para conceber o sexo e o gênero como características dualizadas. Desde o descobrimento do sexo de ser humano, somos rigidamente categorizados como menino ou menina. Todavia, a ciência indica uma realidade consideravelmente mais ambígua, pois a determinação do sexo biológico é revelada de forma complexa, abrangendo não apenas a anatomia, mas também uma intrincada rede de fatores genéticos e químicos que se desdobram e entrelaçam ao longo do tempo (Montañez, 2017).

Conforme destacado pela mesma autora, existem condições de intersexo humano, cujas características sexuais não se encaixam exclusivamente na dicotomia “masculino” ou “feminino”. A intersexualidade é uma variação natural da biologia humana, na qual as características sexuais, como genitais, cromossomos ou características hormonais, podem diferir da típica deste modo dual de perceber o ser humano. Alguns indivíduos podem ter órgãos genitais ambíguos, enquanto outros podem apresentar diferenças nos cromossomos. As variações hormonais também podem ocorrer, resultando em características sexuais secundárias atípicas. Neste último, há um exemplo em que a genitália externa é normal (feminina, por exemplo), mas, as estruturas internas são masculinas, causada por uma mutação no gene *SRD5A2* que causa deficiência da 5 alfa-redutase que converte a testosterona em diidrotestosterona e este, por sua vez, é responsável pela diferenciação externa masculina durante o período embrionário (Montañez, 2017).

Os efeitos organizacionais promovido pelos hormônios aparecem durante o desenvolvimento fetal inicial em que a testosterona desempenha um papel importante na diferenciação sexual, pois, a presença da Proteína de Determinação Testicular no cromossomo Y em descendentes masculinos desencadeia a liberação de quantidades significativas de testosterona pelos testículos em desenvolvimento. Isso direciona o desenvolvimento do corpo e do cérebro para um desenvolvimento masculino, ao mesmo tempo em que suprime o desenvolvimento feminino, nas quais, na ausência dessa proteína, o desenvolvimento do corpo e do sistema nervoso central segue a configuração feminina (Nelson, 2000).

Em relação aos estudos dedicados aos hormônios estrogênicos, estes têm recebidos menos estudos em humanos se comparado a animais de laboratório e há duas razões para isto. A primeira está relacionada à diferença sexual em humanos, na medida em que são a base biológica, são impulsionadas pela exposição do sistema nervoso central a androgênicos e não a estrogênicos (Berenbaum; Beltz, 2011). Galea *et al.* (2016) pontuam que, na atualidade, não é muito reconhecido, entre as pesquisas em humanos, que os estrogênicos circulantes podem ser importantes para gerar diferenças sexuais. A segunda esbarra na questão ética: pesquisas do tipo duplo-cego, em que é administrado estradiol versus placebo, em humanos são conduzidas mais dificilmente se comparado as outras espécies, devido às dificuldades logísticas quando se estudam mulheres em idade reprodutiva, pois deve-se considerar o ciclo ovariano e as questões relacionadas a fertilidade (Galea *et al.*, 2016).

Além da primeira diferenciação de meninos e meninas, há uma clara especificidade na criação do desenvolvimento psicológico de cada um que contribui para a identidade de gênero que incluem fatores biológicos, socioculturais e psicológicos que moldarão a criança até o início

da puberdade. Neste período, tem início o aparecimento das características sexuais secundárias de homens e mulheres, pois os níveis hormonais aumentam até o limiar que desencadeará modificações fenotípicas em ambos os grupos.

A adolescência é caracterizada por mudanças profundas em homens e mulheres, tanto físicas como emocionais e marca o fim da idade infantil e o início do período transitório para a vida adulta. Estas mudanças são resultado das alterações hormonais que ocorrem durante esse período de desenvolvimento. Nos homens, os níveis de testosterona aumentam, dando origem à puberdade. Este evento, nas mulheres, ocasiona aumento nos níveis de estrogênio e progesterona, dando origem ao ciclo menstrual. Esses hormônios promovem o crescimento e o desenvolvimento sexual, além de influenciarem a formação de características sexuais secundárias, como o aumento de pelos e a maturação dos órgãos reprodutores. Além disso, os níveis de hormônios também influenciam o comportamento e as emoções durante a adolescência. Akkari (2004), comenta que:

“Com os estudos científicos, a adolescência é vista como um período ambíguo e transitório em que, de um corpo de criança está nascendo um corpo adulto e, com ele, o desejo, o descobrimento do prazer, acompanhado de cobrança, esperanças/expectativas. É caracterizado por amplas e profundas modificações psicossomáticas, em que se dá o desenvolvimento morfológico-funcional do ser humano.”

Estas mudanças estão diretamente relacionadas com hormônios responsáveis pela maturação fisiológica do organismo que leva a transformações biológicas e psicológicas no ser humano. Fatores genéticos, nutricionais e ambientais são responsáveis por controlar a puberdade nos homens e nas mulheres (Medeiros *et al.*, 2021). No sexo masculino ocorre entre os 9 e os 14 anos de idade e no sexo feminino, entre os 8 e 13 anos de idade, representando nos seres humanos o início da capacidade reprodutiva (Lourenço; Queiroz, 2010).

O marco puberal, em meninas, é dado pelo aparecimento dos botões mamários e, nos meninos, por alterações da genitália externa; estes eventos ocorrem pela reativação da secreção pulsátil do GnRH que tem efeito sobre o eixo HHG. Somado a isto, há modificações na estrutura identitária da criança que influenciam diretamente sua orientação social fora do convívio familiar (Medeiros *et al.*, 2021).

## **2.4 Por que estudar educação sexual na adolescência?**

A educação sexual na adolescência é importante para ajudá-los a compreenderem melhor as suas identidades, comportamentos, os relacionamentos interpessoais,

autoconhecimento corporal e atividades sexuais. É importante para o adolescente compreender melhor o comportamento de si mesmo e dos outros. Estudar sobre educação sexual na adolescência pode ajudar a reduzir as taxas de gravidez indesejada, abuso sexual, IST e outros problemas de saúde física e mental. Além disso, pode auxiliá-los a desenvolver relacionamentos saudáveis, aumentar a autoestima e a construir e desenvolver uma autoimagem positiva.

Neste período, terá início a ação hormonal e atração pelo outro, isto é, dar-se-á início ao adolescente questionar-se sobre sua identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual. Deve ser enfatizado a importância do papel da família, principalmente, e da escola, pois é no primeiro que o adolescente constrói seus conceitos e preconceitos a respeito da dele e dos outros que estão no seu entorno.

O rapaz ou moça passa por um período de transição entre a infância e a vida adulta, no qual há o desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social (Eisenstein, 2005), e ele ou ela passa a “descobrir” as suas preferências, o que reflete em consequências advindas de suas escolhas e ações. Para se compreender o que é esta fase, partir-se-á da etimologia da palavra “adolescência” que significa crescer, direcionar para frente ou progresso. A partir desta ideia inicial, este conceito será relacionado com o aspecto biológico das mudanças corporais que perpassa a vida do jovem para que o estudante compreenda que nesta fase ocorre o progressivo desenvolvimento biológico que é relacionado aos desenvolvimentos mental, emocional, sexual e social que moldará o adolescente para a vida adulta

De fato, é importante que os jovens estejam informados sobre notícias de um modo geral, sejam elas locais, regionais, nacionais ou mundiais. Todavia, um problema recorrente tem sido as notícias inverídicas que são repassadas como sendo verdadeiras e que a maior parte da população tende a acreditar. Para combater isto é importante verificar a procedência da notícia e evitar de espalhá-la. Todos devem buscar gerir as informações que recebem neste mundo altamente conectado, e mais ainda, os adolescentes que, por inexperiência, ainda não sabem filtrar o conhecimento que vem de forma rápida para eles. Rodrigues; Blattmann (2014) comentam que novas formas de TICs trarão novas transformações e que facilitará a formação de novas relações sociais. Tais formas já se encontram presentes, principalmente após o período mais crítico da pandemia da Covid-19, onde muitos adaptaram-se a novas formas de se relacionar na sociedade.

A família e a escola têm o dever de ensinar ao adolescente como filtrar as informações que o cerca, para que ele não seja um propagador notícias falsas. Para as pessoas que estão nesta fase transitória, temas como conhecimento sobre o próprio corpo, sexualidade, IST e gravidez

precoce e relacionamentos são importantes serem discutidos dentro do seio familiar, pois o papel desta não se encerra quando o filho está na escola, muito pelo contrário, ambas, escola e família, devem trabalhar em regime colaborativo, ou seja, não se sobrepõem, e sim, se completam (Costa, 2015).

Em relação a IST, não existe dados que as abordem de maneira global. O que se tem, até o presente momento, são dados relacionados a HIV/Aids, Sífilis e Hepatite B. Conforme o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde para a HIV/Aids, já foram registrados, desde 2007, para a faixa etária de 15 a 19 anos, 13.714 casos para homens e 7.816 casos da doença para mulheres (Brasil, 2021). Em relação a Sífilis, foram registrados, para a faixa etária de 13 a 19 anos, 94.145 casos da doença desde 2010 (Brasil, 2021) para ambos os sexos. Para a Hepatite B, foram registrados, para a faixa etária de 15 a 19 anos, desde 2000, 11.754 casos para ambos os sexos (Brasil, 2022).

A adolescência, período marcado por conflitos físicos e psicossociais, apresenta vulnerabilidades relacionadas à descoberta do prazer. A necessidade de educação em saúde é crucial para orientar os adolescentes sobre os riscos de IST, dado o aumento da incidência durante essa fase, associado ao início precoce da atividade sexual, maior número de parceiros e irregularidades no uso de preservativos (Taquette; Vilhena; Paula, 2004). Segundo Amoras; Campos; Beserra (2015), a transmissão das IST é considerada um problema de saúde pública, sobretudo na população compreendida entre 15 e 21 anos de idade.

Conforme o MS (Brasil, 2006), as consequências e sequelas dessas enfermidades, tanto em homens quanto em mulheres, sua associação com o aumento da morbimortalidade materna e infantil e o papel facilitador na transmissão sexual do HIV estão amplamente documentados, destacando assim a importância significativa dessas condições. Os jovens são vulneráveis às IST de várias maneiras, incluindo o início precoce da atividade sexual, a busca por aceitação e integração em grupos sociais, o aumento do consumo de álcool e outras drogas e questões relacionadas ao gênero. Muitos deles consideram-se suficientemente informados, o que contribui para a não percepção do risco de adquirir uma enfermidade (Cabral *et al.*, 2016).

Quando se aborda o tema da gravidez na adolescência, a OMS destaca que essa condição eleva a probabilidade de complicações tanto para a adolescente, quanto para o feto ou o recém-nascido, além de agravar os desafios socioeconômicos já presentes (Bouzas; Cader; Leão, 2014). No Brasil, a taxa gestacional na adolescência é alta, com cerca de 400 mil casos por ano. Segundo o MS, em 2014, nasceram pouco mais de 28 mil bebês de mães na faixa etária entre 10 e 14 anos e pouco mais de 534 mil nascimentos na faixa etária entre 15 a 19 anos (Almeida, 2016).

São diversos os fatores predisponentes para que ocorra uma gravidez precoce, mas a desinformação sobre sexualidade e sobre direitos sexuais e reprodutivos são o principal motivo. Outros fatores atrelados são questões emocionais, psicossociais, contextuais e culturais; além destes, a difícil acessibilidade a proteção social e ao sistema de saúde, incluindo o desconhecimento sobre a utilização de métodos contraceptivos também podem ser elencados como fatores que podem desencadear uma gravidez na adolescência (Eisenstein *et al.*, 2009).

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), somando-se a todos esses fatores, ainda pode ser destacado a ausência de um projeto de vida futuro, uma educação deficitária, a pobreza, famílias disfuncionais, vulnerabilidade social, abandono, abuso ou violência e falta de proteção ao(à) adolescente fazem parte deste quadro.

Consoante Renepontes e Eisenstein (2005), quando uma jovem deseja iniciar uma gravidez, pode ocorrer que membros mais velhos e experientes da família assumam o cuidado dos recém-nascidos, retirando das mães adolescentes o papel de maternidade e privando-as desse direito. Além disso, pode haver situações em que elas são pressionadas a colocar o recém-nascido em abrigos para adoção devido à falta de condições para criar seus filhos.

Pode acontecer ainda que a gravidez precoce seria uma resposta ao meio como uma forma da adolescente exercer a sua sexualidade, ser inclusa e socialmente aceita. A gravidez na adolescência pode gerar retorno financeiro, mesmo que mínimo, para a adolescente que está gerando uma criança (Coates; Sant'anna, 2009). Este retorno, financiado pelo Bolsa Família, por exemplo, garante uma renda de 600 reais por mês, mais 150 reais por crianças de 0 a 6 anos e mais 50 reais por criança e/ou adolescente adicional que esteja situado na faixa de 7 anos a 18 anos incompletos (Brasil, 2023). Coates; Sant'anna (2009) afirmam que o ato de ter um filho como gerador de retorno financeiro, na forma de um auxílio, contribui para a reincidência de gravidez na adolescência.

A educação é essencial para preparar o adolescente para a vida adulta. Conforme a BNCC, a escola oferece elementos importantes para a formação do jovem, como disciplina, ética, conhecimento técnico e intelectual (Brasil, 2017). Por outro lado, a família tem um papel fundamental na formação social do adolescente (Paschoal; Marta, 2012; Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Silves, 2009). Deve oferecer um ambiente afetivo, estabelecer limites, incentivar a autonomia e o autoconhecimento, discutir assuntos relevantes da vida e, acima de tudo, ser um exemplo de responsabilidade, respeito e honestidade. Ao unir esses dois fatores, o adolescente adquire o conhecimento e os valores necessários para se tornar um adulto consciente e responsável, visando a promoção do desenvolvimento humano (Dessen; Polonia, 2007).

## 2.5 A educação como prática emancipatória e libertadora

A educação emancipatória e libertadora é uma abordagem pedagógica que visa promover a emancipação e a liberdade dos indivíduos, capacitando-os a compreender, questionar e transformar ativamente sua realidade e a sociedade em que vivem. Além disto, ela visa formar cidadãos ativos, críticos e conscientes, capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Ademais, perpassa pela mera transmissão de conhecimento e busca a transformação social e pessoal. Esse conceito está profundamente enraizado nas teorias da pedagogia crítica e da educação popular e tem sido defendido por educadores renomados, como Paulo Freire.

Os detentores do poder exercem controle sobre os meios de produção, os recursos econômicos e culturais de uma sociedade, direcionando-os em benefício próprio. A opressão, em sua essência, é predominantemente uma opressão de natureza capitalista. Contudo, ela também assume formas culturais, à medida que os opressores acreditam na superioridade de seus conhecimentos, representações, modos de vida e visões de mundo, buscando impô-los aos oprimidos, muitas vezes através de uma imposição cultural. As instituições educacionais desempenham um papel crucial nesse contexto, classificando e selecionando indivíduos, bem como legitimando os conhecimentos considerados valiosos e dignos de serem transmitidos. Portanto, a escola se torna, de certa forma, cúmplice da opressão (Akkari; Mesquida, 2020).

A consciência crítica se manifesta quando um indivíduo reconhece que suas oportunidades foram influenciadas pelas contradições socioeconômicas existentes. Ele, consciente de sua posição dentro de uma comunidade coletiva, compreende sua capacidade de influenciar seu próprio destino, agindo simultaneamente para modificar a estrutura social e seu próprio pensamento (Freire, 1979, p. 48).

É necessário que as pessoas sejam conscientes de seu próprio futuro. Ceccon; Freire (1977, p. 1), discorrem que:

A conscientização é o seu método de trabalho. É uma pedagogia política, uma práxis de libertação que pode ser definida pela oposição que é à educação sistemática tradicional. Esta se baseia na transferência autoritária do saber do professor todo poderoso para os estudantes absolutamente ignorantes. A conscientização ao contrário, se apresenta como um processo educativo em um sentido mais amplo. Ela recusa esta transmissão de um saber acabado. Em uma perspectiva libertadora, a educação é um ato de conhecimento, cujo objeto é o mundo real, a realidade vivida cotidianamente pelas mulheres e os homens que deve ser conhecida e transformada

A pedagogia de Paulo Freire pode ser relacionada à biologia de várias maneiras, especialmente ao considerar uma abordagem interdisciplinar e contextualizada para a educação. Com isto, o ensino passará a ser envolvente, relevante e contextualizado. Este fato não apenas auxiliaria os estudantes a compreenderem melhor os conceitos biológicos, mas também os capacita a aplicar seu conhecimento de forma crítica e significativa em suas vidas e em questões globais. Tais pontos que poderiam ser citados são a contextualização do ensino na disciplina, relacionando os conceitos biológicos com problemas e questões do mundo real que afetam a saúde, o meio ambiente e a sociedade, o diálogo e a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, incentivando os alunos a fazer perguntas, discutir tópicos, realizar experimentos práticos e contribuir para o desenvolvimento do conteúdo e desenvolver a alfabetização científica no qual se traduz em desenvolver habilidades de alfabetização científica, capacitando os alunos a analisar e avaliar informações científicas de maneira crítica.

Paulo Freire também enfatiza o respeito à diversidade e o diálogo contextual local no qual as pessoas vivem (Peroza; Silva; Akkari, 2013). Esta questão pode ser estendida a compreensão das relações sociais e empoderamento e igualdade de grupos que foram e ainda são marginalizados. Essas temáticas podem ser aplicadas à biologia abordando-se tópicos como diversidade genética, diversidade de espécies e diversidade cultural em relação ao uso de plantas medicinais e alimentos tradicionais, saúde reprodutiva e o empoderamento de grupos historicamente marginalizados a se envolverem na pesquisa científica e a se beneficiarem dela.

A manutenção da saúde tem papel relevante atualmente, principalmente ao se considerar o adolescente e a educação sexual implicando em uma tomada de decisão responsável a respeito de si mesmo e do próprio corpo. O protagonismo discente e a cidadania estão intimamente ligadas à pedagogia freiriana que, mediante a uma educação horizontal e ética, entre professor e estudante, caminha na humanização de ambos. A saúde e bem-estar, na perspectiva de Freire, fornece informações sobre o funcionamento corporal, prevenção de doenças e no desenvolvimento de hábitos saudáveis (Monteiro *et al.*, 2018).

## **2.6 Educação sexual sob a ótica do modelo biopsicossocial**

O ensino do tema sobre a Educação Sexual é uma parte essencial da formação educacional de adolescentes, pois contribui para o desenvolvimento de uma compreensão saudável e equilibrada da sexualidade. Todavia, conforme aponta Gagliotto; Lembeck (2011), a escola enfrenta desafios em que há a adesão a modelos educacionais que refletem uma ideologia dominante, resultando em má qualidade de ensino, más condições de trabalho e

desmotivação dos educadores. O modelo burguês perpetua desigualdades, criando uma sociedade alienada, no qual o processo educativo serve aos interesses das classes dominantes, limitando a formação de cidadãos críticos. O educador, muitas vezes, se limita a transmitir conteúdos prontos, enfrentando inseguranças ao abordar a sexualidade devido a bloqueios pessoais e receios das repercussões junto aos pais e à comunidade.

Para abordá-la em sua totalidade, educadores e especialistas adotam o modelo biopsicossocial em detrimento do modelo de ensino biológico centrado e preventivo. O primeiro considera a sexualidade como um fenômeno complexo que é influenciado por fatores biológicos, psicológicos e socioeconômicos e é baseado na tese de que ela não apenas foque nos aspectos físicos e biológicos da sexualidade, mas também os aspectos emocionais, psicológicos e sociais que a cercam.

Outrossim, conforme o modelo em tela, é reconhecido que a sexualidade é uma parte natural da vida e que deve ser abordada de maneira positiva, respeitosa e inclusiva. A temática inclui a compreensão anatômica e fisiológica, compreensão do corpo (Silva; Carvalho, 2014; Vieira; Matsukura, 2017), a discussão sobre aspectos psicológicos (OMS, 2006) e emocionais (Harden, 2012; OMS, 2006), o contexto social no qual o adolescente reside (OMS, 2006; Soares, 2007) e os relacionamentos e o tipo de comunicação a qual os estudantes estão sujeitos (Bronfenbrenner, 2011).

O segundo é centrado nos aspectos físicos e biológicos da sexualidade, tendo como alvo a prevenção de IST e gravidez indesejada. Ele tende a ser mais restritivo em relação à educação sexual e aborda questões emocionais, psicológicas e sociais de forma pouco abrangente. Os aspectos mais relevantes são a anatomia e fisiologia do corpo humano, métodos contraceptivos e gravidez precoce (Castro; Abramoway; Silva, 2004) e informações limitadas sobre relacionamentos, questões de gênero e de diversidade sexual (Castro; Abramoway; Silva, 2004).

A escola tem o papel de transformar os cidadãos que ali estão presentes e, segundo Gagliotto; Lembeck (2011), ela é um espaço que preenche lacunas, erradica preconceitos, tem o poder de aprofundar informações e favorecer uma visão ampla e diversa das opiniões sobre os temas da sexualidade. Aquino (1997) comenta que a instituição de ensino se prende a um modelo negativo de educação sexual que tem como foco a prevenção de IST, gravidez indesejada e o controle do desejo que se resumem a posturas autoritárias e dogmáticas. Em contraposição a isto, ela deveria ser pautada numa pedagogia positiva e propositiva da educação sexual (Aquino, 1997; Neres; Silva, 2022)

Esta última perspectiva vai ao encontro do modelo biopsicossocial, pois promove uma compreensão mais abrangente e equilibrada da sexualidade e ensina habilidades essenciais para a vida, como comunicação saudável, respeito mútuo e inclusão das pessoas. Já a primeira está relacionada ao modelo biológico centrado e preventivo que tende a se concentrar principalmente na prevenção de riscos, marginalizando aspectos importantes das experiências sociais e emocionais humanas, além de que abrange um curto período de tempo centrado nos momentos em que o estudante está presente em uma instituição de ensino.

Em se tratando ainda do modelo biopsicossocial, este deveria ser ensinado de modo a integrar diferentes disciplinas do currículo escolar, porque a sexualidade humana é uma parte intrínseca e complexa da vida que não pode ser adequadamente abordada em um único contexto e de forma engessada, a exemplo de que é ministrado apenas na disciplina de Biologia (Silva; Megid Neto, 2006).

A falta de abordagem adequada da sexualidade na escola sugere que o tema é um tabu. A ausência de discussões sobre sexualidade na escola e na família leva crianças e adolescentes a buscar informações em fontes menos confiáveis, como revistas e internet. Isso resulta em uma forma de educação sexual inadequada, podendo deixar o adolescente mal informado, prejudicando seu desenvolvimento e levando a insatisfações sexuais na vida adulta (Gagliotto; Lembeck, 2011).

Ainda, consoante as autoras, a educação sexual vai além de temas biológicos e doenças, abrangendo a totalidade da sexualidade humana. Essa abordagem busca eliminar a repressão associada ao sexo, promovendo uma visão emancipatória que transcende preconceitos no qual o docente, na figura de um educador sexual, desempenha papel essencial, adotando uma visão ampla e superando moralismos ultrapassados. Ela deve ser adaptada à realidade da comunidade, respeitando valores e promovendo debates éticos com o objetivo de capacitar os adolescentes a questionarem, refletirem e formarem seus próprios valores, recebendo informações de maneira crítica. A escola deve enfatizar responsabilidade e respeito, sem se ater a posições específicas, compartilhando a responsabilidade com as famílias.

Quando se avalia uma abordagem crítica e emancipatória do tema, ela não apenas transmite informações, mas também capacita os indivíduos a pensarem criticamente, a questionarem normas sociais prejudiciais e a exercerem sua autonomia em questões relacionadas à sexualidade. Isto suscita uma compreensão global e respeitosa da sexualidade e contribui para a formação de cidadãos informados, responsáveis e conscientes em relação à sua própria sexualidade e à dos outros.

## 2.7 O ensino por investigação na construção do aprendizado

O ensino por investigação é uma abordagem didática que tem sido requisitada em todo o mundo, pois é implementado pelos professores por meio de atividades nas quais os alunos investigam um problema proposto e tentam buscar hipóteses, soluções e considerações para respondê-lo (Santana; Capecchi; Franzolin, 2018). Carvalho (2011) pontua que há quatro etapas que são importantes para a apresentação de propostas investigativas: a problemática construtora do conhecimento; a troca da ação de manipulação para a ação mental em uma decifração do problema; a compreensão e a criação de explicações.

Trata-se de uma abordagem flexível e inclusiva que pode ser aplicada em diversas aulas e para vários conteúdos. Seu principal objetivo é envolver ativamente os alunos na construção do conhecimento científico, promovendo o engajamento por meio de discussões e resolução de problemas. Essa abordagem requer que o docente forneça orientações enquanto os discentes realizam a investigação. É uma parceria mútua que envolve a valorização de pequenas ações, como erros e hipóteses dos alunos, e visa construir uma compreensão mais profunda da ciência e dos conceitos relacionados a ela, bem como da relação entre fenômenos naturais e a linguagem como uma ferramenta para interagir com o conhecimento científico (Sasseron, 2015).

Esta abordagem preconizada nas palavras da autora Lúcia Helena Sasseron são importantíssimas quando são analisados os rumos que a educação nacional atualmente está tomando, pois com a implementação da BNCC, em 2017, passou-se a defender metodologias que façam com que o estudante apresente competências e habilidades adequadas às exigências do mundo contemporâneo e ao exercício da cidadania, superando o conhecimento fragmentado e conteudista das disciplinas e fortalecendo o protagonismo discente no ensino-aprendizagem e na vida do estudante.

Tais metodologias são denominadas ativas, pois estimulam a autonomia do estudante no processo de ensino-aprendizagem (Piffero *et al.*, 2020). Uma característica é a inserção dele como agente principal responsável pela autoaprendizagem. Os mesmos autores supracitados ainda delineiam que a mediação docente provoca a colaboração, cooperação, protagonismo estudantil, facilitam a construção do diálogo e do conhecimento (Piffero *et al.*, 2020). Ao enfatizar o protagonismo discente, o ensino-aprendizagem é realizado através de estratégias metodológicas práticas que se diferenciam da exposição, fragmentação, compactação e memorização conteudista, pois há a participação do estudante na construção do conhecimento.

### 2.7.1 Oficinas em Dinâmicas de Grupos

No contexto educacional, as dinâmicas são atividades que envolvem a participação ativa dos alunos em sala de aula. Elas são projetadas para promover a interação, a participação e o engajamento dos estudantes, tornando o processo de aprendizado mais envolvente e eficaz. As dinâmicas podem assumir diversas formas, incluindo discussões em grupo, jogos educacionais, simulações, debates, atividades práticas, projetos em equipe, entre outros.

A utilização da dinâmica é vista como uma técnica que pode aprimorar as intervenções em grupos, promovendo reflexões sobre as adversidades cotidianas e aspectos relacionados ao comportamento e à interação humana. O objetivo é aumentar a proatividade dos membros do grupo em relação ao seu comportamento nas aulas, na escola e na sociedade em geral. Isso visa a incorporação da mesma na prática educacional com a finalidade de conscientizar e possibilitar potenciais transformações sociais, especialmente quando se lida com realidades caracterizadas não apenas por diferenças, mas também por acentuadas desigualdades sociais (Pereira, 2014).

A oficina de dinâmica em grupos refere-se a atividades estruturadas e direcionadas, realizadas em um ambiente de grupo, que têm como objetivo promover a aprendizagem, a interação, o desenvolvimento pessoal e a resolução de problemas (Afonso, 2010). Ela “é um recurso metodológico valioso e instrumento facilitador de transformação sociocultural” (Luiz; Dal Prá; Azevedo, 2014). As oficinas são projetadas para serem experiências práticas e participativas, nas quais os participantes podem explorar tópicos específicos, adquirir habilidades ou conhecimentos práticos, discutir questões relevantes e interagir uns com os outros de maneira colaborativa.

Ela foi desenvolvida por Maria Lúcia Miranda Afonso (2002) somado a uma equipe de psicólogos que tem como referencial as contribuições da Análise Institucional, da Psicossociologia, das Teorias de Grupo, em que se destacam alguns autores e, dentre estes, Paulo Freire.

Para que uma oficina seja realizada, é fundamental que o grupo esteja disposto a estar engajado no trabalho proposto e tenha a liberdade de escolher se deseja ou não participar das reuniões. Afonso (2002) destaca elementos importantes para a organização da mesma, a saber: a avaliação da necessidade, a análise preliminar, a definição de objetivos e limites, o planejamento e a condução da atividade (Cruz; Abade, 2009).

É importante destacar que a oficina de dinâmica em grupos não se confunde com a terapia, pois, conforme Cruz; Abade (2009, p. 5):

“A oficina é um método de intervenção que não se confunde com uma psicoterapia. Embora tenha uma dimensão terapêutica, uma vez que o sujeito tem um espaço para fala e escuta, na medida em que pode expressar sua angústia, falar de suas experiências passadas, presentes e projetos futuros e, além disso, pode se identificar com pessoas em situações similares a sua, compartilhar experiências e elaborar suas questões, o que diferencia as oficinas psicossociais do grupo-terapêutico é que neste último essas angústias serão intensamente trabalhadas, serão o foco principal. Na oficina, por sua vez, elas serão acolhidas, mas não trabalhadas em primeiro plano, apenas quando estiverem dificultando a realização da tarefa do grupo”.

Conforme o exposto, nas oficinas, as experiências como um todo são acolhidas, mas não são o foco principal. Em vez disso, o objetivo principal é a realização de tarefas específicas do grupo. As angústias são o pano de fundo para o que estiver sendo debatido e que auxiliarão no progresso do grupo como um todo. No entanto, nos grupos terapêuticos, as angústias e questões emocionais são o foco central do trabalho, e são intensamente exploradas e tratadas como parte do processo de tratamento. Afonso (2002) ressalta o viés pedagógico da oficina, pois os envolvidos trocam informações, aprendem e ensinam mutuamente e assim, produzem conhecimento.

## **2.8 A importância da práxis pedagógica para compreender o real significado de se estudar a Biologia relacionada com a saúde**

A práxis pedagógica desempenha um papel fundamental na compreensão do real significado de estudar a Biologia de forma geral. A palavra “práxis” refere-se à integração da teoria com a prática, envolvendo a aplicação do conhecimento em situações do mundo real. Esta definição é intimamente ligada ao conceito da Biologia que, em termos gerais, significa o estudo da vida; além disto, passa a refletir ações que ocorrem cotidianamente no entorno de cada pessoa. No contexto da educação em Biologia relacionada à saúde, a práxis pedagógica é importante por permitir aos alunos contextualizarem o conteúdo de Biologia dentro de situações reais de saúde relacionadas à promoção da mesma e à compreensão de doenças. É importante destacar que a saúde é um campo interdisciplinar que se beneficia da integração de várias disciplinas, incluindo Biologia, Química, Física, Ciências Sociais e Ética para que seja abordado o tema de maneira holística.

Atualmente, no cenário mundial, as pessoas são constantemente bombardeadas por novas descobertas científicas relacionadas a área de Biologia e os docentes desta área são encarregados de se atualizarem constantemente com este dinamismo. Contudo, o fator determinante para o aprendizado do estudante, em todos os níveis de ensino, em contraposição

à memorização de conteúdos que são rapidamente esquecidos após as avaliações, é a abordagem pedagógica adotada pelos professores (Silva Junior; Barbosa, 2009).

Silva Junior; Barbosa (2009) ainda discorrem que uma abordagem didática tradicional, particularmente no contexto da biologia, as quais emprega técnicas pouco eficazes, resulta em um ensino monótono, fragmentado e distante do cotidiano dos discentes. Isto resulta em aprendizagem de conhecimentos imprecisos e confusos em várias áreas das ciências biológicas, produzindo em um processo de ensino ineficaz, que pode até agravar a confusão em relação aos conhecimentos científicos já possuídos pelos alunos. Mortimer (1996) observa que uma considerável parcela do conhecimento científico ensinado na escola é prontamente esquecida, após avaliações, enquanto concepções alternativas ou visões baseadas no senso comum permanecem robustas e persistentes.

É importante repensar em uma reformulação da didática para a disciplina da biologia. Nas palavras dos autores Letoniev, Luria e Vygotsky (1991):

Cada matéria escolar tem uma relação que muda com a passagem da criança de uma etapa para outra. Isto obriga a reexaminar todo o problema das disciplinas formais, ou seja, do papel e da importância de cada matéria no posterior desenvolvimento psicointelectual geral da criança (p. 117).

Com o rápido avanço do progresso científico, a simples transmissão de conhecimento, tornou-se menos eficaz. Isso ocorre porque os conhecimentos adquiridos na escola tendem a ter pouco valor após um período de tempo, pois são frequentemente substituídos por informações mais atualizadas e recentes. Outro ponto fundamental a ser analisado é a função da escola, em que não mais é a única responsável pela detentora do conhecimento; ela assume o papel de capacitar o indivíduo com aprender a adquirir o conhecimento de forma eficaz e eficiente (Castelo, 1985). Ainda, segundo este autor:

Sendo assim, os alunos devem ir à escola para adquirir habilidades que os capacitem a absorver os conhecimentos de que necessitarem, e que os tornem aptos a utilizar esses conhecimentos da maneira mais proveitosa: a habilidade da leitura, do raciocínio matemático, do planejamento e da avaliação de objetivos etc. Desse modo, estaremos formando indivíduos abertos à realidade, capazes de reformular constantemente os conhecimentos adquiridos, atualizando-se sempre que perceberem a necessidade disso. Nossos alunos estarão conscientes de que a ciência progride, as verdades de hoje não serão as verdades de amanhã, mas eles poderão sempre, a qualquer momento, tomar posse das novas verdades instauradas pelo progresso, graças às habilidades adquiridas na escola (Castelo, 1985, p. 3).

Isto se reflete nas dificuldades encontrada pelos estudantes no que concerne ao ensino-aprendizagem, pois há um desalinhamento entre as expectativas da sociedade em relação aos futuros profissionais no mercado de trabalho e o que a escola, por meio de seus métodos de ensino-aprendizagem, se propõe a oferecer para preparar esses futuros profissionais. Este desencontro é resultado da evolução da cultura de aprendizado, que agora enfatiza a aprendizagem contínua e abrange uma gama cada vez maior de áreas de conhecimento (Fialho, 2013).

De acordo com Pozo (2002), um mundo moderno constantemente exige novos conhecimentos, tanto de alunos quanto professores, e estes precisam adotar abordagens inovadoras para desenvolver a habilidade de aprender. Para além disto, ambos, docente e discente também necessitariam de habilidades não apenas para aprender a ensinar, mas também remete aos quatro pilares educacionais, pois o processo de aprendizado é uma via de mão dupla, no qual professor e aluno aprendem mutuamente.

A educação caminha para um processo de aprendizagem que não é uniforme como no passado. Atualmente, enfrentamos a necessidade de adquirir conhecimentos diversos para realizar uma ampla variedade de tarefas, o que requer a utilização de ferramentas específicas para cada uma delas (Fialho, 2013). Ainda, conforme a autora, a aprendizagem escolar não deve ser mecânica, mas sim diversificada, envolvendo decisões e estratégias variadas. Isso ajuda os alunos a utilizar eficazmente recursos alternativos para acessar informações e promover uma aprendizagem mais eficaz.

Os estudantes podem superar as dificuldades de ensino através das metodologias baseadas em oficinas de dinâmicas em grupo. Essas abordagens proporcionam um ambiente colaborativo e participativo, onde os alunos têm a oportunidade de compartilhar suas perspectivas, discutir conceitos complexos e aplicar o conhecimento em situações práticas. As oficinas também promovem a interação entre eles, permitindo que aprendam uns com os outros, esclareçam dúvidas e trabalhem juntos na resolução de problemas. Além disso, a abordagem de oficinas incentiva a reflexão crítica e a construção ativa do conhecimento, tornando o processo de aprendizado mais envolvente e significativo. Desta forma, os alunos podem superar desafios acadêmicos e desenvolver habilidades essenciais, ao mesmo tempo em que fortalecem seu senso de autonomia e colaboração.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

- Desenvolver a temática Educação Sexual por meio de oficinas em dinâmica de grupo, considerando o modelo biopsicossocial e uma perspectiva investigativa.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Diagnosticar o perfil dos sujeitos da pesquisa quanto ao conhecimento da temática sobre educação sexual com o intuito de compreender a existência ou não de concepções prévias dos estudantes sobre o assunto;
- Integrar as oficinas de dinâmicas em grupo com a investigação científica, de modo a realizar provocações reflexivas nos estudantes para que eles sejam protagonistas do aprendizado;
- Incorporar o modelo biopsicossocial ao ensino de educação sexual, avaliando sua contribuição para uma compreensão holística da temática;
- Permitir que os estudantes explorem conceitos, normas sociais e questões de gênero com o intuito de compreender e debater sobre preconceitos existentes na sociedade;
- Estimular o diálogo com o estudante sobre a importância da interlocução sobre sexualidade no meio escolar e no seio familiar;
- Capacitar os estudantes a tomarem decisões informadas de modo a promover a compreensão abrangente da sexualidade à medida que o conhecimento sobre o tema foi construído durante o transcurso das oficinas de dinâmica em grupo;
- Produzir uma cartilha digital voltada aos professores do ensino médio para o ensino da temática educação sexual.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO

### 4.1 Natureza, Abordagem e Tipo de Pesquisa

A natureza deste trabalho foi aplicada em que se concentra na aplicação prática do conhecimento teórico para resolver problemas do mundo real. Ela tem como objetivo direto a solução de problemas, o desenvolvimento de produto, a melhoria de processos ou a tomada de decisões informadas em contextos práticos. Segundo Gil (2010), a natureza aplicada engloba pesquisas desenvolvidas com o propósito de solucionar questões dentro das sociedades nas quais os pesquisadores estão inseridos. Ainda, conforme este autor, é focada na aquisição de conhecimento com o objetivo de aplica-lo em uma situação específica.

O presente trabalho foi realizado dentro de uma abordagem quali-quantitativa, que combina elementos de pesquisa qualitativa e quantitativa em um único estudo. A primeira envolve a coleta de dados não numéricos que buscam compreender a complexidade e o significado oculto dos fenômenos que envolvam pessoas (Godoy, 1995a); a segunda é útil para identificar padrões, relações e tendências, através do manuseio de dados estruturados alicerçados no campo da estatística (Mattar, 2001).

A abordagem quali-quantitativa é uma combinação destes tipos de pesquisa em um único estudo, permitindo que os pesquisadores obtenham uma compreensão mais abrangente de um problema de pesquisa, de forma que utilizando uma ou outra separadamente poderia acarretar perda de informações importantes dentro da pesquisa. Acerca disto, Minayo; Sanches (1993) discorrem que:

Estas abordagens são os instrumentos (...), para se aproximar da realidade observada. Nenhuma das duas, porém, é boa, no sentido de ser suficiente para a compreensão completa dessa realidade. Um bom método será sempre aquele, que permitindo uma construção correta dos dados, ajude a refletir sobre a dinâmica da teoria. Portanto, além de apropriado ao objeto da investigação e de oferecer elementos teóricos para a análise, o método tem que ser operacionalmente exequível (p. 239).

Sob o viés epistemológico, não se pode afirmar que uma das duas abordagens seja mais científica que a outra. A utilização de instrumentos de medição por parte do pesquisador carece de sentido se não responderem às questões essenciais; de modo semelhante, a escolha de uma abordagem qualitativa em si não garante a obtenção de uma compreensão em profundidade daquilo que está sendo pesquisado e esta não está isenta de parâmetros e normas que possam

fornecer a ela alçada científica (Onwuegbuzie; Leech, 2007). Em outras palavras, uma pesquisa não se torna mais objetiva simplesmente por ser quantitativa (Minayo; Sanches, 1993).

Isto é importante, particularmente no campo educacional, no qual existem pesquisas acerca da utilização da abordagem quali-quantitativa (Schneider; Fujii; Corazza, 2017; Souza; Kerbauy, 2017). Em se tratando da temática de educação sexual, este tipo de abordagem considera as complexidades das experiências e atitudes dos alunos e da sociedade em geral. Em suma, combina a profundidade das informações qualitativas com a capacidade de análise quantitativa para oferecer uma visão mais completa dos desafios e oportunidades relacionados à temática, bem como para avaliar a eficácia das intervenções educacionais.

A pesquisa foi do tipo participante que aquele em que envolve ativamente os participantes ou membros da comunidade no processo de pesquisa. Além disto, ela é valorizada pela capacidade de incorporar múltiplas perspectivas e vozes, promover mudanças reais e gerar conhecimento relevante para as pessoas diretamente afetadas pelo tema da pesquisa. Conforme pontuado pelos autores Brandão e Borges (2007), essa é utilizada em várias áreas, algumas delas são: o ensino, a saúde, a educação popular e empoderamento de grupos oprimidos. Ela se adapta a diferentes abordagens e aplicações, sem seguir um modelo ou metodologia científica única que seja comum a todas as variações da pesquisa participante.

O objetivo central da pesquisa participante é auxiliar os envolvidos a reconhecerem seus próprios desafios, a conduzir uma análise crítica dos problemas e a buscar soluções apropriadas para os mesmos. Neste contexto, a pesquisa não considera a população como reativa ou passiva em relação às ações do pesquisador, mas sim como participantes ativos, interagindo com o tema durante o transcorrer do processo em que estão inseridos pesquisador e participantes (Le Boterf, 1984). Queiroz *et al.*, (2007), apontam que o cerne de estudo deste tipo de pesquisa é o processo que os sujeitos estão a vivenciar naquele determinado momento.

Brandão; Borges (2007) destacam que a pesquisa participante deve reconhecer o cotidiano dos participantes, tanto em nível individual como coletivo, nas diferentes dimensões e interações. O procedimento leva mudança social, a ressignificação de conhecimento e a mudança de sentimentos (Novaes; Souza; Drummond, 2019). Brandão; Borges (2007, p. 55) citam que “Uma verdadeira pesquisa participante cria solidariamente, mas nunca impõe partidariamente conhecimentos e valores”.

A pesquisa participante desempenha um papel importante na temática da educação sexual, permitindo que os estudantes participem ativamente na identificação e solução de desafios relacionados à educação sexual. Esta os capacita a expressarem suas perspectivas, necessidades e preocupações. Além disto, a mesma pode levar a ações práticas, como o a

promoção de uma abordagem mais inclusiva e informada em relação à sexualidade. Todos estes pontos podem garantir que a educação sexual seja relevante, sensível à diversidade de experiências e alinhada com as necessidades reais dos discentes, contribuindo para um ambiente educacional mais seguro e esclarecedor em relação à saúde sexual e relacionamentos.

## **4.2 Aprendizagem baseada em dinâmicas**

As metodologias ativas de ensino incentivam a participação ativa dos alunos, a exploração prática e a resolução de problemas reais, facilitando a aprendizagem significativa, onde os novos conhecimentos se conectam ao conhecimento prévio e têm relevância prática para os alunos. Essas abordagens pedagógicas tornam o aprendizado mais profundo, duradouro e aplicável.

A aprendizagem significativa se manifesta quando conceitos representados de forma simbólica se conectam de maneira substancial e não arbitrária com o conhecimento prévio do aprendiz (Moreira, 2012). A Teoria da Aprendizagem Significativa foi proposta por David Ausubel, em 1963 e atualizada em 2003, no qual ele enfatiza a importância de estabelecer conexões significativas entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio do aluno e está baseado na ideia de que os alunos aprendem de maneira mais eficaz quando conseguem relacionar e integrar novos conceitos com o que já sabem (Ausubel, 2003).

A aprendizagem baseada em dinâmicas é uma abordagem de ensino que incorpora atividades interativas, práticas e dinâmicas como parte integrante do processo de aprendizado. Elas incluem jogos, simulações, estudos de caso, debates, discussões em grupo ou quaisquer outros métodos que envolvem os alunos de maneira ativa e participativa. A ideia por trás da aprendizagem baseada em dinâmicas é proporcionar aos estudantes uma experiência de aprendizado envolvente e prática, na qual eles possam aplicar conceitos teóricos em situações do mundo real, colaborar com colegas, resolver problemas, incentivar a reflexão crítica e adquirir conhecimentos de forma mais significativa.

Ela dá-se através de interações mútuas, nas quais estudantes e professores estabelecem relações sociais e afetivas. A aprendizagem formal é efetivada e promovida no espaço da sala de aula sob o enfoque construtivista na interrelação entre os pares para que haja a consolidação do assunto que está sendo dinamizado naquele momento (Marquezan *et al.*, 2003).

Podem ser utilizadas em contextos educacionais (Bressane *et al.*, 2017), pois é eficaz quando se trata de desenvolver habilidades práticas, estimular a resolução de problemas e preparar os alunos para enfrentar desafios do mundo real. A variedade de atividades e

estratégias de ensino dinâmicas disponíveis torna essa abordagem versátil e adaptável a diferentes disciplinas e objetivos de aprendizado.

No contexto apresentado, o projeto foi constituído de elaboração e aplicação de oficinas de dinâmicas em grupo como forma promover uma aprendizagem significativa, criativa e reflexiva sobre gametogênese, fecundação, anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, IST e métodos anticoncepcionais, associado aos aspectos sociais, comportamentais e psicológicos para estudantes do ensino médio.

A execução das dinâmicas ocorreu a partir de reuniões com os estudantes, dentro da sala de aula ou dentro do ambiente de informática, quando necessário. O ensino por investigação esteve presente com a finalidade de que o estudante seja autônomo e protagonista do conhecimento através da participação ativa dos alunos, a aplicação prática do conhecimento, a colaboração e a contextualização. A finalidade foi a de envolver os alunos de forma significativa no processo de aprendizado e promover uma compreensão profunda e duradoura dos conceitos. O papel do professor-pesquisador foi o de facilitador da aprendizagem, mediador ou fomentador do conhecimento científico. O diálogo e o respeito durante todo o trabalho entre os próprios estudantes e entre estudantes e professor foram fundamentais e um dos alicerces que estiveram presentes e nortearam o percurso durante todo o trabalho.

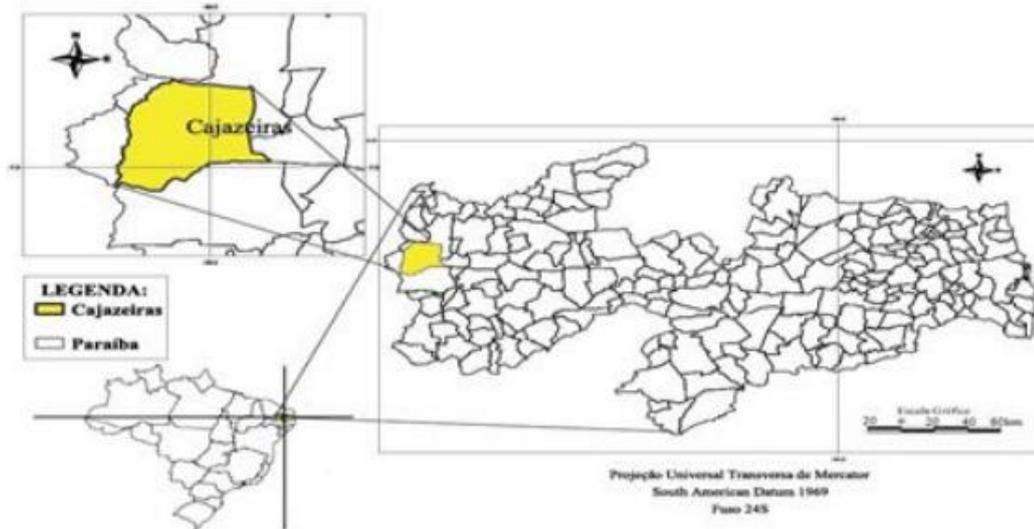
O ensino por investigação apresenta um papel fundamental no contexto da educação sexual, pois ao adotá-lo, o educador pode capacitar os discentes a explorarem questões relacionadas à sexualidade, como a prevenção de IST, a contracepção, a saúde sexual e os relacionamentos. Através da investigação ativa, os alunos podem debater tópicos relevantes e refletir criticamente sobre questões de gênero e sexualidade. Essa abordagem não apenas os auxiliará a adquirirem conhecimento prático e baseado em evidências, mas também desenvolverão habilidades de tomada de decisões informadas, comunicação eficaz e compreensão das complexidades que envolvem a sexualidade humana. Além disto, haverá o envolvimento estudantil de forma significativa com o conteúdo, promovendo uma educação sexual mais aberta, inclusiva e contextualizada.

### **4.3 Local de estudo e atores sociais**

A Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Cristiano Cartaxo nasceu através do Decreto Nº 38.923 de 21 de dezembro de 2018, ofertando os cursos de Técnico em Administração, Técnico em Informática e Técnico em Contabilidade. O modelo de escola é fundamentado a partir dos direcionamentos da Lei Estadual 11.100/18 que trata da implantação da Modalidade

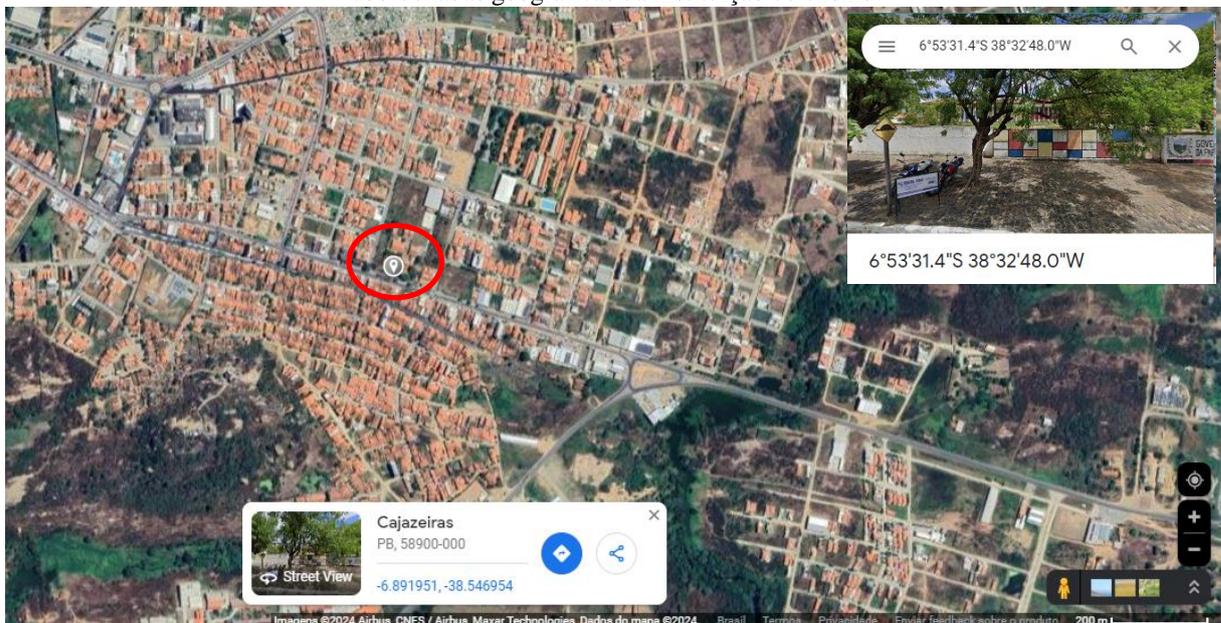
de Educação Integral no Estado da Paraíba. A referida escola localiza-se na Av. Júlio Marques do Nascimento, 915, Jardim Oásis, Cajazeiras-PB, mantida pelo governo do estado (figuras 1, 2 e fotografia 1).

Figura 1: Mapa da Paraíba, mostrando a cidade de Cajazeiras localizada no sertão paraibano.



Fonte: Costa Filho; Galvão. *In.*: CARDOZO *et al.*, (2017).

Figura 2: Localização da ECIT Cristiano Cartaxo no bairro Jardim Oasis. O círculo vermelho mostra a localização geográfica da escola no início da cidade de Cajazeiras/PB (a figura em miniatura mostra as coordenadas geográficas da instituição de ensino).



Fonte: Google Earth. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-6.8921747,-38.545817,14.19m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>. Acesso em: 08 de abr. 2024.

Fotografia 1: A escola localiza-se no bairro Jardim Oásis, na região leste da cidade. Foto da parte frontal da instituição de ensino.



Fonte: Arquivos do autor

A escola possui um corpo docente de 25 professores e 3 responsáveis pela gestão e é composta por 11 turmas sendo 04 primeiros anos do curso técnico integrado de informática; 01 primeiro ano de curso técnico integrado de contabilidade; 02 turmas de segundo ano do curso técnico integrado informática; 01 turma de segundo ano do curso técnico integrado contabilidade; 02 terceiros anos do curso técnico integrado informática e 01 terceiro ano do curso técnico integrado de contabilidade. Atende a um público de 280 alunos do ensino médio, além de 12 alunos no AEE que contêm estudantes da própria escola e da comunidade circunvizinha.

A escola conta com 11 salas de aulas, dois laboratórios de informática (ambos com acesso à internet), uma biblioteca, um laboratório de Matemática, um laboratório de Ciências, uma sala de reunião pedagógica, um pátio/refeitório amplo com mesas e cadeiras, uma sala para guardar instrumentos musicais, um almoxarifado, uma quadra poliesportiva coberta, uma cozinha com equipamentos básicos, dois banheiros masculinos e dois banheiros femininos equipados com chuveiros, sanitários (há sanitários adaptados em ambos os banheiros) e lavabos, um banheiro masculino e um banheiro feminino para os funcionários técnico-administrativos e terceirizados e um sanitário masculino e feminino para os professores com lavabo, uma sala

para a coordenação pedagógica, uma sala para a gestão escolar, uma sala para o coordenador administrativo-financeiro, uma sala dos professores e uma sala para AEE.

A pesquisa foi desenvolvida nos meses de agosto a novembro de 2023, autorizada pela gestora da escola, através do Termo de Anuência (ANEXO A), e direcionada às três turmas da segunda série do ensino médio, com um total de 18 estudantes, em formato híbrido. A parte presencial ocorreu durante as aulas da disciplina de Biologia no turno matutino; a parte remota ocorreu nas quartas-feiras no período vespertino das 15 às 16 horas.

O motivo da mudança do formato de aplicação do trabalho foi a forte onda de calor que atingiu a cidade de Cajazeiras localizada no sertão paraibano<sup>1</sup>. Foi comum, durante este período, a temperatura atingir 36 °C; todavia, a sensação térmica era maior à registrada, causando, de modo constante, problemas de saúde para docentes e discentes que estiveram na escola no período da tarde. Este evento meteorológico contribuiu para que as aulas que, normalmente ocorrem em turno integral, passassem a ocorrer, em formato presencial pelo turno da manhã, com aulas referentes à Base Nacional Comum Curricular e a Base Técnica; no período vespertino, as aulas ocorreram em formato remoto que compõem a Parte Diversificada do currículo do estado da Paraíba. Devido a esta mudança, poucos docentes da escola puderam ceder aulas para aplicação do projeto e este teve de ser desenvolvido no turno da tarde, em formato remoto, em uma parte do tempo.

Este trabalho teve anuência da Gestão Escolar que apreciou e autorizou o desenvolvimento da pesquisa na escola (Anexo 01). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde da UFPB, via Plataforma Brasil (<https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>), para autorização (ANEXO B).

Os procedimentos obedeceram às questões éticas estabelecidas na Resolução do CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012; na Norma Operacional nº 001 de 2013 CONEP e ao CEP do CCM, em respeito às observâncias éticas contidas na Resolução 510/2016 do CNS/MS.

#### **4.4 Desenvolvimento da pesquisa**

---

<sup>1</sup> Onda de calor: 81 cidades da PB estão sob alerta de aumento de temperatura. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/09/26/onda-de-calor-81-cidades-da-pb-estao-sob-alerta-de-aumento-de-temperatura.ghtml>. Acesso em: 18 de out. de 2023; Onda de calor atinge 81 municípios do Sertão paraibano. Disponível em: [https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno\\_paraiba/onda-de-calor-atinge-81-municipios-do-sertao-paraibano#:~:text=Entre%20os%20meses%20de%20setembro,principalmente%20no%20per%C3%ADodo%20da%20tarde](https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/onda-de-calor-atinge-81-municipios-do-sertao-paraibano#:~:text=Entre%20os%20meses%20de%20setembro,principalmente%20no%20per%C3%ADodo%20da%20tarde). Acesso em: 18 de out. de 2023.

A presente pesquisa foi realizada com estudantes da 2ª série do ensino médio, pois apesar de a temática geral sobre reprodução se encontrar, de acordo com as Propostas Curriculares do Estado da Paraíba (2022), inseridas no nível de ensino da 1ª série, não foi possível trabalhar com as turmas por motivos de logística de conteúdos, já que diversos conceitos necessários à compreensão da temática não foram inseridos para estes alunos. As turmas de segunda série já haviam atingidos os pré-requisitos necessários e, portanto, foi a turma escolhida para a aplicação do projeto. Os seguintes procedimentos, elencados a seguir, foram realizados (quadro 1):

Quadro 1: Quadro-resumo com os procedimentos realizados no transcurso deste projeto.

Ordem das etapas	Público-alvo	Formato	Descrição sucinta das atividades realizadas	Data de realização
1ª etapa	Pais e/ou responsáveis	Presencial	Reunião com pais e/ou responsáveis sobre o objetivo da pesquisa e assinatura do TCLE dirigida a eles (APÊNDICE A). Houve também assinatura do TCLE direcionado aos estudantes maiores de idade (APÊNDICE B) (fotografia 2).	31/08/2023
2ª etapa	Estudantes	Presencial	Aplicação de questionário diagnóstico (APÊNDICE F) (fotografia 3), assinatura do TALE (APÊNDICE C), TCUISV (APÊNDICE D) para os estudantes. Assinatura do Termo de Compromisso do Pesquisador (APÊNDICE E).	16/10/2023

3ª etapa	Estudantes	Remoto	Construção e assinatura do Contrato de Convivência para realização das oficinas de dinâmica em grupo com a finalidade de haver respeito entre eles, especialmente quando cada estudante proferir suas ideias e opiniões durante a realização das dinâmicas (APÊNDICE G)	18/10/2023
4ª etapa	Estudantes	Remoto	Realização da oficina de dinâmica em grupo: Adolescer	18/10/2023
5ª etapa	Estudantes	Presencial	Realização da oficina de dinâmica em grupo: Coisa de homem e/ou de mulher	10/11/2023
6ª etapa	Estudantes	Remoto	Realização da oficina de dinâmica em grupo: Mito ou Verdade	16/11/2023
7ª etapa	Estudantes	Remoto	Realização da primeira parte oficina de dinâmica em grupo: Como a mulher é vista pela sociedade?	17/11/2023
8ª etapa	Estudantes	Remoto	Realização da segunda parte oficina de dinâmica em grupo: Como a mulher é vista pela sociedade?	22/11/2023
9ª etapa	Estudantes	Presencial	Culminância do projeto que envolveu os temas constantes da etapa quatro até a etapa oito durante o evento escolar intitulado III Mostra de	27/11/2023

			Práticas Experimentais da ECIT Cristiano Cartaxo.	
--	--	--	--	--

Fonte: Dados do autor.

Fotografia 2: Momento da reunião de pais e mestres em que foi explanado sobre o objetivo deste trabalho.



**Reunião de Pais e Mestres!**

Fonte: Arquivos do autor.

Fotografia 3: Momento de aplicação do Questionário Diagnóstico.



Fonte: Arquivos do autor.

- Dinâmica 1: “**Adolescer**” foi oficina em dinâmica de grupo que possibilitou a reflexão sobre como os estudantes percebem o processo da adolescência que incluem mudanças externas e internas e a relação disto com o processo de descobrir algo que está relacionado ao período de vida (APÊNDICE H). Ao relacionar as diversas mudanças que ocorreram (ou estão ainda ocorrendo) neles próprios, eles correlacionaram os aspectos anatômicos e fisiológicos e comportamentais com as alterações hormonais características da puberdade e adolescência.
- Dinâmica 2: “**Coisa de homem e/ou de mulher**” foi uma oficina de dinâmica de grupo que conciliou aprendizado anatômico e morfofisiológico dos sistemas reprodutores masculino e feminino com aspectos psicológicos e sociais aos quais os adolescentes estão sujeitos (APÊNDICE I). Ela vai ao encontro da Pedagogia da Pergunta, pois os estudantes podem trazer questionamentos que podem fugir às perguntas norteadoras não previstas neste trabalho e que agregam o conhecimento de mundo que os alunos e alunas apresentam com o conhecimento científico ao qual é pautada neste trabalho. Paulo Freire argumenta que se vive numa educação de respostas e que uma educação de perguntas é “criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder ao seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais, existenciais. É o próprio conhecimento (1985, p. 27)”.
- Dinâmica 3: “**Mito ou Verdade**” foi uma oficina de dinâmica em grupo que partiu da importância em esclarecer para os estudantes que, embora esta temática esteja presente na sociedade, raramente a informação é transmitida de forma correta, sendo a partir disto que nascem mitos, boatos superstições que são aceitos como verdadeiros pelas pessoas (APÊNDICE J).
- Dinâmica 4: “**Como a mulher é vista pela sociedade?**” foi uma oficina de dinâmica em grupo que teve como cerne da questão verificar como os estudantes observam a figura feminina na sociedade, pois mulheres e homens são vistos de forma diferenciada perante a mesma. Também foi averiguado como pessoas de diferentes gerações veem a figura feminina atualmente, já que houve a escalada do movimento feminista que combate à violência de gênero e luta pela igualdade de direitos e de condições das mulheres na sociedade (APÊNDICE K).

#### 4.5 Coleta, organização e tratamento dos dados

A aplicação do questionário diagnóstico (APÊNDICE F) ocorreu em uma aula de 50 minutos no dia 16 de outubro de 2023. O questionário é um instrumento de coleta de dados que é utilizado para obter informações acerca das características de um indivíduo ou de grupos sociais, pois ele combina perguntas abertas e fechadas, em que estas são destinadas na obtenção de respostas de identificação de opinião e/ou de informações sociodemográfica do sujeito pesquisado; e aquelas são destinadas a aprofundar a opinião do sujeito da pesquisa. (Richardson *et al.*, 2015).

Foi realizado uma tabulação e análise em um editor de planilhas, por percentual, de acordo com as respostas emitidas pelos participantes do projeto. Sistematizou-se os dados qualitativos dos questionários em conjunto com a observação registrada durante as oficinas de dinâmica em grupo, utilizou-se da análise de conteúdo que, conforme Bardin (2011), é:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (p. 48).

A análise de conteúdo, de acordo com a perspectiva de Laurence Bardin (2011), é uma técnica metodológica que pode ser aplicada a uma variedade de discursos e a todas as formas de comunicação. Nesta abordagem, o pesquisador procura compreender as características implícitas nos fragmentos das mensagens que estão sendo consideradas. Ele, neste caso, apresenta dois desafios: procura entender o significado da comunicação como se fosse um receptor comum e concentra-se especialmente em olhar de forma diferenciada, a partir deste canal comunicativo, mensagens que carreguem um significado distinto em relação ao primeiro desafio (Godoy, 1995b).

A partir desta perspectiva de análise do conteúdo, foi adicionada e utilizada a técnica de categorização de acordo com a temática abordada que, para Richardson *et al.* (2015), envolve a identificação de temas num texto e a extração das partes relevantes, de acordo com a problemática pesquisada, com a finalidade de facilitar a comparação com outros textos selecionados da mesma forma. Tendo isto em mente, as informações obtidas a partir do questionário, das quatro oficinas de dinâmicas em grupo e as apontadas no roteiro de observação foram analisadas mediante a elaboração de categorias por temas e comparadas a outros trabalhos que guardam relação com a temática deste projeto.

Além disto, utilizou-se também a observação participante. Ela traz consigo a questão de o pesquisador se pôr em igualdade de nível das pessoas que compõem o fenômeno a ser constatado (Richardson *et al.*, 2015). O ato de observar é um dos meios mais utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, os acontecimentos e as situações (Queiroz *et al.*, 2007). Além do mais, esta ação de verificar é aplicar os sentidos com a finalidade de obtenção de uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade (Marconi; Lakatos, 2003).

Em nenhum momento a identidade dos estudantes envolvidos foi divulgada com a finalidade de haver melhor envolvimento dos discentes durante o transcorrer das dinâmicas. Com isto, evitou-se o constrangimento dos alunos e alunas pela divulgação de quaisquer pronunciamentos sobre a temática abordada. Com isto, mais uma vez ressalta-se a importância sobre às questões éticas preconizadas pela Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 do CNS, a Norma Operacional nº 001 de 2013 CONEP e ao CEP do CCM, em respeito às observâncias éticas contidas na Resolução 510/2016 do CNS/MS.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **5.1 Análise do perfil discente**

Participaram desta pesquisa 24 estudantes das três séries do segundo ano do ensino médio da escola, que compuseram 14 homens (58%) e 10 mulheres (42%) com idades variando entre 16 a 18 anos. Aceitaram participar da pesquisa 02 estudantes da 2ª série A de Informática (8%), 15 estudantes da 2ª série B de Informática (62,5%) e 07 estudantes da 2ª série de Contabilidade (29,5%). Seis estudantes optaram por não prosseguir, pois não desejavam ser fotografados e não assinaram o TALE, mesmo sendo comentado que suas respectivas imagens foram borradas e, portanto, não identificáveis. A identificação das falas dos estudantes ocorreu a partir das letras “A” e “B” que representaram a turma de Informática e a letra “C” que representou a turma de Contabilidade. Foi utilizando também a letra “E” para se referir a palavra “estudante” e as letras “M” e “F” para se referir-se aos termos “masculino” e “feminino”, respectivamente. Com a finalidade de conhecer o perfil sexual dos discentes, foi aplicado um questionário diagnóstico com 18 estudantes participantes. A análise do questionário deu-se a partir das respostas dadas pelos presentes.

### **5.2 Análise do Questionário Diagnóstico**

Com relação à questão 3: “Orientação Sexual”, havia 12 estudantes heterossexuais (67%), quatro estudantes bissexuais (22%), um estudante homossexual (5%) e um estudante (5%) que não soube informar a orientação sexual.

Conforme Amorim; Maia (2013), os PCN trazem consigo o tema de forma transversal, todavia, este deveria ser integrado ao currículo escolar. Uma das formas que os PCN trazem para abordar a questão consiste em dialogar com as notícias a que os alunos e alunas têm acesso e isto é oportuno pois assim eles têm como lidar com as informações obtidas e os próprios sentimentos em relação ao assunto (Amorim; Maia, 2013).

Ainda, de acordo com os PCN (Brasil, 1998), A Orientação Sexual na escola tem como objetivo preencher as lacunas nas informações já conhecidas pelas crianças e jovens, proporcionando a formação de opiniões embasadas. Ao fornecer informações científicas atualizadas e discutir uma variedade de valores associados à sexualidade, a escola possibilita que os alunos desenvolvam atitudes alinhadas aos seus próprios valores pessoais.

É importante que, não apenas o adolescente, mas também, a população em geral tenha respeito e ética com outras pessoas por não se encaixarem na heteronormatividade dita “normal”. Conforme os PCN, sobre Orientação Sexual, (Brasil, 1998, p. 316) “O trabalho com Orientação Sexual supõe refletir sobre e se contrapor aos estereótipos (...) ligados à sexualidade. Implica, portanto, colocar-se contra as discriminações associadas a expressões da sexualidade, como a atração homo ou bissexual (...)”

A BNCC não traz comentários acerca da Orientação sexual e restringe o tema à sexualidade, ademais é mostrado como um tópico relevante apenas nos anos finais do ensino fundamental. Conforme este documento oficial, é crucial que os indivíduos estejam capacitados a assumir um papel de destaque na adoção de posições que reflitam o autocuidado em relação ao próprio corpo e o respeito pelo corpo alheio. Isso ocorre na perspectiva de um cuidado abrangente, envolvendo a saúde física, mental, sexual e reprodutiva. Além disto “é fundamental que tenham condições de ser protagonistas na escolha de posicionamentos que (...) representem o autocuidado com seu corpo e o respeito com o do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva (Brasil, 2017, p. 343).

A questão 4: “Qual identidade de gênero você se identifica”, houve 11 estudantes que se intitularam cisgênero (61%) e 7 estudantes que relataram não saber o significado da palavra (39%).

A escola é um dos principais locais para construção da identidade de gênero, pois é nela que as crianças se deparam com as diferenças existentes (Reis, 2016). Ela deve ter o papel de reconhecer e auxiliar os sujeitos na construção da identidade; é necessário conscientizar profissionais que estão ligados direta ou indiretamente ao papel educativo e desenvolver formações que estejam atreladas à temática sobre gênero para lidar com adolescentes em fase de descobrimento sem estes se sentirem rejeitados por apresentarem uma identidade de gênero diferente dos considerados “normais” perante a sociedade (Fé, 2022).

Na questão 5: “Quais temáticas você gostaria que fossem abordadas dentro da grande área de educação sexual e sexualidade?”, os estudantes trouxeram respostas sobre temas que serão discutidos ao longo das oficinas de dinâmicas em grupo, a saber: anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutores, prevenção de doenças, prevenção de IST e métodos contraceptivos. Três respostas chamaram a atenção: identidade de gênero, autocuidado e segurança na sociedade LGBTQIAPN+.

A questão da segurança foi relevante pois, o estudante em questão que apontou esta inquietação se classificou como bissexual, e isto, por si só, é suficiente para expressar a preocupação do mesmo, já que o Brasil ainda é o país que mata pessoas pertencentes ao grupo

LGBTQIAPN+<sup>2</sup>. Em relação, não apenas à identidade de gênero, mas também a educação sexual muitos estudantes ainda consideram o assunto como um tabu e muitas famílias evitam dialogar sobre a temática com os filhos (Nascimento *et al.*, 2021). Em relação ao autocuidado, é importante discutir o seu papel no que tange à saúde sexual e reprodutiva para uma adoção de prática sexual segura (Kempfer *et al.*, 2012).

Na questão 6: “Em uma escala crescente de 1 a 5, como você avalia o seu autoconhecimento corpóreo?”, 13 estudantes relataram ter um conhecimento mediano sobre o questionamento. Este dado demonstra que, independentemente do sexo, a maioria dos sujeitos envolvidos parecem não conhecer bem o próprio corpo (72%).

Conforme o documento que discute sobre a sexualidade elaborado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná (Paraná, 2009, p.46), em seu princípio sobre “Manifestações da sexualidade”, é dito que a expressão da sexualidade não se limita à reprodução; desde a infância, ela se fundamenta na exploração corporal como um meio de autoconhecimento. As descobertas sexuais e afetivas contribuem para o desenvolvimento da capacidade de socialização e interação interpessoal em crianças, jovens e adultos. A exploração corporal, individual e compartilhada, proporciona sensações prazerosas que desempenham um papel crucial na obtenção de gratificação física, psíquica e emocional.

Ainda, segundo o documento, no princípio sobre “A descoberta corporal” (p. 46), a exploração corporal é uma expressão natural da sexualidade, e brincar com os genitais faz parte desse aprendizado, especialmente na infância, onde é comum que crianças manipulem seus genitais, muitas vezes causando constrangimento na escola. Tal comportamento é parte de um processo universalizado, esperado e benéfico no aprendizado infantil sobre sexualidade. A escola tem o papel de educar a criança sobre noções de intimidade e privacidade pessoal, ensinando o momento e o local apropriados para essas manifestações. A abordagem pode fazer a diferença entre uma educação baseada em negacionismo e proibição e outra que promoverá a positividade e consentimento. Orientar a criança e o jovem para compreenderem os momentos e locais adequados para expressar sua sexualidade é essencial no processo educativo.

A questão 7: “Em uma escala crescente de 1 a 5, como você avalia o ambiente familiar para falar sobre algum tema relacionado a sexualidade?”, seis estudantes assinalaram como muito ruim (33%), cinco estudantes assinalaram como ruim (28%), seis estudantes assinalaram como mediano (33%) e um estudante assinalou como bom (6%).

---

<sup>2</sup> Dossiê denuncia 273 mortes e violências de pessoas LGBT em 2022. Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>. Acesso em: 09 de abr. 2023.

Os resultados aqui encontrados retratam que, na maior parte das famílias, dialogar sobre o tema sexualidade é difícil neste ambiente, por se tratar de um tema sensível e que muitos pais e responsáveis não tem domínio para conversar sobre o assunto. As presentes respostas corroboram com as descobertas por Savegnago; Arpini (2013) em que elas afirmam que o tema é pouco discutido no seio familiar em razão das dificuldades para falar abertamente sobre o tema; além disto, ela utiliza-se de artifícios para fugir ao tema. Isto é preocupante, pois adolescentes mal informados sobre o assunto tendem a encontrar informações sobre o tema com outras pessoas ou na internet e, com isto, podem perpetuar ideias equivocadas sobre a temática.

Abordar a sexualidade perpassa a mera transmissão de informações, exigindo dos pais a superação de entraves para estabelecer uma conexão com as experiências de filhos adolescentes e uma união entre eles é vital para a compreensão mútua sobre o assunto. Outrossim, há um desafio para os responsáveis equilibrarem a transmissão de informações acerca do tema de modo que nem sejam restritivas, tampouco permissivas (Dias; Gomes, 1999).

A questão 8: “Em uma escala crescente de 1 a 5, como você avalia a qualidade do diálogo sobre algum tema relacionado a sexualidade dentro do ambiente familiar?” esta pergunta está relacionada com a questão anterior, pois espera-se que a qualidade do diálogo seja baixa para falar sobre o tema de acordo com as respostas encontradas anteriormente. Isto se confirma, pois 22% marcaram que são muito ruins (quatro estudantes), 44% marcaram serem ruins (oito estudantes), 22% marcaram serem medianas (quatro estudantes) e 12% marcaram serem boas a qualidade do diálogo (dois estudantes).

Dias; Gomes (1999) demonstraram que quando as conversas sobre sexualidade na família são insatisfatórias, as adolescentes tendem a encontrar informações sobre o que foi discutido em revistas e pelas amigas e colegas de escola, longe dos olhos dos pais. Isto é preocupante, pois o tema pode ser transmitido de modo distorcido e sem base científica.

Uma qualidade baixa no diálogo pode implicar em desinformação sobre temas associados a Educação Sexual e temas correlatos e que muitas vezes geram dúvidas nos adolescentes por não terem fontes de informação seguras para serem consultadas. O papel dos responsáveis em educar em sua integralidade ocorre pelo fato de que estes não sabem ter e manter um diálogo sobre o assunto com os adolescentes. Estes, inevitavelmente, propagam informações descabíveis e sem viés científico sobre o tema, por não terem alguém confiável para dialogar a respeito desta temática.

A questão 9: “Em uma escala crescente de 1 a 5, o quanto você conhece sobre a funcionalidade dos órgãos genitais masculino e feminino?”, mostrou que 14 respondentes acredita ter um nível de conhecimento baixo ou mediano acerca da funcionalidade dos órgãos

genitais (78%) e deste percentual, 71% são do público masculino (10 estudantes) e 29% são do público feminino; enquanto que quatro estudantes (22%) assinalaram que conhecem bem ou muito bem a funcionalidade das genitálias; deste percentual, três são mulheres (75%) e um é homem (25%).

Uma explicação este resultado encontrado é o desconhecimento da funcionalidade e localização dos genitais quando se compara os homens em relação as mulheres; estas poderiam ser ensinadas pelas mães ou outra responsável de modo repressivo visando a não contração de IST e gravidez precoce. Aqueles, não seriam ensinados pela figura paterna devido ao conservadorismo e constrangimento do pai. A mãe, neste caso, é quem tem papel de ensino dos filhos e filhas, todavia, em se tratando de sexualidade, busca-se apreender o assunto com quem seja mais fácil de estabelecer um diálogo: mulheres e filhas / homens e filhos.

Apesar de, aparentemente, as mulheres terem melhor conhecimento sobre anatomia e função dos órgãos genitais, é provável que isto se deve ao autoconhecimento corporal por se informarem por fontes fidedignas. Todavia, Agnaldo Lopes da Silva Filho, atualmente diretor científico da FEBRASGO argumentou que não há dados científicos que confirmem o desconhecimento da mulher em relação a própria anatomia, entretanto; ele afirma que tal desconhecimento é perceptível durante as consultas. Ademais, esta ausência de conhecimento pode estar relacionada à falta de informações esclarecedoras sobre a anatomia genital feminina, refletindo-se em questões como a ausência de prazer durante a atividade sexual (Mendes, 2015).

Pelo argumento anteriormente citado, a maioria das mulheres tem pouco conhecimento sobre anatomia e fisiologia básicas, o que impacta seu comportamento em termos gerais. Isto pode estar relacionado a genitália feminina ser interna e de difícil visualização, ao passo que a genitália masculina é externa e facilmente visível. Braz et al. (2022) informam que a mulher necessita de um espelho com a finalidade de visualizar a sua própria genitália externa. As pesquisadoras ainda constataram que, em uma pesquisa, 68% das entrevistadas relatavam alguma insatisfação com a sua região genital, das quais 15% não olhavam para esta região e 25% não costumavam tocá-la.

Os percentuais encontrados demonstram que mulheres conhecem melhor sobre a funcionalidade dos órgãos genitais masculino e feminino. Todavia, estes resultados relativos à funcionalidade não corroboram com os encontrados por Carvacho; Silva; Mello (2008) em que a maioria das entrevistadas apresentaram conhecimento insatisfatório sobre anatomia, mas foram capazes de identificarem melhor os órgãos externos em detrimento aos órgãos internos, a fisiologia dos órgãos genitais e a fisiologia da reprodução. Isto ocorreu, pois, a maioria das entrevistadas têm apenas parte do ensino fundamental completo. Neste projeto, todos os

participantes estavam cursando a 2ª série do ensino médio no momento da aplicação e o fato de estar presente nesta etapa de ensino, possivelmente demonstra um maior conhecimento em relação àquelas mulheres participantes na pesquisa de Carvacho; Silva; Mello (2008).

Os resultados foram semelhantes aos de Lima *et al.*, (2023), em que se verificou que as conversas sobre sexualidade com adolescentes na esfera familiar ocorreram de maneira tanto dialógica quanto não-dialógica. O diálogo esteve associado a sentimentos de confiança e afinidade, relacionada a figura materna, enquanto a antidualogicidade se manifestou em situações de preconceito e conservadorismo, ligadas à figura paterna.

A falta de diálogo entre os pais e os filhos pode refletir no baixo conhecimento sobre a funcionalidade dos genitais masculino e feminino, especialmente quando o pai não se sente capaz de abordar o assunto com o filho. No contexto mãe-filha, observou-se um percentual mais elevado de conhecimento por parte das filhas sobre genitálias masculina e feminina. A manutenção de um diálogo aberto nesse relacionamento pode contribuir para que as filhas sejam mais instruídas e tenham um conhecimento mais aprofundado não apenas nesse tema, mas também em outros subtemas relacionados à educação sexual.

Embora a mãe tenha se destacado como uma educadora crucial, as limitações impostas pelo contexto influenciado pela figura paterna, especialmente em aspectos afetivos, culturais, sociais e religiosos, representaram um desafio persistente. Isto ressalta a importância de quebrar barreiras e obstáculos que foram construídos ao longo do tempo e que ainda são presentes na dinâmica da família, principalmente em torno da figura paterna que ainda relega o papel educativo a figura materna.

A questão 10: “Em uma escala crescente de 1 a 5, o quanto você conhece sobre a masturbação?”, oito dos respondentes afirmaram conhecer o ato medianamente (44%), dois (11%) e três estudantes (17%), respectivamente, afirmaram conhecer muito pouco e pouco sobre o tema e quatro estudantes (22%) afirmaram conhecer bem sobre assunto; além destes dados, houve uma mulher que deixou a pergunta sem resposta. Uma correlação plausível é de que as pessoas que conhecem sobre o tema, já o praticaram ao menos uma vez. Tal fato corrobora com Brêtas *et al.*, (2011) em que os pesquisadores encontraram que 53% do público masculino e 12% do público feminino praticavam o ato.

Em se tratando dos que conhecem pouco ou não responderam ao questionamento, é possível que para este público o ato seja considerado um tabu ou algo pecaminoso. Em relação aos homens, Niedersberg (2006) observou que eles não demonstram sentimento de culpa ou vergonha e que foi considerado um comportamento normal e bom, sendo uma etapa normal da vida. Para as mulheres, Gonçalves *et al.*, (2022) relataram que a masturbação feminina ainda é

considerada uma questão que traz vergonha ou é observada como um ato gerador de culpa para a mulher. Os autores relatam que o ato auxilia no autoconhecimento e até mesmo nas relações com os respectivos parceiros ou parceiras que as mulheres têm.

A questão 11: “Em uma escala crescente de 1 a 5, o quanto você conhece sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), antigamente chamada de DST?” trouxe como resposta que cinco estudantes assinalaram que conhecem muito pouco sobre IST (28%), quatro estudantes assinalaram que conhecem pouco sobre IST (22%), seis estudantes assinalaram que conhecem medianamente sobre IST (33%) e três estudantes assinalaram que conhecem bem sobre IST (17%).

Apesar de IST ser o termo correto vigente, muitas pessoas ainda desconhecem o atual termo e se lembram ou conhecem apenas como DST, pois aquele engloba pessoas que podem transmitir algum tipo de infecção mesmo que os sinais e sintomas estejam ausentes, conforme terminologia apontada pelo Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde, localizado no sítio eletrônico do MS. Embora muitos terem apontado pouco conhecimento, é possível inferir que os discentes conhecem o conceito básico no que concerne a forma de transmissibilidade de uma IST.

É importante ressaltar que conhecer IST ou saber alguns nomes não significa que alunos e alunas conhecem de fato as infecções. Gerhardt; Nader; Pereira (2008) discorrem que o conhecimento que os alunos têm sobre uma doença pode se resumir a ter ouvido falar ou visto em campanhas, sendo que, frequentemente, esses conceitos podem não ter clareza sobre o tema. Assim, a presença de um programa educacional para esclarecimento entre os adolescentes, na escola ou na comunidade, é importante.

A questão 12: “Em uma escala crescente de 1 a 5, o quanto você conhece sobre métodos contraceptivos?” apresentou como resposta que um estudante conhece muito pouco sobre a temática (5%), dois estudantes conhecem pouco (11%), 10 estudantes conhecem de forma mediana (56%), três conhecem bem (17%) e dois conhecem muito bem sobre o tema (11%).

Os dados demonstraram que mais da metade dos respondentes conhecem métodos contraceptivos de forma mediana e isto deve ser ressaltado, pois todos os métodos contraceptivos protegem apenas contra uma gravidez, mas não contra IST, exceto o preservativo masculino ou feminino; além disto deve-se levar em consideração os mitos e falácias sobre o tema que fazem parte do cotidiano do adolescente.

É importante conhecer a eficácia de cada método, pois é atrelado ao ato de saber utilizar corretamente um método anticoncepcional. Brêtas *et al.*, (2011) discorre em seu estudo com adolescentes, que uma proporção considerável de rapazes e moças, com uma prevalência maior

no grupo dos homens, indicou não utilizar qualquer método contraceptivo durante as relações sexuais, o que os torna um grupo de risco para a gravidez na adolescência. As razões para a não adoção de contraceptivos entre os adolescentes estão associadas à falta de planejamento das relações sexuais, desconfiança nos métodos contraceptivos, atitudes de onipotência da adolescência e resistência dos parceiros devido à interferência percebida em seu prazer sexual. Devido a estes fatores, prevalece a ideia de que a mulher é responsável pela gestão da contracepção através da negociação com o parceiro (Brandão; Heilborn, 2006).

Na questão 13: “Abaixo, segue uma lista de possíveis fontes informativas sobre a temática de educação sexual com quem você busca algum nível de informação. Marque com um “x” a frequência com quem você busca algum tipo de informação em relação ao tema”, são demonstrados os resultados obtidos na aplicação do questionário.

Quadro 2: Comparação, absoluta e em porcentagem, da frequência com que os estudantes participantes da pesquisa buscam informação através de diferentes categorias.

Fonte	Frequência de busca de informação					
	Nunca	% de frequência	Algumas vezes	% de frequência	Muitas vezes	% de frequência
Pais	<b>9</b>	50%	6	33%	3	17%
Outros familiares	<b>9</b>	50%	8	44%	1	6%
Programas televisivos e/ou de rádio	<b>11</b>	61%	4	22%	3	17%
Internet	4	22%	6	33%	<b>8</b>	44%
Namorado (a) ou companheiro (a) ou parceiro (a) sexual	<b>8</b>	44%	5	28%	5	28%
Colega ou amigo (a)	3	17%	7	39%	<b>8</b>	44%
Professores	<b>14</b>	78%	2	11%	2	11%
<b>Profissionais especializados</b>	<b>11</b>	61%	7	39%	<b>0</b>	0
Livros especializados	<b>13</b>	72%	4	22%	1	6%
Grupo religioso ao qual você frequenta	<b>18</b>	100%	0	0	0	0

Fonte: Dados do autor.

O quadro 2 demonstrou que 50% dos estudantes não se informam com pais e familiares sobre a temática e; há uma sutil diferença de que alguns ainda demonstram se informar com outros familiares, na categoria “algumas vezes”, mas ainda assim eles se informam com pouca frequência quanto ao tema dentro da família. Almeida; Centa (2009) comentam que a comunicação entre pais e filhos, apesar de conflituosa, deve ser estimulado, já que é na fase da

adolescência que surgem dúvidas e é necessário que eles recebam as informações corretas, caso contrário, os estudantes adquirirão as mesmas por meio dos amigos.

Pais que foram criados num ambiente repressivo e autoritário, no qual sexualidade era considerada pecaminosa e restrita apenas ao aspecto reprodutivo, enfrentam conflitos com seus respectivos filhos adolescentes devido à discordância de ideias, que resulta em um clima desfavorável à articulação e ao diálogo. É importante que os responsáveis reconheçam que seus valores e perspectivas sobre a sexualidade nem sempre coincidirão com as dos seus filhos.

Desta forma, os adolescentes podem receber mensagens negativas por meio de um modelo educacional repressivo, distante, autoritário e indiferente por parte dos pais (Costa, 1986). Com isto, cria-se uma grande barreira dialógica entre pais e filhos em que as ideias não são mutuamente aceitas; outrossim, a educação antiga e a perpetuação de tabus antigos contribuem para que não haja um entendimento, por parte dos parentais, sobre o afloramento da sexualidade na adolescência (Cano, 1997).

Quando analisada as mídias a que os discentes têm disponibilidade, constata-se que a maior parte não procura se informar pela televisão e rádio (61%) sobre a temática de Educação Sexual. Apesar de pouco expressivo, alguns participantes afirmaram que procuram informações por meio dos canais televisivos e programas sonoros em que 22% afirmaram que utilizam esses canais comunicativos algumas vezes e 17%, utilizam muitas vezes. Isto é importante ser discutido, pois estes tipos de mídias são acríticos, ou seja, o jovem recebe apenas passivamente a informação sem o viés de poder criticá-la. Outro fator a ser considerado é que pais e responsáveis não têm controle sobre o que o jovem pode assistir ou ouvir através dessas mídias. Então o adolescente pode consumir algo que não seja próprio da sua faixa etária.

Ferreira; Souza (2008) argumentam que, na ausência dos pais, que deveriam exercer papel regulatório sobre o que os filhos devem ou não assistir, as crianças buscam por si próprias temáticas que ainda não foram vistas na escola. Esta formação ocorrida precocemente suplanta etapas da vida infantil. Os pesquisadores discorrem que o programa de televisão influencia na construção de valores, conceitos, conduta e comportamento sexual e como o adolescente está construindo sua personalidade, este vai ao encontro de um modelo para servir de referência.

Oliveira (2014) argumenta que os meios de comunicação exercem forte influência no comportamento infantil ao estimular a erotização de forma direta e indireta. A banalização da sexualidade infantil, presente em telenovelas, filmes e comerciais, torna-se problemática quando a mídia explora esse aspecto natural do desenvolvimento, promovendo a erotização. Além disso, a mídia incentiva fortemente o consumo de produtos relacionados à erotização, visando lucro, sem considerar os possíveis danos à saúde física, mental e moral das crianças.

Outrossim, não são apenas nas crianças que a mídia exerce influência, mas também em adolescentes, pois conforme Maia *et al.* (2006) ela efetua influência e referência para a vida deste grupo em tela.

Conforme afirmam os PCN (Brasil, 1998), a recorrência de brincadeiras, paródias e apelidos relacionados à sexualidade pode indicar uma necessidade não expressa de abordar e compreender determinados temas. Devido a isto, passa a ser responsabilidade da família e dos educadores abordarem esta atitude em específico. É importante problematizá-la utilizando situações cotidianas como interações com os pares e influências da televisão, como ponto de partida para discussões e compreensão mais aprofundadas.

A BNCC cita, de modo vago, uma habilidade a ser apreendida pelo estudante de ensino fundamental sobre sexualidade que é “Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética)” (Brasil, 2017, p. 349). Esta imprecisão pode levar a abordagens inconsistentes, lacunas no conteúdo educacional e a falta de preparo dos professores para lidar com questões sensíveis relacionadas à sexualidade dos alunos. Ademais, pode contribuir para a perpetuação de tabus e estigmas em torno do assunto, dificultando a promoção de uma educação sexual holística.

Em se tratando da internet, quase metade dos estudantes busca informações através deste meio comunicativo digital (44%). Ela, atualmente, é uma poderosa ferramenta de busca e aprendizado desde que se utilizada de maneira correta. Todavia, quando utilizada de modo errôneo, pode trazer malefícios para as pessoas que a utilizam.

Os adolescentes, quando não conseguem a informação por via familiar, buscará a mesma na internet (Almeida *et al.*, 2017). Conforme aponta Pinto (1995), ela pode ser capaz de influenciar o processo identitário do adolescente, pois veicula conteúdo informacional e de imagens que muitas vezes são distorcidos da realidade. Tal ação de pesquisa é bastante simplória e é necessário apenas um aparelho capaz de se conectar à internet e uma rede sem fio para que o jovem possua o mundo de informações na palma das mãos. Almeida *et al.*, (2017) ainda pontuam que os responsáveis delegam o trabalho sobre educação sexual para a escola. É importante salientar que os pais não transfiram a responsabilidade de conversar sobre o tema com os filhos para outras pessoas, bem como é imperioso que seja dialogado de forma adequada o assunto com eles (Freitas; Dias, 2010).

A maior parte dos respondentes relataram que não buscam informações com namorado (a), companheiro (a) ou parceiro (a) sexual (8 estudantes – 44%) e cinco relataram que buscam este grupo algumas vezes e cinco relataram também que procuram o referido grupo muitas vezes (28% em ambos os casos). Este resultado corrobora com o encontrado por Macedo *et al.*

(2013), no qual apenas 03 dos 13 entrevistados admitiram buscar informações com namorado (a). Esta ausência de diálogo entre o casal pode implicar em contração de IST e/ou gravidez precoce, por ambos não pesquisarem e conversarem sobre métodos contraceptivos, por exemplo.

Um fator relevante que deve ser considerado é a possibilidade de mulheres acharem que homens podem ter maior conhecimento sobre o assunto de sexo. Isto ocorre porque uma parcela de homens pode iniciar a vida sexual mais cedo com mulheres mais velhas. Conforme o trabalho de Leal; Knauth (2006), os homens iniciam a vida sexual aos 14 anos e as mulheres, aos 16; as autoras também destacaram que os entrevistados, que tiveram o primeiro ato sexual com mulheres mais velhas, foram ensinados por elas a se relacionarem com o mundo e com outras mulheres. Tendo este início da vida sexual cedo, é de se esperar que o homem seja o mais experiente dentro de um casal (Leal; Knauth, 2006).

Quanto à questão de conhecimento, ele pode não apreender de forma correta conceitos inerentes ao assunto e propagá-lo erroneamente. Além disto, de modo secundário, o pai assume um papel de segundo plano na vida educativo dos filhos (Santos; Costa-Dalpino, 2019). Neste caso, ele pode ser um propagador de informações incompletas ou inverídicas, pois, culturalmente, é a mulher quem tem o papel primário de educar filhos e filhas.

No que concerne à procura de informações sobre educação sexual com colegas e amigos (as), três estudantes não procuram os amigos (17%), 7 estudantes os buscam algumas vezes para conversar sobre a temática (39%) e 8 estudantes responderam que os encontram muitas vezes e (44%). Uma possibilidade é que os respondentes, em relação a categoria anterior, têm preferência a se informarem com colegas e amigos (as) ao (à) namorado (a), companheiro (a) ou parceiro (a) sexual em razão do vínculo de confiança. Neste caso, pode acontecer de os respondentes da pesquisa não terem qualquer tipo de vínculo afetivo ou não possuírem namorado (a), companheiro (a) ou parceiro (a) sexual.

Uma segunda possibilidade é que, se o participante já tiver um namorado (a), companheiro (a) ou parceiro (a) sexual, ele ainda não foi capaz de construir um vínculo de confiança e, portanto, não ser capaz de dialogar com a pessoa com quem convive afetivamente. Outro fator a ser posto na balança são que as informações obtidas com os amigos permanecem distante dos olhos da família e, portanto, sem supervisão de adultos.

Outra hipótese é a insegurança em demonstrar desconhecimento sobre questões consideradas importantes pelos respondentes e não perguntarem ao parceiro ou parceiro com receio de parecerem ignorantes. A aprovação pelo parceiro(a) costuma ser algo importante para

adolescentes e adultos jovens, pois os amigos não costumam julgar tais questionamentos, limitando-se a oferecer apoio e/ou crítica sobre quaisquer assuntos.

Os resultados aqui encontrados contrastam com os do estudo de Brêtas *et al.*, (2011), pois neste artigo foi relatado que os jovens se informam sobre o assunto primeiramente com pais e em segundo lugar com amigos. Porém, corrobora com o estudo de Borges; Nichiata; Schor (2006), Bozon; Heilborn (2006), Duque-Arazola (1997) e Rua *et al.*, (2002), em que os entrevistados costumam dialogar sobre a sexualidade com amigos. Apesar de estar modificando a visão de que adolescentes busquem primeiros os pais e depois amigos para tratar da temática sobre educação sexual, ainda é bastante evidente que os jovens ainda busquem primeiramente amigos para discutirem o assunto, para então, a seguir, procurarem os pais; mas, mesmo assim, ainda há aqueles que não busquem estes por falta de entendimento mútuo.

Mães e filhas são mais próximas entre si quando comparado a pais e filhos. Aquelas têm uma relação de amizade e intimidade mais próxima como corroborado por Dias; Gomes (1999) em que é afirmado que não há uma fronteira neste relacionamento verticalizado; porém alguns pais não aceitam repartir experiências sobre sexualidade com seus próprios filhos. Tal fato pode ser constatado pela falta de diálogo existente entre homens e filhos. Na falta desta conversa, os adolescentes buscarão informações sobre o assunto com os amigos.

Em relação às fontes de pesquisa que engloba professores, profissionais especializados, livros especializados e grupo religioso ao qual você frequenta, a maior parte dos respondentes assinalou que nunca busca informações sobre educação sexual com esses grupos em questão (14 estudantes – 78%, 11 estudantes – 61%, 13 estudantes – 72% e 18 estudantes – 100%, respectivamente).

Apesar do resultado encontrado neste projeto, Brêtas *et al.*, (2011) observaram um resultado diferente, em que os professores são o segundo grupo mais procurado para dirimir dúvidas sobre sexualidade. Família e escola devem se complementar no que tange a Educação Sexual dos adolescentes, e, deste modo, percebe-se a importância da figura do docente como alguém conhecedor da temática e a necessidade de renovação contínua sobre o assunto para cumprimento do papel de ensinar (Egypto, 2003).

Todavia, para falar do tema, torna-se difícil trabalhá-lo no seio escolar, pois a sociedade apresenta uma visão conservadora e o professor não dialoga sobre certos assuntos que possam estimular a prática no adolescente conforme a visão que impera na coletividade social. Deste modo, a instituição de ensino poderia colaborar com professores preparando-os para dialogarem sobre os mais variados assuntos que envolvem a educação sexual (Suplicy *et al.*, 2006). Porém, o que se observa é a ausência de subsídios e o enfoque biológico para se trabalhar o tema,

deixando o estudante à mercê de questionamentos não sanados que estes levarão adiante (Tonatto; Sapiro, 2002).

Os profissionais especializados que poderiam ser capazes de dirimir dúvidas dos estudantes, infelizmente são pouco procurados pelos mesmos; sete estudantes marcaram que procuram profissionais especializados na categoria algumas vezes (39%) e, deste percentual, 86% correspondem as mulheres. Tal aspecto faz refletir o papel destas pessoas na área de saúde e como parecem estar distantes da realidade educacional.

As mulheres, provavelmente procuram-nos quando passam por problemas relacionados ao aparelho reprodutor; em se tratando do homem, é cultural que eles não busquem profissionais a menos que apresentem algum tipo de problema mais sério que não consiga ser resolvido através dos amigos ou por pesquisas realizadas na internet. Esta realidade finda por ser um terreno fértil para a propagação de notícias falsas e a transmissão de IST. Estes aspectos aqui elencados também são válidos para os livros especializados.

Os dados ora encontrados corroboram com os de Bretas *et al.* (2011); na pesquisa dos autores, foram observados que apenas 1% do público feminino procuraram profissionais de saúde e 2% de público feminino buscavam as informações em livros; não foi registrado a participação do público masculino em nenhuma destas categorias pelos autores.

Almeida; Centa (2009) discorrem que a enfermeira deve estar inserida em Programas de Educação Sexual nas escolas com a finalidade de promover ações voltadas não apenas aos adolescentes, mas também para a família. Além disto, conforme o mesmo trabalho, profissionais da saúde, da educação, sociedade e família não devem poupar esforços para que os adolescentes sejam educados para exercer a sexualidade, os direitos e deveres e o respeito para com os pares.

O “grupo religioso ao qual você frequenta” foi o único grupo que os respondentes afirmaram não buscarem para dirimir dúvidas sobre educação sexual. Isto se deve a carga de conservadorismo atrelada ao mesmo. Apesar disto, no estudo de Brêtas *et al.*, (2011), quando se considerou o tema sensível aborto, a grande maioria dos jovens pesquisados afirmaram ser contra o ato por influência religiosa. Todavia, apenas vivenciando a situação é que os jovens envolvidos podem tomar tal decisão, conforme os autores do estudo. Esta decisão dificilmente é adotada somente pelo casal e estes, geralmente, têm a família para dar o apoio necessário para a realização da maternidade.

Apesar disto, há famílias que apoiam o aborto e fundamentam a posição em considerações éticas, socioeconômicas, planejamento familiar e de saúde. A reflexão sobre o aborto é essencial para melhorar a abordagem das incertezas e vulnerabilidades enfrentadas por

aqueles que aguardam a chegada de um filho e as disparidades sociais desempenham um papel importante nos indicadores de saúde materna, destacando a necessidade de identificar e gerenciar fatores de risco pré-natal. Além disso, a consideração do conceito de vulnerabilidade é crucial para analisar a questão do aborto dentro do âmbito da bioética (Fávaro *et al.*, 2020).

Carvalho; Silva; Mello (2008), observaram que a filiação da religião esteve atrelada a baixa escolaridade nas jovens adolescentes, indicando que o baixo conhecimento estaria relacionado ao fato de pertencer a alguma religião. Tal fato se constitui uma barreira para o conhecimento sobre gravidez, IST e métodos contraceptivos. Lima *et al.*, (2023) observaram que em um grupo estudado, a discussão sobre sexualidade era evitada na família, pois a questão religiosa impedia que o assunto fosse tratado como algo natural e, portanto, intrínseco ao crescimento da adolescente. Fato semelhante foi encontrado por Usonwu; Ahmad; Curtis-Tyler (2021) em que a religião tem o poder de determinar que tipo de saberes pode ser adquirido acerca do tema.

Em relação a pergunta 14: “Para você, o que seria sexualidade?”, as respostas foram agrupadas em razão da similaridade, sendo plotadas e organizadas em um gráfico (Gráfico 1).

Gráfico 1: Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Para você, o que seria sexualidade?”



Fonte: Dados do autor.

De acordo com o gráfico, a maioria dos respondentes afirmou que a sexualidade consiste em relacionamentos (6 estudantes – 33%) e orientação sexual (6 estudantes – 33%). Um estudante (6%) relacionou a autoconhecimento, um estudante (6%) relacionou a assuntos íntimos e dois estudantes (11%) relacionaram a sexualidade a identidade de gênero; além disto, dois estudantes (11%) não informaram ou não responderam a este questionamento em específico.

Conforme a OMS (2017), a sexualidade é uma práxis para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; além disto, é integrado ao modelo de como o ser humano se sente e se move, é ser sensual e sexual ao mesmo tempo. Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, intervém na saúde física e mental.

É possível perceber que a maior parte dos participantes da pesquisa estão de acordo com o conceito abordado pela OMS sobre a sexualidade e, portanto, estão de acordo com o que apregoa o modelo de Educação Sexual com o enfoque biopsicossocial. Este vai de encontro ao modelo biológico-preventivo, pois este está relacionado ao ensinamento estritamente biológico, enquanto aquele tem um enfoque mais abrangente, estando mais relacionado ao conceito construído pela OMS.

Em se tratando do respondente que relacionou a sexualidade a identidade de gênero, esta associação é complexa, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos e sociais. A identidade de gênero refere-se à vivência interna do gênero, enquanto que a sexualidade abrange aspectos afetivos e sexuais da vida. É essencial reconhecer a diversidade dessas experiências e promover o respeito e a inclusão.

Reis (2016) apontou que a identidade de gênero diz respeito à autoidentificação para si para os outros, incluindo a percepção de ser masculino, feminino ou não-binário, independentemente do sexo biológico ou da orientação sexual. Neste contexto, a construção da identidade de gênero não é determinada exclusivamente por características biológicas. Esta questão de gênero e sexualidade está atrelado a convivência entre os seres humanos (Camargo; Sampaio Neto, 2017). É importante que haja respeito à diversidade para a compreensão dessas experiências, pois são fundamentais para promover sociedades inclusivas e respeitosas.

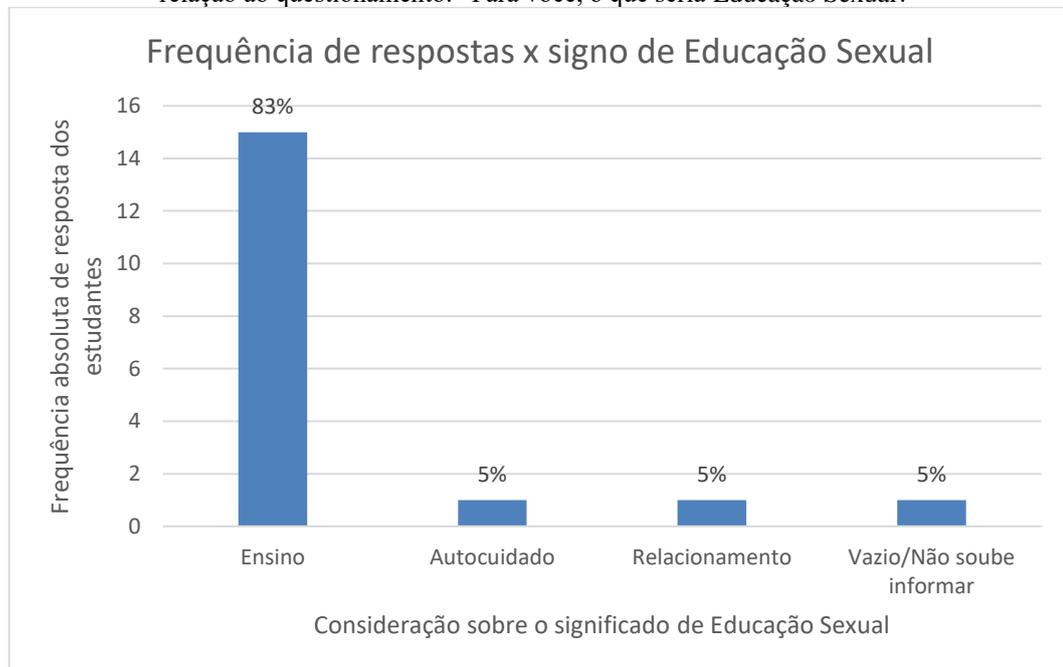
O período da adolescência é relacionado a mudanças biológicas, no qual são expressas também paradigmas relacionados a sexualidade (Brêtas *et al.*, 2011). Neste momento da vida, poderão emergir conflitos sobre gêneros que ganham destaque na mídia por, por exemplo, ter a possibilidade de alterar o nome social.

É esperado que os docentes, independente da área de conhecimento, discutam a temática com os estudantes e, para tal tarefa, recebam, algum tipo de preparo (Queiroz; Almeida, 2017), pois oferecê-la do ponto de vista biológico é mais fácil, já que permite melhor domínio sobre o tema; todavia, é insuficiente diante da grandiosidade da temática. Além disto, é premente que os professores possam ministrar o assunto sem impor qualquer tipo de impressão pessoal que tenha para o estudante (Camargo; Sampaio Neto, 2017).

No questionamento 15: “Para você, o que seria educação sexual?”, 15 estudantes responderam que a temática versa sobre o ensino da mesma (85%). Um estudante (5%) referiu-

se a autocuidado, um estudante (5%) referiu-se a relacionamento e um estudante (5%) não soube responder e deixou a resposta vazia (Gráfico 2).

Gráfico 2: Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Para você, o que seria Educação Sexual?”



Fonte: Dados do autor.

A educação sexual é um processo que visa fornecer informações, desenvolver habilidades e promover atitudes saudáveis em relação à sexualidade. Ela abrange diversos subtemas e tem por objetivo capacitar pessoas para tomarem decisões informadas, prezando o respeito a si mesmas e aos outros, desenvolverem relacionamentos saudáveis e o diálogo aberto.

A abordagem do tema pode variar de acordo com o contexto cultural, social e educacional, sendo geralmente implementada em escolas, comunidades ou através de programas de conscientização pública. Ela também não exime dos pais o dever de educar os filhos sobre este tópico educacional específico, sendo que o processo educacional tem início em casa e não encerra na escola, muito pelo contrário, família e instituição de ensino devem andar juntos neste tópico que é importante e urgente na sociedade.

Conforme Saito; Leal (2000), ela é um meio e não um fim, tornando-se evidente a necessidade de uma reflexão sobre as peculiaridades de cada faixa etária e os fatores de risco envolvidos. Neste contexto, possivelmente o primeiro passo seja reconhecer a criança como um ser que possui dimensões sexuais e perceber o adolescente para além dos estereótipos que o associam à liberação de costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade. O importante é

não limitar a sexualidade ao ato sexual em si, mas sim compreendê-la como uma parte intrínseca do processo de desenvolvimento da personalidade.

A ausência de conhecimento sobre o tema é que pode levar os adolescentes a terem informações erradas sobre o mesmo que desestabiliza e distorce a base científica que existe na educação sexual. A falta de embasamento da educação sexual segura e fundamentada é frequentemente a razão pela qual muitos iniciam a vida sexual sem proteção adequada, permanecendo à mercê de infecções e até mesmo a uma gravidez não planejada (Mantovani *et al.*, 2014). Saito; Leal (2000) comentam também que a Educação Sexual não deve se restringir a um viés apenas biológico, mas estar embasada também na busca do indivíduo enquanto sujeito detentor de ações, favorecendo assim o desenvolvimento cidadão, o autocompromisso e o compromisso com seus pares.

Quanto ao estudante que respondeu que a Educação Sexual está ligada ao relacionamento, este parece ter uma visão restrita do que seria esse termo. É certo que o adolescente experimenta uma intensa atração sexual e deseja vivenciar relacionamentos afetivo-sexuais; além disto, ocorrem relacionamentos amorosos ocasionais, conhecidos como ato de "ficar", que podem ou não evoluir para um namoro e incluir ou não relações sexuais.

Tanto o relacionamento estável quanto o ocasional proporcionam aprendizado sobre a outra pessoa, a sexualidade e os sentimentos (Gonçalves; Godoi, 2003). Esta visão restrita, baseada nas palavras destas autoras, podem perpassar uma ideia cultural de que este tema pode ser aprendido durante o relacionamento com o outro. Todavia, os jovens que pensam desta maneira podem estar sujeitos às aquisições de IST e gravidez precoce. Conforme aponta Figueiró (2007), o relacionamento é um subtema dentro da Educação Sexual que todos devem ter acesso informacional para ter a capacidade de debater de forma segura sobre qualquer coisa ligada ao sexo.

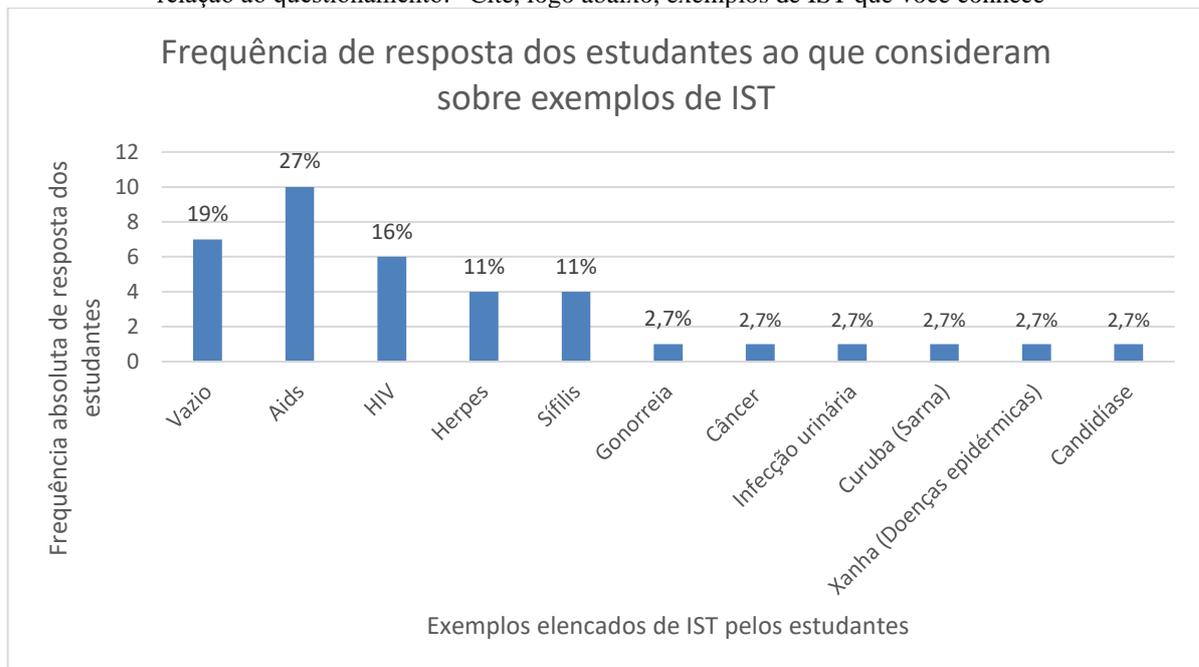
A resposta do autocuidado no questionamento sobre Educação Sexual foi assinalada por apenas uma pessoa. Apesar de ser um subtema dentro dessa grande temática, é um assunto de extrema relevância, pois, conforme Rocha *et al.* (2019), em um trabalho realizado com um grupo de pessoas em um projeto de extensão, foi observado que os adolescentes participantes não conhecem sobre o assunto quando é relacionado aos órgãos genitais.

O autocuidado e a Educação Sexual colaboram para promover uma visão abrangente à saúde e ao bem-estar, capacitando as pessoas a cuidarem de si mesmas de maneira holística. Ferreira *et al.* (2014) comenta que educar não é apenas repassar informações; também é sensibilizar, em um processo de dialogicidade, práticas educativas que envolvam sujeitos na construção e reconstrução do conhecimento. A adolescência é uma fase de indagações e há a

necessidade de que os jovens tenham acesso constantemente a provas sobre IST e gravidez precoce, pois, embora estejam com informações nas mãos, eles se expõem a riscos desnecessários e que poderiam ser evitáveis (Rocha *et al*, 2019).

No questionamento 16: “Cite, logo abaixo, exemplos de IST que você conhece.”, 10 respondentes citaram a Aids como exemplos de IST (27%). É importante relatar que muitos fazem confusão ao terem citado a categoria HIV (16%), sinalizado por 6 respondentes, já que este é o agente viral causador da doença. É preocupante o fato de que sete estudantes não souberem relatar exemplos de doenças no momento da aplicação do questionário (19%). Herpes e sífilis foram citados uma única vez (11% para ambas). Outras menções isoladas foram a gonorreia, câncer, infecção urinária, curuba, xanha e candidíase, cada uma realizada por um estudante (Gráfico 3).

Gráfico 3: Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Cite, logo abaixo, exemplos de IST que você conhece”



Fonte: Dados do autor.

Em relação aos que citaram a Aids e HIV como exemplo de IST é importante, primeiramente, desmistificar o conceito de ambos. Conforme o MS (Brasil, 2016), o HIV é o agente etiológico para o vírus da imunodeficiência humana que causa a Aids ou Sida; esta, por sua vez, é correlacionada pela Síndrome da Imunodeficiência Humana que tem como ação o enfraquecimento do sistema imune e o surgimento de doenças oportunistas. Os resultados aqui encontrados estão em consonância com os de Ciriaco *et al.* (2019), no qual os estudantes participantes também não souberem diferenciar entre uma pessoa portar o HIV e ter Aids;

además, estes dados apresentados, foram capazes de informar que não se tem um esclarecimento em relação a estes termos.

Infelizmente, a Aids é abordada no seio escolar de modo superficial, no qual alguns detalhes sobre a enfermidade não são esclarecidos que confundem tanto estudantes quanto professores (Ciriaco *et al.*, 2019). Isto é gerador de um problema em que pessoas portadoras do vírus são vítimas de estigmas sociais que envolvem a síndrome, já que é vista como uma doença de comportamento transgressor. Devido a isto, estes seres humanos acabam por serem moralmente julgadas pela sociedade (Almeida; Labronici, 2007).

Conforme o Boletim Epidemiológico para o HIV/Aids do Ministério da Saúde, o Brasil, em 2020, registrou 29.917 casos Aids e, deste total, 1.102 casos são de adolescentes compreendidos entre a faixa etária de 15 a 19 anos; todavia, o mesmo documento alerta para a subnotificação dos casos em virtude da mobilização dos profissionais de saúde em decorrência da Covid-19 (Brasil, 2021).

As IST são geralmente contraídas nas primeiras experiências sexuais acometendo, predominantemente, jovens inexperientes, carentes de informações e despreparados psicologicamente. Tais fatos podem contribuir para a incidência constante não apenas do HIV/Aids, mas também de outras enfermidades na faixa etária de 15 a 19 anos (Oliveira *et al.*, 2009).

Em relação a parcela de estudantes que não souberam informar exemplos de IST, isto foi dado preocupante, pois de acordo com Cordeiro *et al.* (2017), o início da prática sexual ocorre predominantemente na idade dos 14 anos. Porém, a atividades sexual pode estar acompanhada de ausência de informações sobre IST, trazendo a superfície que uma parcela considerável de adolescentes tem conhecimento inadequado sobre doenças (Cordeiro, 2020).

Flores *et al.* (2015), conduzindo um estudo entre adolescentes, constatou que a maioria deles apresenta pouco conhecimento em relação a IST. O desconhecimento sobre o tema entre adolescentes pode resultar em práticas sexuais de risco, aumento da vulnerabilidade a enfermidades e complicações de saúde. Por isto, é de essencial destaque a importância de se estudar educação sexual para promover escolhas conscientes e saudáveis.

Em relação a sífilis, o Boletim Epidemiológico para Sífilis do Ministério da Saúde (Brasil, 2021), divulgou que, no ano de 2021, foram registrados 6.459 novos casos sífilis adquirida para a faixa etária compreendida entre 13 a 19 anos. Além disto, o documento informa que, no mesmo período, foram registrados, para gestantes com sífilis, na faixa etária de 15-19 anos, 5.947 casos da doença e que, desde 2005, já foram registrados, para esta mesma faixa etária, 108.935 casos que corresponde a quase 25% do total de registros para a enfermidade.

Para a sífilis congênita, em 2021, e na faixa etária de 15 a 19 anos, foram notificados 2.212 novos casos e, desde 1998, já foram registrados, para esta mesma faixa etária, 56.900 casos.

Apesar de responder por parte considerável dos casos de IST no Brasil, a sífilis parece ser muito conhecida entre os adolescentes tanto quanto a Aids. Isto é perceptível pelo teor de citações que houve entre os respondentes do questionário. Quanto a isto, Brum (2017) salienta que ela está inserida em campanhas de prevenção da Aids, exceto se existir incidência elevada por algum motivo, no qual os movimentos são intensificados de modo isolado ou em conjunto com outras medidas. É evidente que não é fornecida a devida importância a tal fato, já que esta doença é tratável e curável, mas também é bastante negligenciada e desconhecida por uma parte da população.

Para a hepatite B, em 2021, foram registrados 91 novos casos da doença em ambos os sexos para a faixa etária de 15 a 19 anos, conforme o Boletim Epidemiológico para Hepatites Virais do Ministério da Saúde (Brasil, 2022). Em gestantes, para faixa etária e ano semelhantes, foram registradas 44 notificações e, desde 2000, já foram totalizados 3.884 casos da doença. Ainda conforme o mesmo documento, o maior modo de transmissão da doença é dado pelo contato sexual, dos quais já foram notificados 55.838 casos desde 2000.

Conforme a OMS (2023), a chance de transmitir este vírus por meio do ato sexual é maior do que o HIV, por este ser menos infeccioso que o vírus da hepatite B; além disto, o desenvolvimento da doença varia conforme a idade, mas que desenvolve em quase 50% das crianças e adolescentes, conforme apontado pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) nos Estados Unidos (2010).

A avaliação do conhecimento sobre a doença na população destaca a urgência de implementar iniciativas educativas específicas sobre hepatites virais. Isso ressalta a importância de uma política de educação em saúde direcionada aos adolescentes (Livramento *et al.*, 2009). A promoção da saúde por vias informativas são os maiores mecanismos para intervenções em doenças.

A utilização de preservativos aumentou devido a publicidade relacionada ao HIV (Meheus, 2000). Isto é positivo, pois o mesmo benefício advindo da prevenção do vírus causador da Aids pode ser obtido em relação à hepatite viral (Livramento *et al.*, 2009). Portanto, iniciativas educativas na área da saúde têm o potencial de prevenir doenças, facilitando a adoção de práticas corretas no dia a dia das pessoas (Pelicioni; Pelicioni, 2007), principalmente entre os adolescentes, por estes estarem mais vulneráveis, pois, é nesta etapa da vida que o início de relacionamentos sexuais. Salienta-se neste caso, algo semelhante ao discutido em relação a

sífilis que campanhas para prevenção da hepatite estão intimamente relacionadas às de prevenção para Aids/IST.

Em todas as três doenças aqui analisadas – Aids, sífilis e hepatite B – um ponto em comum entre as três enfermidades é a relação entre a incidência destas e a baixa escolaridade. A maior parte dos casos ocorrem em adolescentes e jovens que tenham até o ensino médio completo (58% dos casos totais para Aids, 55% dos casos totais para sífilis adquirida, 69% dos casos totais para sífilis gestacional, 70% dos casos totais para sífilis congênita, 63% dos casos totais para hepatite B e 73% dos casos totais para hepatite B em gestantes).

A escolaridade mais acometida são os estudantes que têm ensino fundamental incompleto para todas as doenças supracitadas, exceto para Aids e sífilis adquirida (jovens com ensino médio completo são os mais afetados e, em segundo lugar, adolescentes com ensino fundamental incompleto são os mais afetados) (Brasil, 2021; Brasil, 2022; Brasil, 2021).

Tal dado reforça que as maiores incidências ocorrem com pessoas que tem até o ensino médio completo. Este fator vem demonstrar o papel da educação na vida do adolescente e do jovem, pois reafirma a necessidade de se trabalhar a educação sexual no meio escolar não apenas dentro da disciplina de Biologia, mas de modo transversal. Além disto, a temática não se encerra na escola, mas deve perpassar toda a comunidade escolar, ou seja, família e demais segmentos escolares.

Em relação as outras citações – gonorreia, câncer, infecção urinária, curuba (escabiose), xanxa (doenças epidérmicas) e candidíase – não são consideradas IST, excluindo-se a gonorreia. O câncer localizado no colo uterino é uma consequência do condiloma acuminado causado pelo vírus HPV; a infecção urinária pode ser uma consequência do uso incorreto de papel higiênico pelas mulheres, ingerir pouco líquido, reter a urina, doenças preexistentes (diabetes descompensada), imunidade baixa ou pelo transporte natural de bactérias durante o ato sexual, entre outras; a escabiose que é causada por um tipo específico de ácaro (*Sarcoptes scabiei*) e não é considerada IST; a xanxa engloba uma denominação geral de várias doenças epidérmicas; a candidíase ocorre pela queda da imunidade no indivíduo e não pelo contato sexual.

É provável que os respondentes tenham associado quaisquer inflamações e dermatites na região urogenital a algum tipo de IST e este fato demonstra um desconhecimento do que seja de fato, ou não, uma doença relacionada às infecções relacionadas ao ato sexual. Conforme a terminologia disseminada pelo sítio eletrônico do MS, as IST são causadas por microrganismos, por meio do ato sexual sem utilização de preservativo com uma pessoa infectada.

Ela também pode ocorrer de modo verticalizado durante a gestação, amamentação ou parto. Ainda, podem ser transmitidas pelo contato de mucosas ou pelo com fluidos corporais contaminados. Partindo desta premissa conceitual, observa-se que nenhuma das doenças descritas – câncer, infecção urinária, curuba (escabiose), xanha (doenças epidérmicas) e candidíase – se encaixam no conceito proposto pelo MS e, portanto, não são consideradas IST.

A gonorreia é uma IST curável, causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae*, de contágio pelo ato sexual que pode causar casos de conjuntivite, oftalmia, faringites, anorretite e infertilidade; além disto também há contágio vertical da mãe para o filho (Penna; Hajjar; Braz, 2000). Os estudos sobre vigilância epidemiológica sobre a gonorreia são escassos e o último boletim data de 2014 (Brum, 2017), todavia, o mesmo se encontra inacessível, pois o sítio eletrônico retorna o resultado de página inexistente. Tal fato representa um descaso para com a saúde da população ao não manter dados atualizados para esta doença.

Na Filadélfia, em 2001, houve uma incidência de 54% de casos de gonorreia em jovens na faixa etária de 15 a 24 anos (CDC, 2012). Em um estudo realizado na mesma localidade, de 2002 a 2012, com adolescentes, constatou-se que de 7.641 testes, dentre 8.087 estudantes, positivaram para gonorreia e clamídia; deste total, 97% receberam tratamento médico e 1.850 foram reavaliados em três meses. 209 de 239 estudantes que apresentaram reincidência foram retratados e encaminhados para aconselhamento e testagem de HIV (CDC, 2012).

No Brasil, a taxa de prevalência desta doença é maior em mulheres se comparado aos homens e a maior prevalência é dentro do grupo das adolescentes menores de 15 anos; os fatores associados a infecção são o aumento no número parceiros e o parceiro apresentar corrimento da uretra (Benzaken *et al.*, 2010). É importante que a gonorreia seja rastreada na população, principalmente e, especificamente em adolescentes, através da busca ativa em todos os serviços de saúde de modo a prevenir esta doença, bem como seus agravos sobre esta população especificamente (Brum, 2017).

Côco *et al.* (2021) também relatam que adolescentes e jovens adultos estão entre os mais acometidos pela gonorreia; além disto, estes autores sugerem que há subnotificação informacional devido ao baixo número de casos. Eles ainda alertam que os sistemas informacionais devem ser alimentados para que haja um maior conhecimento que se aproxime da realidade local do município com a finalidade de gerar políticas públicas melhores direcionadas, bem como medidas de prevenção e redução de IST.

O rastreamento e a vigilância de IST entre os adolescentes desempenha um papel crucial na promoção da saúde e prevenção de futuras complicações, em especial, aquelas que não são de amplo conhecimento da população; portanto, é de fundamental importância abordar lacunas

na detecção precoce e intervenção eficaz delas. Adolescentes, muitas vezes, podem não buscar assistência médica regularmente, o que torna ainda mais essencial a implementação de estratégias de rastreamento proativas.

IST não rastreadas representam um risco significativo para a saúde pública, dado o potencial de disseminação e impacto negativo na qualidade de vida da população adolescente. Portanto, investir em programas de rastreamento abrangentes, educativos e acessíveis é crucial para mitigar os efeitos dessas doenças, com a finalidade de promover uma cultura de cuidado preventivo e garantir o bem-estar duradouro da população mais jovem independentemente da escolarização.

No questionamento 17: “Cite, logo abaixo, exemplos de métodos contraceptivos que você conhece.”, 14 respondentes citaram a camisinha e/ou preservativo (31%). Importante salientar que aqui não houve especificação de camisinha masculina ou feminina. Em seguida, foram citados a pílula e o anticoncepcional com 18% e 16% de citações, respectivamente por nove e oito estudantes; houve consideração de que, provavelmente, a pílula se refere à do dia seguinte e anticoncepcional seja o regular. O DIU foi citado por setes entrevistados (14%). É importante mencionar que o tipo deste implante não foi especificado em hormonal ou de cobre e, portanto, é considerado uma menção genérica a esse método contraceptivo. Com poucas menções, apareceram a injeção, o implante (por vezes denominado também de chip) e o adesivo com 8%, 6,5% e 6,5%, respectivamente que corresponderam a quatro, três e três estudantes.

Gráfico 4: Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Cite, logo abaixo, exemplos de métodos contraceptivos que você conhece.”



Fonte: Dados do autor.

Pela análise do gráfico, é realizado uma primeira afirmativa de que os estudantes citaram apenas métodos contraceptivos de barreira e químicos. Felizmente, nesta pesquisa, não foram

mencionados métodos naturais (coito interrompido, tabelinha, muco cervical e do calendário, por exemplo).

Segundo a Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde (Brasil, 2006), a tabelinha, o muco cervical e a temperatura basal são pouquíssimas recomendadas para os adolescentes, pois exigem dos mesmos, planejamento e disciplina dos atos sexuais e é algo que este público em particular pouco apresenta durante este período de vida. Conforme a cartilha de métodos contraceptivos de Planaltina, Distrito Federal, o coito interrompido é pouco efetivo e a utilização da abstinência periódica fértil é classificada como moderadamente efetiva.

O método mais recomendado para os adolescentes são a camisinha masculina ou feminina, já que previnem de IST e gravidez precoce; pílulas combinadas e injeção mensal podem ser utilizadas pelas adolescentes desde a menarca (Brasil, 2006); minipílula e injeção trimestral não devem ser utilizadas antes dos 16 anos pelas adolescentes, além disto, ambos apresentam apenas progesterona em sua composição. O primeiro apresenta como desvantagens a regularidade do medicamento, ou seja, há uma estrita janela em que não pode haver atrasos e irregularidade menstrual (Brasil, 2006; Pinheiro, 2022). O segundo apresenta como desvantagens a irregularidade menstrual, ganho de massa, cefaleia, sensibilidade mamária, desconforto abdominal, alterações do humor, náusea, queda de cabelos, diminuição da libido, acne e atraso no retorno a fertilidade (Brasil, 2006; Manual de Anticoncepção Online, 2000).

O DIU não é recomendado para serem utilizados por adolescentes pois pode ocorrer expulsão do objeto. Ele também não é indicado para adolescentes com mais de um parceiro sexual por risco de contração de IST; por fim, métodos de esterilização também não são recomendados para adolescentes (Brasil, 2006).

A camisinha foi o exemplo do método contraceptivo mais citado. Este fato, por si só, é animador pelo fato de ser o método mais citado e, possivelmente, mais utilizado; além disto, a camisinha masculina pode ser adquirida gratuitamente em unidades e postos de saúde e pode explicar o motivo de ter sido bastante citada. Apesar deste método parecer ser considerado importante e possivelmente mais utilizado, é preciso reconhecer que o adolescente apresenta sentimento de onipotência e, portanto, se sente imune aos riscos existentes desta fase em especial. É importante, neste caso, garantir eles saibam utilizar o preservativo para proteção própria e do outro (Silva *et al.*, 2004).

De acordo com Silva *et al.* (2004), 56 % da população estudada utiliza o preservativo masculino como método preventivo e 90% dos pesquisados que utilizam a camisinha fazem o uso incorreto dela. Tal fato constitui um alerta sem precedentes sobre a vulnerabilidade dos adolescentes às IST e gravidez precoce somado ao fato de estes pensarem que não serão

acometidos por alguma doença transmitida via ato sexual ou uma gravidez em plena fase transitória da adolescência. Este dado é importante para que se valorize as discussões sobre educação sexual não apenas nos meios escolares, mas também na convivência familiar tanto para rapazes quanto para moças sexualmente ativos e ativas ou não.

Nenhum método contraceptivo é 100% eficaz, mas se usado de modo correto pode ter uma eficácia bastante significativa. Segundo Albuquerque (2010), para que um método seja bem aceito e receba uma avaliação positiva de um público específico, é essencial considerar e abordar de maneira eficaz suas características, vantagens e desvantagens. O objetivo é aprimorar as experiências sexuais com o método em questão.

O preservativo feminino tem como vantagens: não ter efeitos sistêmicos (Finotti, 2015), proteger contra gravidez e algumas IST (Finotti, 2015), possibilitar a negociação sexual pelas mulheres com os homens (Albuquerque, 2010), apresentar maior resistência e durabilidade se comparado ao preservativo masculino (Barbosa, 2000), menor perda de sensibilidade se comparado ao preservativo masculino (Finotti, 2015), não apresentar efeitos colaterais ou reações alérgicas aparentes (Finotti, 2015), inserção e retirada do preservativo feminino sem que o pênis esteja ereto (Kalckman, 2007), reduzido risco de aquisição de irritações e traumas em geral (Barbosa, 2000), e é confortável, se utilizado de maneira correta (Finotti, 2015).

Como desvantagens, ele apresenta: o custo elevado individual e em larga escala (Portugal, 2003), tradição feminina de não utilização de métodos internos de barreira (Barbosa, 2000), o objeto pode apresentar sonoridade durante o ato sexual (Finotti, 2015), inexperiência e dificuldade no manuseio durante o ato sexual que pode causar trauma (Brasil, 1999), pode haver redução do prazer para a mulher que não souber utilizá-lo (Finotti, 2015) e baixo nível de conhecimento dos profissionais de saúde sobre como utilizar o preservativo feminino para as mulheres (Barbosa, 2000; Oliveira *et al.*, 2008).

O preservativo masculino tem como vantagens: ausência de efeitos sistêmicos (Finotti, 2015), praticidade na utilização (Finotti, 2015), baixo custo em relação ao preservativo feminino (Finotti, 2015), não requer prescrição médica para utilização (Finotti, 2015), pode reduzir a sensibilidade do pênis e retardar a ejaculação precoce – o que prolongaria o ato sexual – (Frezieres *et al.*, 1999) e proteção contra IST (Holmes; Levine; Weaver, 2004).

Como desvantagens, ela apresenta: fissão do material ou deslizamento para o colo uterino por mau uso (Gallo; Grimes; Schulz, 2003), desconforto por compressão do preservativo (Frezieres *et al.*, 1999) e reação alérgica devido ao látex (Turjanmaa; Reunala, 1989). O ato de reduzir a sensibilidade e retardar a ejaculação (Frezieres *et al.*, 1999) é uma

desvantagem para o homem que é apressado e, muitas vezes, desconsidera o prazer da outra parte, pensando apenas em si próprio.

O DIU, com exceções, não é recomendado para uso em adolescentes; porém, ele é um método químico bastante efetivo quando utilizado, podem conter hormônios (Hara *et al.*, 2022) ou não, ter um bom custo-benefício, é prático, tem longa ação, é local, não aumenta, tampouco diminui o risco de aquisição de IST (UNFPA, 2021) e, após retirado, retorna-se rapidamente a condição de fertilidade (Brasil, 2018).

O uso deste anticoncepcional é bastante restrito às mulheres adolescentes; outrossim, eles são ofertados insuficientemente pelo SUS e há um desconhecimento de mulheres sobre o mecanismo de ação do dispositivo (Heilborn *et al.*, 2009). Provavelmente, estas características fizeram com que não fosse tão citado pelos respondentes da pesquisa.

Pílula, anticoncepcional, injeção, implante e adesivo são todos métodos contraceptivos que liberam hormônios sintéticos que interferem no ciclo menstrual feminino e, portanto, há interferência em uma possível gravidez. O comprimido anticoncepcional oral, conforme pontuado por Cardoso *et al* (2019) pode oferecer risco quando, de modo inadequado, é indicado para adolescentes.

Anderl; Li; Chen (2019) reportaram que mulheres que utilizaram anticoncepção oral na adolescência têm maiores chances de desenvolverem depressão na vida adulta devido ao medicamento influenciar as regiões corticais e subcorticais. Brajic *et al.* (2018) relataram que houve redução de densidade mineral óssea na região do colo do útero e do quadril em mulheres, na faixa etária de 16 a 24 anos, que utilizaram o fármaco em comparação àquelas não usuárias.

Apesar dos riscos, quando corretamente indicado, o uso desta contracepção confere proteção em casos de anemia, cisto folicular, DIP, redução sintomática da dismenorreia, dos ciclos hiper-hemorrágicos da endometriose, regulação do ciclo menstrual, redução de cólicas e melhorando a acne (Todd; Black, 2019).

A pílula do dia seguinte, conforme o MS (Brasil, 2005), é classificada como uma anticoncepção de emergência, que utiliza compostos hormonais concentrados e em um curto período de tempo, e pode evitar a gravidez após o ato sexual. Ela tem indicação em casos excepcionais que objetivam prevenção de gravidez inoportuna (Bellagio, 1995). São reportados na literatura casos de náuseas e vômitos (Webb, 1995) e, em menor proporção, cefaleia, dor mamária e vertigens (Schiavon *et al.*, 2000).

Segundo o MS (Brasil, 2005), as adolescentes que fazem uso da pílula do dia seguinte não reduzem o uso do preservativo e também a utilizam dentro das indicações recomendadas, sem evidências de uso abusivo deste tipo de medicamento. Figueiredo; Andalaft Neto (2005)

em um estudo com 783 estudantes, demonstraram que, quando não há parceiro sexual fixo, a tendência é utilização de métodos contraceptivos combinados que são o preservativo e a anticoncepção de emergência; mas, quando o parceiro é fixo e, portanto, há a questão de manutenção de vínculo de confiança no parceiro e a despreocupação em proteção contra IST, o consumo do anticoncepcional subiu 8% para quem tem namorado e 14% para as mulheres que residiam com o parceiro.

Os anticoncepcionais orais e a pílula do dia seguinte parecem ser bastante difundidos entre os adolescentes, provavelmente, pelo custo-benefício a depender do medicamento utilizado. Várias adolescentes desejam ocultar da família uma vida sexual ativa e anticoncepcionais orais podem ser uma “evidência” desta atividade, se forem encontrados na bolsa ou em gavetas, por familiares. Desta forma, muitas jovens preferem usar a pílula do dia seguinte, principalmente se não possuem um parceiro fixo. Deve-se atentar ao fato de que a pílula do dia seguinte parece ser utilizada com bastante frequência, por se tratar de um método emergencial e de fácil aquisição em farmácias. Todavia, deve ser um método que realmente deve ser usado em casos emergenciais por conter significativa quantidade de hormônios que alteram o ciclo menstrual quando tomados.

Os anticoncepcionais injetáveis seguem características semelhantes aos orais e, além disto, eles são uma eficiente alternativa para aqueles que enfrentam dificuldades no uso diário de contraceptivos orais. Especialmente para pacientes jovens, a consideração do risco de esquecimentos na administração diária é crucial ao fazer a escolha contraceptiva (Lubianca, 2016).

A vantagem dos injetáveis reside na sua menor dependência da usuária de lembrar em ingerir algo periodicamente, o que contribui para um maior sucesso contraceptivo (Lubianca, 2016). Apesar das vantagens, ainda parece ser desconhecido entre as pessoas visto que, nesta pesquisa, apenas 8% dos respondentes citaram este método. Tal dado está em consonância ao encontrado por Olsen *et al.* (2018) em que apenas 13,7% das entrevistadas citaram o método contraceptivo. Um possível fator é que este medicamento foi implantado recentemente na RENAME e também no programa Farmácia Popular do Brasil com a finalidade de fornecimento gratuito em unidades próprias ou subsidiado na rede comercial de drogarias (Olsen *et al.*, 2018).

O implante subepidérmico é um sistema de liberação hormonal alternativo à via oral que tem como vantagem a liberação constante, lenta e prolongada dos esteroides. Seu efeito progestogênico aumenta a aderência do muco cervical, inibindo a inserção dos espermatozoides (Lubianca, 2016). Por outro lado, a imprevisibilidade menstrual foi identificada como o

principal efeito colateral dos implantes. Os escapes menstruais são uma queixa comum, podendo resultar na interrupção do uso (Lubianca, 2016).

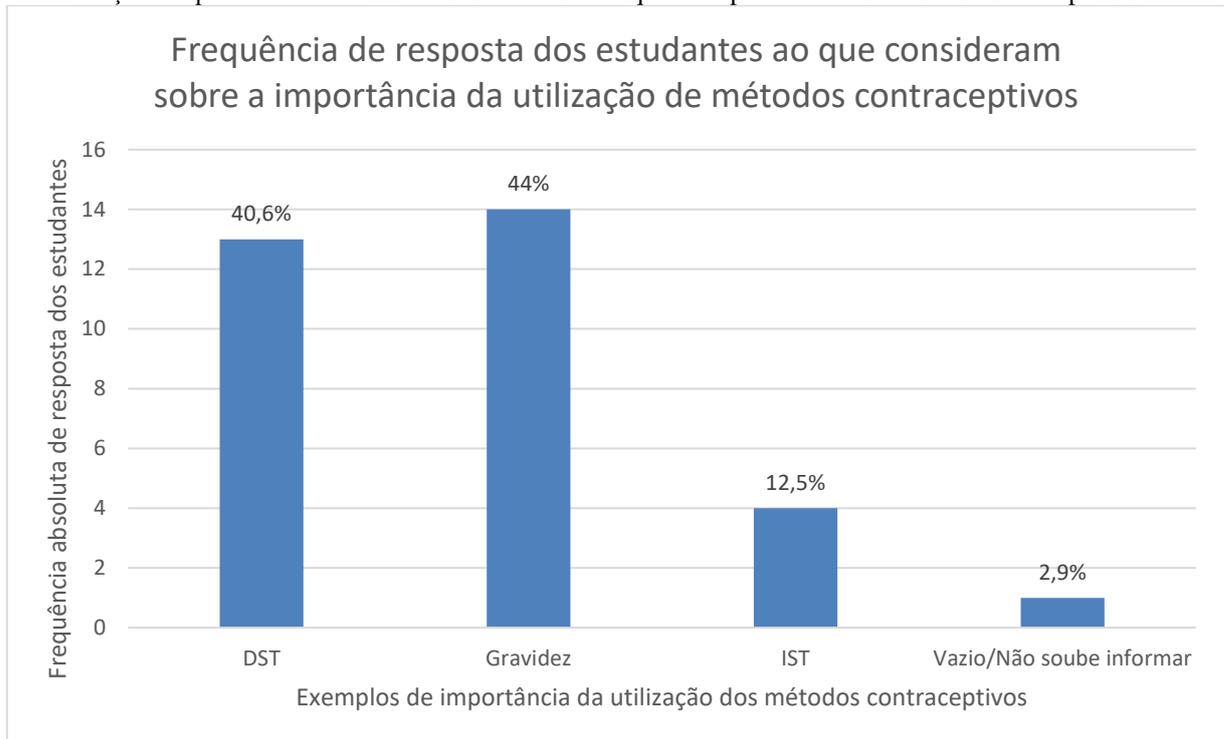
O preço é outro fator a ser considerado, pois restringe a sua aquisição a mulheres com elevado poder econômico e, portanto, a uma pequena parcela da população. Isto poderia responder o porquê de o implante subepidérmico obteve apenas uma menção no questionário. Ademais, como há êxito dessa contracepção de longa duração, o implante pode ser uma alternativa viável para as adolescentes (Lubianca, 2016).

Os adesivos anticoncepcionais são uma forma ainda recente de contracepção e apresentam eficácia semelhante aos anticoncepcionais orais que, ao serem implantadas na pele, liberam hormônios que caem diretamente na corrente sanguínea e inibirão a ovulação (Espírito-Santo; Tavares-Neto, 2004). Esse método é bastante desconhecido entre as mulheres e corrobora com o trabalho de Olsen *et al.* (2018), no qual foram observados que foi um dos métodos menos conhecidos entre as mulheres de seu estudo.

Olsen *et al.* (2018) destacam que este método ainda não foi incorporado pelo MS e pode responder o porquê recebeu apenas uma menção neste trabalho. É importante que haja uma diversidade de métodos contraceptivos que proporcione liberdade de escolha, alinhando-se à vontade da mulher e sua fase de vida, aumentando assim as chances de evitar gestações não planejadas (OMS, 2014). México e Inglaterra são exemplos de países que já disponibilizam o adesivo de forma gratuita pelo sistema de saúde (Olsen *et al.*, 2018).

Em relação a pergunta 18: “Você saberia informar qual a importância dos métodos contraceptivos?”, 14 respondentes citaram que os métodos contraceptivos protegem contra uma possível gravidez (44%). Em seguida, os respondentes citaram DST e IST com 40,6% (13 estudantes) e 12,5% (quatro estudantes), respectivamente das menções; por fim, um estudante (2,9%) deixou a resposta em branco. Essas respostas foram consideradas, primeiramente, de forma isolada.

Gráfico 5: Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você saberia informar qual a importância dos métodos contraceptivos?”



Fonte: Dados do Autor.

Pela análise do gráfico, é nítido que os estudantes participantes sabem da importância da contracepção, apesar de haver um respondente que deixou a assertiva em branco. Também é importante citar o fato da maioria dos estudantes mencionarem DST em vez de IST. Isso demonstra que muitos ainda apresentam um conhecimento defasado sobre a mudança da terminologia pelo MS. Ao unirem as porcentagens relacionadas as doenças, tem-se um resultado de 56,5% que se pode inferir que os respondentes parecem estar mais preocupados em adquirir uma doença à gravidez.

Dias *et al.* (2010) comentam que os adolescentes demonstraram falta de conhecimento sobre seus próprios corpos e mostraram-se incapazes de identificar os sintomas das IST. Há uma associação equivocada, comumente observada, de que uma pessoa com aparência saudável não pode estar infectada, o que aumenta o risco de contraírem IST. Tal estudo corrobora os dados encontrados neste trabalho em que os estudantes apresentam um temor maior a IST em relação à gravidez.

Oliveira *et al* (2013) demonstraram que o HIV/Aids é a IST mais reconhecida pelos adolescentes e o grupo estudado revelou ter conhecimento insuficiente para diferenciar a doença e o agente causador, revelando também desconhecimento de outras infecções relacionadas. Isto é preocupante, pois a adolescência é o período de maior incidência dessas infecções. Brêtas *et al.* (2009) analisaram que muitos adolescentes desconhecem as formas de contágio das IST,

revelando uma lacuna na eficácia da divulgação de informações por meio dos veículos sociais. A falta de conhecimento sobre os sinais, sintomas e modos de transmissão é especialmente preocupante neste grupo.

Analisando-se o teor das respostas em relação ao questionamento anterior e quando se relaciona que um método pode prevenir contra gravidez indesejada e IST, foi encontrado que 11 dos 18 respondentes que assinalaram exemplos (61%) de métodos de barreira e métodos químicos numa mesma assertiva ou apenas métodos de barreira, assinalaram também que protegeria de uma DST/IST e gravidez precoce. Provavelmente estes estudantes devem ter ouvido, em alguma mídia digital ou por meio de um adulto, que a camisinha ou a combinação de métodos garantiria uma proteção efetiva contra uma IST e gravidez concomitantemente.

Todavia, isto pode desencadear um alerta sobre se realmente eles sabem de fato que uma combinação de preservativo e medicamento ou a utilização apenas da camisinha masculina ou feminina apresenta uma excelente eficácia contra DST/IST e gravidez precoce. Outros três respondentes informaram que apenas evita a transmissão de doenças (17%); dois respondentes informaram que apenas evita a gravidez (11%); um estudante assinalou que métodos químicos protegem contra gravidez e IST (5,5%) e um estudante deixou a pergunta em branco ou não soube responder a pergunta (5,5%).

Apesar da maior parte saber que a combinação de métodos ou a utilização correta da camisinha protege contra eventual gravidez precoce e IST, os outros 7 estudantes que responderam de modo incompleto (39%) têm uma visão limitada sobre a real importância de métodos contraceptivos. Destes estudantes, cinco são do grupo masculino e duas são do grupo feminino. Devido ao número pequeno de respondentes, não há como prever se realmente homens sabem menos que mulheres no que concerne sobre a importância da utilização de métodos contraceptivos.

Silva *et al.* (2007), trabalhando com 406 estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e particulares da cidade de São Carlos-SP, encontraram que a falta de conhecimento sobre métodos de contracepção independe do sexo e escola de origem do estudante. Os autores ainda apontam que deve haver uma intervenção adequada com adolescentes e jovens e mudança de atitude dos responsáveis e profissionais de saúde que discutem o assunto, já que estes grupos são fontes de orientação relatadas pelos participantes do estudo.

Martins *et al.* (2006), trabalhando com 1.594 adolescentes entre 12 e 19 anos, de 13 escolas públicas e 5 privadas, encontraram que os estudantes de ambas as instituições apresentam conhecimento adequado sobre prevenção de DST, porém ele não é determinante na

adoção de atitudes efetivas de prevenção, portanto, são necessários programas de conscientização sobre DST/Aids com a finalidade de reduzir vulnerabilidades.

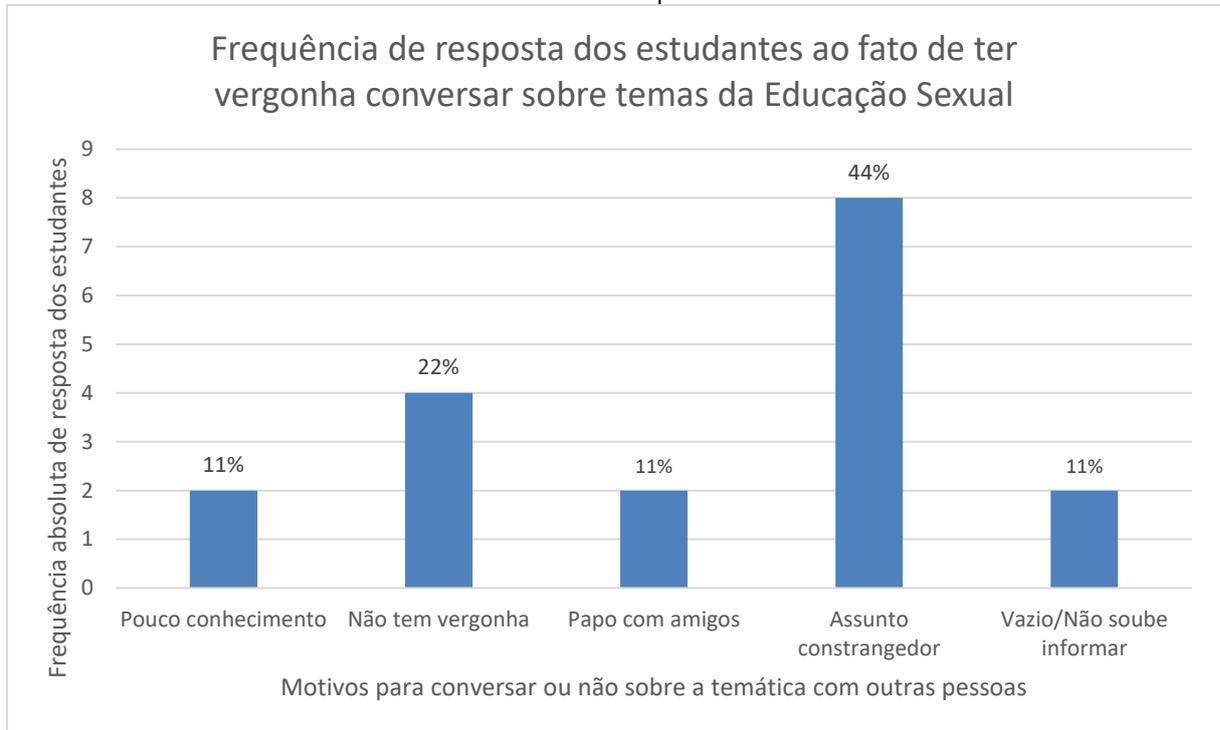
Romo *et al.* (2004) comentam que embora os pais possam exercer influência no comportamento sexual de seus filhos, muitos enfrentam desafios ao iniciar conversas sobre o assunto, e os filhos frequentemente se sentem desconfortáveis ao responder perguntas pessoais. Devido a isto, programas preventivos e orientadores poderiam contemplar também os responsáveis pelos adolescentes (Silva *et al.*, 2007). É tempestiva a necessidade de inclusão dos pais na vivência da educação sexual do filho, pois, conforme apontado por Cabral (2003), há uma relação direta entre o desconhecimento sobre contracepção e a ocorrência de gravidez precoce.

A escolha e compreensão adequada de métodos contraceptivos são fundamentais para evitar não apenas gravidez precoce, mas também IST. A educação abrangente neste sentido capacita os indivíduos a tomarem decisões informadas, promovendo relacionamentos seguros e responsáveis, além de contribuir para a redução desses efeitos adversos.

Em relação ao questionamento 19: “Você tem vergonha de falar para alguém os temas que envolvam a área de educação sexual? Por quê?”, oito estudantes afirmaram que é um assunto constrangedor a ser conversado (44%). Quatro estudantes (22%) afirmaram não ter vergonha de dialogar sobre o tema. 11% afirmou ter pouco conhecimento sobre a temática, 11% afirmou que o diálogo se restringe aos amigos e 11% deixou a pergunta em branco ou não soube informar que corresponderam a dois estudantes cada respectivamente.

É necessário que escola e responsáveis busquem dialogar com adolescentes sobre a temática para que estes retenham conhecimentos corretos sobre o assunto e possam refletir sobre a razão deste tema ser, ainda, um tabu. A desmistificação de conceitos, a normalização dos termos, o diálogo em ambientes diversos, sem censura ou cerceamento e a formação e atualização de professores sobre o tema, modificando práticas e atitudes no enfrentamento de preconceitos e discriminações é necessária.

Gráfico 6: Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você tem vergonha de falar para alguém os temas que envolvam a área de educação sexual? Por quê?”



Fonte: Dados do autor.

Conforme apontado por Ew *et al.* (2017), no contexto escolar, a temática é discutida em sua biologia, apenas, e aspectos comportamentais, psicológicos e motivacionais têm encontrado resistência em serem dialogados com estudantes pelos professores. No pretérito, dialogar sobre sexualidade, era observado como desrespeitoso e desnecessário; todavia, na atualidade, a sociedade tem conversado sobre gravidez precoce, aborto, contracepção, IST, identidade e orientação de gênero, dentre outros exemplos. Mas vale adicionar uma observação de que tais pautas são permeadas de receios e tabus dentro das instituições escolares (Santos *et al.*, 2023).

Ainda consoante Santos *et al.* (2023), em sua pesquisa com 53 estudantes com faixa etária entre 16 e 18 anos, eles observaram que 64% deles não debatiam o tema de educação sexual em sala de aula. É necessário debater e discutir a temática dentro do recinto escolar (Quirino; Rocha, 2012). Em relação à família, ela ainda se mantém na defensiva em conversar com os filhos sobre temas relacionados à sexualidade, além disso, a ausência de um diálogo sério sobre o assunto pode levar o adolescente a desenvolver a sexualidade baseada em conceitos equivocados buscados na internet, na maior parte das ocasiões (Gonçalves; Faleiro; Malafaia, 2013).

Santos *et al.* (2023) afirmaram que a maior parte dos estudantes buscam a internet como fonte de informação primária, seguido dos colegas e amigos como fonte de informação

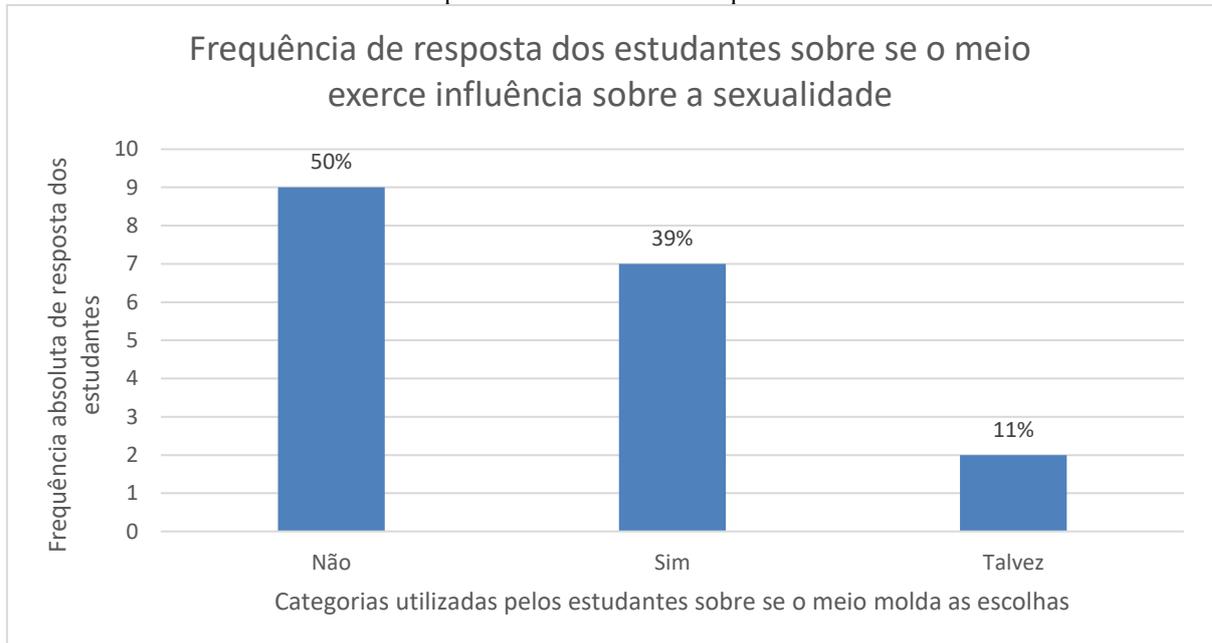
secundária; apesar de não ter um resultado expressivo, 5,7% dos entrevistados permanecem com a dúvida para si e não dialogam sobre a mesma. Ainda sobre o trabalho dos autores, eles comentam que o maior empecilho encontrado pelos discentes pesquisados é a vergonha, pois há constrangimento dos estudantes para conversar sobre sexualidade com o professor, já que o tema é pouco debatido em sala de aula e, por esta razão, não há esclarecimento de dúvidas sobre o assunto.

O papel do professor é oferecer conhecimento e inovar em questionamentos que possibilitem a interação e não o de indicar o que algo é certo ou errado, pois se distanciará do aluno (Almeida *et al.*, 2011). Ademais, Miranda; Barros (2019) ressaltam que a escola não deve impor uma única verdade absoluta, mas importa, mediar o conhecimento e a informação para que o educando possa ter a capacidade de escolher como exercerá a sua sexualidade.

Em relação ao questionamento 20: “Você acha que o meio no qual você vive tem influência sobre suas escolhas e/ou preferências sexuais? Por quê?”, nove respondentes relataram que o meio não exerce influência (50%). Para sete estudantes (39%), todavia, o meio exerce sim alguma influência sobre escolhas e/ou preferências sexuais; dois estudantes (11%) afirmaram que é uma possibilidade que o meio possa exercer algum tipo de influência sobre as escolhas e/ou preferências sexuais.

Apesar de metade afirmar que o meio onde vive exerce influência, uma expressiva porcentagem (categorias “sim” e “talvez”) que correspondem ao somatório de 50%, afirmou que o meio exerce ou pode exercer, respectivamente, algum tipo de influência sobre os adolescentes, provavelmente permeado por tabus e ideias errôneas sobre sexualidade que ainda existem e são sólidas na sociedade atual e, ainda mais, em cidades interioranas, de pequeno a médio porte e que não sejam capitais, nas quais ainda existe um forte conservadorismo cultural e religioso. Neste caso, as pessoas que não se encaixam em um perfil heteronormativo, poderão manifestar sua verdadeira sexualidade distante do local de origem ou quando saem das casas de seus respectivos pais ou responsáveis, ou ainda, estas duas características combinadas. Em vários casos, um indivíduo pode passar anos reprimindo a sua sexualidade, sem nunca a aceitar ou assumi-la tardiamente.

Gráfico 7: Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você acha que o meio no qual você vive tem influência sobre suas escolhas e/ou preferências sexuais? Por quê?”



Fonte: Dados do autor.

Conforme a OPAS (2017) o descentramento do sujeito moderno, que passou a ser entendido como multidimensional e não mais fixo, é a principal força motriz na luta por reconhecimento das subjetividades e identidades políticas de diversos grupos sociais, como mulheres, pessoas pretas e LGBT. É importante também que se reconheça a identidade de grupos marginalizados para que se expressem como são com a finalidade de vencer a discriminação e terem acesso aos mais variados serviços públicos.

A discriminação contra adolescentes LGBTQIAPN+ nas escolas pode ter consequências graves, como sofrimento psíquico, defasagem, abandono escolar e, em alguns casos, engajamento no ativismo político. A partir deste viés, tem-se a homofobia institucionalizada que se expressa na negação das subjetividades, no preconceito e na discriminação.

A sociedade conservadora tenta enquadrá-los em tipos predeterminados de comportamento, formas de vestir e de viver sua sexualidade. Nas instituições escolares, devem ser fortalecidos os espaços de escuta e valorização dos diferentes saberes, como a educação entre pares, para minimizar esses impactos negativos (OPAS, 2017).

Para grupos LGBTQIAPN+, o impacto do meio na vida deles é maior se comparado aos grupos heterossexuais. Sousa; Fernandes; Barroso (2006) encontraram que concepções equivocadas sobre sexualidade, as quais podem estar presentes na família, exercem influência significativa em adolescentes ao ponto de que conversar sobre sexo, poderiam supostamente, induzi-los a praticar o ato sexual.

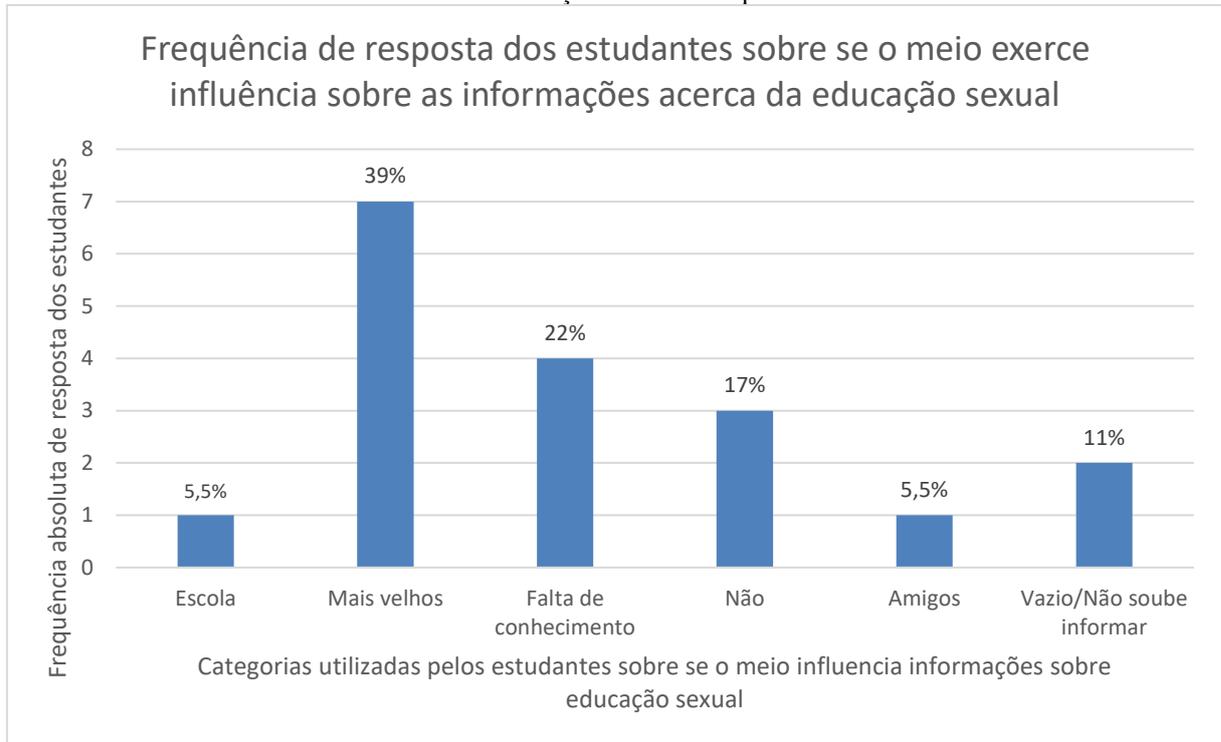
Torna-se muito importante que dúvidas sejam dirimidas, tanto dos pais e responsáveis quanto dos adolescentes, para que a saúde e a qualidade de vida deste grupo não sejam prejudicadas. Marola; Sanches; Cardoso (2011) observaram que a maioria dos adolescentes estudados têm contato com o tema de sexualidade na escola e em casa, mas para estes, os amigos ainda são uma forte influência quando se trata desta temática em particular.

O perfil sexual do adolescente é influenciado por uma complexa interação de fatores, como localidade, família e amigos. Esta rede interacionista desempenha papel crucial na formação de atitudes e comportamentos sexuais. Reconhecer essas influências é essencial para abordar holisticamente a sexualidade dos adolescentes, promovendo ambientes que fomentem compreensão, respeito e um desenvolvimento saudável de suas identidades sexuais.

Em relação ao questionamento 21: “Você acha que o meio no qual você vive tem influência sobre suas informações sobre educação sexual? Por quê?”, sete respondentes afirmaram que os mais velhos têm este papel influenciador (39%). Neste caso, pode-se destacar a figura dos pais, tios e primos como influenciadores no que tange a educação sexual, pelo estudante estar mais perto e ter convívio diário com figuras familiares. Quatro (22%) respondentes alegaram desconhecimento da temática, ou seja, o meio, para estes, não oferta conhecimento algum sobre educação sexual; para três estudantes (17%), o meio não influencia o conhecimento sobre a educação sexual; dois estudantes (11%) deixaram a pergunta em branco e houve apenas uma assertiva à escola (5,5%) e aos amigos (5,5%) como influenciadores de informação sobre a educação sexual.

Este questionamento procurou analisar se o meio exerce influência sobre a temática da educação sexual. A menção única da resposta de que os amigos exercem influência foi surpreendente, pois esperava-se que esta categoria exercesse uma influência maior na vida dos adolescentes. Uma possibilidade é que os adolescentes possam discutir o assunto com seus amigos, mas isso não é uma resposta definitiva para suas dúvidas. Eles também podem buscar confirmação dessas dúvidas com seus familiares. Outra hipótese é de que o adolescente recebe a informação de amigos, mas não acate a mesma por apresentar uma ideia sólida na sua mente e, portanto, desconsiderar a influência do meio.

Gráfico 8: Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você acha que o meio no qual você vive tem influência sobre suas informações sobre educação sexual? Por quê?”



Fonte: Dados do autor.

Apesar dos mais velhos exercerem influência informacional na educação sexual sobre os adolescentes, o diálogo muitas vezes é permeado por barreiras culturais, tabus e preconceitos que as pessoas mais maduras formam e que dificulta a conversa entre adultos e adolescentes (Almeida; Centa, 2009; Brêtas *et al.*, 2011; Cano, 1997; Costa, 1986; Santos; Costa-Dalpino, 2019). Santos *et al.* (2023) destacam que a questão da sexualidade continua a ser um tabu na sociedade, evidenciando a persistência de preconceitos tanto no âmbito familiar quanto escolar. Isto está relacionado a aspectos religiosos, situações de medo e vergonha em relação ao julgamento social, conservadorismo e até mesmo falta de conhecimento sobre o assunto.

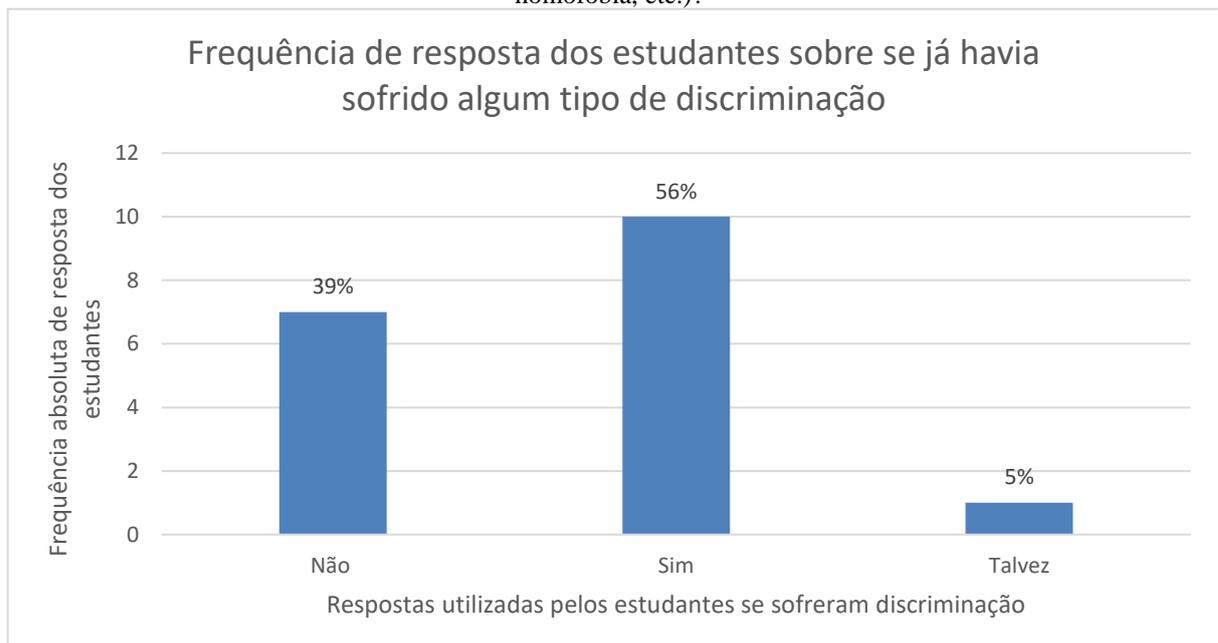
Vasconcelos *et al.* (2023) argumentam que a ausência informacional e a ineficácia familiar e escolar são responsáveis para uma exposição maior dos adolescentes às IST e que estes irão buscar dirimir dúvidas através da educação sexual informal. Essa informalidade está presente no círculo de amigos que agregam notícias falsas e as transmitem como sendo verdadeiras. É relevante explorar o contexto e a influência social para que o adolescente saiba agregar o conhecimento de fato e seja um disseminador de notícias realmente verdadeiras sobre a temática de educação sexual (Vasconcelos *et al.*, 2023).

Em relação ao questionamento 22: “Você já sofreu ou algum tipo de discriminação (bullying, assédio sexual, homofobia, etc.)?”, sete estudantes (39%) afirmaram não terem sido

discriminados; 10 respondentes afirmaram que já sofreu algum tipo de discriminação na escola (56%) e dentro deste grupo estão inseridas as pessoas que se identificaram como bissexuais e a pessoa que se identificou como homossexual. Um estudante respondeu que talvez tenha sido discriminado (5%).

A pergunta 23 está relacionada diretamente a pergunta 22: “Caso sim, poderia descrever?”, no qual duas das três pessoas bissexuais argumentaram que foram vítimas de comentários homofóbicos realizados na escola ou na internet; além disto, houve duas moças que relataram que foram vítimas de assédio sexual, na qual uma comentou que foi vítima por um funcionário terceirizado da segurança escolar e a outra comentou que foi vítima de assédio por um idoso em via pública. Os outros estudantes que relataram que sofreram discriminação preferiram não comentar nada, alegando desconforto em relação à pergunta e o estudante que respondeu “talvez” informou que não saber se a informação procedia verdadeira.

Gráfico 9: Frequência de resposta, em números absolutos e em porcentagem, dos participantes da pesquisa em relação ao questionamento: “Você já sofreu ou algum tipo de discriminação (bullying, assédio sexual, homofobia, etc.)?”



Fonte: Dados do autor.

A escola é o ambiente da diversidade. Enquanto instituição encarregada da socialização de valores relacionados ao reconhecimento e respeito às diferenças na sociedade, ela também pode inadvertidamente reproduzir juízos, crenças, estereótipos e significados que perpetuam padrões de normalidade e, conseqüentemente, estabelecem critérios de exclusão nas relações sociais (Cordeiro; Buendgens, 2012).

Ela tem historicamente desempenhado o papel de instituição que seleciona e diferencia socialmente. Portanto, é inegável a seletividade presente na prática institucional escolar, por vezes com características elitistas. A vivência do preconceito torna-se evidente nos movimentos de exclusão que são bastante prevalentes no cotidiano brasileiro (Aquino, 1998).

A identidade sexual e de gênero é um processo em constante transformação e flexibilidade, sendo interpretada, historicamente, como uma relação social contraditória e em constante evolução. Ao compreender a sexualidade como um processo contínuo de construção e desconstrução, evita-se a redução do discurso a uma normalização que fixa as figuras como naturais e imutáveis (Cordeiro; Buendgens, 2012).

Conforme a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (São Paulo, 2009), os papéis de gênero são socialmente definidos, moldando como se espera que homens e mulheres se comportem. A sociedade impõe normas específicas, como a virilidade para homens e a maternidade para mulheres. Sentir atração pelo mesmo sexo é uma expressão válida da sexualidade humana, não sendo uma anomalia, e não há necessidade de "cura" para a homossexualidade, bissexualidade, transexualidade ou travestilidade, pois essas não são condições patológicas.

Cordeiro; Buendgens (2012), trabalhando com 12 estudantes com idades entre 14 e 17 anos, relataram que quatro estudantes sofreram preconceitos por serem homossexuais. Tal fato pode demonstrar que os grupos LGBTQIAPN+, os quais se amovem da heteronormatividade, são sempre, ou quase sempre, discriminados por se distanciarem de um padrão imposto socialmente. Sabat (2004) afirma que a naturalização da identidade heterossexual, por meio da normalização, resulta na marginalização de outras identidades que se formam de maneiras diferentes das hegemônicas.

A escola e a sociedade determinam padrões específicos de feminilidade e masculinidade, além de reforçarem a ideia de que existem maneiras mais adequadas e socialmente desejáveis de vivenciar a sexualidade (Cordeiro; Buendgens, 2012). Para uma considerável parte dos profissionais na área da educação, a homossexualidade é percebida como uma questão problemática (Moreira, 2005). Isto é dado em um momento onde quando um comportamento é associado ao desvio da norma socialmente aceita, ser heterossexual neste caso, resulta em preconceitos, vigilância e hostilidade dirigidos aos estudantes (Cordeiro; Buendgens, 2012).

Em relação as mulheres que sofreram assédio na escola e em um espaço público, faz-se necessário discutir este tipo de violência, muitas vezes negligenciado pela sociedade. Silva *et al.* (2023) relataram que as instituições escolares não tomavam posicionamentos sobre as

condutas de assédio, ou lhes davam encaminhamentos considerados insuficientes, além disto, houve ausência no enfrentamento da problemática pelas escolas.

Os autores ainda relatam que as instituições escolares enfrentam os casos de maneira individualizada, muitas vezes culpabilizando as vítimas por imprudências ou vestimentas consideradas inadequadas. Essas práticas institucionais, que contribuem para a desigualdade de gênero, frequentemente se manifestam em situações de assédio. As alunas participantes do trabalho observaram uma dificuldade institucional formal em lidar com o assédio e combater as desigualdades de gênero. A gestão da escola falha em lidar com isto, resultando em uma experiência que reforça percepções de impunidade masculina e discriminação de gênero.

No que tange a moça vítima de assédio em local público, a escola reproduz a violência que existe na sociedade. Santos (2015) ressalta que não apenas é necessário reconhecer os mecanismos que perpetuam desigualdades de gênero nos espaços públicos, mas também é essencial examinar historicamente a legitimação social da violência perpetrada por homens contra mulheres. Isso inclui considerar as relações de poder intrínsecas às dinâmicas de gênero, entrelaçadas com as diferenças de classe, etnia e orientação sexual.

A discussão aberta sobre preconceitos e assédio sexual é essencial para criar ambientes educacionais e sociais seguros, promovendo a conscientização, prevenção e erradicação desses comportamentos prejudiciais. Capacita os indivíduos a reconhecerem e rejeitarem atitudes discriminatórias, contribuindo para uma cultura de respeito e igualdade. Essa abordagem também visa criar uma sociedade mais consciente e comprometida com relações saudáveis e respeitadas.

### **5.3 Análise das oficinas de dinâmicas em grupo**

As oficinas de dinâmicas em grupo constituíram um meio para atingir um fim. Conforme o MS, através do Manual do Multiplicador (Brasil, 2000), a adoção de dinâmicas participativas visa simplificar e tornar até mesmo divertida a reflexão sobre um tema desafiador, como IST/Aids. Através destas abordagens, são proporcionados aos discentes uma melhor compreensão e assimilação do conteúdo.

Quando se comenta do processo educativo, refere-se a uma forma específica de compartilhar conhecimentos e estimular mudanças de atitude. É um processo que envolve uma abordagem metodológica que orienta seu desenvolvimento. A ênfase não reside apenas na aplicação isolada de dinâmicas participativas, mas sim na estrutura metodológica que direciona o processo educativo. A técnica, por si só, não é formativa nem possui caráter pedagógico; ela

atua como uma ferramenta educativa, devendo ser empregada com base em um tema específico e um objetivo concreto.

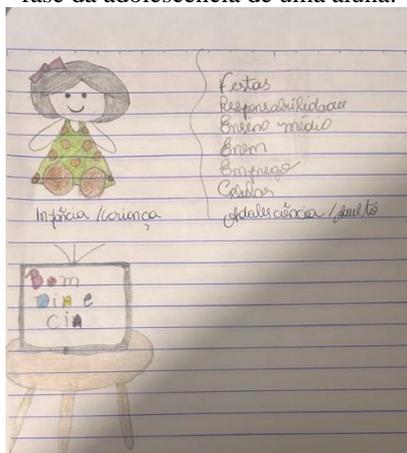
É necessário que, para que haja uma aprendizagem aprofundada e significativa, deve-se valorizar o conhecimento prévio que os estudantes trazem consigo e ancora-los aos novos conhecimentos. Para isto, as oficinas de dinâmica em grupo foram um meio para atingir uma aprendizagem da educação através do modelo biopsicossocial. Após a realização delas, houve um momento de culminância para que os estudantes demonstrassem o que apreenderam no transcorrer deste trabalho.

### 5.2.1 Adolescer

A oficina em dinâmica de grupo “Adolescer” visou investigar como os estudantes percebem a fase transitória da adolescência para a fase adulta. A análise ocorreu a partir das falas e interações entre os estudantes durante a oficina de dinâmica em grupo. Muitos relataram modificações corporais externas e hormonais neste período de vida, bem como mudanças culturais, de relacionamento e psicológicas, como pode ser observado nas fotografias 4 e 5. Isto ocorre em razão de influências biológicas e quaisquer influências externas aos indivíduos; além disto estes ainda poderão ser influenciados pelas pessoas que vivem na mesma localidade, como relatado por um estudante logo abaixo:

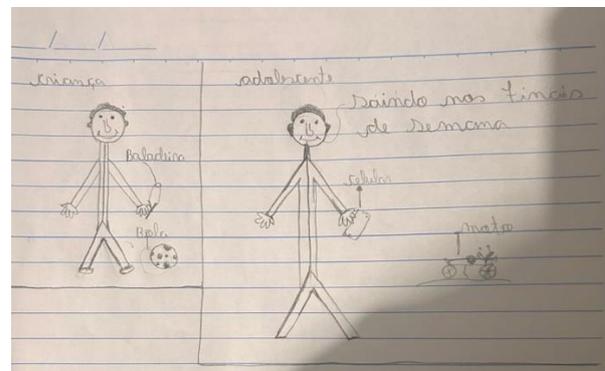
“Vai de pessoa a pessoa – como ocorre a adolescência” (EMB).

Fotografia 4: Representação da fase da infância e fase da adolescência de uma aluna.



Fonte: Arquivos do autor.

Fotografia 5: Representação da fase da infância e fase da adolescência de um aluno.



Fonte: Arquivos do autor.

Conforme Dantas *et al.* (2017), os adolescentes percorrem transformações corporais somáticas, metabólicas e neuromotoras que estão relacionadas ao seu crescimento e

desenvolvimento. Este processo dá-se pela ação dos hormônios sexuais nesta fase da vida (Pinto *et al.*, 2017). Além do aumento de gordura e massa corpórea, há crescimento da pelve e mamas nas meninas (Silva *et al.*, 2010) e aumento da massa muscular nos meninos (Goswami *et al.*, 2014).

Em termos de mudanças corporais, alguns participantes relataram que:

*“já tem a mudança que o homem em si, ele já tem aquelas mudanças, né, tipo, pelos faciais, essas coisas que eu já ia citar, só que eu pensei que isso é uma coisa mais ambígua, sabe, muita, uma parcela de homens, assim, eles têm muita quantidade, sabe, coisas que eu vi uma mudança muito rápida, tipo, acho que menos de 3, 4 anos, assim, eu vi uma mudança muito rápida, que tipo, foi a altura, eu, tipo, assim, meus pais, se a gente pega, se necessariamente a genética interfere, meus pais, eles são pessoas muito baixas, e eu tenho uma altura muito diferente da deles, que foi, tipo, assim, uma coisa que eu notei com uma certa, tanto que eu vejo das pessoas falarem, tanto que eu mesmo notei isso, sabe, a questão da voz. Porque ninguém que olha pra mim diz que eu tenho 16 anos, eu já fui confundido como esposo da minha mãe por situações como essa”* (EMB).

*“O que mais mudou foi minha altura e a minha voz, que foram coisas que mudaram bastante ao decorrer do tempo. Minha altura, né, porque eu era mais baixa e minha voz porque era muito rouca quando eu era menor, muito rouca mesmo. E acabou que ficou um pouco mais fina. Eu desenhei um cérebro pra representar minha mentalidade, que mudou bastante também minha forma de pensar, até de agir”*. (EFB)

Segundo Ferreira; Castro; Morgado (2014), a imagem corporal dos adolescentes é visualizada como uma construção cognitiva e uma resposta aos desejos, emoções e interações sociais. Ela engloba a dimensão perceptiva corporal que é relacionada ao julgamento do tamanho, forma e peso corporal, e a dimensão perceptiva atitudinal, que envolve os componentes afetivo, cognitivo e comportamental.

O U.S. Department of Health and Human Services (2018), aponta que a cognição está relacionada as alterações cerebrais que preparam as pessoas para a tomada de decisão através do surgimento de novas células cerebrais e “poda” do crescimento extra e fortalecimento de conexões; o emocional é um processo biológico impulsionado por mudanças físicas e cognitivas, influenciado pelo contexto e ambiente. Este processo oferece aos adolescentes a oportunidade de desenvolver habilidades, descobrir qualidades únicas e cultivar forças essenciais para uma saúde ideal, sendo influenciado pelo autogerenciamento emocional, hormônios, autoestima, formação da identidade e estresse.

Ainda, conforme o documento, no desenvolvimento social ocorre uma mudança em que o adolescente passa de um pequeno círculo social familiar para um grande círculo social além do contexto familiar que está relacionado a expansão do papel social que ele desempenhará; e no aspecto moral, as transformações cerebrais estimulam o pensamento mais profundo e abstrato, moldando a visão e interação dos jovens com o mundo, além de influenciar o

desenvolvimento da moral e valores para a vida adulta. As mudanças mais proeminentes ocorridas que ocorrem para este público são o desenvolvimento da empatia, o entendimento de das regras em sociedade, modificação da moral adolescente e o interesse em grandes questões.

O documento “Compreendendo o Adolescente” (Paraná, 2010), discorre que neste período as transformações sociais se manifestam nas relações familiares e no estabelecimento de novos vínculos sociais. Ele lida com a mudança na percepção dos pais, que passam a ser vistos de forma mais exigente em relação ao período da infância. O desejo de independência coexiste com a necessidade de apoio parental, enquanto o adolescente constrói relações importantes para seu desenvolvimento social e a definição de seu projeto de vida. Esse processo desafiador é essencial para o amadurecimento e a autonomia do jovem.

É notável que haja diferenças nas brincadeiras infantis atrelados aos meninos e as meninas, como se pode observar nos exemplos apresentados. Ademais, no período da adolescência, surgem itens que permeiam a cabeça dos adolescentes e que os acompanham constantemente: vestibulares, aparelhos telefônicos, responsabilidades, ensino médio, dentre outras. Alguns deles são constatados pelas frases dos estudantes:

*“Eu pensava assim, achando que ia viver a vida brincando de Maxsteel” (EMB).*

*“Também achava que ia viver brincando de boneca” (EFB).*

*“E na minha cabeça, eu ia brincar de boneca pra sempre na minha vida. Eu ia completar uns 30 anos brincando boneca. Mas acabou que mudou essa forma de pensar e eu acabei meio que trocando a boneca por um celular, que hoje é o meu maior meio de comunicação e eu não troco por nada. Não, por nada é uma palavra muito forte, né, mas. Eu não sei. É isso” (EFB).*

*“Eu acredito que a maioria dos meus colegas de sala acham que eu sou um grande viciado em celular, porque vivo com celular na mão” (EMB).*

Apesar de que em algumas falas foram mencionados apenas os celulares, pelos desenhos realizados pelos participantes, são constatados também outras preocupações. Acerca daqueles, Araújo; Silva; Moreira (2022) destacam que a tecnologia apresenta, como aspectos positivos, a comunicação entre pais, escola e amigos, facilidade na organização de tarefas e a localização dos adolescentes, e, como aspecto negativo, pode prejudicar relacionamentos interpessoais e contribuir para problemas psicológicos, depressão e isolamento social. É importante ter cautela quanto a utilização do aparelho para que não acarrete problema no adolescente.

Quanto ao aspecto da responsabilidade, Gadêlha; Gonçalves (2017, p. 13) discorrem que “é toda forma de posição civil que ele toma diante da sociedade, buscando auxiliar no processo de igualdade e qualquer outra postura que ele tome com o objetivo de desenvolver

ações de forma positiva sobre o meio em que vive”. Ser um adolescente responsável é ter consciência de direitos e deveres e agir em conformidade com eles; além disto, é também ter autocuidado em todos os aspectos e ter respeito por si e pelos outros, sendo ético, justo e solidário.

Em se tratando de vestibulares, a principal porta de entrada para a maioria dos estudantes é o ENEM, no qual eles enfrentam problemas de ordem psicológicos por motivo de não aprovação do mesmo. Rebouças; Fonseca; Souza (2018), documentaram que todos os entrevistados vivenciaram sentimentos de ansiedade e angústia; além disto, foram atribuídos o temor da reprovação, o sentimento de incapacidade, a insegurança e ao medo de decepcionar a família. Todas estas características elencadas desencadearam impactos emocionais durante a preparação e realização das provas do ENEM.

O aspecto emocional influencia o estudante e pode impactar na motivação, concentração, relações interpessoais e saúde mental. É necessário saber lidar com as emoções para o desempenho acadêmico e bem-estar geral dos estudantes, como relatado por um estudante:

*“o emocional que meu pai, eu acho que vem da genética, por genética do meu pai, eu sou uma pessoa que também se estressa com muita facilidade, isso é uma coisa que só piorou com o decorrer da idade. E eu sou uma pessoa muito mais emotiva, que já era quando criança, só piorou com o avançar da idade”.* (EMB)

Justo; Enumo (2015) observaram que, para 53 dos 89 participantes da pesquisa, ter preocupações emocionais foi o segundo evento mais estressante e desencadeador de resposta negativa. Ainda conforme as autoras, as preocupações emocionais, sentimentos desfavoráveis e a inquietação em relação à autoimagem são resultadas das interações interpessoais. Entre estas, incluem-se a busca pela aceitação no círculo de amigos e a pressão para se adequar aos padrões de beleza impostos.

A adolescência frequentemente envolve inseguranças relacionadas à identidade, aparência, aceitação social e decisões. Essa fase de transição pode desencadear sentimentos de vulnerabilidade e autocrítica, influenciados por pressões sociais, bem como por mudanças físicas e emocionais.

*“Eu sou muito inteligente pras coisas, porém eu não consigo ver isso em mim mesmo, porque eu sou uma pessoa que tem um mal da procrastinação e eu vivo não fazendo aquilo, mas tipo, por convivência e autodidatismo de pelo menos entender aquilo, eu aprendo, mas tipo, eu não consigo ver essa capacidade toda que geralmente as pessoas falam, e é isso”.* (EMB)

Justo; Enumo (2015) também identificaram outros fatores estressores que desencadeiam respostas negativas nos adolescentes: de caráter relacional, trabalhos escolares excessivos e ter de estar próximo a pessoas que são ofensoras. Quanto aos aspectos relacionais, tem-se problemas com os pares e restrições em casa. Isto é fonte significativa de estresse, destacando-se as relações com amigos, que, quando problemáticas, geram impacto significativo. As relações com os pais também contribuem para o problema, especialmente quando as regras estabelecidas não correspondem às expectativas dos adolescentes, resultando em restrições em casa. A dificuldade em lidar com pessoas desconsideradas reflete uma intolerância nas relações interpessoais quando estas não atendem às expectativas.

O entendimento abrangente da adolescência é essencial para promover o desenvolvimento saudável dos jovens de modo que a colaboração entre escola e família desempenha um papel crucial, fornecendo suporte acadêmico e emocional. Ao reconhecer as complexidades enfrentadas pelos adolescentes, essa abordagem integrada visa atender às suas necessidades holísticas, preparando-os para os desafios da vida adulta. A interação entre educação e ambiente familiar cria um contexto propício para o florescimento e desenvolvimento integral dos adolescentes.

Esta oficina de dinâmica em grupo esteve relacionada a algumas questões do Questionário Diagnóstico. No questionamento 3, sobre a orientação sexual, no qual mostrou-se a existência de diversidade entre os estudantes e que reforça o respeito que deve haver com o ser humano independentemente da localidade onde os sujeitos estão inseridos. No questionamento 6, foi avaliado que 13 estudantes (72%) conhecem o corpo medianamente, pois é na adolescência que ocorrem os descobrimentos sobre o próprio corpo mediante a manipulação e o toque dos genitais; é a autodescoberta que está estritamente relacionada ao adolescente.

É neste período em particular que escola e família devem trabalhar de modo uníssono para garantir uma educação sexual voltada para os adolescentes evitando-se a propagação de notícias falsas realizadas por pais e/ou responsáveis, amigos, namorado ou companheiro e sítios eletrônicos. É importante estimulá-los a buscarem profissionais especializados ou consultarem com maior frequência professores e livros que sejam especializados no tema e que sejam voltados ao adolescente.

Segundo Madureira; Rosa Marquês; Pereira Jardim (2010), família e escola exercem função complementar sobre o conhecimento no que tange a educação sexual. Todavia, conforme apontado por Jardim; Brêtas (2006), muitos responsáveis encontram barreiras para tratar deste tema e delegam unicamente a escola para tratar deste tema.

Egypto (2003) aponta que a orientação sexual traz consigo um processo de intervenção pedagógica que objetiva a transmissão de informações e problematizações acerca da sexualidade, nas dimensões biológica, sociológica e psicológica. Esta temática é importante ser debatida não apenas por professores, mas também por toda a escola, em que se aborde, em conjunto, a dimensão anatômica, fisiológica e subjetiva da sexualidade, pois deste modo, esta temática se aproximará a realidade do estudante. Outrossim, a orientação sexual deve preceder a menarca e a sexarca para que tenham caráter de prevenção, pois ao adiar este compromisso, haverá risco de os adolescentes adquirem informações errôneas sobre a sexualidade (Madureira; Rosa Marquês; Pereira Jardim, 2010).

O ambiente familiar e a comunidade devem propiciar artifícios para a discussão da temática, apesar da mesma ser delicada sensível para pessoas mais velhas. É necessário que pais e responsáveis se adequem a nova realidade e que haja medidas que os auxiliem a dialogar amigavelmente e sem imposição os diferentes pontos de vista que existem sobre os diversos subtemas inseridos dentro da educação sexual.

### 5.2.2 Coisa de Homem e/ou de Mulher

Esta oficina em dinâmica de grupo consistiu em sorteio e posterior debate sobre palavras presentes em cinco categoria: morfofisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, IST, métodos contraceptivos, aspectos psicológicos e aspectos socioemocionais. Devido às questões logísticas não foi possível sortear todas as palavras presentes nestas categorias; outro fator de destaque é que a dinâmica se deu por encerrada às 11:30, pois vários participantes necessitaram sair, devido a serem moradores da região rural da cidade de Cajazeiras e precisarem pegar condução pública para suas respectivas casas. Todavia considerou-se que os discentes apreenderam diversos conceitos pelo teor do debate e as dúvidas presentes se concentraram em termos não usuais do cotidiano dos estudantes que ficaram restritas a algumas IST e alguns hormônios da fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino

Os papéis sorteados que geraram dúvidas nos estudantes não foram inseridos nas silhuetas e os sítios eletrônicos a qual os estudantes realizaram as pesquisas, foram inseridos em notas de rodapé. Eles serviram de busca, para que os discentes dirimissem suas próprias dúvidas em relação ao termo ou palavras que foram inconclusivas.

A análise e interpretação dos dados apresentados pelos estudantes ocorreu concomitantemente a realização da oficina de dinâmica em grupo, isto é, à medida que as

palavras foram sorteadas, os estudantes, em conjunto com o professor mediador dialogaram sobre as implicações que cada termo carrega consigo, tanto para homens quanto para mulheres.

Em relação a morfofisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, eles souberam identificar os termos “uretra” e “pênis”, bem como afirmaram que o primeiro está presente em ambos os sexos e, o segundo, está presente apenas no homem, como indicado pelas afirmativas dos estudantes:

*“A uretra está presente nos dois, mas parece que na mulher é mais curto que o homem nesse negócio” (EFB).*

*“O pênis é óbvio que só tem no homem né professor” (EMA).*

O primeiro estudante afirmou certamente que o órgão é mais curto na mulher se comparado ao homem, mas não soube explicar o motivo. Após uma rápida pesquisa, pelo sítio eletrônico do “Brasil Escola”, eles concluíram que a uretra masculina é dividida nos segmentos: prostático, que tem três centímetros, e é neste local que ocorre a liberação do líquido prostático; membranosa, que tem um centímetro e é responsável pela micção; e a esponjosa, que têm 15 centímetros de comprimento e atravessa o pênis. Na mulher, o órgão pertence apenas ao sistema urinário, com cinco centímetros. O órgão mais curto e a proximidade com ânus são responsáveis pela maior frequência de infecção urinária pelas mulheres<sup>3</sup>.

Todavia, quando questionados sobre o LH e o FSH, eles não souberam dizer ao certo do que se tratava. A primeira palavra foi sorteada duas vezes e a segunda, uma vez. Os estudantes que sortearam as palavras disseram que:

*“Eu sei o que é LH, mas não lembro o que significa” (EFC).*

*“Não sei o que é FSH, mas sei do homem que é testosterona e da mulher que é progesterona, né professor?” (EMB).*

*“Se peguei de novo o LH, então acho que serve pros dois né, professor? É capaz também de ter outro FSH, mas não tenho certeza. Sei que é pros dois, mas não lembro pra que serve” (EFC).*

Pelo diálogo deles, é possível perceber que tenha ficado apensado apenas os hormônios testosterona e progesterona que não foram sorteados. O segundo estudante comentou sobre os mesmos, indicando conhecimento acerca destes. A função do LH e do FSH parecem não terem sido retidos nos estudantes. É provável que estes não apresentaram concepções prévias sobre o papel deles.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/uretra.htm>. Acesso em 27 de jan. 2024.

Conforme Oliveira; Oliveira (2021), elas relataram que os estudantes reconheciam os hormônios sexuais, porém não associavam às mudanças ocorridos no período puberal. Cançado (2007) relatou que 60,8% dos estudantes entrevistados que desconhecem sobre o termo menarca e hormônios masculino e feminino, o qual reforça que os discentes não conhecem completamente a fisiologia do sistema reprodutor; além disto foi relatado pelo autor que os alunos participantes erraram conceitos envolvendo hormônios exclusivamente masculinos e exclusivamente femininos, respectivamente, 20% e 30%.

Apesar de identificarem o que são a testosterona e a progesterona, eles não souberam afirmar o significado do FSH e do LH. Portanto, ao fim da aula, pesquisou-se sobre o LH que, em conjunto com o FSH, nas mulheres, regula a atividade ovariana e auxilia na liberação do ovócito durante o ciclo menstrual. Nos homens, o hormônio é responsável pela produção de testosterona que auxilia na produção dos espermatozoides e das características sexuais secundárias no adolescente<sup>4</sup>. O FSH regula a produção dos gametas masculinos e promove a maturação dos gametas femininos durante a vida reprodutiva<sup>5</sup>. Eles concluíram que ambos auxiliam no processo da liberação do ovócito e, posterior, menstruação, bem como na formação do espermatozoide.

Esta visão é diretamente relacionada à questão 9 do Questionário Diagnóstico, no qual os estudantes haviam relatado um alto e médio conhecimento sobre a funcionalidade genital, respectivamente 4 (22%) e 10 (56%) estudantes. É possível que o conhecimento esteja atrelado ao papel da testosterona e progesterona e o desconhecimento esteja relacionado ao FSH e ao LH. Este conhecimento pode estar ligado ao papel dos anabolizantes para repor testosterona e aumentar a condição muscular e ser socialmente bem visto naqueles que praticam atividades físicas musculares (Moraes; Castiel; Ribeiro, 2015)

Na categoria IST, os estudantes identificaram a “Herpes genital/labial” e “HPV”. Em relação a ambas, duas estudantes afirmaram que são vírus e que podem acometer ambos os sexos. Além disto, também discorreram:

*“E herpes labial, parece que fica com a pessoa para sempre, mas não é sempre que aparece. Quando ela não está aparecendo, é porque você faz tudo direito pra não aparecer (dieta, remédio, exercício e tal), você pode ter contato normal com a outra pessoa. Ela transmite quando... quando está a feridinha” (EFB).*

<sup>4</sup> Disponível em: <https://reproduce.com.br/o-que-e-lh-e-qual-sua-funcao-na-fertilidade-feminina/#:~:text=Juntamente%20com%20o%20FSH%2C%20o,masculos%20que%20realizam%20a%20fecund%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 27 de jan. 2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://reproduce.com.br/o-que-e-fsh-e-qual-sua-funcao-no-corpo-da-mulher/#:~:text=O%20FSH%20%C3%A9%20um%20horm%C3%B4nio,femininos%20durante%20a%20vida%20reprodutiva>. Acesso em: 27 de jan. 2024.

*“O HPV né aquele que a pessoa tem verruga, umas feridinhas lá embaixo” (EFC).*

Os estudantes não souberam trazer informações sobre a “Donovanose”, “Tricomoniase”, “Infecção por clamídia” e “Doença inflamatória pélvica (DIP)”. Tricomoniase e clamídia, todavia, uma pessoa afirmou que podem afetar ambos os sexos, pois estão dentro da categoria de IST:

*“Eu ouvi uma vez uma prima minha comentar lá em casa sobre essas doenças porque ela é enfermeira do postinho” (EFC).*

A Donovanose e DIP são duas IST que parecem estar ausentes do imaginário dos estudantes, como se pode perceber pelos diálogos a seguir:

*“O que é isso? Nunca vi falar delas na TV” (EMB).*

*“Nunca ouvi falar dessas doenças aí? São novas?” (EMA).*

Conforme as pesquisas que eles realizaram, em relação a donovanose, ela é uma doença crônica e progressiva causada pela bactéria *Klebsiella granulomatis*, que afeta a pele e mucosas nas áreas genitais, virilha e ânus, resultando em úlceras que destroem a pele afetada. Esta condição é mais comum em climas tropicais e subtropicais. Os sintomas incluem o surgimento de lesões que se transformam em feridas avermelhadas, geralmente indolores, nas quais podem sangrar facilmente e atingirem áreas extensas e predispor à infecção por outras bactérias<sup>6</sup>.

A DIP é provocada por diversas bactérias que afetam os órgãos internos femininos e que resulta em inflamações. Ela geralmente ocorre após contato com bactérias durante relações sexuais desprotegidas, sendo mais comum em mulheres com outras que já apresentem gonorreia ou clamídia. Procedimentos médicos, como a inserção de DIU, também podem ser fatores de risco para aquisição de DIP. Os sintomas incluem dor abdominal, corrimento vaginal, dor durante o sexo, febre, desconforto abdominal, fadiga, dor nas costas e vômitos. A infecção pode evoluir para uma forma grave, requerendo internação e tratamento com antibióticos intravenosos. Além de ser uma causa comum de infertilidade feminina, a DIP pode levar a complicações como gravidez ectópica e dor pélvica crônica. A prevenção eficaz da doença envolve o uso de preservativos durante as relações sexuais<sup>7</sup>. Apesar de muito se comentar que

<sup>6</sup> Disponível em:

<https://dive.sc.gov.br/index.php/donovanose#:~:text=Trata%2Dse%20de%20uma%20Infec%C3%A7%C3%A3o,e%20destr%C3%B3i%20a%20pele%20infectada>. Acesso em: 30 de jan. 2024.

<sup>7</sup> Disponível em:

<https://dive.sc.gov.br/index.php/dip#:~:text=A%20DIP%20%C3%A9%20considerada%20uma,de%20preservativo%20nas%20rela%C3%A7%C3%B5es%20sexuais>. Acesso em: 30 de jan. 2024.

atinge principalmente mulheres, ela acomete homens também podendo causar epididimite e prostatite e, em casos graves, causar infertilidade masculina<sup>8</sup>.

Ambas são infecções que não são amplamente divulgadas por quaisquer mídias e isto, por si só, representa um risco, principalmente para o público adolescente que apresenta sentimento de onipotência e realiza sexo desprotegido, podendo transmitir a infecção para outras pessoas.

Brasil; Cardoso; Silva (2019), trabalhando com 153 estudantes com faixa etária de 11 a 16 anos, observaram que pouquíssimos discentes conheciam a clamídia, donovanose e tricomoníase que representaram, respectivamente, 0,6%, 1,2% e 3,2% dos entrevistados. *Approbato et al.* (2011) afirmaram que a taxa de incidência de clamídia pode chegar a 30% entre as adolescentes. Com relação a DIP, *Menezes et al.* (2021) informaram que dados sobre os casos desta IST são menosprezados e a real prevalência desta doença é desconhecida no Brasil.

Os dados e diálogos corroboram com o Questionário Diagnóstico, pois os estudantes, na questão 11 marcaram que, em relação ao conhecimento sobre IST, conhecem pouco (5 estudantes – 28%), muito pouco (4 estudantes – 22%) e medianamente (6 estudantes – 33%) sobre este tema. Outra observação, sobre o questionamento 16, é que nenhuma dessas doenças: clamídia, tricomoníase, donovanose e DIP foi citada pelos estudantes, apesar do diálogo citado por uma estudante por meio de uma parente familiar

Pode-se perceber que algumas doenças não são de conhecimento dos adolescentes por falta de divulgação das mesmas através dos canais de comunicação. É fornecida muita importância para a Aids em detrimento de outras infecções; todavia, deve-se realizar campanhas igualmente importantes para todas as IST visando a proteção não apenas dos adolescentes, mas também das pessoas em geral.

A mídia desempenha um papel dual em nossa sociedade, ao preenche-la com informações sobre sexualidade envoltas em erotismo. Contudo, simultaneamente, exerce uma função significativa como fonte de conhecimento e conscientização em massa sobre temas como IST/Aids (Madureira; Rosa Marquês; Pereira Jardim, 2010).

Na categoria métodos contraceptivos, foram sorteados os termos “hormonal”, “abstinência periódica”, “esterilidade” e “DIU”. Aqui, não houve palavras que causassem

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://drjoaodias.com.br/o-que-e-dip/#:~:text=A%20DIP%20pode%20causar%20infertilidade,espermatozoides%20diminui%2C%20afetando%20a%20fertilidade>. Acesso em: 30 de jan. 2024.

dúvidas nos estudantes. Quando questionados sobre o que seria método hormonal, um estudante relatou que:

*"Ah, é os remédios que as mulheres tomam para não engravidar"* (EMC).

A partir disto, os estudantes citaram os anticoncepcionais regulares e a pílula do dia seguinte como exemplos mais comuns de métodos hormonais para evitar uma gravidez. Quando questionados sobre o funcionamento do primeiro método contraceptivo, uma aluna relatou que:

*"Não sei muito bem os detalhes, mas sei que o óvulo lá não é liberado e parece que ajuda a regular na menstruação"* (EFB).

Apesar de desconhecer os detalhes, a estudante compreende que o medicamento impede o processo ovulatório, além de regular o fluxo menstrual elevado em algumas mulheres. Em relação ao anticoncepcional de emergência, os estudantes relataram que são utilizados em casos emergenciais em uma relação sexual desprotegida, mas não souberam explicar seu funcionamento, limitando-se a falarem que é uma quantidade muito significativa de hormônios para que a mulher não engravide como relatado por um estudante:

*"É quando o cara goza dentro, aí a mulher toma para não engravidar"* (EMB).

Madureira; Rosa Marquês; Pereira Jardim (2010), trabalhando com 75 adolescentes com idades variando entre 12 e 16 anos, apontaram que 24 estudantes têm conhecimento sobre a pílula do dia seguinte e 17 estudantes, sobre a pílula regular. Estes autores ainda comentam que a utilização da camisinha é mais comum durante as primeiras experiências sexuais e tende a diminuir ao longo do relacionamento, sendo, na maior parte dos casos, substituída pela pílula. Esse fato confere uma nova dimensão à relação, indicando confiança na fidelidade do parceiro.

Alves; Lopes (2008) relataram que adolescentes recém ingressantes de uma universidade pública apresentam pouco conhecimento e usaram incorretamente a pílula anticoncepcional, principalmente no trato de efeitos colaterais ou situações inesperadas. Ainda, neste mesmo estudo, a maior parte respondeu que utilizaria preservativo e pílula ou apenas a pílula em relacionamentos estáveis; nos relacionamentos eventuais, houve mais respostas em utilizar ou preservativo apenas ou este junto com a pílula. Pirotta; Schor (2004) relataram que o uso combinado de mais de um método de contracepção pode supor a substituição de uma anticoncepção por outra ou negligência na utilização da camisinha, e não um cuidado relacionado a gravidez e prevenção de IST.

Quando questionados sobre se os métodos hormonais protegem contra IST, os estudantes foram enfáticos ao afirmarem que não, pois protegem apenas contra uma possível gravidez. No trabalho de Madureira; Rosa Marquês; Pereira Jardim (2010), porém, metade dos 75 estudantes responderam corretamente que o preservativo confere proteção contra gravidez e contra IST. Apesar de o resultado apontado neste projeto ter sido positivo, é necessário haver contínua orientação sobre a realização do sexo seguro

A abstinência periódica é um dos métodos contraceptivos naturais ou comportamentais que consistem em o casal não realizar o ato sexual no período de ovulação. Os estudantes debateram que é um método pouco confiável para evitar a gravidez; além disto, foram também exemplificados o coito interrompido e o muco cervical. Eles relataram que:

*“A abstinência periódica. Você se abster, não é? Do Sexo? Tipo, deixar de transar um tempo”* (EFB).

*“O coito é tirar o negócio antes do cara gozar, mas não dá certo, porque aprendi que pode conter espermatozoides antes do homem gozar”* (EMC).

*“O muco a mulher olha a secreção da vagina, se tiver seco é porque não é fértil e se tiver pegajoso é porque tá no período fértil, mas soube por amigas que não é confiável”* (EFC).

Através da análise dos diálogos, é possível perceber que os discentes conhecem alguns métodos contraceptivos naturais ou comportamentais e também conhecem que não são eficazes tanto quanto os métodos de barreira ou hormonais para evitar uma possível gravidez.

Schor *et al.* (2000), estudando 1.157 mulheres, relataram que 17,9% das mulheres na faixa etária de 10 a 14 anos têm conhecimento do que é a abstinência periódica. Nas mulheres compreendidas entre 15 a 19 anos, esta porcentagem aumenta para 62,8% e, a partir dos 20 anos, é superior a 80,0%.

Em se tratando de esterilidade, é um método anticoncepcional irreversível que consiste em cirurgias que cortam os canais no qual os gametas masculino e feminino atravessariam. Acerca disto, um estudante relatou que:

*“Pessoas que fazem cirurgia para não poder ter cria, não pode ter filho”* (EMB).

Este tipo de contracepção parece ser pouco conhecido entre adolescentes por ser uma anticoncepção permanente e que não é realizada neste público. Schor *et al.* (2000) evidenciaram que na faixa etária de 15 a 19 anos, 73,3% das mulheres conheciam este método. Esta porcentagem aumentou para 85% a partir dos 20 anos. Ainda sobre o trabalho dos autores, eles concluíram que apesar do alto índice de conhecimento métodos contraceptivos, constatou-se

baixo uso do preservativo, mesmo com o advento da Aids, e alta frequência de esterilizações femininas e o uso da pílula, na qual a anticoncepção fica restrita a estes dois métodos.

O DIU é um método contraceptivo em formato de “T” que é inserido útero e bloqueia a passagem dos espermatozoides até o óvulo. É um método seguro, eficaz e eficiente para evitar a gravidez. Sobre este dispositivo, uma estudante relatou que:

“É um aparelhinho que coloca no útero da mulher pra não ter menino” (EFB).

Pela fala da discente, é possível perceber que ela sabe qual a função do DIU. A mesma limitou-se a relatar, quando questionada sobre o mecanismo de ação do objeto, que impede que o espermatozoide encontre o óvulo.

Schor *et al.* (2000) relataram que o DIU foi o método menos citado pelas entrevistadas. Cardoso (2017) observou que os principais motivos para não uso do DIU foram informação insuficiente e o temor da inserção do mesmo. Além disto a autora constatou que o conhecimento correto sobre a pílula e o DIU exerce influência na utilização futura deste método pelo público estudado. Ademais, é importante informar as pessoas que trabalham no ramo da saúde que o DIU é um método efetivo se posto de maneira correta.

Martins *et al.* (2006) salientam que quando os adolescentes têm aceções erradas sobre métodos contraceptivos, estes perpetuam mitos como os do que o DIU interfere no ato sexual ou que o coito interrompido é um método eficaz na prevenção contra gravidez. Espejo *et al.* (2003) afirmaram que quando há conhecimento inadequado sobre contracepção há resistência em sua utilização.

Quando é analisada esta oficina em dinâmica de grupo com o Questionário Diagnóstico, ressalta-se a importância de explicar sobre a contracepção, já que no questionamento 12 que versou sobre conhecimento sobre métodos contraceptivos, 10 estudantes (56%) afirmaram conhecer razoavelmente sobre o assunto. Apesar de haver citações acerca da camisinha, dos diversos métodos hormonais e do DIU, deve-se ponderar estes resultados, pois o ato de o adolescente conhecer a teoria do método é diferente do ato de utilização do método, já que podem saber sobre o mesmo, mas não saber emprega-lo durante o ato sexual e que pode apresentar falhas e, conseqüentemente, expô-lo a aquisição de IST ou gravidez precoce.

É importante lembrar que no questionamento 18 do Questionário Diagnóstico 11 dos 18 respondentes (61%) assinalaram que métodos de barreira isolado ou combinado com métodos químicos protege concomitantemente de uma DST/IST e gravidez precoce. Entretanto, ressalta-se mais uma vez a importância da utilização correta dos métodos anticoncepcionais como meio de protetivo de modo que o adolescente não seja exposto a riscos indesejados.

Cabe ressaltar a importância da atuação do professor ou outro educador em contato com o aluno, e em conjunto com a família e a comunidade escolar em responder às dúvidas em relação aos métodos contraceptivos, explicando corretamente sua utilização, grau de segurança e eficácia. Isto contribui para a aceitação e consequente uso destes por parte do adolescente se houver iniciado uma vida sexual ativa, bem como explicar sobre a importância do planejamento familiar e o impacto que uma gravidez precoce ou como a aquisição de IST pode gerar na vida de um adolescente quando este realiza sexo desprotegido.

Os Aspectos psicológicos sorteados pelos estudantes foram: “Homossexualidade / Bissexualidade / Transexualidade”, “Prazer”, “Primeira vez”, “Puberdade / desenvolvimento das características sexuais secundárias”, “Ficar com vários(as)”. Não houve palavras ou expressões que foram necessárias serem debatidas ao fim da oficina de dinâmica em grupo.

A expressão sorteadada “Homossexualidade / Bissexualidade / Transexualidade” foi dialogada de forma amigável e livre de preconceitos, no qual os participantes respeitaram-se uns aos outros em suas opiniões. Os estudantes presentes demonstraram respeito ao falar sobre que, provavelmente, não são influenciados por estereótipos e preconceitos acerca do grupo LGBTQIAPN+. Uma fala de um aluno demonstra este fato.

*“Devemos promover o respeito com todos, independente da sexualidade. Inclusive nas lojas daqui de Cajazeiras tem cartazes que demonstram o respeito a diversidade” (EMB).*

Apesar disto, não são todos os estudantes que demonstram respeito com seus pares, pois, como discutido anteriormente, nos questionamentos 22 e 23 do Questionário Diagnóstico, houve um estudante que afirmou ter sido vítima de discriminação na escola e nos meios virtuais por ser bissexual.

Sala; Grossi (2013) observaram que quando são trabalhadas a lesbofobia, a transfobia e homofobia nas escolas, os estudantes são capazes de produzir discursos articulados contra os preconceitos relacionadas as pessoas que não são heterossexuais, demonstrando que há possibilidade de transformação social nas pessoas que estão inseridas dentro do espaço escolar.

Além dos discentes, professores e a comunidade escolar também devem respeitar as pessoas que não estão encaixadas no perfil da heteronormatividade e compreender que existe a diversidade dentro da espécie humana e que quaisquer tentativas de silenciá-la devem ser combatidas ao passo que o respeito e entendimento devem ser promovidos em todos os grupos.

Conforme apontado por Dinis (2011), a falácia da privacidade na vida sexual é evidente ao observarmos que as identidades sexuais não heterossexuais são frequentemente relegadas ao

âmbito privado. A heteronormatividade é implicitamente sustentada em aulas de Ciência centradas na reprodução e no modelo de família nuclear perpetuado nos materiais didáticos. Essa exclusão destaca a necessidade de incluir a diversidade sexual e de gênero nos programas de formação de professores, capacitando-os a resistir ao currículo heteronormativo.

O silêncio e a omissão contribuem para a violência contra estudantes LGBTQIAPN+, destacando a importância de a escola ser um espaço que promova a cidadania e respeite os direitos humanos. Educadores devem ser incentivados a assumir seu papel contra todas as formas de preconceito e discriminação na escola, evitando uma abordagem educacional que exclua as experiências e perspectivas de minorias sexuais (Dinis, 2011).

A palavra “Prazer”, no primeiro momento, causou vergonha nos discentes presentes, pois provavelmente ligaram este termo ao prazer sentido por pessoas durante o ato sexual. Entretanto, um estudante foi além fornecendo uma visão mais generalizada acerca da menção:

*“É você se sentir bem. Alguma coisa que você goste, que é boa. É, você sente bem. Realmente leva a você a se sentir bem. Mas não necessariamente com o sexo. Só a parte sexual. Pode ser sexo, pode ser por exemplo, numa partida de Free Fire”* (EMB).

Pelo diálogo do estudante, é perceptível que o termo em questão não se restringe ao sexo, mas a quaisquer atividades que ofereçam uma recompensa relacionada ao bem-estar humano. Ela está atrelada a vários significados, como por exemplo, o ato sexual, o ato de ler um livro, o ato de praticar um esporte ou ato de jogar virtualmente.

Segundo o dicionário online Michaelis, o verbete “prazer” pode significar: 1. Estado de satisfação dos sentidos ou da mente; alegria, contentamento, júbilo; 2. A causa ou a fonte desse estado; 3. Boa vontade ou disposição favorável; agrado; 4. Sensação que resulta de uma diversão ou distração frívola; 5. Gozo sexual<sup>9</sup>. Notadamente, a fala do estudante se referiu aos significados um, dois, quatro e cinco. Neste trabalho, será mantido o significado do verbete relacionada às descrições número um e cinco, pois são o foco deste trabalho.

Faustini *et al.* (2003) comentaram que garotas desconhecem sobre o corpo em si, elas não sabem o lhes fornecem prazer. Neste sentido, é possível que as mulheres ainda desconheçam a localização do clitóris; todavia, em relação aos homens, o corpo peniano, como está mais visível, é facilmente identificável em relação a mulher. Martins *et al.* (2012) relataram que adolescentes sem experiência sexual não souberam assinalar o que influencia no prazer da

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=prazer>. Acesso em: 04 de fev. 2024.

relação sexual. Isto ocorreu, provavelmente, porque atrelam o prazer apenas ao ato sexual em si.

Boruchovitch (1992) comenta que os adolescentes tendem a demonstrar atitudes negativas quanto à utilização de métodos de barreira, pois estes atrapalham no prazer sexual, retirando a naturalidade e espontaneidade do ato. Segundo Toneli *et al.* (2003), embora não haja diferenças de conhecimento entre os gêneros e as formas de prazer, os adolescentes evidenciam a preocupação em assegurar tanto o próprio prazer quanto a satisfação do parceiro. Isso reflete uma flexibilidade no comportamento, demonstrando uma abertura para discutir as relações para a prática de sexo seguro.

A partir dos pontos discutidos, é notável que o termo prazer pode apresentar vários significados, mas neste trabalho buscou-se restringir para que não haja fuga ao seu sentido quando direcionada a sexualidade. Destaca-se que o adolescente, possivelmente, busca o prazer no contexto de relações sexuais como um meio de fortalecer os vínculos afetivos. Além disto, o prazer influencia positivamente na saúde mental, emocional e física dos envolvidos.

O termo “Primeira vez” está, neste caso, diretamente ligado ao ato sexual. Homens e mulheres parecem considerar isto como uma passagem entre a adolescência e o adulto jovem, como salientado por alguns estudantes:

*“Eu acho que é meio que uma passagem saca, tipo ter a primeira vez. Só não sei se vai ser boa ou ruim” (EMC).*

*“Para mim, tem que envolver sentimento, tem que ter uma química, se não, não rola” (EFC).*

É possível perceber que homens e mulheres têm visões distintas acerca do primeiro ato sexual. Todavia, para ambos é um momento que é marcante, principalmente para elas, pois está relacionada ao ato de perder a virgindade e, portanto, algo ainda que cercado de tabus. A respeito disto, Paiva; Peres; Blessa (2002), observaram que, mesmo com a disseminação crescente da prática sexual em diversas esferas sociais, impulsionada pelo estímulo à liberação, muitas jovens ainda manifestam preocupações em relação à virgindade. Por outro lado, para os jovens do sexo masculino, a atividade sexual é frequentemente associada à expressão de masculinidade, como forma de evitar ser rotulado pejorativamente como “gay”, “bicha” ou “viado”.

Para as mulheres, a primeira vez se desenrolaria dentro de um relacionamento afetivo conscientemente escolhido, servindo para validar a habilidade do indivíduo de estabelecer uma conexão significativa. Esta concepção representa uma evolução da antiga norma que sugeria

que a primeira experiência sexual deveria ocorrer no contexto de um grande amor ou com o cônjuge (Altmann, 2007). Ainda conforme esta autora, para homens, o ato da perda da virgindade traz em seu bojo a ideia de “deixar de ser menino para ser homem”. Nota-se que perder a virgindade e a valoração da primeira relação sexual são sinais de distinção cultural de gênero na cultura brasileira (Castro; Abramovay; Silva, 2004).

Cabe ressaltar aqui que não houve menções em se utilizar métodos contraceptivos na primeira relação; apesar disto, é importante destacar que, conforme pontuado por Altmann (2007), mais moças do que rapazes fizeram menções ao uso do preservativo. É notável que esta preocupação da prevenção é atrelada a figura feminina, entretanto, deveria ser papel de ambos a anticoncepção.

Alguns adolescentes ainda podem perpetuar a ideia de que o corpo modifica após o primeiro ato sexual, todavia, consoante Altmann (2007), tais mudanças corporais são fruto de alterações hormonais e não provenientes de a pessoa ter ou não relações sexuais. É importante correlacionar que eles estão sujeitos a tais alterações independentemente de alguém estar num relacionamento heterossexual ou homossexual para que os mesmos se sejam aptos a dialogar abertamente sobre a temática.

“Ficar com vários(as)” está relacionado ao ato de troca mútua de afeto momentâneo e sem manutenção de vínculo. Os adolescentes utilizam-se deste tipo de artifício para conhecer o outro e, a partir disto, é iniciado a manutenção de vínculo e evoluir para união do casal ou rompimento desta por um ou ambas as partes.

Todavia, isto é visto de forma diferenciada para ambos os sexos, pois para homem isto passa a ser um sinal de cumprir um papel imposto pela sociedade machista e que é visto como positivo e de manutenção da masculinidade. Para a mulher, tal ato constitui uma afronta e não é observada com bons olhos pela sociedade, tendo uma alcunha negativa para este grupo em particular. Para além desta questão, ocorre também a aquisição de infecções que são transmitidas pelo beijo, como a mononucleose e herpes labial, a qual foi relatado por um estudante:

*“Tem muita essa questão, uma pessoa que não tem medo realmente de pegar algum tipo de doença ao a pessoa ficar com vários e isso afeta mais uma mulher. Porque enquanto o homem é chamado de garanhão a mulher é chamada de galinha, de peguete, de vagabunda” (EFC).*

Matos; Féres-Carneiro; Jablonskique (2005) apontaram que o ato de ficar, para os adolescentes entrevistados, envolve o desejo de que haja relações duradouras, com

envolvimento afetivo, o qual proporciona o maior conhecimento acerca do parceiro que é desejado.

Maheirie *et al.* (2005) ao abordarem a temática “Ficar X Namorar” com adolescentes, estes comentaram que há uma variação entre os termos relacionadas a intensidade do sentimento, a duração do relacionamento e as diversas formas de comprometimento. Nos dois grupos, restou relevante a dimensão afetiva em ambos os tipos de relacionamentos.

Apesar de que homens e mulheres observem o ato de ficar de forma diferenciada em razão da cultura que, para ambos, envolve o sentimento de estar ao lado daquela pessoa, bem como o conhecimento mais aprofundado em relação a ela. A partir desta perspectiva é que serão construídos laços afetivos ou não em torno dos participantes de um relacionamento.

O termo “Puberdade / desenvolvimento das características sexuais secundárias” remeteu a primeira oficina em dinâmica de grupo intitulada “Adolescer”. Os presentes realizaram a ligação com esta para explicar que as mudanças corporais, psicológicas, sociais e emocionais acontecem nesta fase devido a influência hormonal que está ativa. Eles explicaram também que as mudanças mais marcantes, para os homens, são o estirão, o aparecimento de pelos e o engrossamento da voz; para as mulheres, são a menarca e o desenvolvimento dos quadris e seios, como é possível perceber pela fala de uma das entrevistadas:

*“Uma das coisas que mais me marcou foi o fato de quando fui com mãe comprar meu primeiro sutiã. De começo achei estranho, mas depois acostuma”* (EFB).

Boruchovitch (1992) afirmou que o desenvolvimento da fisiologia dos adolescentes ocorre antes do desenvolvimento cognitivo e emocional; tal fato, constitui um fator de risco associado à iniciação sexual precoce e a tendência à redução da idade média de entrada na puberdade. Além disto, como consequência deste início sexual mais cedo, tem-se ocorrência de gravidez indesejada e aquisição de IST.

Maheirie *et al.* (2005) destacaram que os adolescentes participantes do estudo afirmaram que o papel da contracepção é ligado a mulher, enquanto que o homem é corresponsável na prevenção de IST. Todavia, conforme apontado por Paiva (2000), gravidez e a contração de infecções podem ser produtos da mesma relação sexual ou da presença ou ausência de decisão em relação à assunção do risco.

É relevante informar ao adolescente as transformações físicas, emocionais e sociais que ocorrem durante esta fase. Abordar a temática oferecerá a eles os meios necessários para compreender as próprias mudanças corporais, psicológicas e emocionais. Além disto,

contribuirá para a construção de relacionamentos saudáveis, a prevenção de comportamentos de risco e o estabelecimento de bases sólidas para a saúde física e mental ao longo da vida.

Os Aspectos Socioeconômicos sorteados pelos discentes foram: “Informações inverídicas sobre métodos contraceptivos e IST”, “Local de residência”, “Informações verídicas sobre métodos contraceptivos e IST”, “Influência das mídias digitais” e “Estabilidade familiar”. Também não houve palavras ou expressões que foram necessárias serem debatidas ao fim da oficina de dinâmica em grupo.

Em relação aos termos “Informações inverídicas sobre métodos contraceptivos e IST” e “Informações verídicas sobre métodos contraceptivos e IST”, os presentes logo remeteram as *fake news* que são notícias falsas que são transmitidas como se fossem verdadeiras e interferem no conhecimento científico verdadeiro. A fala a seguir de uma estudante remete isto:

*“Informações verídicas são notícias verdadeiras e informações inverídicas são notícias falsas. Todo mundo tem que se informar se algo é verdadeiro ou falso e tem que ter cuidado no zap para não propagar coisa falsa” (EMA).*

Atrelando a estes pontos, tem-se a “Influência das mídias digitais” onde podem transitar notícias falsas ou verdadeiras acerca de algo. Além disto, os meios de comunicação também exercem forte apelo, não apenas para o adolescente, mas também para o público em geral. Sobre isto, um estudante comentou:

*“Instagram, Tiktok, Facebook. Tem também a televisão, Né? Porque tem sessões de programas que passam em horário nobre que é o proibido para menores. Mas daí os moleque fica acordado até tarde. Mas isso é normal, né? Hoje em dia, ficou normal. Mas acho que no tempo do professor pai e mãe era mais rígido. Não deixava ficar até tarde de pé” (EFB).*

Fortes; Steinberg (2022) discorrem que as redes sociais propiciam a formação de bolhas ao utilizar mecanismos de coleta de dados para delimitar perfis de usuários, segregando-os em comunidades com ideias afins. Oliveira; Gomes (2019) argumentam que o aparecimento delas facilita a disseminação da desinformação e contribui para a radicalização de ideias, pois amplificam a propensão humana a concordar com informações alinhadas a determinadas crenças.

A falta de diversidade de perspectivas dentro dessas bolhas pode intensificar convicções específicas dos membros. Pellizzari; Barreto Júnior (2019) discorrem que o controle sobre o círculo social do usuário é comprometido, sendo agora influenciado pela decisão de um algoritmo. Este classifica cada ação realizada, selecionando pessoas cujas ações se assemelham mais às do usuário, perpetuando assim o compartilhamento de informações entre eles. Como as

redes sociais são controladas por este elemento da informática, elas tendem a isolar os usuários em nichos de pensamento único, prejudicando o pluralismo de ideias (Fortes; Steinberg, 2022).

A insegurança originada pela desinformação representa uma problemática que se intensifica no cenário global, onde o ressurgimento de ideais ultraconservadoras e segregacionistas estão sendo normalizadas. Destaca-se que a disseminação de notícias falsas tem contribuído significativamente para a propagação dessas concepções (Oliveira; Gomes, 2019). Elas funcionam como ferramentas que contribuem para a intensificação de conceitos extremistas, aproveitando-se das bolhas sociais para gerar inseguranças que representam uma ameaça à população em geral.

Sobre o papel das mídias digitais, Ângelo *et al.* (2021), trabalhando com estudantes, comprovaram que rapazes e moças concordaram que é importante a escola abordar sobre a sexualidade, caso contrário, mídias digitais e amigos serão as fontes de informação sobre sexualidade. Outrossim, os adolescentes acabam sendo influenciados por fontes não seguras, imprecisas e não comprovadas cientificamente sobre sexualidade e práticas sexuais.

Paraguassú *et al.* (2005) argumentaram que, pelo fato de o adolescente não ter alcançado um nível de entendimento necessário para tomar decisões sobre a vida sexual, a mídia apresenta um destaque de grande divulgação de informações a respeito da atividade e do comportamento sexual nos diferentes grupos sociais, entretanto, isto ocorre sem sejam estabelecidos de critérios de causa e efeito.

Os discentes presentes têm consciência de que são bombardeados por várias notícias na maior parte do tempo, principalmente as que são difundidas em grupos de mensagens. É necessário que eles possam discernir o que é falso e o que é verdadeiro para que não sejam propagadas ideias errôneas sobre quaisquer áreas do conhecimento científico.

O “Local de residência” e a “Estabilidade familiar” foram dois pontos bastante debatidos e que, segundo os estudantes, definem se o ser humano será ou não preconceituoso

*“Se formos relacionados ao tema de educação sexual, seria a base familiar boa, onde o filho ou filha não tem dificuldade em abordar esses assuntos. Também não sofrem coisas relacionadas a esses assuntos, como preconceito, etc. Tornando assim mais fácil adentrar no conteúdo da educação sexual em sua residência” (EMC).*

*“Na cidade, o pessoal tem a mente mais aberta. Isso é tão evidente que quando eu viajei para São Paulo, era comum, por exemplo, ver casais homossexuais de mãos dadas de dia. Lá é uma coisa bastante comum. Nos interior, o pessoal tem a mente fechada. Aqui só vejo homossexuais de mãos dadas a noite quando a maioria do povo tá em casa”. (EMB).*

Araújo; Costa (2009), avaliando o conhecimento e o uso do contraceptivo de emergência por 4.210 adolescentes – na faixa etária de 14 a 19 anos – da rede pública estadual de Pernambuco, observaram que aqueles que residiam no interior apresentaram maiores chances de utilizar incorretamente esta contracepção se comparados aos residentes da região metropolitana.

Voeten; Egesah; Habbema, (2004), em um estudo realizado no Quênia com adolescentes e adultos jovens na faixa etária de 15 a 29 anos, observaram que mulheres apresentaram comportamento sexual mais arriscado no meio urbano do que no meio rural; homens apresentavam o mesmo aspecto independente do meio em que vive.

No que concerne a estabilidade familiar, Gonçalves; Faleiro; Malafaia (2013) argumentam que as famílias privam os filhos de uma educação sexual emancipatória por atribuir valor negativo a sexualidade, por se sentirem despreparados no trato do assunto e por acreditarem que eles são seres sem sexo; além disto, a família crê na perspectiva de que o diálogo antecipa a prática sexual.

Gonçalves; Faleiro; Malafaia (2013) também observaram que as escolas não têm suscitado os desejos dos adolescentes no que concerne à educação sexual. Contrariamente, esta tem ocorrido de forma limitada aos aspectos biológicos e reprodutivos do indivíduo, negando assim, toda a carga de benefícios que este tema propicia.

No que tange ao local de residência, este parece exercer influência dentro da educação sexual, no qual os estudantes classificaram as pessoas da cidade como mais abertas para falar sobre o tema, enquanto que as que moram em interiores e localidades menores foram classificadas como mais fechadas e difíceis em abordar questões inerentes a sexualidade. Em relação ao ambiente familiar, concluiu-se que uma família que apresente perspectivas positivas sobre a educação sexual é capaz de oferecerem melhores subsídios para os adolescentes a respeito dos temas ligados a sexualidade, em detrimento àquelas que apresentam perspectivas negativas que não oferecerão subsídios suficientes aos adolescentes e estes tenderão a buscar informações com amigos ou na internet que podem ser, na maior parte dos casos, notícias errôneas sobre o assunto.

Quando são analisadas as discussões desta oficina em dinâmica de grupo com os questionamentos 7 e 8 do Questionário Diagnóstico, resta evidente que os estudantes participantes, no geral, apresentam dificuldades em dirimir dúvidas relacionadas à educação sexual no ambiente familiar e muitas dúvidas são geradas em torno dos mais diversos temas desta grande área do saber. Além disto, questões socioeconômicas, culturais e psicológicas parecem influenciar diretamente sobre o conhecimento e relações acerca da sexualidade.

Isto é evidente no questionamento 13, pois os respondentes evitam tirar suas dúvidas com pais, responsáveis ou outros familiares. Eles concentram-se mais em saná-las com amigos ou na internet. Quanto aos professores, profissionais e livros especializados, estes são pouco utilizados para tirar dúvidas sobre assunto; por fim, as instituições religiosas não são buscadas pelos adolescentes, provavelmente, devido ao conservadorismo ligada à religião ao tratar de assuntos relacionados a educação sexual.

Alguns discentes acabam por fazer certa confusão em relação ao que é sexualidade e educação sexual, por vezes restringindo estes ao ato sexual em si; entretanto, isto serve de alerta para que sejam trabalhados estes temas para que o adolescente tenha a capacidade de refletir criticamente sobre o assunto e saiba, por exemplo, a importância da contracepção para evitar uma gravidez precoce ou IST e, além disto, possa também falar abertamente sobre o assunto sem sentir envergonhado ou menosprezado sobre seu pensamento acerca dela.

### 5.2.3 Mito ou Verdade

A presente oficina em dinâmica de grupo consistiu na exposição e posterior debate de alguns mitos que permeiam o imaginário dos estudantes. Esses, por sua vez, foram refutados pela ciência por não apresentarem comprovação científica. A análise da oficina de dinâmica em grupo ocorreu a partir das falas e interações entre os estudantes durante a oficina de dinâmica em grupo, bem como das pesquisas realizadas para o momento da oficina de dinâmica em grupo.

De acordo com Seleprin (2010), O mito detém uma função social que é o de unir determinado grupo de pessoas em torno de algo; além disto, ele não explica a realidade, mas acomoda e tranquiliza o homem em um mundo assustador. O mito é utilizado para explicar o mundo em uma estreita relação com a natureza. O tabu está ligado a uma proibição religiosa ou de controle social que restringe o uso de um gesto ou comportamento (tabus sexuais)<sup>10</sup>.

Conforme Silva; Duhart; Ferreira (2021), a educação sexual não significa restringir-se a anticoncepção eficaz ou discutir sobre IST; esta vai além, pois está atrelada a desconstrução de preconceito e rompimento de tabus, incentivando os estudantes a discutirem sobre seus próprios sentimentos sobre o assunto.

Percebe-se que a função dos mitos é tentar explicar algo sem o viés científico sustentado pela cultura humana que, em relação a educação sexual, tem uma denotação proibitiva. O dos

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tabu/>. Acesso em: 06 de fev. de 2023.

tabus, são o de restringir determinados comportamentos, visando limitar o adolescente de fazer algo considerado pecaminoso pela sociedade. Esta negatividade é repassada ao longo das gerações sem ser questionada e por força cultural que são, por fim, transmitidos e perpetuados como se fossem verdades universais.

O objetivo desta oficina em dinâmica de grupo foi o desmistificar alguns mitos presentes no meio social de forma lúdica. Alguns exemplos apresentados pelos discentes foram: 1. Passar cebola na mama feminina e andar com o vegetal dentro do sutiã para fazer cresce-lo; 2. Coletar um ovo de galinha recém-posto e passa-lo no seio feminino para fazer cresce-lo; 3. Utilizar dois preservativos ao mesmo tempo, dois masculinos ou um masculino e um feminino, para garantir maior proteção; 4. Depois de uma relação sexual, a mulher deixa as pernas suspensas para auxiliar na fertilização; 5. Tamanho peniano tem influência direta no prazer feminino. Através de pesquisas dos estudantes, eles chegaram à seguinte conclusão em relação as frases expostas:

1. A ideia de que a cebola pode contribuir para o crescimento dos seios provavelmente originou-se das propriedades estimulantes associadas ao vegetal. Algumas pessoas acreditam que a aplicação de suco nos seios pode aumentar o fluxo sanguíneo e estimular o crescimento das células mamárias. No entanto, não existem evidências científicas que respaldem essa teoria<sup>11</sup>;
2. Segundo as pessoas que acreditam nessa hipótese, o segredo estaria no estrogênio que é um hormônio produzido pela mulher, em grande quantidade no período da puberdade. As pessoas que acreditam neste mito, provavelmente, têm ideia implícita de que alguma substância é transferida do ovo para a mama<sup>12</sup>;
3. As pessoas que acreditam neste mito, têm em mente que estariam mais protegidas, todavia, nunca se deve utilizar duas camisinhas ao mesmo tempo, pois aumenta as chances de sair, em razão do atrito. romper ou estourar e, portanto, ocorrer gravidez ou transmissão de IST<sup>13</sup>;
4. É uma crença popular sem respaldo científico afirmar que estar de pernas para cima ou determinadas posições favorecem a entrada de mais espermatozoides no canal cervical,

<sup>11</sup> Disponível em: [https://loja.ibrath.com/blogs/244-significado/como-fazer-para-as-mama-cresce-com-cebola#google\\_vignette](https://loja.ibrath.com/blogs/244-significado/como-fazer-para-as-mama-cresce-com-cebola#google_vignette). Acesso em: 06 de fev. 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: [https://siliconecenter.com.br/blog/alimentos-para-aumentar-os-seios/#Qual\\_e\\_a\\_substancia\\_capaz\\_de\\_fazer\\_os\\_seios\\_%E2%80%9Ccricerem%E2%80%9D](https://siliconecenter.com.br/blog/alimentos-para-aumentar-os-seios/#Qual_e_a_substancia_capaz_de_fazer_os_seios_%E2%80%9Ccricerem%E2%80%9D). Acesso em: 06 de fev. 2023.

<sup>13</sup> <https://antigo.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/prevencao-combinada/usar-preservativos-masculinos-femininos-e-gel-lubrificantes#:~:text=ATEN%C3%87%C3%83O%3A%20nunca%20reutilize%20a%20camisinha,pode%20se%20romper%20ou%20estourar>. Acesso em: 06 de fev. 2023.

acelerando seu caminho até o óvulo na tuba uterina e, portanto, aumentar as chances de concepção, carece de comprovação científica<sup>14</sup>;

5. Conforme o urologista Luiz Otávio Torres, presidente da sociedade internacional de medicina sexual, “com exceção do micropênis, que, ereto, terá menos de 7 cm, acarretando problemas funcionais, mais ou menos centímetros não implicam um fator para uma boa desenvoltura no sexo”. Isto é válido para quaisquer tipos de relações sexuais, e, portanto, o tamanho peniano não será critério para satisfação<sup>15</sup>.

Em relação ao segundo mito, uma das estudantes relatou que:

*“É assim, assim que eu ouço, o ovo da galinha, ainda quente, pra passar ao redor do peito. Aí, de acordo com a vida da galinha, se ela durar cinco anos, é assim que o seu peito cresce. Se ela morrer, o peito não vai crescer. Não cresce mais. É um mito montado pelo povo mais velho e visto bastante nas zonas rurais, por exemplo. Ah, é tanto que, antigamente, quando a galinha ia pôr, sabia que a galinha ia pôr era a fila grande de mulheres para fazer isso (ECF)”.*

Além disto, durante o transcorrer da dinâmica, alguns estudantes apresentaram outras crençices:

*“O cara pensa também a duração da cama. Duração da cama. Sim, duração. Tem muito homem que dura 20 minutos” (EMB).*

*“O homem sempre tem muita testosterona” (EMB).*

Analisando-se a primeira frase do estudante, é perceptível que há uma crençice popular de que o homem tenha uma ejaculação em torno de 20 minutos, todavia, mediante pesquisa estudantil, a média para que ocorra o ato é de dois e cinco minutos e, quando ocorre em até um minuto, considera-se ejaculação precoce<sup>16</sup>.

É provável que este aluno faça o consumo regular de conteúdo adulto o qual mostram homens tem sempre duração acima da média; ademais, outra característica que é destacada é o tamanho peniano e medicamentos que prometem aumentar o genital masculino. O que os estudantes masculinos não percebem é que, como novelas, esse tipo de conteúdo contém cortes e manipulação de cenas que transferem esta impressão para quem o consome.

<sup>14</sup> <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/08/03/ficar-com-as- pernas-para-cima-apos-transar-aumenta-a-chance-de-engravidar.htm>. Acesso em: 06 de fev. 2023.

<sup>15</sup> <https://www.otempo.com.br/interessa/tamanho-e-documento-mas-nao-criterio-para-a-satisfacao-sexual-1.2393331>. Acesso em: 06 de fev. 2023.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://uromed.com.br/artigos/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-ejaculacao-precoce/#:~:text=A%20m%C3%A9dia%20para%20a%20ejacula%C3%A7%C3%A3o,se%20considerar%20um%20ejacula%C3%A7%C3%A3o%20precoce>. Acesso em: 06 de fev. 2023.

De acordo com Alves (2018), o consumo excessivo de conteúdo adulto vai além das relações amorosas e sexuais, impactando a compreensão sobre sexo e incentivando atos de violência. Além disso, transforma a atividade sexual em algo consumível, marcado por ansiedade, excesso e descartabilidade.

A segunda frase faz referência ao hormônio testosterona, o qual os estudantes acreditam que este sempre está normalizado no homem, todavia, mediante pesquisa deles, foi observado que esta substância pode decair naturalmente, devido a andropausa, que ocorre após os 40 anos<sup>17</sup>.

Martins *et al.* (2012), trabalhando com adolescentes, verificaram a existência de alguns tabus relacionados a este período em particular: bebida alcoólica e drogas aumentam o desejo sexual, sexo interfemoral ou intercrural sem proteção não resulta em gravidez, não há risco de gravidez durante o período menstrual, tamanho peniano e prazer feminino são diretamente proporcionais e o prazer masculino é sempre maior que o feminino

Pontuando ainda sobre Martins *et al.* (2012), é comentado que as diferenças de comportamento entre sexos indicam tabus arraigados no berço cultural da sociedade, em que a educação sexual, de caráter repressor, contribuiu para que os papéis e valores sexuais de homens e mulheres se mantenham rígidos e conservadores ainda hoje, embora as novas gerações comecem a imprimir novos comportamentos.

Mano; Gouveia; Schall (2009), em um trabalho com 36 estudantes do ensino médio, apontaram que eles aprovaram a multimídia "Amor e Sexo: mitos, verdades e fantasias" como fonte de informação, apesar do desafio do tema e da limitada informação sobre sexualidade. Os discentes classificaram como educativo e comunicativo o qual fundamentou-se na percepção qualitativa deles. O produto, voltado para a educação não-formal, buscou facilitar o diálogo participativo sobre escolhas, suas implicações e riscos, promovendo um posicionamento autônomo e esclarecido por meio do debate.

Esta oficina em dinâmica de grupo está correlacionada com a primeira e a segunda, pois nesta fase da adolescência, o jovem está sendo constantemente bombardeado por notícias que podem ser verdadeiras ou falsas. Deste modo, é importante que a escola e os responsáveis estejam cientes dos seus papéis educativos e os ensinem a verificar criticamente uma notícia, independente da área, para que o estudante não seja um propagador de notícias falsas.

---

<sup>17</sup> <https://uomed.com.br/artigos/efeitos-da-testosterona-baixa-no-organismo/#:~:text=%C3%89%20importante%20esclarecer%20que%20quando,geralmente%2C%20ap%C3%B3s%20os%2040%20anos>. Acesso em: 06 de fev. 2023.

#### 5.2.4 Como a mulher é vista na sociedade?

A oficina de dinâmica em grupo consistiu em analisar a questão supracitada a partir da visão dos adolescentes participantes do trabalho. Ela foi dividida em dois momentos em que o primeiro consistiu de análise de algumas músicas e imagens sobre a objetificação feminina; a segunda etapa consistiu em verificar, a partir da visão dos estudantes, como os diferentes tipos de mulheres são vistas pela sociedade.

A análise da primeira etapa ocorreu a partir das falas e interações entre os estudantes durante a oficina de dinâmica em grupo em relação às músicas apresentadas, às imagens e às notícias veiculadas no momento que ocorreu a aula. Na segunda etapa, a verificação ocorreu mediante as falas e interações, principalmente, pelas entrevistas realizadas pelos estudantes com o próprio núcleo familiar e a comparação de ideias sobre a figura feminina em relação às diferentes gerações.

Os próprios estudantes escolheram as músicas a partir de um exemplo fornecido pelo professor. As letras das músicas foram impressas para que os mesmos as acompanhassem e realizassem anotações. “Toda Arrepiada” de Hytalo Santos e Renatina Cabulosa foi a primeira canção tocada. Em seguida, foi tocado “Tijolos & Vadias” de Brocasito. Após análise da letra e debates, eles concluíram que a mulher se sente atraída por objetos materiais que os homens utilizam, sem, contudo, verificar a procedência da pessoa; além disto, há minimização da figura feminina ao demonstrar atração por objetos de valor. Na segunda, a mulher é literalmente objetificada no sentido de ser uma figura serventia para o sexo, conforme visão dos participantes, além de haver menção a utilização de entorpecentes químicos.

Garcia; Santana (2020) discorrem que, ao trabalhar com as canções *Mulher Indigesta*, de Noel Rosa (1932), e *Piranha*, de Bezerra da Silva (1979), restou evidente que elas perpetuam a objetificação sexual da mulher: “Mas que mulher indigesta! (Indigesta!)” – *Mulher Indigesta*; “E eu que fui dono de uma crioula/Desses tipo violão” – *Piranha*. Além disto, naturalizam o feminicídio e reforçam as dicotomias de gênero “Merece um tijolo na testa/Essa mulher não namora/Também não deixa mais ninguém namorar” – *Mulher Indigesta*; “Piranha não dá no mar, piranha/Somente na água doce se apanha/Tá ouvindo piranha?/(...)/Eu só sei que a mulher é igual a cobra/Tem veneno de peçonha” – *Piranha*. Ambas contribuem para a manutenção de uma ordem social hierarquizada que favorece o homem em detrimento da mulher.

A forma como o discurso dessas canções é construída sustenta normas sociais, incluindo as de gênero, levantando preocupações devido à sua ampla disseminação e consumo na cultura brasileira, que as utiliza na construção da identidade musical e cultural do país. Relacionando

este trabalho com o de Garcia; Santana (2020) percebe-se que a objetificação feminina é uma pauta antiga e que se faz ainda bastante presente no cenário musical brasileiro.

No que tange as imagens presentes no APÊNDICE K, Padoa (2015) destaca que a publicidade frequentemente associa a atração física ao consumo, usando o corpo feminino como símbolo do ideal estético. Isso reflete padrões rígidos e pode reforçar a visão da mulher como objeto. Essas mensagens destacam a aparência em detrimento da função dos produtos, influenciando a percepção das mulheres sobre si mesmas.

As músicas seguintes foram: “É por isso que sofre” De DJ Batata, Tati Quebra Barraco e Bárbara Labres e “Meu Namorado é o Maior Otário” De Mc Carol, no qual ambas prezam a valorização da mulher a partir de suas respectivas canções de acordo com os estudantes. Todavia, uma análise mais profunda em relação à canção “Meu Namorado é o Maior Otário” De Mc Carol, revela um empoderamento feminino revestido de preconceito por a mulher desprezar o companheiro por fazer atividades domésticas sendo um reverso feminino do machismo e, portanto, uma relação tóxica de poder.

Em relação a valorização feminina, Médici; Castro; Monteiro (2017) argumentaram que o empoderamento feminino surge através de representações positivas, que desafiam estereótipos. A maior diversidade de representações não estereotipadas resulta em um sentimento mais profundo de reconhecimento e que quando a narrativa é assumida pelo oprimido ela se torna poderosa, incentivando a libertação e o empoderamento de outras mulheres. Além disto, quando a figura feminina passa a ocupar espaços de destaque, ela passa a ser resistência ao que é imposto por uma sociedade predominantemente patriarcal (Rochedo, 2012).

Além destas discussões sobre a representação da figura feminina nas mídias, foram gerados debates em torno da vida pessoal alguns participantes. Um destes ocorreu pelo fato de uma estudante relatar que recebe tratamento diferente em relação ao irmão, como relatado por ela:

*“Eu tava falando com a minha mãe. Aí ela falou, não, mas essa coisa de você fazer, isso não é coisa dele fazer, não. Eu fiquei muito chateada, cara. Deus me livre em que eu tenho um filho e ele cresce assim, mano. Ele... fica deitado... para assistir televisão enquanto eu faço tudo. Eu fico... eu fico muito... puta com isso... porque... meu Deus... ele não faz exatamente nada. E quando ele faz... que a minha mãe manda... ele não quer fazer. Ele só faz si... meu pai realmente mandar” (EFB).*

Este comportamento relatado por ela parece ser perpetuado dentro da família, pois a mesma discorre que:

*“Eu acho que, assim, algumas mulheres cresceram meio que vendo o jeito que seu pai trata sua mãe. E tipo, elas meio que botam na cabeça, ah, o homem que manda. Aí tipo, quando elas mesmas verem homem fazendo alguma coisa assim dentro de casa, elas não criticam. Menino sai daí, tu não é nem viado, quem tem que fazer isso é a mulher. Eu acho que vem de casa esse bagulho também”* (EFB).

Pela fala da estudante, tal fato parece ter um viés cultural, somado a questão do machismo que está enraizado na sociedade. Como exemplo a ser analisado, tem-se o ato de um homem realizar tarefas domésticas, no qual, caso este a realize, ele será visto como um ser homossexual ou alguém inferior. Diante de uma sociedade patriarcal, o homem não deve realizar quaisquer tipos de tarefas domiciliares, sendo restrito a figura feminina; ademais, ela também deve promover o cuidado e educação dos filhos e ter um trabalho. É perceptível, neste caso, a tripla jornada feminina em muitos lares brasileiros.

O machismo vai além da supervalorização de um gênero sobre o outro, resultando na inferiorização do feminino em relação ao masculino e provocando diversas formas de violência. Uma reflexão coletiva e uma mudança de práticas são essenciais para reduzir ou erradicar o machismo na sociedade. Famílias, instituições escolares e mídia devem empenhar-se em desenvolver práticas que diminuam a segregação entre características femininas e masculinas, visando a redução da separação por gênero e, conseqüentemente, da violência (Oliveira; Maio, 2016).

Tanto homens quanto mulheres podem adotar atitudes machistas, pois a sociedade preconceituosa molda ambos com exemplos violentos. Combater o machismo demanda uma abordagem coletiva, na qual as instituições sociais se complementem na difícil tarefa de quebrar estereótipos e reduzir a violência, promovendo respeito, reconhecimento das diferenças e oposição a qualquer forma de violência. Essa transformação deve começar desde a infância, envolvendo discussão, reflexão, estudo e conscientização sobre questões relacionadas ao machismo (Oliveira; Maio, 2016).

O machismo perpetua expectativas tradicionais de gênero, pressionando as mulheres a desempenhar papéis múltiplos sem oferecer suporte adequado. Essa sobrecarga resulta em desigualdades no trabalho, onde as mulheres enfrentam barreiras para avançar em suas carreiras; na esfera doméstica, as quais são frequentemente responsáveis pela organização domiciliar; e na esfera educacional nas quais são unicamente responsáveis pela educação dos filhos. O machismo contribui para a persistência dessa jornada tripla, limitando o empoderamento feminino e reforçando desigualdades de gênero.

Vieira; Amaral (2013) relatam que a situação se torna pior devido a demanda por qualificação. As autoras ainda discorrem que esta busca reflete a preocupação com a

empregabilidade, sendo a competição profissional influenciada não apenas pelo gênero, mas também pela concorrência com profissionais mais jovens. Embora as mulheres entrevistadas pelas autoras mencionem rever a divisão de tarefas domésticas, a presença da empregada doméstica continua sendo crucial para a delegação e conciliação dessas responsabilidades. Ao dedicarem-se aos estudos, elas renunciaram ao lazer, não como um sacrifício, mas como um ato que confere novo significado às suas prioridades.

Outrossim, foram geradas também discussões acerca do tema racismo a que os estudantes estão sujeitos, independentemente do sexo. Algumas estudantes pretas relataram suas próprias experiências em se tratando da tonalidade de pele adicionado ao fato de ser mulher. É provável que a carga de preconceito seja maior quando estas duas características aparecem juntas em uma população. Foram relatadas que:

*“Saiu eu e meu pai, e uma prima minha, tipo, eles todos brancos, né? E eu saí na única preta lá. Isso eu era criança ainda. Aí a gente foi na casa de uma tia lá. Aí tava tudo bem lá, até que eles chegaram e... Aí ela olhou assim pra mim e falou, e essa daqui é filha de quem? Aí meu pai pegou e falou, é minha filha. Aí ela pegou e falou assim, dessa cor, você é da família? Aí eu não sei mais o que aconteceu, porque eu era criança e eu só lembro disso” (EFB).*

*“Aí ocorreu, algo parecido comigo Thiago, porque a minha mãe é preta né, aí tipo meu irmão muito branco, recém-nascido, eles simplesmente pararam a minha mãe, dizendo que meu irmão não era filho da minha mãe, eles pediram o documento de nascimento do meu irmão e não queriam deixar minha mãe ir embora” (EFB).*

*“Se eu não fosse a cara do meu pai, também aconteceria isso porque minhas irmãs são claras” (EFC).*

*“Conheço uma pessoa que é branca, e o irmão mais velho é preto, e o resto dos irmãos todos são brancos, todo mundo acharam que o irmão mais velho era um primo. E outra Thiago, minha irmã mais velha é branca, tem muita gente que acredita que a gente não é irmã, por conta da cor de pele” (EFB).*

De acordo com Edmonds (2018) os caracteres que emergem em cada filho dependem de variáveis, incluindo a ancestralidade e a complexa relação genética pigmentar. Neste estudo, a característica da cor de pele não é uma determinação binário, mas assume um caráter gradativo e que as pessoas apresentam uma determinada tonalidade dentro deste espectro. A ciência confirma que as gradações de pele são resultadas de mutações, migrações, seleção natural, isolamento de populações e cruzamentos que são partes da história humana (Edmonds, 2018).

O preconceito contra uma pessoa preta é um fenômeno complexo enraizado na história de escravidão, colonialismo e perpetuação de estereótipos negativos. O racismo estrutural, a ignorância, a mídia e a falta de interação entre grupos étnicos contribuem para a discriminação. Combater isto requer esforços individuais e coletivos, incluindo educação, diálogo e políticas antirracistas, visando uma sociedade mais justa e inclusiva.

Santos *et al.* (2020), entrevistando mulheres pretas, discorrem que o público feminino está inserido em papéis tradicionalmente ligados à maternidade, vida conjugal e doméstica. A conscientização da identidade como mulher preta, em muitos casos, surge a partir da experiência da violência simbólica do preconceito racial. Ser uma mulher preta está relacionado ao enfrentamento e superação desse fenômeno e para que se construa uma autoimagem e identidade positivas em meio ao viés negativo que é socialmente construído.

Além das histórias de vida relatadas, outros estudantes também relataram termos pejorativos de cunho discriminatórios: “tição”, “sabonete de mecânico”, “picolé de asfalto” e “nego ou neguim”. Os presentes também dialogaram sobre frases marcantes ditas a pessoas que são pretas:

*“Não gosto de nego” (EMB).*

*“O povo sai de perto pela cor da pele” (EFB).*

*“A pessoa entrar em um supermercado, e já ter várias pessoas te perseguindo” (EFC).*

*“É um sentimento horrível a pessoa se sente uma porcaria ficar sendo seguida enquanto tenta comprar algo” (EFC).*

O Código de Defesa do Consumidor (CDC) não aborde explicitamente a prática do racismo, ademais, a sua principal função é regular as relações de consumo, garantindo proteção ao consumidor como parte vulnerável. O artigo 4.º estabelece que a Política Nacional das Relações de Consumo deve atender às necessidades dos consumidores e respeitar sua dignidade, saúde e segurança. Ele também assegura o direito básico do consumidor à liberdade de escolha e igualdade nas contratações, conforme o artigo 6.º, inciso II. Além destes dispositivos, o fornecedor é proibido de recusar atendimento ou praticar preço diferenciado, conforme os artigos 39 (incisos IX e X) e 37, § 2º. Em caso de publicidade discriminatória, os consumidores são encorajados a denunciar aos Órgãos de Proteção ao Consumidor (Brasil, 1990).

Apesar de o próprio CDC versar sobre a proteção do consumidor, é possível inferir que na prática isto não ocorre, mediante a fala dos estudantes participantes. Estes relatam perseguições em estabelecimentos em virtude da cor da pele, pois denota-se um sentimento de negatividade em relação a pele preta. É urgente que se dialogue, desde a tenra idade, que uma pessoa não é superior a outrem em virtude do tom de pele, pois o Brasil é fruto de miscigenação entre o europeu, o indígena e o preto.

Independente de uma pessoa ser pobre, homossexual, idoso, mulher, preta, ou alguém limitado fisicamente, o preconceito e a discriminação constituem a difícil realidade que envolve a vida dessas pessoas, acarretando-lhes sérias consequências morais, materiais e psicológicas. Essa situação demanda não apenas a aplicação de instrumentos legais, mas também uma transformação social urgente, visando superar o paradigma prejudicial que atualmente prevalece. A defesa dos direitos humanos e o princípio da igualdade devem prevalecer sobre qualquer intolerância em relação à diversidade, promovendo assim uma convivência harmoniosa na sociedade (Savazzoni, 2015).

Na segunda parte desta oficina em dinâmica de grupo, alguns estudantes entrevistaram pessoas mais velhas do seu próprio círculo familiar relacionadas as imagens do APÊNDICE K. As transcrições das entrevistas estão descritas no quadro 3, mantendo-se a gramática dos próprios estudantes. Como ponto negativo, não houve, por parte dos discentes, a descrição de quais entes foram entrevistados.

Quadro 3: Transcrição das entrevistas realizadas pelos estudantes com alguns de seus próprios familiares.

**ENTREVISTADOR 1**

A primeira mulher é muito musculosa (exagerada)?

entrevistado 1: sim.  
entrevistado 2: sim.  
entrevistado 3: sim.  
entrevistado 4: sim.

Você se importaria de viajar em um avião sabendo que é comandado por uma pilota?

entrevistado 1: a pessoa não viajaria nem com um homem, e nem com uma mulher.  
entrevistado 2: não.  
entrevistado 3: sim.  
entrevistado 4: sim.

A duas modelos acima deveriam emagrecer (elas ficariam mais bonitas se fossem magras)?

entrevistado 1: sim.  
entrevistado 2: sim.  
entrevistado 3: não.  
entrevistado 4: sim.

Você criticaria/confiaria nessas mulheres ou elas parecem felizes/competentes em ser quem elas são? Ou elas deveriam se encaixar nos estereótipos ditados pela sociedade? Por que?

entrevistado 1: confiaria. não.  
entrevistado 2: confiaria. não.

entrevistado 3: confiaria. não.  
entrevistado 4: confiaria. não.

### **ENTREVISTADOR 2**

A primeira mulher é muito musculosa (exagerada)?

entrevistado 1: sim.  
entrevistado 2: não.  
entrevistado 3: não.  
entrevistado 4: sim.

Você se importaria de viajar em um avião sabendo que é comandado por uma pilota?

entrevistado 1: a pessoa não viajaria nem com um homem, e nem com uma mulher.  
entrevistado 2: não.  
entrevistado 3: não.  
entrevistado 4: sim.

A duas modelos acima deveriam emagrecer (elas ficariam mais bonitas se fossem magras)?

entrevistado 1: não.  
entrevistado 2: não.  
entrevistado 3: não.  
entrevistado 4: sim.

Você criticaria/confiaria nessas mulheres ou elas parecem felizes/competentes em ser quem elas são? Ou elas deveriam se encaixar nos estereótipos ditados pela sociedade? Por que?

entrevistado 1: confiaria. Sim  
entrevistado 2: confiaria. não.  
entrevistado 3: confiaria. não.  
entrevistado 4: confiaria. Sim

### **ENTREVISTADOR 3**

A primeira mulher é muito musculosa (exagerada)?

entrevistado 1: não.  
entrevistado 2: mais ou menos.  
entrevistado 3: sim.  
entrevistado 4: sim.

Você se importaria de viajar em um avião sabendo que é comandado por uma pilota?

entrevistado 1: não.  
entrevistado 2: não.  
entrevistado 3: não.  
entrevistado 4: talvez.

A duas modelos acima deveriam emagrecer (elas ficariam mais bonitas se fossem magras)?

entrevistado 1: não, isso vai do gosto dela.  
 entrevistado 2: elas não deveriam emagrecer.  
 entrevistado 3: não.  
 entrevistado 4: jamais.

Você criticaria/confiaria nessas mulheres ou elas parecem felizes/competentes em ser quem elas são? Ou elas deveriam se encaixar nos estereótipos ditados pela sociedade? Por que?

entrevistado 1: não devemos criticar uma pessoa por suas características físicas. Até porque não conhecemos as características psicológicas.  
 entrevistado 2: pq que nós não devemos criticar uma mulher por suas características físicas.  
 entrevistado 3: Porque cada um tem o direito de ser quem elas são, sem se importar com os padrões feitos pela sociedade, e não devemos deixar de confiar menos em mulher por ser do gênero feminino.  
 entrevistado 4: porque a mulher tem o direito de ficar onde quiser e não deve se importar com os outros.

#### **ENTREVISTADOR 4**

A primeira mulher é muito musculosa (exagerada)?

entrevistado 1: não.  
 entrevistado 2: não.  
 entrevistado 3: não.

Você se importaria de viajar em um avião sabendo que é comandado por uma pilota?

entrevistado 1: não voaria.  
 entrevistado 2: não voaria nem que fosse um homem.  
 entrevistado 3: sim voaria.

A duas modelos acima deveriam emagrecer (elas ficariam mais bonitas se fossem magras)?

entrevistado 1: não.  
 entrevistado 2: não elas já são lindas.  
 entrevistado 3: não.

Você criticaria/confiaria nessas mulheres ou elas parecem felizes/competentes em ser quem elas são? Ou elas deveriam se encaixar nos estereótipos ditados pela sociedade? Por que?

entrevistado 1: Não crítico. Sim eu confiaria nelas menos a do meio. Sim elas parecem felizes. Aparentemente elas são sim competentes. NAO porque elas são perfeitas do jeito que são.  
 entrevistado 2: Não podemos criticar as pessoas pela sua aparência. Talvez confiaria tudo depende da situação. Aparentemente estão felizes. Cada um faz o que quiser com sua vida.  
 entrevistado 3: Não. Sim confiaria em todas porque se elas chegaram até aqui é porque elas são boas no que fazem. Sim Aparentemente estão felizes. Aparentemente elas são bem competentes. Não porque todas elas são lindas e perfeitas do jeito que são.

#### **ENTREVISTADOR 5**

A primeira mulher é muito musculosa (exagerada)?

entrevistado 1: sim.  
entrevistado 2: sim.  
entrevistado 3: não.  
entrevistado 4: sim.

Você se importaria de viajar em um avião sabendo que é comandado por uma pilota?

entrevistado 1: não  
entrevistado 2: sim.  
entrevistado 3: não.  
entrevistado 4: sim.

A duas modelos acima deveriam emagrecer (elas ficariam mais bonitas se fossem magras)?

entrevistado 1: sim.  
entrevistado 2: sim.  
entrevistado 3: sim.  
entrevistado 4: não.

Você criticaria/confiaria nessas mulheres ou elas parecem felizes/competentes em ser quem elas são? Ou elas deveriam se encaixar nos estereótipos ditados pela sociedade? Por que?

entrevistado 1: não devemos criticar as pessoas pela sua aparência física. Confiaria.  
entrevistado 2: confiaria. Elas parecem ser muito competentes.  
entrevistado 3: confiaria. Elas parecem ser bem felizes do jeito que são.  
entrevistado 4: confiaria. Cada um tem direito de ser quem é, sem se importar com opiniões vindo de outras pessoas e também sem se importar com os padrões feitos pela sociedade.

Fonte: Dados do autor.

Em relação aos adultos entrevistados, em todos os questionamentos, parece haver pessoas que ainda criticam a figura feminina por não estarem atreladas a um padrão socialmente imposto, pois ainda é incomum observar mulheres que tenham um porte físico musculoso, ou que sejam modelos gordas ou ainda que exerçam profissões majoritariamente masculinas. Apesar disto, houve alguns adultos que apoiaram estas mulheres elencadas na figura do APÊNDICE K, indicando que está ocorrendo mudanças na sociedade de que elas são livres para fazerem suas próprias escolhas.

É provável que estes adultos que tenham um pensamento diferente possam estarem sendo influenciados pela atual geração de estudantes os quais possuem um pensamento aberto à diversidade de sexualidade, de gênero e de corpos, minimizando o máximo possível a carga de preconceito ainda presente na sociedade.

Oliveira-Cruz; Isaia (2022) afirmaram em seu trabalho que a sociedade patriarcal historicamente adotou práticas de controle e deslegitimação dos corpos femininos,

independentemente de ser magro ou gordo. As lógicas de dominação e poder sobre o corpo feminino estão atreladas ao prazer e à circunstância condicionadas à construção social desse. Esse sistema, em um contexto sociocultural, perpetuou a imagem da mulher como desprovida de voz, fundamentada no discurso milenar da diferença biológica. Com o avanço das mulheres no mercado de trabalho e a conquista da independência financeira, novas formas de opressão surgiram, destacando a beleza como uma ferramenta de controle feminino.

Bueno (2020) reforça que a pressão estética e a gordofobia sustentam uma hierarquia de poder que favorece o corpo feminino magro em detrimento do corpo gordo. Essa lógica se baseia em contrastes, como bonito/feio, aceito/excluído, ágil/preguiçoso, onde a mulher magra é associada ao sucesso social e à beleza, enquanto a mulher gorda é subordinada e estigmatizada. Essa visão binária reforça imagens de controle, que dependem da existência e da diferenciação entre essas categorias.

Apesar de serem discutidos as questões sobre bullying e distorção de imagem, perpetuam-se estereótipos associados ao corpo gordo. Ao questionar como professores abordam os corpos em aulas de Biologia, deve-se propor a desnaturalização de práticas que reforçam a padronização corporal. Para isto, é urgente uma educação que promova diversidade e que rejeitem imposições que diariamente conduzem as pessoas a padronizações sociais (Bastos; Linhares; Silva, 2021).

Esta oficina em dinâmica de grupo se correlaciona com o questionamento 22 do Questionário Diagnóstico que versou sobre discriminação. Durante a aplicação desta, estiveram presentes estudantes que são gordos e estudantes que são pretos; apesar disto, as respostas se concentraram em discriminação relacionadas a orientação e assédio sexual. É provável que estudantes desconheçam como a gordofobia deslegitima o ser humano que tenha o corpo gordo e que esse tipo de preconceito ainda seja sutil para os adolescentes, pois não houve comentários em relação a este termo, apesar de ser crescente esta aversão à pessoa gorda combinada a ditadura da magreza.

Em relação aos estudantes pretos, parece haver uma aceitação a pessoas com tonalidade de pele escura, entretanto, ainda existe um sutil preconceito racista em torno de piadas e expressões racistas e que perpassa pelos insultos e atitudes deliberadas por outrem. A diferença é que racismo gera uma punição para quem o pratica; enquanto que a gordofobia não gera qualquer ato que seja punível e quem profere insultos. A aceitação à pessoa preta é realizada pela obediência às políticas antirracistas.

Em resumo, é provável que os estudantes não tenham comentado a discriminação por serem pretos, porque os casos ou aconteceram dentro da família ou com amigos próximos ou

acontece quase de forma imperceptível em vias públicas. Em ambos os casos, há ocorrência de preconceito sutil e que pode não gerar punição para quem o pratica.

Conforme Lima; Vala (2004), o preconceito sutil é uma forma dissimulada de discriminação composta por três dimensões distintas. A primeira envolve a defesa dos valores tradicionais; a segunda refere-se ao exagero das diferenças culturais; a terceira manifesta-se pela rejeição à expressão de simpatia e admiração em relação aos membros do grupo externo.

Discutir a discriminação e o *bullying* na sala de aula é importante para promover um ambiente educacional inclusivo e consciente. Ao abordar esses temas, os educadores têm a oportunidade não apenas de informar, mas também de fomentar a empatia e o respeito entre os estudantes para que seja proporcionado um espaço para a reflexão crítica sobre as diversas formas de discriminação presentes na sociedade, capacitando os alunos a compreender e confrontar preconceitos. Além disso, contribuem para o desenvolvimento de uma consciência social, essencial para a formação de cidadãos engajados, capazes de promover a equidade e a diversidade em suas vidas cotidianas.

## **6 CULMINÂNCIA**

A partir dos debates realizados, foi promovido um diálogo respeitoso entre os estudantes, e todas as opiniões foram levadas em consideração, e, durante a aplicação das oficinas de dinâmica em grupo, não houve discriminação por divergência de uma opinião alheia. Ademais, houve intensa participação dos estudantes durante a aplicação do projeto mesmo nos encontros que ocorreram remotamente. Os discentes permaneceram motivados e engajados por trabalhar um tema tão amplo e fortemente presente na sociedade, sejam nos meios de comunicação em massa, sejam nas conversas informais que ocorrem na comunidade escolar. Os estudantes reconheceram que a dificuldade de trabalhar com termos científicos, mas foi superado à medida que ocorreram os encontros.

Avaliou-se o aprendizado dos estudantes por meio da apresentação de trabalhos durante a III Mostra de Práticas Experimentais da ECIT Cristiano Cartaxo. Os grupos foram divididos baseados nos temas apresentados durante as oficinas de dinâmicas em grupo, a saber: 1. Adolescência, IST e contracepção; 2. Adolescência e os mitos existentes e 3. Adolescência e o empoderamento das mulheres cisgênero e transgênero. Os avaliadores foram estudantes universitários de diferentes subáreas dentro das Ciências da Natureza e Matemática. Os trabalhos foram importantes e necessários, pois contribuíram com a aprendizagem significativa estudantil e, como foram realizados por eles próprios, os discentes se transformaram em propagadores do conhecimento para a comunidade escolar para que tabus e preconceitos possam ser reduzidos na escola e também no seio familiar.

### **6.1 Adolescência, IST e Contracepção**

Este trabalho envolveu a relação do período adolescente com os métodos contraceptivos e IST. Os estudantes demonstraram a utilização correta do preservativo masculino e feminino em moldes anatômicos (fotografias 6 e 7). Ademais, eles próprios prepararam um folder no qual continha explicações gerais sobre IST, bem como a função de protetiva da camisinha quando utilizada corretamente para não adquirir uma infecção (fotografia 8). Houve distribuição de preservativos, mediante a autorização do trio gestor da escola Além disto, também demonstraram, como se adquire HIV/Aids e outras IST, por meio de cartaz e apresentação mediante a utilização de datashow, respectivamente (fotografias 9 e 10). Após a apresentação para outros estudantes da escola e para os avaliadores, os discentes montaram um pequeno jogo na qual era girada uma roleta e o estudante que escutou a apresentação teria que

responder um dos oito questionamentos preparados pelos alunos e alunas da apresentação e, caso ele acertasse a resposta, ganharia um brinde (fotografias 11, 12 e 13).

Fotografia 6: Demonstração, pelos estudantes, da correta inserção e utilização do preservativo feminino.



Fonte: Arquivos do autor.

Fotografia 7: Distribuição de preservativos masculino e feminino para os presentes que assistiram a apresentação. Detalhe para a figura central que é um modelo anatômico de um feto como uma das consequências ao não se utilizar o preservativo durante o ato sexual.



Fonte: Arquivos do autor.

Em relação a demonstração de como utilizar o preservativo, Tonello; Pellegrini (1998) discorrem que a informação visual tem papel crucial no contexto do processo de ensino-aprendizagem de habilidades motoras. Pellegrini; Tonello (1997) reforçam que o papel de um modelo é observado em situações de ensino e do cotidiano. Deve-se enfatizar o papel da aprendizagem observacional como uma das formas ensino-aprendizagem que o estudante possa realizar (Tonello; Pellegrini, 1998).

É evidente indivíduos adquirem novos conhecimentos e habilidades ao observar e imitar o comportamento de outros, neste caso, pela utilização correta de preservativo. Este método é fundamental no desenvolvimento humano, contribuindo para a aquisição de competências para a utilização deste método contraceptivo.

Conforme apontado por Grippo; Fraccolli (2008), a cartilha é efetiva como instrumento responsável por promover habilidades e conhecimentos para comunidades e para indivíduos,

de modo que eles são facilitadores do processo de ensino-aprendizagem com a finalidade de promoção de novos conceitos, bem como promover a saúde. Além do conhecimento explanado pelos estudantes-apresentadores, os presentes também estavam adquirindo-o mediante as cartilhas repassadas pelo grupo sobre prevenção de IST.

Fotografia 8: Folder feito pelos estudantes sobre IST.



Fonte: Arquivos do autor.

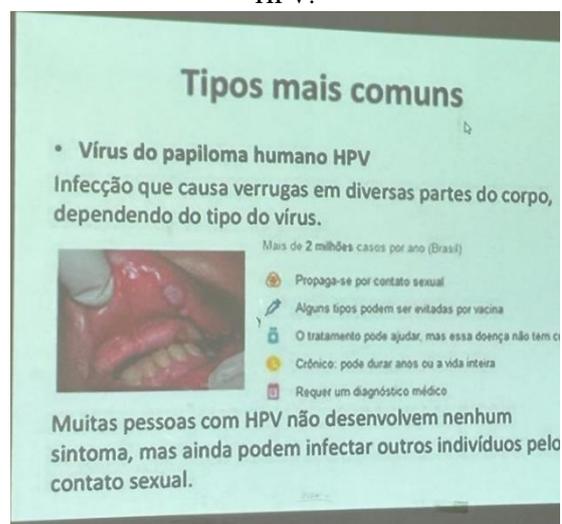
O cartaz adquirido junto a Secretaria Estadual de Saúde na cidade de Cajazeiras/PB e as imagens de outras IST divulgadas por meio de datashow reforçaram o papel da correta utilização do preservativo e o conhecimento sobre IST com a finalidade de que as infecções não sejam transmitidas para o (a) parceiro (a) sexual.

Fotografia 9: Cartaz sobre formas de transmissão do HIV, o vírus da Aids, conseguido pelos alunos junto a Secretaria Estadual de Saúde.



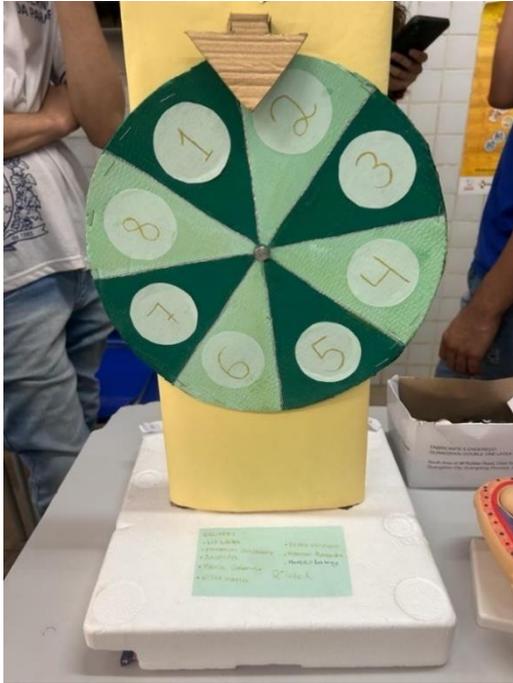
Fonte: Arquivos do autor.

Fotografia 10: Datashow apresentando outras IST. No momento da captura da imagem, falou-se sobre o HPV.



Fonte: Arquivos do autor.

Fotografia 11: Jogo de roleta com perguntas utilizado pelos estudantes ao final da apresentação.



Fotografia 12: Detalhe encontrado na parte anterior ao jogo de roleta com perguntas mostrando os papéis no qual estavam contidas as perguntas. Logo abaixo, tem-se os questionamentos presentes em cada papel.



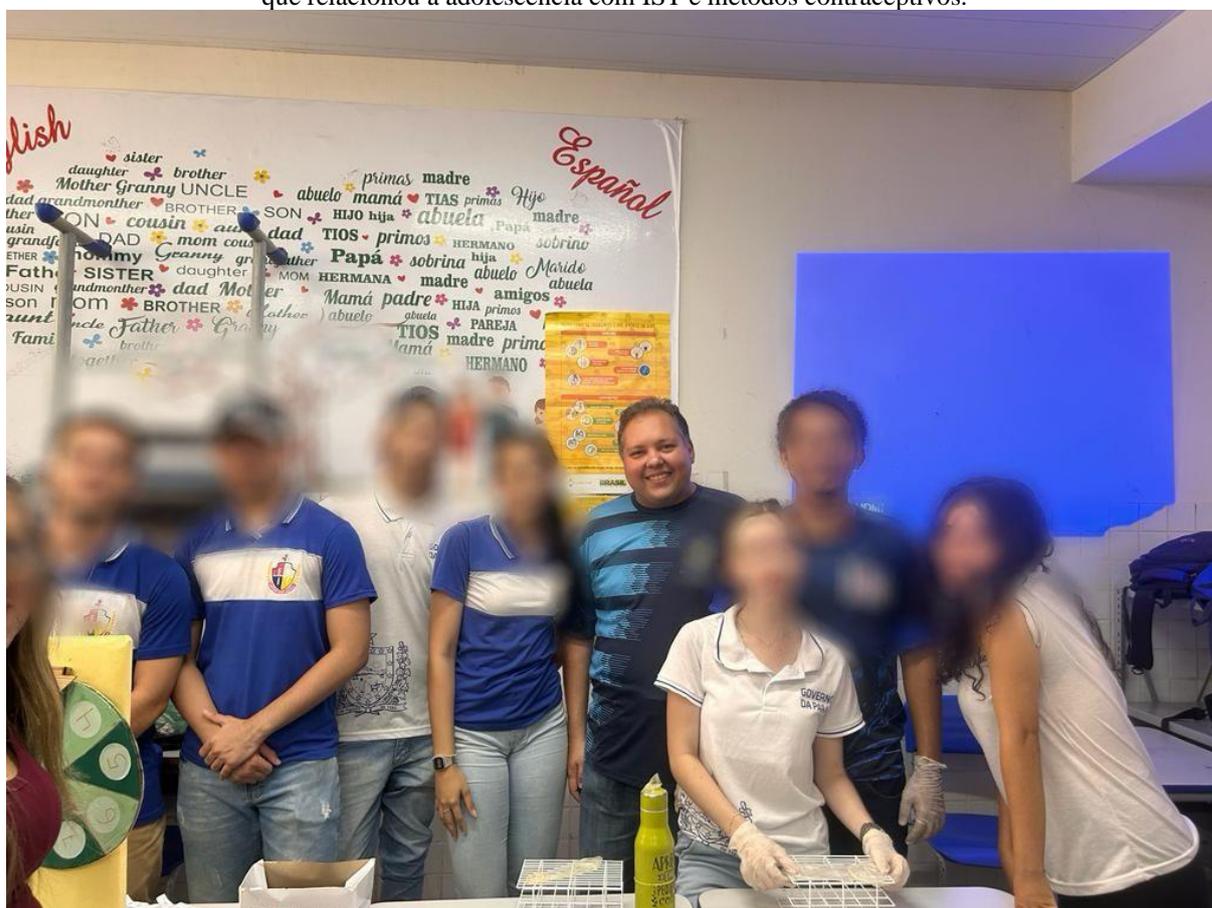
- 1- Qual o perfil social das jovens que engravidam na adolescência?
- 2- Como é possível manter as pessoas informadas sobre as prevenções?
- 3- Quais são os fatores que podem levar a gravidez na adolescência?
- 4- O que é uma IST?
- 5- Quais são seus riscos na adolescência?
- 6- Quais são consideradas as ISTs mais "comuns"?
- 7- Quais suas principais características?
- 8- Como se prevenir das ISTs?

Fonte: Arquivos do autor.

Após a apresentação dos estudantes, os presentes participaram de um jogo de roleta, no qual continha perguntas sobre a apresentação. O estudante girava o objeto, respondia ao questionamento e, caso acertasse, era recompensado com um brinde; se o mesmo não obtivesse êxito em falar a resposta corretamente, um dos estudantes-apresentadores retificava em que parte ocorreu o erro no pronunciamento da resposta. Silva; Araújo (2021) avaliaram que o ato de girar uma roleta com questionamentos é um elemento motivador e que atrai a atenção dos estudantes.

Miranda *et al.* (2016) apontam que os jogos se destacam como valioso recurso didático, proporcionando uma abordagem dinâmica e prática para relacionar conceitos estudados e também permitem avaliar os impactos das atividades no aprendizado, promovendo interação entre os participantes. Além disto, funcionam como facilitadores e motivadores no processo de ensino-aprendizagem (Barros; Miranda; Costa, 2019). Oliveira *et al.* (2019) comentam que o jogo é um recurso lúdico importante, com capacidade integrativa e que fogem da monotonia de sala de aula. Somando-se a isto, os jovens consideram o jogo como uma forma significativa de comunicação, sendo amplamente aceito em seu meio como uma prática ou elemento adicional (Martins *et al.*, 2019).

Fotografia 13: Fotografia realizada ao fim da culminância com os estudantes-apresentadores desta culminância que relacionou a adolescência com IST e métodos contraceptivos.



Fonte: Arquivos do autor.

É possível evidenciar que os estudantes apreenderam e estiveram engajados na temática sobre métodos contraceptivos e IST, no qual destacaram a camisinha por ser o único que protege contra infecções e gravidez precoce. Destaca-se a quantidade de material produzido pelos mesmos que enriqueceram a apresentação. Os avaliadores estavam bastante satisfeitos com a desenvoltura dos discentes por estarem suficientemente seguros por apresentarem um tema

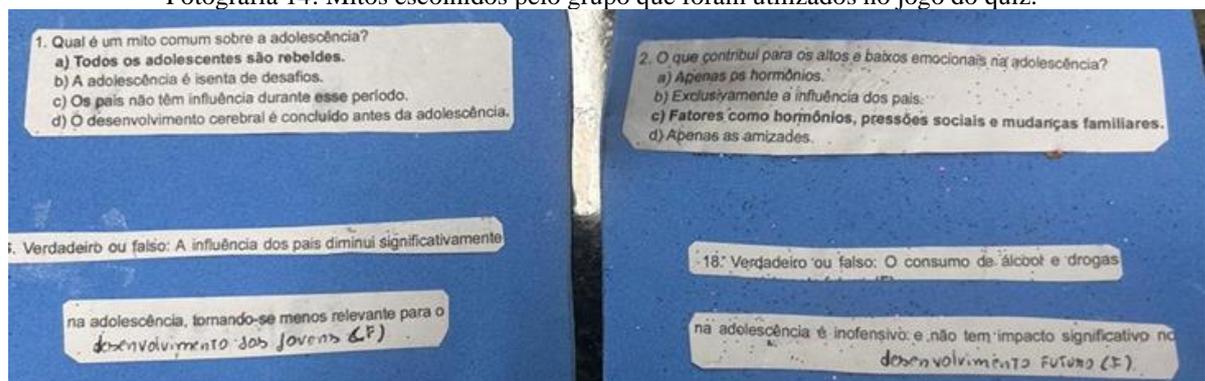
muito relevante e, ao mesmo tempo, importante para o cotidiano dos adolescentes, pois estão sujeitos a contração de doenças e, as mulheres, aquisição de gravidez por não saberem utilizar corretamente a camisinha.

## 6.2 Adolescência e os mitos existentes

Este trabalho envolveu a relação do período adolescente com mitos explorados pelos estudantes. Para exemplificar o tema, estes recorreram a dois exemplos citados na oficina de dinâmica em grupo: “mito de passar a cebola no seio feminino para fazê-lo crescer” e o “mito de passar ovo de galinha recém-posto para fazer o seio crescer”. Foi explicado por eles a importância de que se busque fontes confiáveis a fim de verificar se determinada notícia tem procedência falsa ou verdadeira.

Após a fala dos estudantes-apresentadores, duas pessoas foram escolhidas aleatoriamente para participar de um jogo do tipo quiz (Fotografias 14, 15 e 16). Os participantes ficavam frente a frente, ouviam o questionamento do locutor e tocavam a sineta caso soubessem da resposta. Se o primeiro respondesse corretamente, era premiado com um brinde; se este respondesse incorretamente, o direito de resposta seria passado para o concorrente. Se este também não respondesse corretamente, um dos estudantes-apresentadores tomava a palavra para corrigir a resposta, e se houver respondido corretamente, ele seria premiado.

Fotografia 14: Mitos escolhidos pelo grupo que foram utilizados no jogo do quiz.



3. O que representa uma crise comum durante a adolescência?  
 a) Estabilidade emocional.  
 b) **Identidade intensa.**  
 c) Conformidade total.  
 d) Desenvolvimento cerebral completo.

15. Verdadeiro ou falso: A pressão dos colegas é sempre negativa e contribui para comportamentos de risco entre os **Adolescentes (F)**

4. Como a pressão dos colegas pode ser caracterizada na adolescência?  
 a) Sempre negativa.  
 b) Sem impacto.  
 c) Exclusivamente positiva.  
 d) **Variando entre positiva e negativa.**

19. Verdadeiro ou falso: Todos os adolescentes são naturalmente inclinados à rebeldia contra figuras de autoridade. (F)

5. O que é crucial para o desenvolvimento futuro dos adolescentes?  
 a) Consumo livre de álcool e drogas.  
 b) Apenas a popularidade.  
 c) **Apoio emocional dos pais.**  
 d) Ignorar a influência dos pais.

11. Verdadeiro ou falso: A adolescência é universalmente caracterizada por comportamentos rebeldes e conflitos familiares. (F)

6. O que é importante lembrar sobre a depressão na adolescência?  
 a) Todos os adolescentes passam por isso.  
 b) É uma fase inofensiva.  
 c) **Deve ser tratada com seriedade.**  
 d) É exclusivamente uma busca por atenção.

17. Verdadeiro ou falso: A depressão na adolescência é apenas uma fase normal que todos os jovens experimentam. (F)

7. Como a influência dos pais é vista durante a adolescência?  
 a) Torna-se irrelevante.  
 b) **Permanece significativa.**  
 c) É prejudicial.  
 d) Só importa no início da adolescência.

14. Verdadeiro ou falso: O desenvolvimento cerebral completo ocorre antes do início da adolescência. (F)

8. O que pode resultar do consumo de substâncias na adolescência?  
 a) Nenhum impacto.  
 b) Aumento da saúde mental.  
 c) **Riscos de dependência e impacto no desenvolvimento.**  
 d) Benefícios para a autoestima.

20. Verdadeiro ou falso: A popularidade e aceitação social são as únicas preocupações importantes para os adolescentes. (F)

9. Qual é um equívoco comum sobre a rebeldia na adolescência?  
 a) **Todos os adolescentes são naturalmente rebeldes.**  
 b) Nenhum adolescente é rebelde.  
 c) A rebeldia não é influenciada pela personalidade.  
 d) A rebeldia só ocorre no final da adolescência.

13. Verdadeiro ou falso: Os hormônios são os únicos responsáveis pelos altos e baixos emocionais dos adolescentes. (F)

10. O que abrange as preocupações dos adolescentes?  
 a) Apenas popularidade.  
 b) Apenas desempenho acadêmico.  
 c) **Uma variedade de aspectos, incluindo escola, amigos e pressões sociais.**  
 d) Exclusivamente a conformidade social.

12. Verdadeiro ou falso: A maioria dos adolescentes experimenta uma crise de identidade intensa durante esse período.

Fotografia 15: Os mitos escolhidos pelos estudantes foram organizados na disposição abaixo. Uma placa era escolhida aleatoriamente para os participantes do quiz responderem. Quem tocasse primeiro a sineta, era quem detinha o direito de resposta.



Fonte: Arquivos do autor.

Fotografia 16: Estudantes em um momento de explanação inicial sobre mitos e a disseminação de notícias falsas.



Fonte: Arquivos do autor.

Andrade; Freitas; Triani (2021), utilizando o game show passa ou repassa, revelaram que a implementação desta metodologia ativa na escola resultou em aumento da motivação e interesse pelos conteúdos disciplinares. Isso conduziu a uma aprendizagem significativa do aluno nas dimensões atitudinais, conceituais e procedimentais, destacando o elemento lúdico como fundamental.

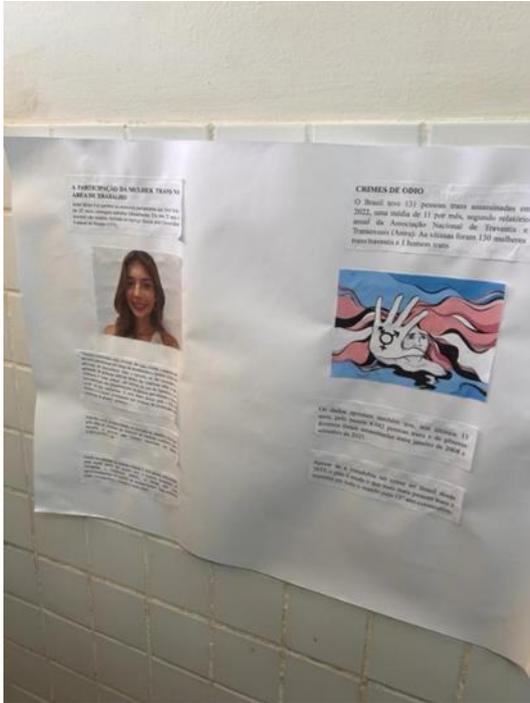
Vargas; Ahlert (2018), trabalhando com quatro turmas dos cursos técnicos da Universidade do Vale do Taquari – Univates, observaram que o emprego de jogos educacionais como uma abordagem de metodologia ativa revelou-se ser agradável e divertida de avaliar e aprender. A participação ativa dos estudantes estimulou discussões no grupo sobre respostas, além de despertar maior atenção, elevando o nível de concentração, melhorou a comunicação entre pares e promoveu o desenvolvimento do pensamento crítico. Ressalta-se também que o momento proporcionou riqueza devido aos momentos de discussão sobre as respostas incorretas, contribuindo para a efetivação da aprendizagem.

Este grupo também foi bem avaliado pelos avaliadores, dado a quantidade de mitos que foram trazidos. A utilização de jogos como forma de demonstração gerou repercussão positiva entre os presentes, pois foi possível verificar se estes realmente haviam compreendido os conceitos sobre mito ou verdade que estão presentes na vida do adolescente. Outro ponto importante foi o destaque que foi dado ao tema sobre notícias falsas que circulam como sendo verdadeiras e a importância de averiguar a procedência dela para que não sejam espalhadas fake news que vão de encontro a Ciência.

### **6.3 Adolescência e o empoderamento das mulheres cisgênero e transgênero**

O trabalho envolveu a relação do período adolescente com o empoderamento das mulheres cisgênero e transgênero, na qual esta categoria de pessoas recebeu maior destaque devido ao maior preconceito que recebem. Para a explicação o tema, os estudantes recorreram a conceitos relacionados a “identidade de gênero” (fotografias 17, 19 e 20); além disto, foi falado sobre os crimes de ódio que atingem mulheres transexuais e o aumento da participação deste grupo particular de pessoas no mercado de trabalho. Um dos estudantes também comentou sobre o preconceito utilizando dois esqueletos disponíveis na escola. Em resumo, foi comentado por ele que, biologicamente, todos os seres humanos são iguais com características específicas de cada gênero sexual e que, infelizmente, o preconceito é aprendido por crianças através de familiares e também de crimes impunes que elas têm acesso pelas mídias digitais (Fotografia 18).

Fotografia 17: Cartazes expostos pelos estudantes versando sobre a participação da mulher transexual no mercado de trabalho e os crimes de ódio a que este grupo em particular está sujeito.



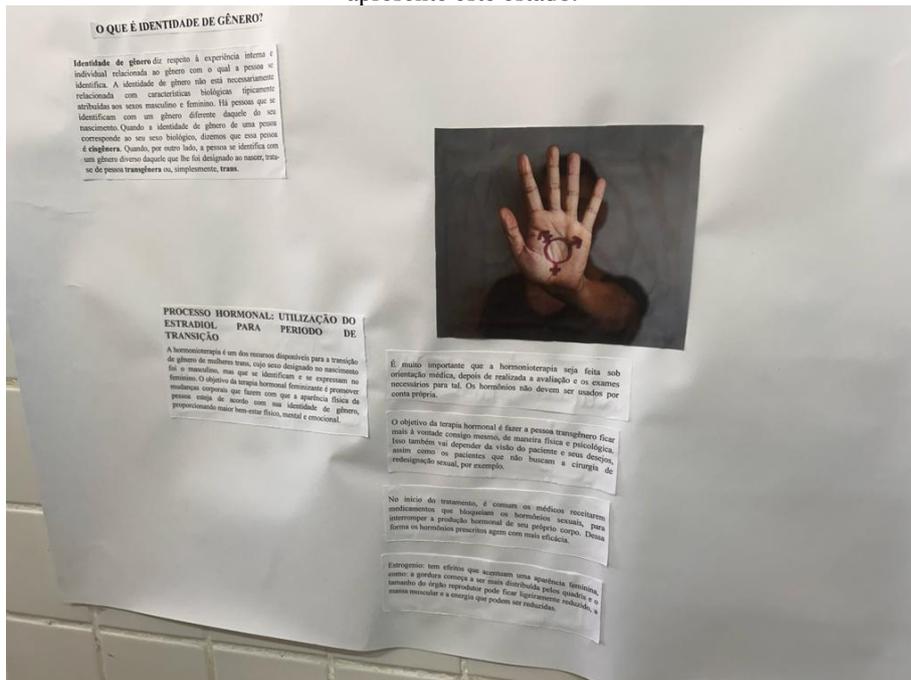
Fonte: Arquivos do autor.

Fotografia 18: Estudante fotografado no momento de sua explanação sobre diferenças e semelhanças biológicas entre homens e mulheres.



Fonte: Arquivos do autor.

Fotografia 19: Cartazes sobre a temática identidade de gênero e processo hormonal para modificação corporal mediante a utilização de hormônios. Tais conceitos ainda sofrem bastante resistência, pois as pessoas desconhecem termos como cisgênero e transgênero e, muitas vezes, elas acreditam que é algum tipo de distúrbio mental ou “ausência de Deus na vida”. A explicação fornecida pelo grupo é baseada em uma questão de disforia de gênero que é uma incongruência entre o sexo biológico e a identidade, causando sofrimento em quem apresenta este estado.



Fonte: Arquivos do autor.

Fotografia 20: Imagem fotografada ao fim da culminância demonstrando a satisfação dos estudantes com a aprendizagem vivenciado pela temática.



Fonte: Arquivos do autor.

A utilização de cartazes, quando bem planejada, promove reflexão e aprendizado tanto para quem elabora, quanto para quem está disposto a entender o que está escrito neste tipo de metodologia. Trabalhando com crianças da Escola Municipal Dr. Orlando Nigro, Cuiabá/MT, Prado; Assis; Rinaldi (2016) observaram que 72% dos estudantes agradaram-se da confecção dos cartazes como bom método de aprendizagem.

Botassoli (2014) argumenta que a função social do cartaz perpassa a mera comunicação prática, estendendo-se também à dimensão estética. Além de transmitir informações, o cartaz reflete uma visão de mundo, incorporando escolhas estéticas que revelam a identidade, influências, ideias e cultura específicas de cada lugar. A autora também demonstrou a importância que a materialização de imagens no cartaz representa para o estudante, pois as disciplinas curriculares têm papel importante através da implantação de propostas de produção e leitura de imagens no contexto escolar. É, mediante este elemento, que homens e mulheres constroem e fazem suas próprias histórias.

Apesar de este trabalho ter sido o mais simples em relação aos outros dois anteriores, ele se mostrou bastante riquíssimo pelo tema provocativo e reflexivo trazido à superfície, pois conforme os integrantes do grupo, casos de preconceito contra mulheres transexuais são pouco divulgados pela mídia. Os avaliadores julgaram este grupo como muito bem preparado e seguro,

devido ao volume de informações trazidas pelos estudantes contendo dados estatísticos sobre a situação deste grupo em particular no Brasil<sup>18</sup>.

Ademais, todas as pessoas nascem iguais em termos biológicos, excetuando-se pelas particularidades influenciadas pelo sexo genético e que tem como consequências a ativação de genes e hormônios que influenciarão no desenvolvimento do indivíduo. O fator determinante para que se crie o preconceito no indivíduo parece ser a influência negativa de pessoas com quem se convive, ou seja, se uma criança tem convivência com pais e familiares preconceituosos, a tendência é ela também ser preconceituosa; entretanto, se ela é criada com pais que dialogam sobre injustiças sociais, a tendência dela é ser crítica ao passo que presencia uma injustiça. Ratifica-se então a influência que a comunidade em que se vive exerce uma forte pressão no ser humano desde e que tem como consequência o tipo de pessoa que se transformará em adulto, seja em um crítico de injustiças sociais, seja em um adulto carregado de preconceitos.

## 7 CONCLUSÕES

O motivo para discutir sobre a temática surgiu da inquietação em se trabalhar apenas a parte biológica trazida nos livros didáticos sobre morfologia e fisiologia dos sistemas genitais masculino e feminino, sem, contudo, serem abordados aspectos socioeconômicos, psicológicos e familiares ao qual os adolescentes estão sujeitos. Foi importante construir a temática relacionada às características mencionadas a partir das dúvidas dos estudantes, pois isso contribuiu significativamente para a compreensão e aprofundamento do tema em discussão.

O presente trabalho “COMPREENDENDO A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA POR MEIO DO MODELO BIOPSIKOSSOCIAL: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO” proporcionou conhecimentos e vivências nunca experienciadas pelo pesquisador, pois o mesmo permitiu conhecer o “mundo” dos adolescentes que participaram deste projeto, bem como os desafios a que eles estão sujeitos diariamente. Além disto, este trabalho possibilitou conhecer também os preconceitos ao qual os adolescentes estão sujeitos ou vivenciando em relação a fazer parte de grupo LGBTQIAPN+

---

<sup>18</sup> Disponível em: [https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo#:~:text=Segundo%20dados%20de%202020%20registrados.como%20fonte%20prim%C3%A1ria%20de%20renda](https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo#:~:text=Segundo%20dados%20de%202020%20registrados.como%20fonte%20prim%C3%A1ria%20de%20renda.). Acesso em: 20 de dez. 2023.

ou de ser uma pessoa preta ou de ter de se encaixar em um padrão para ser socialmente aceito por outros grupos.

Isto fez perceber que estes temas ainda são incipientes e pouco discutidos no âmbito escolar. Quando chegam a serem discutidos, é porque houve algum tipo de discriminação que envolveu estudantes. Neste ponto, a escola parece demorar em debater tais preconceitos. Entretanto, tal ação deveria estar sempre em pauta para não haver este tipo de discriminação contra os discentes.

Através do “Questionário Avaliativo”, foi possível atingir o objetivo de diagnosticar o perfil dos sujeitos da pesquisa quanto ao conhecimento da temática sobre educação sexual com o intuito de compreender a existência ou não de concepções prévias dos estudantes sobre o assunto. Foi perceptível que houve trabalho com estudantes de diversas orientações sexuais. Além disso, notou-se que, de maneira geral, esses estudantes têm pouca abertura para discutir com a família temas relacionados à educação sexual, o que conseqüentemente afeta outros assuntos como autoconhecimento, masturbação, órgãos genitais, IST e métodos contraceptivos.

As maiores fontes de informação do estudante ainda são os amigos e a internet, todavia, deve-se ter cautela nestes casos para que não sejam disseminadas notícias falsas sobre a temática; pais e familiares são pouco procurados devido a estes não saberem como tratar do assunto com os próprios filhos e estes, por sua vez, são bastante prejudicados e podem contrair uma IST ou gravidez precoce e modificar totalmente a logística familiar, bem como projetos de vida que os adolescentes estão a vivenciar. Ademais, os discentes não se informam com profissionais de saúde, provavelmente por medo ou vergonha, afetando principalmente o público masculino, que os buscam quando apresentam problemas que remédios milagrosos não curam.

Apesar dos estudantes entenderem sobre sexualidade, educação sexual, IST e métodos contraceptivos, alguns apresentaram conceitos iniciais distorcidos para estes temas, possivelmente influenciados pela criação conservadora e sem diálogo sobre o tema. Estes fatores criam o sentimento de vergonha e os alunos e alunas não dialogam e, na maior parte dos casos, guardam as dúvidas para si ou as sanam de modo equivocado repetindo um círculo vicioso sobre a educação sexual.

Em relação à discriminação que ficou restrita ao assédio sexual e *bullying*, foi possível perceber, durante o transcorrer das oficinas de dinâmica em grupo, que ocorrem outros tipos de preconceitos, muitas vezes sutis e que o estudante não tem percepção de que também é um preconceito, a exemplo da gordofobia ou do racismo sutil. Isto foi possível perceber em virtude da dinâmica “Como a mulher é vista na sociedade?”, no qual os estudantes trouxeram histórias

de si mesmos para enriquecer o momento e debater e complementar que quando se foge de um determinado padrão social a carga preconceituosa é cada vez maior.

A oficina em dinâmica de grupo “Adolescer” trouxe consigo uma questão de autoconhecimento para o adolescente, pois com a mudança da idade modificam-se a biologia e as relações estabelecidas com a família e amigos. Nesta fase, comumente chamada de rebeldia do adolescente, os pais não sabem como lidar com seus filhos devido a uma criação engessada que estes tiveram e baseada mais na obediência ao diálogo. Esta reprodução de valores, muitas vezes não são aceitas pelos adolescentes e, por este motivo, torna-se importante a manutenção do diálogo e a aproximação de pais e filhos neste período da vida, pois as escolhas realizadas pelos adolescentes o moldarão e constituirão a fase adulta de cada pessoa.

A oficina em dinâmica de grupo “Coisa de homem e/ou de mulher” uniu o conhecimento morfofisiológico do sistema reprodutivo, IST e métodos contraceptivos com aspectos psicológicos e socioeconômicos a que os estudantes estão sujeitos, pois a correlação destes aspectos influencia a autoimagem, a saúde mental, as relações interpessoais dos adolescentes, o acesso a informações, recursos e contexto cultural. Através das palavras sorteadas, foram gerados debates em torno da divulgação de notícias e a importância de averiguação destas com a finalidade de evitar a desinformação das pessoas. Outro ponto discutido foi a questão da diversidade e o respeito para com o próximo quer seja homossexual, quer seja bissexual. Ademais, a família tem grande responsabilidade ao ensinar a valores humanos e éticos para os adolescentes que os reproduzirá conforme amadurecer seus aspectos mentais na vida adulta.

Alguns mitos foram discutidos na oficina de dinâmica em grupo “Mitos e Verdades”, no qual os estudantes puderam comprovar, mediante pesquisas em sítios eletrônicos confiáveis, o porquê de determinados mitos serem considerados falsos, sendo que os tabus existem como uma forma de controlar o comportamento do adolescente.

Foi atingido o objetivo de integrar as oficinas de dinâmicas em grupo com a investigação científica, de modo a realizar provocações reflexivas nos estudantes para que eles sejam protagonistas do aprendizado, pois os debates promovidos tiveram como meta final a realização de uma culminância voltada para a comunidade escolar. Além disto, também foi atingido o objetivo de incorporar o modelo biopsicossocial ao ensino de educação sexual, avaliando sua contribuição para uma compreensão holística da temática em todas as oficinas em dinâmicas de grupo visto que a temática foi realizada integralmente de maneira holística.

É importante frisar que o objetivo de permitir que os estudantes explorem conceitos, normas sociais e questões de gênero com o intuito de compreender e debater sobre preconceitos existentes na sociedade foi atingido mediante o decorrer do trabalho, mas também é valioso

discorrer que as discussões não se encerram com este trabalho. Elas devem ser estimuladas com a finalidade de que haja respeito entre as pessoas independente do porte físico, condição financeira, gênero e orientação sexuais e credo.

Em relação a culminância, os estudantes demonstraram maior aprendizado sobre o assunto pelo domínio que demonstraram sobre os temas abordados. Isto foi possível, pois os mesmos encontravam-se motivados para demonstrar o que aprenderam durante o transcorrer das oficinas de dinâmica em grupo. Os objetivos sobre estimular o diálogo com o estudante sobre a importância da interlocução sobre sexualidade no meio escolar e no seio familiar e capacitar os estudantes a tomarem decisões informadas de modo a promover a compreensão abrangente da sexualidade à medida que o conhecimento sobre o tema foi construído durante o transcurso das oficinas de dinâmica em grupo foram atingidos. Isto se tornou viável ao avaliar cada estudante individualmente, assim como o grupo durante a apresentação de cada grupo no decorrer da culminância. Adicionalmente, os estudantes que fizeram as apresentações contribuíram para disseminar o conhecimento, visto que a comunidade escolar assistiu à apresentação e constantemente parabenizaram-nos pelo trabalho realizado.

Como docente responsável por este projeto e apesar dos percalços que existiram durante a caminhada do mesmo, a imagem da fotografia 21 representa um dos indicativos de que este trabalho rendeu frutos, pois até o ano de 2023 não existia nenhum aviso semelhante na escola a qual este pesquisador está vinculado. A partir do ano de 2024, este pequeno cartaz demonstra um pequeno avanço no que tange ao respeito ao grupo LGBTQIAPN+, já que este foi uma das temáticas debatidas na oficina em dinâmica de grupo e na culminância.

Fotografia 21: Imagem presente no corredor da ECIT Cristiano Cartaxo sobre discriminação sexual, bem como as consequências de quem a praticar.



Fonte: Arquivos do autor.

Por fim, as oficinas em dinâmica de grupo foram organizadas de modo a contemplar o último objetivo que foi o de produzir uma cartilha digital voltada aos professores do ensino médio para o ensino da temática educação sexual.. É necessário também que o professor esteja inquieto para tratar de um tema delicado, mas também essencial aos adolescentes atualmente. Portanto, o trabalho sobre educação sexual não se encerra com este projeto, mas abre portas para futuros trabalhos utilizando metodologias ativas que busquem assegurar de forma integral o trato com a temática ora trabalhada.

## PRODUTO

As atividades realizadas nesta pesquisa foram compiladas em uma cartilha digital para ser disponibilizada em repositório digital do PROFBIO Nacional, que auxiliará docentes sobre a temática de educação sexual no ensino médio por meio de metodologias ativas enfatizando o papel do estudante como protagonista da aprendizagem. O produto não apenas contemplará aspectos biológicos, mas também englobará aspectos sociais que auxiliará docentes no trato de um tema delicado e cheio de tabus que é a educação sexual (APÊNDICE L).

Ele também visará contemplar não apenas professores de Biologia, mas também poderá ser utilizado por docentes de outras áreas que queiram trabalhar a temática de forma interdisciplinar ou transdisciplinar. Uma cartilha pode ser uma ferramenta valiosa, pois fornece orientação, estrutura e recursos para que os estudantes desenvolvam habilidades de pesquisa, pensamento crítico e aprendizado autônomo. Além destas características apontadas, ela visa estimular a curiosidade e o engajamento dos estudantes, tornando a aprendizagem mais significativa.

Segundo Giordani (2020), a cartilha trata-se de um material que expõe de forma leve e dinâmica um conteúdo, que deve apresentar textos, imagens e/ou ilustrações coloridas. Pode também conter jogos, passatempos, tirinhas, entre outros elementos ilustrativos que enriqueçam o material.

O uso crescente de materiais educativos como recursos na educação tem assumido um papel importante no processo de ensino-aprendizagem (Moreira; Nóbrega; Silva, 2003). As cartilhas educativas reforçam as informações da oralidade, servindo como condutor de orientações para casos de dúvidas e auxiliando nas tomadas de decisões do cotidiano. Esses objetivos podem ser conquistados ao se elaborarem mensagens que tenham vocabulário adequado ao público-alvo e de fácil entendimento (Freitas; Cabral, 2008).

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda (org.). **Oficinas em dinâmicas de grupos: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Campo Social, 2002. 172p.

\_\_\_\_\_. **Oficinas em dinâmicas de grupos: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Artesã, 2010. 172p.

AKKARI, Ana Karina Proência. Educação sexual na adolescência: preocupação para coordenadores pedagógicos. *In: Semana de Mobilização Científica (SEMOC)*, 7, Universidade Católica de Salvador, Salvador, Bahia, 2004.

AKKARI, Abdeljalil; MESQUIDA, Peri. A pedagogia crítica e emancipatória/libertadora de inspiração freiriana. **Roteiro**, v. 45, e23948, 2020. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-60592020000100525](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592020000100525). Acesso em: 04 de out. 2023.

ALBUQUERQUE, Grayce Alencar. **Uso do preservativo feminino como método contraceptivo: experiências de mulheres em uma unidade básica de saúde no município de Juazeiro do Norte – CE**. 2010. 112f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação do Departamento de Medicina Preventiva. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo – SP. 2010.

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 71 – 76, 2009.

ALMEIDA, Maria Rita de Cassia Barreto de; LABRONICI, Liliana Maria. A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV contada pela história oral. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 12, n. 1, p. 263 – 274, 2007.

ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos; CORRÊA, Rita da Graça Carvalhal Frazão; ROLIM, Isaura Letícia Tavares Palmeira; HORA, Jessica Marques da; LINARD, Andrea Gomes; COUTINHO, Nair Portela Silva; OLIVEIRA, Priscila da Silva. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 5, p. 1087 – 1094, set.-out., 2017.

ALMEIDA, Sandra Aparecida de; NOGUEIRA, Jordana de Almeida; SILVA, Antonia Oliveira; TORRES, Gilson Vasconcelos. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 1, p. 107 – 113, mar., 2011.

ALMEIDA, Tatiana. **Maternidade: quase metade das gravidezes não são planejadas**. UNFPA Brasil, 2016. Disponível em: <<https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/maternidade-quase-metade-das-gravidezes-n%C3%A3o-s%C3%A3o-planejadas>>. Acesso em: 07 de abr. de 2023.

ALTMANN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 333 – 356, maio-ago., 2007.

ALVES, Aline Salheb; LOPES, Maria Helena Baena de Moraes. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 1, p. 11 – 17, jan. 2008.

ALVES, Guilherme Di Angellis da Silva. **O erótico da pornografia**: imagens, sons e escritas das representações do sexo. 2108. 313f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Brasília, Brasília. 2018.

AMORAS, Bruno Corrêa; CAMPOS, Atos Rodrigues; BESERRA, Eveline Pinheiro. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 8, n. 1, p. 163 – 171, 2015.

AMORIM, Rita Mayara; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade na adolescência: dúvidas de alunos de uma escola pública. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 7, n. 4, p. 95 – 106, 2013.

ANDERL, Christine; LI, Gu; CHEN, Frances S. Oral contraceptive use in adolescence predicts lasting vulnerability to depression in adulthood. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 61, n. 2, p. 148 – 156, 2019.

ANDRADE, Andreza Oliveira. Gênero e História das Mulheres: diálogos conceituais. *In*: Associação Nacional de História – Seção Paraíba. Encontro Estadual de História, 13. História e Historiografia. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Guarabira – PB. **Anais**. 2009. Disponível em: [http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2009%20-%20Andreza%20de%20Oliveira%20Andrade.PDF](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2009%20-%20Andreza%20de%20Oliveira%20Andrade.PDF). Acesso em: 16 de fev. 2024.

ANDRADE, Fabiana Chalegre de; FREITAS, Willian Costa de; TRIANI, Felipe da Silva. O uso do game show passa ou repassa como metodologia ativa para o fomento do lúdico: um relato de experiência. **Revista Valore**, v. 4, p. 107 – 118, jan., 2021.

ÂNGELO, Layanne Kelly Gomes; SILVA, Carmem Lúcia de Arroxelas; BERNARDINO, Alessandro Cesar; SILVA, Carlos Antônio de Arroxelas; CANDIDO, Steófanos Alves; PACHECO, Amanda Larissa Dias; MELO, Igor Santana de; CASTRO, Olagide Wagner de. Influência familiar e de outras fontes de informações na construção dos conhecimentos dos adolescentes acerca da sexualidade. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 20433 – 20444, feb., 2021.

APPROBATO, Fabiana Carmo; APPROBATO, Mário Silva; FLORENCIO, Rodopiano de Souza; MAIA, Mônica Canedo Silva; SILVA, Tatiana Moreira da; AMARAL, Waldemar Naves. *Chlamydia trachomatis* em reprodução humana – aspectos clínicos e laboratoriais. **Reprodução & Climatério**, v. 26, n. 3, p. 77 – 84, 2011.

AQUINO, Julio Groppa. Ética na escola: a diferença que faz diferença. p. 135 – 151. *In*.: AQUINO, Julio Groppa (Coord.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus. 1998. 216p.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. 144p.

ARAÚJO, Leila Márcia Guimarães; SILVA, Luciana de Araújo Mendes; MOREIRA, Rosana Mendes Maciel. O uso de celulares na adolescência e sua interferência nas relações interpessoais nesta fase. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, e309111335644, 2022.

ARAÚJO, Maria Suely Peixoto de; COSTA, Laura Olinda Bregieiro Fernandes. Comportamento sexual e contracepção de emergência entre adolescentes de escolas públicas de Pernambuco, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 3, p. 551 – 562, mar., 2009.

ARNETT, Jeffrey Jensen. Adolescent storm and stress, Reconsidered. **American Psychology**, v. 54, n. 5, p. 317 – 326, 1999.

AURINO, Ana Débora Batista. **Educação Sexual**: estratégias metodológicas para o Ensino Médio. 26 jul. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado). Mestrado Profissional em Ensino de Biologia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB. 2019.

AUSUBEL, David Paul. Apresentação da teoria de assimilação da aprendizagem e da retenção significativas. In: AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003. Disponível em: [https://www.uel.br/pos/ecb/pages/arquivos/Ausubel\\_2000\\_Aquisicao%20e%20retencao%20de%20conhecimentos.pdf](https://www.uel.br/pos/ecb/pages/arquivos/Ausubel_2000_Aquisicao%20e%20retencao%20de%20conhecimentos.pdf). Acesso em: 04 de out. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011. 225p.

BARBOSA, Regina Maria. **HIV-AIDS, Transmissão heterossexual e métodos de prevenção controlados pelas mulheres**. Coleção ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. Saúde Sexual e Reprodutiva, Rio de Janeiro, n. 02, 2000. Disponível em: [https://www.abiAIDS.org.br/\\_img/media/colecao%20saude%20sexual%20N2.pdf](https://www.abiAIDS.org.br/_img/media/colecao%20saude%20sexual%20N2.pdf). Acesso em: 28 de dez. 2023.

BARROS, Márcia Graminho Fonseca Braz e; MIRANDA, Jean Carlos; COSTA, Rosa Cristina. Uso de jogos didáticos no processo ensino-aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 19, n. 23, out., 2019.

BASTOS, Sandra Nazaré Dias; LINHARES, Marcos Allan da Silva; SILVA, Lêda Valéria Alves da. Problematizando a imposição de corpos femininos desejáveis nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 14, n. 1, p. 312 – 333, 2021.

BELLAGIO, Italy. **Consensus statement on emergency contraception**. Conference on emergency contraception., [s.l.], v. 52, n. 4, p. 211 – 213, 1995.

BENZAKEN, Adele S.; SALES, Drielle N.; PALHETA JUNIOR, Jamile I. L.; PEDROSA, Valderiza L.; GARCÍA, Enrique G. Prevalência da infecção por clamídia e gonococo em mulheres atendidas na clínica de DST da fundação Alfredo da Matta, Manaus, Amazonas. **DST: Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 22, n. 3, p. 129 – 134, 2010.

BERENBAUM, Sheri A.; BELTZ, Adriene. Sexual differentiation of human behavior: Effects of prenatal and pubertal organizational hormones. **Frontiers in Neuroendocrinology**; v. 32, n. 2, p. 183 – 200, 2011.

BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. Escola e desenvolvimento da corporeidade: o primeiro passo da educação para sexualidade. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 27, p. 268 – 280, 2020.

BORGES, Ana Luiza Vilela; NICHATA, Lúcia Yasuko Izumi; SCHOR, Néia. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 14, n. 3, p. 422 – 427, maio, 2006.

BORUCHOVITCH, Evely. Fatores associados a não-utilização de anticoncepcionais na adolescência. **Revista de Saúde Pública**, v. 26, n. 6, p. 437 – 443, dez., 1992.

BOTASSOLI, Mara Adriana Peiter. **Cartazes**: uma proposta de produção e leitura de imagens no ensino de Arte. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Cadernos PDE, Volume. 1, 2014. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_unicentro\\_arte\\_artigo\\_mara\\_adriana\\_peiter.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_arte_artigo_mara_adriana_peiter.pdf). Acesso em: 16 de fev. de 2024.

BOUZAS, Isabel Cristina da Silva; CADER, Samária Ali; LEÃO, Lenora. Gravidez na adolescência: uma revisão sistemática do impacto da idade materna nas complicações clínicas, obstétricas e neonatais na primeira fase da adolescência. **Adolescência & Saúde**, v. 11, n. 3, p. 7 – 21, 2014.

BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luiza. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. *In.*: HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela Motta Leão; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva. (Org.). **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2006. p. 155 – 206.

BRAJIC, Tatjana S; *et al.* Combined hormonal contraceptives use and 153tit mineral density changes in 153titudes153te and 153titu women in a prospective population based Canada-wide observational study. **Journal of Musculoskelet and Neuronal Interactions**, v. 18, n. 2, p. 227 – 236, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, p.51 – 62, 2007.

BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 7, p. 1421 – 1430, jul., 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 17 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União** – Seção 1 – 16/7/1990, Página 13563, Brasília, DF. Coleção de Leis do Brasil – 1990, Página 2.379, Vol. 4. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em: 17 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor. **Diário Oficial da União** – Seção 1 – Suplemento – 12/09/1990, Página 1. Brasília, DF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18078compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18078compilado.htm). Acesso em: 16 de fev. 2024.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1994. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário oficial da União** – Seção 1 – 20/12/1994, Página 27.833, Brasília, DF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm). Acesso em: 04 de out. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Programa Bolsa Família**. Cartilha do Programa Bolsa Família. 2023. 12p. Disponível em: <[https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/03/o-bolsa-familia-e-um-programa-da-sociedade-brasileira-diz-lula/cartilha\\_bolsa\\_familia.pdf](https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/03/o-bolsa-familia-e-um-programa-da-sociedade-brasileira-diz-lula/cartilha_bolsa_familia.pdf)>. Acesso em: 10 de abr. de 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Aceitabilidade do Condom Feminino em Contextos Sociais Diversos**. Relatório Final de Pesquisa. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Brasília-DF: 1999. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/codom\\_feminino.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/codom_feminino.pdf). Acesso em: 28 de dez. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Biblioteca Virtual em Saúde**. 2016. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/hiv-e-AIDS/>. Acesso em: 26 de dez 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist>. Acesso em: 26 de dez. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Manual do Multiplicador**: adolescente. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. 164 p. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd08\\_15.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd08_15.pdf). Acesso em: 04 de out. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Marco Legal**: saúde, um direito de adolescentes. Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 60 p. Série A. Normas e Manuais Técnicos.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Anticoncepção de Emergência**: perguntas e respostas para profissionais de saúde. Série Comunicação e Educação em Saúde. Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos – Caderno nº 3. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 20 p. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno3\\_saude\\_mulher.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno3_saude_mulher.pdf). Acesso em 29 de dez. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 52 p. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos\\_sexuais\\_reprodutivos\\_metodos\\_anticoncepcionais.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf). Acesso em 27 de dez. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <http://antigo.AIDS.gov.br/pt-br/pub/2022/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infeccoes>. Acesso em: 13 de nov. de 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Hepatites virais**. Número Especial. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <http://antigo.AIDS.gov.br/pt-br/pub/2022/boletim-epidemiologico-de-hepatites-virais>. Acesso em: 02 de dez. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **HIV/AIDS**. Número Especial. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <http://antigo.AIDS.gov.br/pt-br/pub/2021/boletim-epidemiologico-hivAIDS-2021>. Acesso em: 02 de dez 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. **Manual de rotinas para assistência de adolescentes vivendo com HIV/AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. 174p. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/10001021667.pdf>. Acesso em: 01 de dez. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Sífilis**. Número Especial. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <http://antigo.AIDS.gov.br/pt-br/pub/2021/boletim-epidemiologico-de-sifilis-2021>. Acesso em: 02 de dez 2023.

\_\_\_\_\_. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasNatureza.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1998. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>>. Acesso em: 07 de abr. de 2023.

\_\_\_\_\_. Sociedade Brasileira de Pediatria. **Guia Prático de Atualização**. Departamento Científico de Adolescência. Prevenção de gravidez na adolescência. n. 11, 2019.

BRASIL, Marcela Estevão; CARDOSO, Fabrício Bruno; SILVA, Lauanna Malafaia da. Conhecimento de escolares sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. **Revista de Enfermagem da UFPE Online**, v. 13, e242261, 2019.

BRAZ, Melissa Medeiros; MACHADO, Aline dos Santos; TAVARES, Deise Iop; SCHLEMMER, Gessica Bordin Viera; SANTOS, Sandra Beatriz Aires dos; SANTOS, Tamires Daros dos; VENDRUSCULO, Alecsandra Pinheiro; PIVETTA, Hedioneia Maria Foletto. **Autoimagem genital feminina**. E-book. 1ª ed. Santa Maria, RS: UFSM, Pró-Reitoria

de Extensão, 2022. 18p. Disponível em:

[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/28427/Autoimagem\\_genital\\_feminina.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/28427/Autoimagem_genital_feminina.pdf?sequence=1). Acesso em: 10 de mar. 2024.

BREINBAUER, Cecília; MADDALENO, Matilde. Nova abordagem para classificar os estágios de desenvolvimento dos adolescentes. *In: Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), Jovens: Escolhas e Mudanças: Promovendo comportamentos saudáveis*. São Paulo: Roca. p. 212 – 221, 2008. 344p.

BRESSANE, Adriano; ROVEDA, Sandra Regina Monteiro Masalskiene; ROVEDA, José Arnaldo Frutuoso; MARTINS, Antonio Cesar Germano; RIBEIRO, Admilson Írio; PRAVIA, Zacarias Martin Chamberlain; MEDEIROS, Gerson Araújo de. Aprendizagem baseada em dinâmicas: uma proposta pedagógica para formação integral na engenharia. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 36, n. 1, p. 59 – 71, 2017.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; OHARA, Conceição Vieira da Silva; JARDIM, Dulcilene Pereira; MUROYA, Renata de Lima. Conhecimentos de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 6, p. 786-792, nov., 2009.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; OHARA, Conceição Vieira da Silva; JARDIM, Dulcilene Pereira; AGUIAR JUNIOR, Wagner de; OLIVEIRA, José Rodrigo de. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3221 – 3228, jul. 2011.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: ArtMed, 2011. 310p.

BRUM, Maria Luiza Bevilaqua. **Percepções de adolescentes frente as IST/HIV/AIDS**: demandas de cuidado à saúde, na perspectiva das vulnerabilidades. 253f. 2017. Tese (Doutorado Interinstitucional-DINTER). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020. 176p.

CABRAL, Cristiane da Silva. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, Supl. 2, S283 – S292, 2003.

CABRAL, João Victor Batista; OLIVEIRA, Fábio Henrique Portella Côrrea de; MESSIAS, Danielle Cavalcanti de Almeida; SANTOS, Késia Lucília Leite Martins; BASTOS, Vandeilza. A percepção de vulnerabilidade da população adolescente sobre o HIV/AIDS. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 17, n. 2, p. 212-219, mar.-abr., 2016.

CAMARGO, Shelley Arruda Pinhal de; SAMPAIO NETO, Luiz Ferraz de. Sexualidade e gênero. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 165 – 166, 2017

CANO, Maria Aparecida Tedeschi. **A percepção dos pais sobre sua relação com os filhos adolescentes**: reflexos da ausência de perspectivas e as solicitações de ajuda. Livre Docência (Tese). 1997. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 1997. 142p. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/22/tde-14092007-141943/publico//Livre-Docencia.pdf>. Acesso em: 11 de nov. 2023.

CANÇADO, Alberto Elias Lopes. **Avaliação dos conhecimentos e conteúdos curriculares sobre sexo e sexualidade de adolescentes nas escolas públicas de Pitangui-MG**. Dissertação (Mestrado). 2007. Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Universidade Federal de Minas Gerais. 2007. 160f. 2007.

CARDOSO, Débora Alves. **Uso de dispositivo intrauterino em adolescentes** – grau de conhecimento e causas para não escolha do método. Dissertação (Mestrado). 2017. Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Ginecologia e Obstetrícia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017. 86f.

CARDOSO, Lucélia Caroline dos Santos; BENDL, André Luis; SANTOS, Luzia Teresinha Vianna dos; LIMA, Bruna Lais de Oliveira; EINLOFT, Michele; SOUZA, Andressa. A utilização de contraceptivos hormonais por adolescentes e potenciais riscos para a saúde. **Clinical & Biomedical Research**, v. 39, n. 1, p. 75 – 84, jun., 2019.

CARVACHO, Ingrid Espejo; PINTO, João Luiz Silva e; MELLO, Maeve Brito de. Conhecimento de adolescentes grávidas sobre anatomia e fisiologia da reprodução. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 54, n. 1, p. 29 – 35, jan., 2008.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Ensino e aprendizagem de ciências: referenciais teóricos e dados empíricos das sequências de ensino investigativas - (SEI). *In*: LONGHINI, Marcos Daniel. **O uno e o diverso na educação**. 1 ed. Uberlândia: EDUFU, p. 253 – 266, 2011. 336p.

CASTELO, Maria de Fátima Gonçalves. **A didática na reforma do ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 2ª ed., 1985. 234p.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOWAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília, DF: UNESCO, 2004. 426p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133977>. Acesso em: 04 de out. 2023.

CECCON, Claudius.; FREIRE, Paulo. **Conscientisation et révolution**: une conversation avec Paulo Freire. Genève: IDAC, 1977. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/6d164bfd-1ec5-4056-9698-60e1fc0c9424>. Acesso em: 04 de out. 2023.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. National Center for HIV/AIDS., Division of Adolescent and School Health. **Viral Hepatitis, STD & TB Prevention**. United States, 2012. Atlanta: CDC; 2012. Disponível em: [https://www.cdc.gov/healthyyouth/stories/pdf/ss\\_booklet\\_0713.pdf](https://www.cdc.gov/healthyyouth/stories/pdf/ss_booklet_0713.pdf). Acesso em: 26 de dez. 2023

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. National Center for HIV/AIDS. Division of Viral Hepatitis. Viral Hepatitis, STD & TB Prevention. **Viral**

**hepatites surveillance:** United States, 2010. Atlanta: CDC; 2010. Disponível em: <https://www.cdc.gov/hepatitis/statistics/2010surveillance/pdfs/2010HepSurveillanceRpt.pdf>. Acesso em: 26 de dez. de 2023.

CIRIACO, Natália Lopes Chaves; *et al.* A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 18 n. 1, p. 63 – 80, 2019.

COATES, Verônica; SANT’ANNA, Maria José Carvalho. Impacto da atenção integral à mãe adolescente como fator de proteção à reincidência. *In:* MONTEIRO, Denise Leite Maia; TRAJANO, Alexandre José Baptista; BASTOS, Álvaro de Cunha. **Gravidez e Adolescência**. Revinter Ed, Rio de Janeiro, p 59 – 63. 2009. 490p.

CÔCO, Júlia Barbosa; RIBEIRO, Brenda de Souza; GOMES, Camille Feitoza Paredes; MARINHO JÚNIOR, Max Matias. Análise comparativa entre clamídia e gonorreia no Brasil nos últimos 5 anos: uma realidade subnotificada. **The Brazilian Journal of Infectious Diseases**, v. 25, EP-236, p. 118, 2021.

CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado; BUENDGENS, Jully Fortunato. Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 45-54, jan., 2012.

CORDEIRO, Jéssica Kelly Ramos. **Conhecimentos, atitudes e práticas dos adolescentes acerca do HIV/AIDS e outras IST: um estudo no interior do nordeste brasileiro**. 2020. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN. 2020

CORDEIRO, Jéssica Kelly Ramos; SANTOS, Marquiony Marques dos; SALES, Linda Kátia Oliveira; MORAIS, Ildone Forte de; DUTRA, Gláucya Raquel Souza da Fonsêca. Adolescentes escolares acerca das DST/AIDS: quando o conhecimento não acompanha as práticas seguras. **Revista de Enfermagem UFPE On line**, v. 11, Supl. 7, p. 2888 – 2896, jul., 2017.

COSTA, Helder Martins. **Relação Família-Escola: Um Olhar de Ecologia Humana entre o Ensino Público e o Privado**. 2ed. Santo Tirso: De Facto Editores. 2015. 879p.

COSTA, Moacir. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 3ª ed. Porto Alegre: L&Pm; 1986. 176p.

COSTA FILHO, Joaquim Alves da; GALVÃO, Josias de Castro. Ensino Superior público e privado e suas implicações na reestruturação do espaço urbano de Cajazeiras – PB. p. 124 – 143. *In:* CARDOZO, Eduardo de Lara (Org.); NASCIMENTO, Robson Patrick Brito do; VIEIRA, Denise Carla Melo; CHAGAS, Clay Anderson Nunes. **A sociedade e o espaço geográfico brasileiro**. Curitiba: Atena, 2017. 394 p. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/326812241\\_Territorio\\_violencia\\_e\\_criminalidade\\_u\\_ma\\_analise\\_geografica\\_sobre\\_o\\_indice\\_de\\_homicidios\\_no\\_bairro\\_do\\_Paar\\_em\\_Ananindeua-PA](https://www.researchgate.net/publication/326812241_Territorio_violencia_e_criminalidade_u_ma_analise_geografica_sobre_o_indice_de_homicidios_no_bairro_do_Paar_em_Ananindeua-PA). Acesso em: Acesso em: 04 de out. 2023.

CRUZ, Jaíza Pollyanna Dias da; ABADE, Flávia Lemos. Intervenção psicossocial com oficinas em dinâmica de grupo: reflexões sobre o fazer com grupos de crianças e de adolescentes. *In: Encontro Nacional da ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social*, 15. Psicologia social e políticas de existência: fronteiras e conflitos. **Anais**. Faculdade Integrada Tiradentes, Maceió/AL. 2009. Disponível em: [http://abrapso.org.br/siteprincipal/imagens/Anais\\_XVENABRAPSO/256.%20interven%C7%C3%20psicossocial%20com%20oficinas%20em%20din%C2%BCmica%20de%20grupo.pdf](http://abrapso.org.br/siteprincipal/imagens/Anais_XVENABRAPSO/256.%20interven%C7%C3%20psicossocial%20com%20oficinas%20em%20din%C2%BCmica%20de%20grupo.pdf). Acesso em 04 de out. 2023.

DANTAS, Renata Poliane Nacer de Carvalho; *et al.* Satisfação da imagem corporal em adolescentes com diferentes estágios de maturação. **Journal of Human Growth and Development**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 300 – 306, set.-dez., 2017.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21 – 32, jan., 2007.

DIAS, Ana Cristina Garcia; GOMES, William Barbosa. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 1, p. 79 – 106, jan., 1999.

DIAS, Fernanda Lima Aragão; SILVA, Kelanne Lima; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; MAIA, Carlos Colares. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 18, n. 3, 456 – 461, jul.-set., 2010.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, n. 39, p. 39 – 50, jan. 2011.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria da Saúde. **Cartilha de métodos contraceptivos da Unidade Básica de Saúde nº 1 de Planaltina do Distrito Federal**. Disponível em: [https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/177964/Cartilha-sobre-M%C3%A9todos-Contraceptivos\\_UBS-1-Planaltina-DF.pdf](https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/177964/Cartilha-sobre-M%C3%A9todos-Contraceptivos_UBS-1-Planaltina-DF.pdf). Acesso em 28 de dez. 2023.

DOMINGUES, Carla Magda Allan Santos; ALVARENGA, Augusta Thereza de. Identidade e sexualidade no discurso adolescente. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 7, n.2, p. 32 – 68, 1997.

DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. O cotidiano sexuado de meninos e meninas e situação de pobreza. *In.*: MADEIRA, Felícia. Reicher (Org.). **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p. 343 – 402.

EDMONDS, Patricia. Black and White. These twins sisters will make us rethink everything we know about race. **National Geographic – The Race Issue**, mar., 2018. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/magazine/article/race-twins-black-white-biggs>. Acesso em: 16 de fev. 2024.

EGYPTO, Antonio Carlos, (Org). **Orientação Sexual na Escola: Um Projeto Apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003. 142p.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, v. 2, n. 2, p. 6 – 7, jun., 2005.

EISENSTEIN, Evelyn; ROSSI, Célia Regina V.; MARCONDELLI, Joviane; WILLIAMS, Lúcia. Binômio mãe-filho, prevenção e educação em saúde. *In*: MONTEIRO, Denise Leite Maia; TRAJANO, Alexandre José Baptista; BASTOS, Álvaro de Cunha: **Gravidez e Adolescência**. Revinter Ed, Rio de Janeiro, p. 39-49. 2009. 490p.

ESPEJO, Ximena; TSUNECHIRO, Maria Alice; OSIS, Maria José Duarte; DUARTE, Graciana Alves; BAHAMONDESE, Luis; SOUSA, Maria Helena de. Adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais entre mulheres de Campinas, São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 5, p. 583 – 590, 2003.

ESPÍRITO-SANTO, Danilo Cerqueira do; TAVARES-NETO José. A visão masculina sobre métodos contraceptivos em uma comunidade rural da Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 2, p. 562 – 569, mar., 2004.

EW, Raquel de Andrade Souza; CONZ, Jaqueline; FARIAS, Aline Daniela Gonçalves de Oliveira; SOMBRIO, Paula Biazetto Machado; ROCHA, Kátia Bones. Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 51 – 60, dez., 2017.

FAUSTINI, Dulce Meri Tótola; NOVO, Neil Ferreira; CURY, Maria Cristina Faria da Silva; JULIANO, Yara. Programa de orientação desenvolvido com adolescentes em centro de saúde: conhecimentos adquiridos sobre os temas abordados por uma equipe multidisciplinar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. 3, p. 783 – 790, 2003.

FÁVARO, Mariana; RÜCKL, Sarah Cristina Zanghellini; SANCHES, Mário Antônio; SIMÃO-SILVA, Daiane Priscila. O lugar do desejo de aborto na parentalidade: uma reflexão bioética. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 75 – 89, dez., 2020.

FÉ, Antonio de Moura. Os desafios em trabalhar gênero e sexualidade no cenário escolar. *In*: Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas, 4, v. 4, n. 4. Desigualdades e Políticas Públicas: (Des)Proteção Social, (In)Certezas e Resistências. **Anais**. 23 a 26 de agosto de 2022. Universidade Federal do Piauí. 2022.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo; CASTRO, Marcela Rodrigues de; MORGADO, Fabiane Frota da Rocha. **Imagem corporal**: reflexões, diretrizes e práticas de pesquisa. Juiz de Fora: Editora da UFJF; 2014. 344p.

FERREIRA, Petrucio de Lima; SOUZA, Josiane Carla Medeiros de. A influência televisiva no cotidiano infantil: a recepção de conteúdos audiovisuais. *In*: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 10. São Luís – MA, de 12 a 14 de junho de 2008. **Anais**. UFMA, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0326-1.pdf>. Acesso em: 11 de nov. 2023.

FERREIRA, Viviane Ferraz; *et al.* Educação em saúde e cidadania: revisão integrativa. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 363 – 378, maio, 2014.

FIALHO, Wanessa Cristiane Gonçalves. As dificuldades de aprendizagem encontradas por alunos no ensino de biologia. **Praxia - Revista on-line de Educação Física da UEG**, v. 1, n. 1, p. 53 – 70, fev., 2013.

FIGUEIREDO, Regina; ANDALAF NETO, Jorge. Uso de contracepção de emergência e camisinha entre adolescentes e jovens. **Revista da SOGIA-BR**, a. 6, n. 2, abr.-jun., 2005.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A educação sexual presente nos relacionamentos cotidianos. *Revista Terapia Sexual*, v. 10, n. 1, 2007. P. 63 – 103. *In*: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (org.). **Educação sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009. 208p. Disponível em: <https://maryneidefigueiro.com.br/files/uploads/507b25ee-30f5-4774-8e3f-7e8d6b98804d.pdf>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

FINOTTI, Marta. **Manual de anticoncepção**. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 2015. 285p. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/494569/>. Acesso em 29 de dez. 2023.

FLORES, Adisleydys Del-Toro; GUTIÉRREZ-SANTISTEBAN, Eduardo; HOYOS-RIVERA, Antulio; ROMERO-GONZÁLES, Ana; SALA-ADAM, Maria Rosa. Caracterización del nivel de conocimientos sobre ITS/VIH/SIDA em adolescentes. San Ramón. Granma. **Revista Médica Multimed** [revista em Internet], v. 19, n. 6, p. 1006 – 1019, nov.-dez., 2015.

FORTES, Fernanda Corrêa; STEINBERG, Vivian. Kit gay e ideologia de gênero: como a desinformação propagada por Bolsonaro fere as políticas públicas educacionais voltadas para as questões de gênero e diversidade sexual. **Pluri Discente**, Edição Especial, p. 28 – 42, out., 2022.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 120p.

FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Coleção: Educação e Comunicação, volume 15. 1985. 84p. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/15.-Por-uma-Pedagogia-da-Pergunta.pdf>. Acesso em: Acesso em 04 de out. 2023.

FREITAS, Ana Angélica de Souza; CABRAL, Ivone Evangelista. O cuidado à pessoa traqueostomizada: análise de um folheto educativo. **Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 84 – 89, mar., 2008.

FREITAS, Kelly Ribeiro de; DIAS, Silvana Maria Zarth. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 351 – 357, abr., 2010.

FREZIERES, Ron G.; WALSH, Terri L.; NELSON, Anita L.; CLARK, Virginia A.; COULSON, Anne H. Evaluation of the efficacy of a polyurethane condom: results from a randomized, controlled clinical trial. **Family Planning Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 81 – 87, 1999.

GADÊLHA, Lucas Nobre; GONÇALVES, Fabiane Mônica da Silva. A adolescência e a responsabilidade social. **Portal dos Psicólogos**. p. 1 – 18, 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1413.pdf>. Acesso em: 23 de jan. 2024.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; LEMBECK, Tatiane. Sexualidade e adolescência: a educação sexual numa perspectiva emancipatória. **Educere et Educare – Revista de Educação**, v. 6, n. 11, 2011.

GALEA, Lisa A. M.; FRICK, Karyn M.; HAMPSON, Elizabeth; SOHRABJI, Farida; CHOLERIS, Elena. Why estrogens matter for behavior and brain health. **Neuroscience and Biobehavioral Reviews**, v. 76 p. 363 – 379, 2017.

GALLO, Maria F; GRIMES, David A; SCHULZ, Kenneth F. Nonlatex vs. latex male condoms for contraception: a systematic review of randomized controlled trials. **Contraception**, v. 68, n. 5, p. 319 – 326, nov., 2003.

GARCIA, Rafael Marques; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Objetificação da mulher na música brasileira: perspectivas discursivas com base nos estudos de gênero. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, v .9, n. 3, p. 440 – 457, jul-set, 2020.

GERHARDT, Caroline Reis; NADER, Silvana Salgado; PEREIRA, Denise Neves. Doenças Sexualmente Transmissíveis: conhecimento, atitudes e comportamento entre os adolescentes de uma escola pública. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 3, n. 12, p. 257 – 270, nov., 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. 176p.

GIORDANI, Anney Tojeiro. **Normas editoriais, orientação aos autores**: cartilhas. UENP: Paraná, 2020. 16 f.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995a.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 4, p. 65-71, 1995b.

GONÇALVES, Betânia. Diniz; GODOI, Claudia M. B. Sexualidade e afetividade – o que é isto? *In.*: CARVALHO, Alysson; SALLES Fátima.; GUIMARÃES, Marília. (Orgs.). **Adolescência**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 61 – 82.

GONÇALVES, Dominiki Maria de Sousa; PAULA, Dilean Mendonça de Sousa; VIANA, Jayane Silva; SILVA, Hitálo Santos da; NUNES, Nayara Almeida; ANDRADE, Lídia Gabriely de Assis; MADEIRA, Thomaz Bandeira; HOLANDA, Liz Gomes de; SILVA, Jonilson Ribeiro da; CARVALHO NETA, Eunice Minervino de. Masturbação feminina: os benefícios e o tabu sobre o autoprazer feminino. Cap.: 14, p. 99 – 103. *In.*: AZEVEDO, Suely Lopez de; FERREIRA, Vânia Maria Moraes; SILVA, André Ribeiro da (Orgs). **Experiência em Enfermagem na contemporaneidade**. E-book. Ponta Grossa – PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/experiencias-em-enfermagem-na-contemporaneidade>. Acesso em: 13 de nov. de 2023.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251 – 263, 2013.

GOSWAMI, Basuli; ROY, Anindita Singha; DALUI, Rishna; BANDYOPADHYAY, Amit . Impact of Pubertal Growth on Physical Fitness. **American Journal of Sports Science and Medicine**, 2.5A, p. 34 – 39, 2014.

GRIPPO, Mônica Lilia Vigna Silva; FRACOLLI, Lislaine Aparecida. Avaliação de uma cartilha educativa de promoção ao cuidado da criança a partir da percepção da família sobre temas de saúde e cidadania. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 430 – 436, set., 2008.

HARDEN, Jeni. Good sitting, looking and listening: the regulation of young children's emotions in the classroom. **Children's Geographies**, v. 10, n. 1, p. 83 – 93, 2012.

HEILBORN, Maria Luiza; PORTELLA, Ana Paula; BRANDÃO, Elaine Reis; CABRAL, Cristiane da Silva. Contraception and family planning services as viewed by users of three clinics in the Unified National Health System, Rio de Janeiro State, Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25 (Supl 2), S269 – S278, 2009.

HOLMES, King K.; LEVINE, Ruth; WEAVER, Marcia. Effectiveness of condoms in preventing sexually transmitted infections. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 82, n. 6, p. 454 – 461, 2004.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 2 p. 157 – 162, mar., 2006.

JIMENEZ, Luciene; ASSIS, Daniel Adolpho Daltin; NEVES, Ronaldo Gomes. Direitos sexuais e reprodutivos de crianças e adolescentes: desafios para as políticas de saúde. **Saúde em Debate**, v. 39, n. 107, p. 1092 – 1104, abr., 2015.

JUSTO, Ana Paula; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Problemas emocionais e de comportamento na adolescência: o papel do estresse. **Boletim – Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 35, n. 89, p. 350 – 370, jul., 2015.

KALCKMANN, Suzana Amália. **Avaliação da continuidade de uso do preservativo feminino em unidades do Sistema Único de Saúde, na Grande São Paulo**. 2007. 130 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Ciências da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. São Paulo. 2007.

KEMPFER, Silvana Silveira; FRAGA, Sandra Mara Nunes; MAFRA, Tania Julieta; HOFFMAN, Ana Cristina da Silva; LAZZARI, Daniele Delacanal. Contracepção na adolescência: uma questão de autocuidado. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 4, n. 3, p. 2702 – 2711, jul.-set., 2012.

LE BOTERF, Guy. **Pesquisa participante**: propostas e reflexões metodológicas. *In.*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1984. 285p.

LEAL, Andréa Fachel; KNAUTH; Daniela Riva. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de Saúde Pública**; v. 22, n. 7, p. 1375 – 1384, jul., 2006.

LETONIEV, Aléxis Nikolaevich; LURIA, Alexander Romanovich; VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: USP / Ícone. 3ª ed, 1991.

LEWIS, Holly. L. Differences in ego identity among college students across age, ethnicity and gender. **Identity**, v. 3, n. 2, p. 159 – 189, 2003.

LIMA, Lucas Vinícius de; PAVINATI, Gabriel; MARCON, Sonia Silva; BALDISSERA, Vanessa Denardi Antoniassi; MAGNABOSCO, Gabriela Tavares. Educação sexual com adolescentes no contexto familiar à luz da (anti)dialogicidade freireana. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, p. e220651, 2023.

LIMA, Lucineide Fagundes de. **Sexualidade no âmbito escolar**: ações lúdicas no processo de educação sexual. 2019. 86f. Dissertação (Mestrado). Mestrado Profissional em Ensino de Biologia. Universidade Federal da Alagoas. Maceió – AL. 2019.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, n. 3, p. 401 – 411, set., 2004.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 307 – 324, dez., 2008.

LIVRAMENTO, Andréa do; CORDOVA, Caio Mauricio Mendes de; SPADA, Celso; TREITINGER, Arício. Avaliação do nível de conhecimento de adolescentes a respeito da transmissão e prevenção das hepatites B e C. **Revista de Patologia Tropical**, Goiânia, v. 38, n. 3, p. 155-163, 2009.

LOPES, Júlio de Oliveira. Gênero, sexualidade e corporeidade: concepções e crenças de homens e mulheres sobre sexualidade e relacionamentos amorosos. **Psicologia.pt – O portal dos psicólogos**, p. 1-21. 2014. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0794.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

LOURENÇO, Benito; QUEIROZ, Lígia Bruni. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. **Revista de Medicina de São Paulo**, v. 89, n. 2, p. 70 – 75, 2010.

LUBIANCA, Jaqueline Neves. Opções de anticoncepção na adolescência. Uso Racional de medicamentos: fundamentação em condutas terapêuticas e nos macroprocessos da Assistência Farmacêutica. **Fascículo**. v. 1, n. 17, Brasília, 2016. Disponível em: <https://www3.paho.org/bra/dmdocuments/Fasciculo%2017.pdf>. Acesso em: 16 de fev. 2024.

LUIZ, George Moraes de; DAL PRÁ, Rayany Mayara; AZEVEDO, Renata Closs. Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência. **Psicologia Revista**, v. 23, n. 2, p. 245 – 260, 2014.

MACEDO, Senei da Rocha Henrique; MIRANDA, Francisco Arnaldo Nunes de; PESSOA JÚNIOR, João Mário; NÓBREGA, Vannucia. Karla de Medeiros. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 1, p. 103 – 109, fev., 2013.

MADUREIRA, Luciana; MARQUES, Isaac Rosa; JARDIM, Dulcilene Pereira. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 100 – 105, enero-marzo, 2010.

MAHEIRIE, Kátia; URNAU, Lílían Caroline; VAVASSORI, Mariana Barreto; ORLANDI, Renata; BAIERLE, Roberta Ertel. Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 537 – 542, set. 2005.

MAIA, Raquel Ferreira; SILVA, Camila Perugini da; MARQUES, Maria Teresa S.P; FERREIRA, Katya Cristina Vasconcelos. A influência da mídia na sexualidade do adolescente. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. especial, p. 109 – 117, 2006.

MANO, Sonia Maria Figueira; GOUVEIA, Fabio Castro; SCHALL, Virgínia Torres. "Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias": jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 15, n. 3, p. 647 – 658, 2009.

MANTOVANI, Gabriela Denadai; TRES, Bruna; SILVA, Rosane Meire Munhak da; MOURA, Cynthia Borges de. Comparação de dúvidas sobre sexualidade entre crianças e adolescentes. **Contexto & Educação**, Editora Unijuí, a. 29, n. 92, p. 72 – 90, jan.-abr., 2014.

MANUAL DA ANTICONCEPÇÃO ONLINE. **Anticoncepcional Hormonal Injetável Trimestral**. 2000-2001. Disponível em: [http://www.anticoncepcao.org.br/manual/corpo/cap5/cap5\\_pdf.pdf](http://www.anticoncepcao.org.br/manual/corpo/cap5/cap5_pdf.pdf). Acesso em: 10 de mar. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311p.

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 33, p. 95 – 118, dez., 2011.

MARQUEZAN, Reinoldo; MELO, Angela Meincke; RODRIGUES, Graciela F.; NOAL, Daniele. Dinâmica de sala de aula: uma variável na aprendizagem. **Revista Educação Especial**, v. 1, n. 1, p. 61 – 67, 2012.

MARTINS, Christine Baccarat de Godoy; *et al.* Sexualidade na adolescência: mitos e tabus. **Ciencia y Enfermería**, v. 18, n. 3, p. 25 – 37, 2012.

MARTINS, Daniel de Sant'anna; ALMEIDA JUNIOR, Oberdan Alves de; MORENO, Igor Silveira; XAVIER, Guilherme. Tabuleiro com História: Uma abordagem de aprendizagem baseada em jogos com aprendizagem tangencial. *In: Seminário de Jogos Eletrônicos, Educação e Comunicação*, 13. p. 181 – 189. **Anais**. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/sjec/article/view/6342/4005>. Acesso em: 16 de fev. 2024.

MARTINS, Laura B. Motta; COSTA-PAIVA, Lúcia Helena S. da; OSIS, Maria José D.; SOUSA, Maria Helena de; PINTO-NETO, Aarão M.; TADINI, Valdir. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 2, p. 315 – 323, fev., 2006.

---

..... Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 1, p. 57 – 64, jan., 2006.

MATOS, Mariana; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 21 – 33, 2005.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. Edição compacta. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001. 280p.

MEDEIROS, Paola Cristine de Souza; MORENO, Arthur Cardoso; NATÁRIO, Juliana Amorim Alfaix; TEIXEIRA, Larissa de Farias; MELO, Maria Antônia Moraes de; ROMANI, Maria Laura Thomaz Rossi; FARIAS, Raiane Caroline Paiva de; SANTANA, Vitor Pereira. Puberdade precoce e as consequências emocionais no desenvolvimento infantil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, e7127, 2021.

MÉDICI, Júlia; CASTRO, Clariana; MONTEIRO, Tiago. O futuro é feminino: o empoderamento feminino por meio da música. *In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2270-1.pdf>. Acesso em: 16 de fev. 2024.

MEHEUS, André. Teenagers' lifestyle and the risk of exposure to hepatitis B virus. **Vaccine**, v. 18, Supl. 1 p. S26 – S29, 2000.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo; QUEIROZ, Any Bicego; OLIVEIRA, Izabela Assis de; MORAES, Roberta Quirino; OLIVEIRA, Thaís Helena. Psicologia escolar, desenvolvimento humano e sexualidade: projetos de orientação sexual em instituições educacionais. **Revista Ciência em Extensão**, v. 2, n. 2, p. 1 – 21, 2006.

MENDES, Valéria. **Você precisa conhecer a sua vulva**. Uai Saúde. 2015. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2015/11/25/noticias-saude,186696/voce-precisa-conhecer-a-sua-vulva.shtml>. Acesso em: 10 de mar. 2024.

MENEZES, Maria Luiza Bezerra; GIRALDO, Paulo Cesar; LINHARES, Iara Moreno; BOLDRINI, Neide Aparecida Tosato; ARAGÓN, Mayra Gonçalves. Protocolo brasileiro para infecções sexualmente transmissíveis 2020: doença inflamatória pélvica. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 30, n. Esp.1, e2020602, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro v. 9, n. 3, p. 239 – 262, jul.-set., 1993.

MIRANDA, Jean Carlos; BARROS, Márcia Graminho Fonseca Braz e. Abordagem do tema sexualidade no ambiente escolar. **Revista Educação Pública**, v. 19, n. 4, 2019.

MIRANDA, Jean Carlos; GONZAGA, Glaucia Ribeiro; OLIVEIRA, Bianca de; BORGES, Patrícia das Neves; LUCAS, Yanna Oliveira Simões . Avaliação do jogo didático “Em Busca da Fecundação” como ferramenta para abordagem de temas relativos à reprodução humana. **Revista da SBEnBio**, nº 9, p. 1.845 – 1.856, 2016. Disponível em: [https://sbenbio.org.br/publicacoes/anais/VI\\_Enebio/VI\\_Enebio\\_trabalhos.pdf](https://sbenbio.org.br/publicacoes/anais/VI_Enebio/VI_Enebio_trabalhos.pdf). Acesso em: 24 de fev. 2024.

MONTAÑEZ, Amanda. Beyond XX and XY. **Scientific American**, p. 50-51, 2017.

MONTEIRO, Rosana Juliet Silva; OLIVEIRA, Marcela Paula Conceição de Andrade; BELIAN, Rosalie Barreto; LIMA, Luciene Soares de; SANTIAGO, Maria Eliete; GONTIJO, Daniela Tavares. DECIDIX: encontro da pedagogia Paulo Freire com os serious games no campo da educação em saúde com adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 9, p. 2951 – 2962, set., 2018.

MORAES, Danielle Ribeiro. de; CASTIEL, Luís David; RIBEIRO, Ana Paula Pereira da Gama Alves. “Não” para jovens bombados, “sim” para velhos empinados: o discurso sobre anabolizantes e saúde em artigos da área biomédica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 6, p. 1131 – 1140, jun., 2015.

MOREIRA, Marco Antonio. O que é afinal aprendizagem significativa? **Revista cultural La Laguna Espanha**. 2012. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>. Acesso em: 04 de out. 2023.

MOREIRA, Maria de Fátima; NÓBREGA, Maria Miriam Lima; SILVA, Maria Iracema Tabosa. Comunicação escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 56, n. 2, p. 184 – 188, mar., 2003.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum. Preconceito, Sexualidade e Práticas Educativas. p. 145 – 160. *In.*: LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; SILVA, Divino José da (Orgs.). **Valores, Preconceitos e Práticas Educativas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005.

MORTIMER, Eduardo Fleury. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 1, n. 1, p. 20 – 39. 1996.

NASCIMENTO, Marcos Felipe Freitas do; MIRANDA, Delzuita Patrícia Sousa; FERREIRA, Iolanda dos Santos; PEREIRA, Ana Claudia Coelho; SILVA, Vilmar Martins da. Educação

sexual: um tabu na comunidade escolar. *In: Congresso Nacional de Educação – CONEDU, 7. Maceió – AL. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO\\_EV151\\_MD1\\_SA107\\_ID9191\\_27072021144119.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV151_MD1_SA107_ID9191_27072021144119.pdf). Acesso em: 11 de nov. de 2023.*

NELSON, Randy J. **An introduction to behavioral endocrinology**. Sunderland MA: Sinauer Associates, 2000. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/232463037\\_An\\_Introduction\\_to\\_Behavioral\\_Endocrinology](https://www.researchgate.net/publication/232463037_An_Introduction_to_Behavioral_Endocrinology). Acesso em: 05 de dez. 2023.

NERES, Geraldo Magella; SILVA, Vania Sandeleia Vaz da. *A Ars Erotica* no mundo clássico – a visão somaestética de Richard Shusterman. **Tempo da Ciência**, v. 29, n. 57, p. 97 – 106, 2022.

NIEDERSBERG, Marcelo Coelho. O Papel da Masturbação no Desenvolvimento Sexual do Adolescente. **Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade**, n. 5, p. 188 – 198, 2008.

NOVAES, Marcos Bidart Carneiro; SOUZA, Andréa Claudia de; DRUMMOND, Joceli Regina. Pesquisa participante a serviço da emancipação e da ruptura de silêncios: uma experiência no Brasil. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 27 n. 1, p. 39 – 51, 2019.

OLIVEIRA, André Soares; GOMES, Patrícia Oliveira. Os limites da liberdade de expressão: fake news como ameaça à democracia. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 20, n. 2, p. 93 – 118, 2019.

OLIVEIRA, Denize Cristina de; PONTES, Ana Paula Munhen de; GOMES, Antônio Marcos Tosoli; RIBEIRO, Monique Carvalho Marrafa. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 13, n. 4, p. 833-841, out., 2009.

OLIVEIRA, Francisca Keila Carvalho de; OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva de. A sequência didática “Adolescência e Puberdade”: relato de experiência em aula remota. **Revista de Ensino de Ensino de Ciências e Matemática**, São Paulo, v. 12, n. 6, p. 1 – 18, out./dez. 2021.

OLIVEIRA, Karla Nayalle de Souza; OLIVEIRA, Kaline Nayanne de Souza; BEZERRA, Maria Augusta Rocha; ROCHA, Ruth Cardoso; SANTOS, Leianny Rodrigues dos; SARAIVA, Patrícia Valério Santos. Educação sexual na adolescência e juventude: abordando as implicações da sexualidade no contexto escolar. **Sanare**, Sobral, v. 12, n. 2, p. 7 – 13, jun.-dez., 2013.

OLIVEIRA, Larissa Sande de. O impacto das mídias no processo de “erotização” infantil. *In: Congresso Internacional de Educação e Inclusão (CINTEDI). Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidade. 2014. Anais. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade\\_1datahora\\_10\\_11\\_2014\\_13\\_46\\_02\\_idinscrito\\_193\\_ea398df8504f7f872d2de53401b27352.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade_1datahora_10_11_2014_13_46_02_idinscrito_193_ea398df8504f7f872d2de53401b27352.pdf). Acesso em: 15 de jan. 2024.*

OLIVEIRA, Márcio de; MAIO, Eliane Rose. “**Você tentou fechar as pernas?** ” – a cultura machista impregnada nas práticas sociais. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25199/18031>. Acesso em: 16 de fev. 2024.

OLIVEIRA, Nancy da Silva; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira; GUEDES, Tatiane Gomes; ALMEIDA, Paulo César. Conhecimento e promoção do uso do preservativo feminino por profissionais de unidade de referência para DST/HIV de Fortaleza: o preservativo precisa sair da vitrine. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 107 – 116, jan., 2008.

OLIVEIRA, Yara Maria Castro de; TEIXEIRA, Jean Carlos Queiroz; SILVA, Paulo André Moura da; RODRIGUES, Angélica da Silva; BARBOSA, Maria Edivani Silva. Jogos pedagógicos e o ensino de Geografia: a aplicação do jogo “Geoleta” no Colégio Estadual Justiniano de Serpa, Fortaleza/CE. *In*: Congresso Nacional da Educação, 6. **Anais**. Fortaleza/CE. 2019. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA1\\_ID\\_2773\\_25092019151143.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA1_ID_2773_25092019151143.pdf). Acesso em: 16 de fev. 2024.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; ISAIA, Letícia Sarturi. Da pressão estética à gordofobia: violências nos memes em tempos de pandemia de COVID-19. **Contracampo**, Niterói, v. 41, n. 1, p.1-17, jan./abr. 2022.

OLSEN, Julia Maria; LAGO, Tania Di Giacomo; KALCKMANN, Suzana; ALVES, Maria Cecília Goi Porto; ESCUDER, Maria Mercedes Loureiro. Práticas contraceptivas de mulheres jovens: inquérito domiciliar no Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 2, e00019617, 2018

ONWUEGBUZIE, Anthony John; LEECH, Nancy. L. Sampling designs in qualitative research: making the sampling process more public. **The Qualitative Report Fort-Lauderdale**, v. 12, n. 2, p. 238 – 254, 2007.

OPAS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Ministério da Saúde. **Saúde e sexualidade de adolescentes**. Construindo equidade no SUS. Brasília, DF: OPAS, MS, 2017. 71 p. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexualidade\\_adolescente\\_construindo\\_equidade\\_sus.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexualidade_adolescente_construindo_equidade_sus.pdf). Acesso em: 04 de jan. 2024.

PADOA, Isadora Rodrigues. A representação da mulher na mídia e suas influências. **Materializando Conhecimentos Revista Eletrônica**, v. 6, set, 2015. Disponível em: [https://www.redeicm.org.br/revista/wp-content/uploads/sites/36/2019/06/a5\\_representacaomulher.pdf](https://www.redeicm.org.br/revista/wp-content/uploads/sites/36/2019/06/a5_representacaomulher.pdf). Acesso em 16 de fev. 2024.

PAIVA, Mirian Santos. **Vivenciando a gravidez e experienciando a soropositividade para o HIV**. 2000. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem de São Paulo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7136/tde-14012002-170148/>. Acesso em: 24 de fev. 2024.

PAIVA, Vera; PERES, Camila; BLESSA, Cely. Jovens e adolescentes em tempos de AIDS: reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção. **Psicologia USP**, v. 13, n. 1, 2002.

PARAGUASSÚ, Ana Lúcia C. B.; COSTA, Maria Conceição O.; NASCIMENTO SOBRINHO, Carlito L.; PATEL, Balmukund Niljay; FREITAS, Juliana Tavares de; ARAÚJO, Flávia Priscilla Oliveira de. Situação sociodemográfica e de saúde reprodutiva pré e pós-gestacional de adolescentes, Feira de Santana, Bahia, Brasil. **Ciências & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 2, p. 373 – 380, abr., 2005.

PARAÍBA. Secretária do Estado da Educação e Ciência e Tecnologia. **Diretrizes Operacionais das Escolas da Rede Estadual de Educação do Estado da Paraíba**. 2021. Disponível em: [https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao-e-da-ciencia-e-tecnologia/arquivos/diretrizes-operacionais/diretrizes-operacionais-das-escolas-da-rede-estadual-de-educacao-da-paraiba\\_1.pdf](https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao-e-da-ciencia-e-tecnologia/arquivos/diretrizes-operacionais/diretrizes-operacionais-das-escolas-da-rede-estadual-de-educacao-da-paraiba_1.pdf). Acesso em: 17 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Secretária do Estado da Educação e Ciência e Tecnologia. **Diretrizes Operacionais das Escolas da Rede Estadual de Educação do Estado da Paraíba**. 2024. Disponível em: [https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao/consultas/diretrizes-operacionais-2024/@@download/file/6\\_DIRETRIZES%20%20OPERACIONAIS%202024\\_versao\\_fev\\_compressed.pdf](https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao/consultas/diretrizes-operacionais-2024/@@download/file/6_DIRETRIZES%20%20OPERACIONAIS%202024_versao_fev_compressed.pdf). Acesso em: 16 de jan. 2024.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.488 de 23 de junho de 2015. **Aprova o Plano Estadual de Educação – PEE e dá outras providências**. Anexo Único: Plano Estadual de Educação Da Paraíba (2015-2025). Disponível em: <http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/07/Lei-n%C2%BA-10.488-Plano-Estadual-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-ANEXO-DO-PLANO-ESTADUAL-1-3-1.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Secretária do Estado da Educação e Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular do Ensino Médio do Estado da Paraíba**. 2023. Disponível em: <https://pbeduca.see.pb.gov.br/p%C3%A1gina-inicial/propostas-curriculares-da-para%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 17 out. 2022.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. **Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual**. Curitiba: SEED – PR, 2009. 216 p. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos\\_tematicos/sexualidade.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf). Acesso em: 11 de out. 2023.

\_\_\_\_\_. Secretaria do Estado da Criança e da Juventude. **Compreendendo o Adolescente**. Cadernos de Socioeducação, 2ª ed. Curitiba. 2010. 72p. Disponível em: [http://ens.ceag.unb.br/sinase/ens2/images/Biblioteca/Livros\\_e\\_Artigos/cadernos\\_de\\_socioeducao/CADERNOS%20DE%20SOCIOEDUCA%C3%87%C3%83O.%20Compreendendo%20o%20adolescente.pdf](http://ens.ceag.unb.br/sinase/ens2/images/Biblioteca/Livros_e_Artigos/cadernos_de_socioeducao/CADERNOS%20DE%20SOCIOEDUCA%C3%87%C3%83O.%20Compreendendo%20o%20adolescente.pdf). Acesso em: 23 de jan. 2024.

PARIZOTTO, Ana Patricia Alves Vieira; TONELLI, Maria Juracy Filgueiras. Juventude: desafiando a definição predominante através dos tempos. **Psicologia Argumento**, v. 23, n. 41, p. 91 – 92, 2005.

PASCHOAL, Gisele Ribeiro; MARTA, Taís Nader. O papel da família na formação social de crianças e adolescentes. **Confluências, Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 12, n. 1, p. 219 – 239, 2012.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi; PELICIONI, Andréa Focesi. Educação e promoção da saúde: uma retrospectiva histórica. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 320 – 328, jul.-set., 2007.

PELLEGRINI, Ana Maria; TONELLO, María Georgina Marques. A informação na aprendizagem motora: o modelo em destaque. *In*: PELLEGRINI, Ana Maria (org.). **Coletânea de estudos: comportamento motor I**. São Paulo, Movimento, 1997. p. 119 – 139.

PELLIZZARI, Bruno Henrique Miniuchi; BARRETO JÚNIOR, Irineu Francisco. Bolhas sociais e seus efeitos na sociedade da informação: ditadura do algoritmo e entropia na internet. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**, Belém, v. 5, n. 2, p. 57 – 73, jul./ dez. 2019.

PENNA, Gerson Oliveira; HAJJAR, Ludhmila Abrahão; BRAZ, Tatiana Magalhães. Gonorreia. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 33, n. 5, p. 451 – 464, set., 2000.

PEREIRA, Carlos Alberto. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Volume II. Produção Didático-Pedagógica. Cadernos PDE. 2014. Disponível em:

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_uem\\_edfis\\_pdp\\_carlos\\_alberto\\_pereira.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edfis_pdp_carlos_alberto_pereira.pdf). Acesso em: 04 de out. 2023.

PEROZA, Juliano; SILVA, Camila Pompeu da; AKKARI, Abdeljalil. Paulo Freire e a diversidade cultural: um humanismo político-pedagógico para a transculturalidade na educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 2, p. 461 – 481, jul.-dez., 2013.

PIFFERO, Eliane de Lourdes Fontana; SOARES, Renata Godinho; COELHO, Caroline Pugliero; ROEHRS, Rafael. Metodologias ativas e o ensino de Biologia: desafios e possibilidades no novo Ensino Médio. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 18, n. 2, p. 48 – 63, maio-jul., 2020.

PINHEIRO, Pedro. **Minipílula anticoncepcional**: como tomar, tipos e efeitos. MDSaúde, maio, 2022. Disponível em: <https://www.mdsaude.com/ginecologia/anticoncepcionais/minipilula/#:~:text=A%20minip%C3%ADlula%20deve%20ser%20tomada%20na%20mesma%20hora%20todos%20os,perder%20o%20seu%20efeito%20protetor>. Acesso em: 10 de mar. 2024.

PINTO, Luiz Fernando M. Televisão e educação sexual. **Jornal de Pediatria**, vol. 71, n. 5, p. 248 – 254, 1995.

PINTO, Vanessa Carla Monteiro; SANTOS, Petrus Gantois Massa Dias dos; DANTAS, Matheus Peixoto; ARAÚJO, João Paulo de Freitas; CABRAL, Suzet de Araújo Tinoco; CABRAL, Breno Guilherme de Araújo Tinoco. Relationship between bone age, hormonal markers and physical capacity in adolescents. **Journal of Human Growth and Development**, v. 27, n. 1, p.77 – 83, 2017.

PIROTTA, Wilson Ricardo Buquetti; PIROTTA, Kátia Cibelle Machado. **Relações de gênero e poder**: os adolescentes e os direitos sexuais e reprodutivos no Estatuto da Criança e

do Adolescente. *In*: ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; ALVARENGA, Augusta Thereza de; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa (orgs.). *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos*. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 75 – 90. 296p.

PIROTTA, Kátia Cibelle Machado; SCHOR, Néia. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. **Revista de Saúde Pública**, v. 38, n. 4, p. 495 – 502, ago., 2004.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002; 23-40. 296p.

PRADO, Edman Weverton do; ASSIS, Ana Flávia Silva de; RINALDI, Carlos. Produção de textos e cartazes como ferramenta para aprendizagem significativa sobre a água com alunos do 6º ano do ensino fundamental. **Revista Prática Docente**, Confresa/MT, v. 1, n. 1, jul.-dez., 2016.

QUEIROZ, Danielle Teixeira; VALL, Janaina; SOUZA, Ângela Maria Alves; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276 – 283, abr.-jun., 2007.

QUEIROZ, Vanessa dos Reis; ALMEIDA, Janie Maria. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 209 – 214, jan., 2017.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, n. 43, p. 205 – 224, jan., 2012.

QUIROGA, Fernando Lionel; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 863 – 878, 2013.

REBOUÇAS, Lara Silva Souza; FONSECA, Ricardo Henrique Silva da; SOUZA, Alina Silva. Impactos emocionais causados pelo ENEM na vida dos Estudantes do 3º ano do ensino médio dos colégios particulares de Cruz das Almas. *In*: Seminário Estudantil de Pesquisas e Extensão da FAMAM, 15, 2018, Cruz das Almas. *Mudanças, Perspectivas e Tendências Socioespaciais: 15 anos da FAMAM no Recôncavo da Bahia/Brasil*. Cruz das Almas – BA, Faculdade Maria Milza, 2018. Disponível em: <https://unimam.com.br/wp-content/uploads/2020/05/IMPACTOS-EMOCIONAIS-CAUSADOS-PELO-ENEM-NA-VIDA-DOS-ESTUDANTES-DO-3o-ANO-DO-ENSINO-MEDIO-DOS-COLEGIOS-PARTICULARES-DE-CRUZ-DAS-ALMAS.pdf>. Acesso em: 23 de jan. 2024.

REIS, Juliana Fernandes Silva dos. **A importância das discussões de gênero e sexualidade no ambiente escolar**. PET Pedagogia – UFBA. 2016. Disponível em: <https://petpedagogia.ufba.br/importancia-das-discussoes-de-genero-e-sexualidade-no-ambiente-escolar>. Acesso em: 11 de nov. de 2023.

REIS, Kellen Cristina Florentino; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Estereótipos sexuais e a educação sexista no discurso de mães**. In: VALLE, Tânia Gracy Martins do (org.). *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 137 – 154. 222 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/krj5p/pdf/valle-9788598605999-08.pdf>. Acesso em: 09 de abr. 2024.

RENEPONTES, Patrícia; EISENSTEIN, Evelyn. Gravidez na adolescência: a história se repete. **Adolescência & Saúde**, v. 2, n. 3, p. 11 – 15, set., 2005.

RESSEL, Lúcia Beatriz; GUALDA, Dulce Maria Rosa. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**; v. 37, n. 3, p. 82 – 87, set., 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto de Souza; WANDERLEY, José Carlos Vieira; CORREIA, Lindoya Martins; PERES, Maria de Holanda de Melo. **Pesquisa social: Métodos e Técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 334p.

ROCHA, Chayene Aguiar; BASTOS, Shyrlaine Honda; PONTES, Jéssica Aparecida Rolim; BARROS, Mayara Cristina de; CRUZ, Goreti da Silva da; HORTA, Ana Lucia de Moraes. Educação em saúde: autocuidado relacionado a sexualidade em adolescentes da Educação Básica. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, v. 7, n. 1, p. 435 – 444, 2019.

ROCHEDO, Aline do Carmo. "Não provoque! Ela toca rock.": de Nora Ney a Cássia Eller, a mulher na história do rock brasileiro. In: FIUZA, Alexandre; ATAIDE, Antonio Marcio; LACOWICZ, Stanis David. *Cadernos de resumos do II Congresso Internacional de Estudos do Rock*. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2015. Disponível em: [https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/II-Congresso\\_Internacional\\_Estudos\\_Rock-2015.pdf](https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/II-Congresso_Internacional_Estudos_Rock-2015.pdf). Acesso em: 16 de fev. 2024.

RODRIGUES, Charles; BLATTMANN, Ursula. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 3, p. 4 – 29, jul.-set., 2014.

ROMO, Laura F.; *et al.* Mexican-American adolescents' responsiveness to their mothers' questions about dating and sexuality. **Applied Developmental Psychology**, v. 25, n. 5, p. 501 – 522, set.-out., 2004.

RUA, Diana Verona; BRÊTAS, José Roberto da Silva; SILVA, Conceição Vieira da; AQUINO, Pavlowa Natasha. Estudo do comportamento sexual nos relacionamentos entre adolescentes de 14 a 18 anos de idade. **Temas Sobre Desenvolvimento**, v. 11, n. 63, p. 14 – 21, jul.-ago., 2002.

SABAT, Ruth. Só as quietinhas vão casar. In: MEYER, Dagma; SOARES, Rosângela (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação. p. 95 – 106. 2004.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. **Pediatria**, v. 22, n. 1, p. 44 – 48, 2000.

SALA, Arianna; GROSSI, Miriam Pillar. “Somos iguais nas diferenças sexuais. Homofobia, lesbofobia e transfobia nunca mais”. Análise dos discursos contra a violência heterossexista produzidos por adolescentes brasileiras/os no marco do Projeto Papo Sério. *In*. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10. Desafios Atuais do Feminismo. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis, 2013. Disponível em: [https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384953831\\_ARQUIVO\\_AriannaSala.pdf](https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384953831_ARQUIVO_AriannaSala.pdf). Acesso em 04 de fev. 2023.

SANTANA, Ronaldo Santos; CAPECCHI, Maria Cândida Varone de Moraes; FRANZOLIN, Fernanda. O ensino de ciências por investigação nos anos iniciais: possibilidades na implementação de atividades investigativas. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 3, p. 686 – 710, 2018.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; ROMIO, Jackeline Aparecida Ferreira; SMITH, Christen Anne; SILVA, Flávia de Paiva Alves da. Experiências de mulheres negras da favela de Heliópolis (SP) com a violência e suas estratégias de enfrentamento. **Revista Desigualdade & Diversidade**, n. 18, p. 88 – 104, 2020.

SANTOS, Bruna Kalline Carneiro; PAULA, Francisco Wagner de Sousa; NOGUEIRA, Arlindo Pereira; PAULA, Leidiane de Sousa. Obstáculos para a dialogicidade entre a escola e os adolescentes sobre sexualidade. **Revista Educação Pública**, v. 23, n. 9, 2023.

SANTOS, Manoel Antônio dos; COSTA-DALPINO, Lilian Regiane de Souza. Relação Pai-Filha e Transtornos Alimentares: Revisando a Produção Científica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, n. spe, p. e35nspe3, 2019.

SANTOS, Simone Alves. Assédio sexual nos espaços públicos: reflexões históricas e feministas. **História, Histórias**, v. 3, n. 6, p. 27 – 41. 2015.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Preconceito e discriminação no contexto escolar. **Guia com sugestões de atividades preventivas para a HTPC e sala de aula**. São Paulo, 2009. 106p. Disponível em: <https://arquivo.fde.sp.gov.br/fde.portal/PermanentFile/File/MANUAL%20-%20PREVEN%C3%87%C3%83O%20TAMB%C3%89M%20SE%20ENSINA%20-%20PRECONCEITO%20E%20DISCRIMINA%C3%87%C3%83O%20NO%20CONTEXT0%20ESCOLAR.pdf>. Acesso em: 16 de jan. 2024.

SASSERON, Lúcia Helena. Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre ciências da natureza e escola. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte v. 17, n. especial, p. 49 – 67, nov., 2015.

SAVAZZONI, Simone de Alcântara. Preconceito, racismo e discriminação. **Revista do Curso de Direito da Faculdade de Humanidades e Direito**, v. 12, n. 12, p. 39 – 75, 2015.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro; ARPINI, Dorian Mônica. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 150, p. 924 – 947, set., 2013.

SCHIAVON, Raffaella; VILLANUEVA, Jiménez; HIGINIO, César; ELLERTSON, Charlotte; LANGER, Ana. Anticoncepción de emergencia: un método simple, seguro,

efectivo y económico para prevenir embarazos no desejados. **Revista de Investigación Clínica**, v. 52, n. 2, p. 168 – 176, mar.-abr., 2000.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena. **A adolescência e a formação da identidade**: uma proposta de avaliação e intervenção. Doutorado (Tese). 2007. Universidade Federal de São Paulo (USP), Escola Paulista de Medicina. 2007.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227 – 234, abr., 2010.

---

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento da identidade em adolescentes estudantes do ensino médio. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, p. 326 – 333, 2009.

SCHNEIDER, Eduarda Maria; FUJII, Rosangela Araujo Xavier; CORAZZA, Maria Júlia. Pesquisas quali-quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de Ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 9, p. 569 – 584, 2017.

SCHOR, Néia; FERREIRA, Andrea Felicíssimo; MACHADO, Vera L.; FRANÇA, Ana Paulo; PIROTTA, Kátia C. M.; ALVARENGA, Augusta Thereza de; SIQUEIRA, Arnaldo Augusto Franco de. Mulher e anticoncepção: conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, n. 2, p. 377 – 384, abr., 2000.

SCHWARTZ, Seth J.; DUNHAM, Richard M. Identity status formulae: generating continuous measures of the identity statuses from measures of exploration and commitment. **Adolescence**, v. 35, n. 137, p. 147 – 165, 2000.

SELEPRIN, Maiquel José. **O mito na sociedade atual**. 2010. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Artigos/O\\_mito\\_na\\_sociedade\\_atual.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.pdf). Acesso em: 06 de fev. 2024.

SILVA, Conceição Vieira da; BRÊTAS, José Roberto da Silva; FERREIRA, Daniela; CORREA, Danielle da Silva; CINTRA, Cintia de Cássia. Uso de camisinha por adolescentes e jovens: avaliação da sequência dos procedimentos. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 392 – 399, abr., 2004.

SILVA, Cristiane Gonçalves da; LEITE, Vanessa Jorge; PONTES, Júlia Clara de; SANTOS, Fernanda Farias dos; OLIVEIRA, João Vitor Saldanha de; HIRAISHI, Vitória Lopes; PEREIRA, Sasha Cruz Alves; SIMÕES, Júlio Assis. Dimensões do assédio na escola: diálogos sobre gênero com jovens estudantes de ensino médio de São Paulo/Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, e210649, 2023.

SILVA, Diego Augusto Santos; PELEGRINI, Andreia; PETROSKI, Edio Luiz; GAYA, Adroaldo Cesar Araujo. Comparação do crescimento de crianças e adolescentes brasileiros com curvas de referência para crescimento físico: dados do Projeto Esporte Brasil. **Jornal de Pediatria**, v. 86, n. 2, p. 115 – 120, mar. 2010.

SILVA, Maria Cristina da; DUHART, Mônica Fernandes Rodrigues; PEREIRA, Patrícia Carolina de Souza (orgs.). Guia para pais. **Mitos e Tabus**: Educação Sexual. Alfenas, 2021.

22p. Disponível em:

[https://www.unifenas.br/extensao/cursosonline/Mitos\\_e\\_Tabus/PDFs/Mitos\\_e\\_Tabus\\_EducacaoSexual.pdf](https://www.unifenas.br/extensao/cursosonline/Mitos_e_Tabus/PDFs/Mitos_e_Tabus_EducacaoSexual.pdf). Acesso em: 06 de fev. 2024.

SILVA, Maria João; CARVALHO, Maria da Luz. Para uma Educação Sexual Corporizada: análise situada na educação básica em Portugal. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 2, p. 33 – 41, jan., 2014.

SILVA, Nancy Capretz Batista da; BOMFIM, Thiago; CARDOZO, Nilceu Pfitter; FRANCO, Maria Aparecida Paiva; MARQUES, Susi Lippi. Proposta de instrumento para avaliar conhecimento de jovens sobre métodos contraceptivos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 17, n. 38, p. 365 – 374, set., 2007.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da; MEGID NETO, Jorge. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência e Educação (Bauru)**, v. 12, n. 2, p. 185 – 197, maio, 2006.

SILVA, Samuel. LGBTfobia: recortes subjetivos. *In*: FERRÃO, Dalcira; CARVALHO, Lucas Henrique de; COACCI, Thiago. **Psicologia, gênero e diversidade sexual: saberes em diálogo**. p. 242 – 259. Belo Horizonte: Conselho Regional de Psicologia. 2019. Disponível em: <https://livrogratuitosja.com/wp-content/uploads/2021/03/Psicologia-genero-e-diversidade-sexual-saberes-em-dialogo-by-Dalcira-Ferrao-Lucas-Henrique-de-Carvalho-Thiago-Coacci-z-lib.org.pdf>. Acesso em: 30 de nov. 2023.

SILVA JUNIOR, Arildo Nerys da; BARBOSA, Jane Rangel Alves. Repensando o Ensino de Ciências e de Biologia na Educação Básica: o caminho para a construção do conhecimento científico e biotecnológico. **Democratizar**, v. 8, n. 1, 2009.

SILVA, Tiago Lemos; ARAÚJO, Luana Martins de. Educação em tempos de distanciamento social: a gamificação como uma ferramenta de ensino. *In*: Congresso Nacional de Educação, 7. Maceió/AL. **Anais**. 2021. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO\\_EV151\\_MD1\\_SA119\\_ID9555\\_19082021221135.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV151_MD1_SA119_ID9555_19082021221135.pdf). Acesso em 16 de fev. 2024.

SOARES, Bárbara. M. Enfrentando a violência contra a mulher. Presidência da República. *In*: BRASIL. **Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. 64p. Disponível em: [https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy\\_of\\_acervo/outras-referencias/copy2\\_of\\_entenda-a-violencia/pdfs/enfrentando-a-violencia-contr-a-mulher-orientacoes-praticas-para-profissionais-e-voluntarios](https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/enfrentando-a-violencia-contr-a-mulher-orientacoes-praticas-para-profissionais-e-voluntarios). Acesso em: 04 de out. 2023.

SOARES, Cassia Baldini. **Consumo contemporâneo de drogas e juventude: a construção do objeto na perspectiva da Saúde Coletiva**. 2007. 195f. Tese (Livre-Docência). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SOUSA, Leilane Barbosa de; FERNANDES, Janaína Francisca Pinto; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 19, n. 4, p. 408 – 413, out. 2006.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21 – 44, 2017.

SPINA, Stephanie Urso. (1998). A review of R. J. Haggerty, L. R. Sherrod, N. Garnezy, & M. Rutter (Eds.) “Stress, Risk, and Resilience in Children and Adolescents: Processes, Mechanisms, and Interventions.” **Mind, Culture, and Activity**, v. 5, n. 3, p. 235 – 239, 1998.

STEPHEN, Joanne; FRASER, Eugene; MARCIA, James E. Moratorium-achievement (Mama) cycles in lifespan identity development: value orientations and reasoning system correlates. **Journal of Adolescence**, v. 15, n. 3, p. 283 – 300, set., 1992.

SUPLICY, Marta; EGYPTO, Antonio Carlos; VONK, Francisca Vieitas Vergueiro; BARBIRATO, Maria Aparecida; SILVA, Maria Cecília Pereira da; SIMONETTI, Cecília; SCHWARZSTEIN, Jacques. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia**. 10ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006. 161p.

TONATTO, Suzinara; SAPIRO, Clary Milnitsky. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 163 – 175, jul., 2002.

TALHAFERRO, Jordan Tuparai; COUTINHO, Cadidja. **Elaboração de jogo didático para o ensino do sistema reprodutor**. In: Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2015, Bagé. **Anais**. v. 7. p. 01-01, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/79814>. Acesso em: 30 de set. 2023.

TAQUETTE, Stella Regina; VILHENA, Marília Mello de.; PAULA, Mariana Campos de. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 37, n. 3, p. 210 – 214, maio, 2004.

TODD, Nicole; BLACK, Amanda. Contraception for Adolescents. **Journal of Clinical Research in Pediatric Endocrinology**, v. 12 (Suppl. 1), p. 28 – 40, 2020.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; MENDES, Daniela; VAVASSORI, Mariana Barreto; GUEDES, Thais; FINKLER, Ivana. Concepções e práticas de adolescentes do sexo masculino sobre sexualidade. **PsicoUSF**, v. 8, n. 2, p. 203 – 211, jul., 2003.

TONELLO, María Georgina Marques; PELLEGRINI, Ana Maria. A utilização da demonstração para a aprendizagem de habilidades motoras em aulas de Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 107 – 114, jul.-dez., 1998.

TURJANMAA, Kristiina; REUNALA, Timo. Condoms as a source of látex allergen and cause of contact urticaria. **Contact Dermatitis**, v. 20, n. 5, p. 360 – 364, maio, 1989.

UNFPA. FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Desmistificando o DIU: dispositivo intrauterino**. Cartilha para profissionais de saúde. Brasília, dez., 2021. Disponível em: [https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/desmistificando\\_o\\_diu\\_-\\_profissionais\\_0712-digital\\_1.pdf](https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/desmistificando_o_diu_-_profissionais_0712-digital_1.pdf). Acesso em: 23 de fev. 2024.

UNGER, Rhoda K. Toward a redefinition of sex and gender. **American Psychologist**, v. 34, n. 11, p. 1085 – 1094, 1979.

U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. Office of Adolescent Health. **Adolescent Development Explained**, Washington, D.C: U.S. Government Printing Office, November 2018. Tradução: Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/O\\_Desenvolvimento\\_do\\_Adolescente\\_-\\_18\\_09\\_2019\\_-\\_Final.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/O_Desenvolvimento_do_Adolescente_-_18_09_2019_-_Final.pdf). Acesso em: 23 de jan. 2024.

USONWU, Ijeoma; AHMAD, Raheelah; CURTIS-TYLER, Katherine. Parent-adolescent communication on adolescent sexual and reproductive health in sub-Saharan Africa: a qualitative review and thematic synthesis. **Reproductive Health**, v. 18, n. 1:202, 2021.

VARGAS, Daiana de; AHLERT, Edson Moacir. **O processo de aprendizagem e avaliação através de quiz**. 2018. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/313a3a59-caf6-4d93-b107-bcd60b419f05/content>. Acesso em: 16 de fev. 2024.

VASCONCELOS, Anna Victoria de; BRAGA, Carla Bruna Amorim; VIANA, Daniele Aguiar Santos; SOARES, Larissa Nahilda Rebouças; SILVA, Yngrid Pereira de Santana e; CARDOSO, Monique Nayara Coelho Muniz; DIAS FILHO, Carlos Alberto Alves. **A importância da educação sexual na adolescência como forma de prevenção de ISTs em uma cidade do estado do maranhão**. Saúde e Medicina na América Latina (e-book), Atena Editora: Paraná. 2023. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/a-importancia-da-educacao-sexual-na-adolescencia-como-forma-de-prevencao-de-ists-em-uma-cidade-do-estado-do-maranhao>. Acesso em: 04 de jan. 2023.

VIEIRA, Adriane; AMARAL, Grazielle Alves. A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p.403 – 414, 2013.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 453 – 474, abr., 2017.

VOETEN, Hélène; EGESAH, Omar; HABBEMA, J. Dik. Sexual behavior is more risky in rural than in urban areas among young women in Nyanza province, Kenya. **Sexually Transmitted Diseases**, v. 31, n. 8, p. 481 – 487, 2004.

WEBB, Anne. Emergency contraception. **Fertility Control Clinic Reviews**, [s.l.], v. 4, p. 3 – 7, 1995.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Defining sexual health**: Report of a technical consultation on sexual health. World Health Organization, Genebra, 28-31, 2006. Disponível em: <https://www.cesas.lu/perch/resources/whodefiningsexualhealth.pdf>. Acesso em: 04 de out. 2023.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Health for the world's adolescents**: a second chance in the second decade. Geneva: World Health Organization; 2014. Disponível em:

<https://www.who.int/publications/i/item/WHO-FWC-MCA-14.05>. Acesso em: 29 de dez. 2023.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Hepatitis**. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/hepatitis#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/hepatitis#tab=tab_1). Acesso em: 26 de dez. 2023.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual health**. Genebra: WHO; 2017. Disponível em: [http://www.who.int/topics/sexual\\_health/en/](http://www.who.int/topics/sexual_health/en/). Acesso em: 05 de dez. 2023.

ZIMMER-GEMBECK, Melanie. J.; SKINNER, Ellen. Adolescents coping with stress: Development and diversity. **Prevention Researcher**, v. 15, n. 4, p. 3 – 7, mar., 2008.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezados(as) PAIS E/OU RESPONSÁVEIS,

O pesquisador Thiago Brandão de Assis, sob a supervisão da Dr<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice convidam o seu filho a participar da pesquisa intitulada “SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO”. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

A decisão da participação do seu filho(a) neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

O objetivo da pesquisa é desenvolver em conjunto com os estudantes, por meio de metodologias ativas, e de forma reflexiva a temática educação sexual auxiliado pelo modelo biopsicossocial de ensino. A metodologia consistirá na realização de quatro dinâmicas que versarão sobre a temática em questão. Elas abordarão o tema de forma clara, simples e objetiva para que o estudante compreenda o processo de educação sexual, pois isto vai além de questões biológicas nos seres humanos, pois envolvem questões subjetivas que não estão explicitamente expostas.

Os riscos dessa pesquisa podem incluir constrangimento ao responder o questionário; pode haver desconforto, medo ou vergonha pelos estudantes serem gravados por meio de vídeos ou áudios; pode haver estresse e cansaço ao responder às perguntas. A metodologia utilizada

não impõe risco à saúde física do participante. A qualquer momento da pesquisa, caso o estudante sinta-se desconfortável, constrangido, cansado ou estressado, o trabalho irá parar para que seja fornecida assistência ao estudante na instituição escolar. Os benefícios com a pesquisa superarão as possibilidades de quaisquer tipos de riscos; pois, as estratégias utilizadas constituem-se em metodologias ativas capazes de tornar o aluno protagonista do processo de construção e criticidade do conhecimento. Outras características que serão adquiridas pelos estudantes são o respeito com o próximo em suas dimensões afetiva, sexual, social e cultural. Os resultados advindos deste trabalho poderão fomentar a ressignificação do professor em sala de aula, bem como incentivar a reflexão e a mudança sobre às práticas educativas tradicionais, sobretudo, no ensino de biologia.

### **Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa**

Thiago Brandão de Assis (Responsável Principal pela Pesquisa). Endereço: Rua Desembargador Boto de Menezes, 689, Cristo Rei, Cajazeiras, Paraíba. CEP: 58900-000.

Estudante do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia

Telefone: +55 (83) 9 9969-0001 / E-mail: [thiago.assis@academico.ufpb.br](mailto:thiago.assis@academico.ufpb.br)

Dr<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice

Professora permanente com dedicação exclusiva.

Telefone: +55 (83) 9 8105-1230 / E-mail: [temilce@gmail.com](mailto:temilce@gmail.com)

### **Endereço e Informações de Contato da(o) Universidade Federal da Paraíba – UFPB**

Endereço: Campus I Loteamento. Cidade Universitária, João Pessoa/PB, 58051-900

Telefone: +55 (83) 3216-7200

Endereço virtual: <https://www.ufpb.br>

Horários de atendimento ao público: das 08h00min às 12h00min (atendimento ao público); das 13h00min às 17h00min (expediente interno).

### **Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB**

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: [comitedeetica@ccs.ufpb.br](mailto:comitedeetica@ccs.ufpb.br)

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

**Endereço e Informações de Contato da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP):**

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho.

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para que seu filho(a) participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Cajazeiras/PB, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura, por extenso, do(a) Responsável

---

Assinatura, por extenso, do(a) Pesquisador(a) Responsável pela pesquisa

---



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**  
**PARA OS ESTUDANTES MAIORES DE IDADE**

Prezado(a) ESTUDANTE,

O pesquisador Thiago Brandão de Assis, sob a supervisão da Dr<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice convidam você a participar da pesquisa intitulada “SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO”. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

O objetivo da pesquisa é desenvolver em conjunto com os estudantes, por meio de metodologias ativas, e de forma reflexiva a temática educação sexual auxiliado pelo modelo biopsicossocial de ensino. A metodologia consistirá na realização de quatro dinâmicas que versarão sobre a temática em questão. Elas abordarão o tema de forma clara, simples e objetiva para que o estudante compreenda o processo de educação sexual, pois isto vai além de questões biológicas nos seres humanos, pois envolvem questões subjetivas que não estão explicitamente expostas.

Os riscos dessa pesquisa podem incluir constrangimento ao responder o questionário; pode haver desconforto, medo ou vergonha pelos estudantes serem gravados por meio de vídeos ou áudios; pode haver estresse e cansaço ao responder às perguntas. A metodologia utilizada não impõe risco à saúde física do participante. A qualquer momento da pesquisa, caso o estudante sinta-se desconfortável, constrangido, cansado ou estressado, o trabalho irá parar para que seja fornecida assistência ao estudante na instituição escolar. Os benefícios com a pesquisa superarão as possibilidades de quaisquer tipos de riscos; pois, as estratégias utilizadas constituem-se em metodologias ativas capazes de tornar o aluno protagonista do processo de construção e criticidade do conhecimento. Outras características que serão adquiridas pelos estudantes são o respeito com o próximo em suas dimensões afetiva, sexual, social e cultural. Os resultados advindos deste trabalho poderão fomentar a ressignificação do professor em sala de aula, bem como incentivar a reflexão e a mudança sobre às práticas educativas tradicionais, sobretudo, no ensino de biologia.

### **Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa**

Thiago Brandão de Assis (Responsável Principal pela Pesquisa). Endereço: Rua Desembargador Boto de Menezes, 689, Cristo Rei, Cajazeiras, Paraíba. CEP: 58900-000.

Estudante do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia

Telefone: +55 (83) 9 9969-0001 / E-mail: [thiago.assis@academico.ufpb.br](mailto:thiago.assis@academico.ufpb.br)

Dr<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice

Professora permanente com dedicação exclusiva.

Telefone: +55 (83) 9 8105-1230 / E-mail: [temilce@gmail.com](mailto:temilce@gmail.com)

### **Endereço e Informações de Contato da(o) Universidade Federal da Paraíba – UFPB**

Endereço: Campus I Loteamento. Cidade Universitária, João Pessoa/PB, 58051-900

Telefone: +55 (83) 3216-7200

Endereço virtual: <https://www.ufpb.br>

Horários de atendimento ao público: das 08h00min às 12h00min (atendimento ao público); das 13h00min às 17h00min (expediente interno).

### **Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB**

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

**Endereço e Informações de Contato da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP):**

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: conep@saude.gov.br

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho.

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Cajazeiras/PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa

---

Assinatura, por extenso, do(a) Pesquisador(a) Responsável pela pesquisa

---



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

Eu, Thiago Brandão de Assis, sob a supervisão da Dr<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice, convidamos você a participar do estudo “SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO”. Informamos que seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação. Pretendemos desenvolver em conjunto com os estudantes, por meio de metodologias ativas, e de forma reflexiva a temática educação sexual auxiliado pelo modelo biopsicossocial de ensino (que é inclui, além dos aspectos biológicos relacionados a temática de educação sexual, questões subjetivas não exploradas/contempladas nos livros didáticos). Gostaríamos de contar com sua participação, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. Outras crianças e/ou adolescentes participantes desta pesquisa tem de (14) anos de idade a (18) anos de idade. A pesquisa será feita na ECIT Cristiano Cartaxo, onde os participantes (crianças/adolescente) estudam. Ela será subdividida em quatro partes descritas a seguir: 1<sup>a</sup> parte: Reunião prévia com pais e/ou responsáveis pelos estudantes para explicar o objetivo da pesquisa e para pedir a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com a finalidade de que os responsáveis autorizem os filhos a participarem da pesquisa. Se o estudante for de maior, este poderá assinar o TCLE. Em momento posterior haverá uma reunião com os estudantes para a apresentação do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para eles assinarem também. 2<sup>a</sup> parte: Elaboração de um questionário semiestruturado com perguntas com o objetivo de acessar as opiniões prévias dos estudantes que aceitarem participar do projeto. 3<sup>a</sup> parte: Construção de um contrato de convivência com os estudantes com a finalidade de haver respeito entre eles, bem como que sejam respeitadas as ideais que cada um preferir durante a realização das dinâmicas na 4<sup>a</sup> parte: dinâmica 1: “Adolescer” que possibilitará a reflexão sobre como os estudantes percebem o processo da adolescência que incluem mudanças externas e internas e a relação disto com o processo de descobrir algo que está relacionado ao período de

vida; dinâmica 2: “Coisa de homem e/ou de mulher” que tem como objetivo unir o aprendizado morfofisiológico dos sistemas reprodutores masculino e feminino com aspectos psicológicos e sociais aos quais os adolescentes estão sujeitos; dinâmica 3: “Mito ou verdade” que objetiva refletir sobre os mitos e verdades relacionadas à sexualidade que, conseqüentemente, pode gerar uma gravidez na adolescência ou a aquisição de IST; dinâmica 4: “Como a mulher é vista pela sociedade?” é uma dinâmica que verificará exemplos de manifestações sobre a sexualidade e preconceito em algumas mídias digitais, como por exemplo: músicas, novelas, séries, imagens ou propagandas de TV.

Os resultados advindos deste trabalho poderão fomentar a ressignificação do professor em sala de aula, bem como incentivar a reflexão e a mudança sobre às práticas educativas tradicionais, sobretudo, no ensino de biologia. As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados em eventos, congressos ou artigos que tenham relação com o tema, mas sem identificação (dados pessoais, vídeos, imagens e áudios de gravações) dos participantes (crianças/adolescentes).

### **Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa**

Thiago Brandão de Assis (Responsável Principal pela Pesquisa). Endereço: Rua Desembargador Boto de Menezes, 689, Cristo Rei, Cajazeiras, Paraíba. CEP: 58900-000.

Estudante do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia

Telefone: +55 (83) 9 9969-0001 / E-mail: [thiago.assis@academico.ufpb.br](mailto:thiago.assis@academico.ufpb.br)

Dr<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice

Professora permanente com dedicação exclusiva.

Telefone: +55 (83) 9 8105-1230 / E-mail: [temilce@gmail.com](mailto:temilce@gmail.com)

### **Endereço e Informações de Contato da(o) Universidade Federal da Paraíba – UFPB**

Endereço: Campus I Loteamento. Cidade Universitária, João Pessoa/PB, 58051-900

Telefone: +55 (83) 3216-7200

Endereço virtual: <https://www.ufpb.br>

Horários de atendimento ao público: das 08h00min às 12h00min (atendimento ao público); das 13h00min às 17h00min (expediente interno).

**Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB**

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: [comitedeetica@ccs.ufpb.br](mailto:comitedeetica@ccs.ufpb.br)

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

**Endereço e Informações de Contato da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP):**

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D – Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde – CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho.

**CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO**

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa “SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. Os pesquisadores esclareceram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

---

Assinatura do menor

---

Assinatura do pesquisador responsável



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E SOM DE  
 VOZ**

Eu, \_\_\_\_\_ portador da cédula de identidade \_\_\_\_\_, responsável por \_\_\_\_\_ matriculado na série \_\_\_\_\_ da ECIT CRISTIANO CARTAXO, portador da cédula de identidade RG nº \_\_\_\_\_, autorizo o pesquisador o uso e gozo da imagem, nome e voz de meu (minha) filho (a) na pesquisa educativa intitulada “SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO” para o uso interno e institucional. A presente autorização é feita pelo prazo indeterminado em caráter universal, definitivo, irrevogável e irretratável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie, valendo entre as partes, herdeiros e sucessores, salvo no que tange aos produtos resultados da pesquisa. A presente autorização não poderá, em qualquer hipótese, prejudicar a honra, a imagem ou qualquer outro direito da personalidade do \_\_\_\_\_ tampouco poderá implicar na utilização da sua imagem e nome de maneira contrária aos bons costumes, à lei ou à ordem pública. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que AUTORIZO o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem do meu (minha) filho (a) ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Cajazeiras - PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

---

Thiago Brandão de Assis  
Pesquisador responsável

---

Participante da Pesquisa

---

Responsável Legal

---

Testemunha



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE E – TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Pesquisa: SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO.

Por este Termo de Responsabilidade, eu Thiago Brandão de Assis, mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia da Universidade Federal da Paraíba, portadora do RG: 3.060.907 e CPF: 072.004.514-28 comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes regulamentadoras emanadas na Resolução N° 466/2012 do Ministério da Saúde, que dispõe sobre a Ética em Pesquisa Envolve Seres Humanos. Reafirmo, igualmente, minha responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes à pesquisa respeitando a confidencialidade e o sigilo da identidade dos estudantes voluntários e das informações obtidas através dos questionários aplicados na pesquisa, assim como, ser cuidadosa com a forma de abordar o tema sexualidade, machismo, feminismo e temas correlatos para não constranger o alunado durante as atividades propostas e, deixar bem claro os objetivos de modo que os discentes estejam cientes do projeto que estão participando.

Informarei e apresentarei, sempre que solicitado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, pela Instituição onde está sendo realizado o estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando qualquer eventual modificação na proposta do supracitado projeto.

Por ser verdade, assino o presente termo de compromisso.

---

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Cajazeiras, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO**

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo biológico:

( ) Masculino

( ) Feminino

3. Orientação sexual:

( ) Heterossexual

( ) Homossexual

( ) Bissexual

( ) Assexual

( ) Outra. Especificar: \_\_\_\_\_

( ) Não sei

4. Qual identidade de gênero você se identifica?

( ) Cisgênero

( ) Transgênero

( ) Não-binário

( ) Não sei

5. Quais temáticas você gostaria que fossem abordadas dentro da grande área de educação sexual e sexualidade?

---



---



---



---

6. Em uma escala crescente de 1 a 5, como você avalia o seu autoconhecimento corpóreo?

( ) muito baixo	( ) baixo	( ) razoável	( ) alto	( ) muito alto
1	2	3	4	5

7. Em uma escala crescente de 1 a 5, como você avalia o ambiente familiar para falar sobre algum tema relacionado a sexualidade?

<input type="checkbox"/> muito baixo	<input type="checkbox"/> baixo	<input type="checkbox"/> razoável	<input type="checkbox"/> alto	<input type="checkbox"/> muito alto
1	2	3	4	5

8. Em uma escala crescente de 1 a 5, como você avalia a qualidade do diálogo sobre algum tema relacionado a sexualidade dentro do ambiente familiar?

<input type="checkbox"/> muito baixo	<input type="checkbox"/> baixo	<input type="checkbox"/> razoável	<input type="checkbox"/> alto	<input type="checkbox"/> muito alto
1	2	3	4	5

9. Em uma escala crescente de 1 a 5, o quanto você conhece sobre a funcionalidade dos órgãos genitais masculino e feminino?

<input type="checkbox"/> muito baixo	<input type="checkbox"/> baixo	<input type="checkbox"/> razoável	<input type="checkbox"/> alto	<input type="checkbox"/> muito alto
1	2	3	4	5

10. Em uma escala crescente de 1 a 5, o quanto você conhece sobre a masturbação?

<input type="checkbox"/> muito baixo	<input type="checkbox"/> baixo	<input type="checkbox"/> razoável	<input type="checkbox"/> alto	<input type="checkbox"/> muito alto
1	2	3	4	5

11. Em uma escala crescente de 1 a 5, o quanto você conhece sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), antigamente chamada de DST?

<input type="checkbox"/> muito baixo	<input type="checkbox"/> baixo	<input type="checkbox"/> razoável	<input type="checkbox"/> alto	<input type="checkbox"/> muito alto
1	2	3	4	5

12. Em uma escala crescente de 1 a 5, o quanto você conhece sobre métodos contraceptivos?

<input type="checkbox"/> muito baixo	<input type="checkbox"/> baixo	<input type="checkbox"/> razoável	<input type="checkbox"/> alto	<input type="checkbox"/> muito alto
1	2	3	4	5

13. Abaixo segue uma lista de possíveis fontes informativas sobre a temática de educação sexual com quem você busca algum nível de informação. Marque com um "x" a frequência com quem você busca algum tipo de informação em relação ao tema.

Fonte	Frequência de busca de informação		
	Nunca	Algumas vezes	Muitas vezes
Pais			
Outros familiares			
Programas televisivos e/ou de rádio			
Internet			

Namorado (a) ou companheiro (a) ou parceiro (a) sexual			
Colega ou amigo (a)			
Professores			
Profissionais especializados			
Livros especializados			
Grupo religioso ao qual você frequenta			

14. Para você, o que seria sexualidade?

---



---



---

15. Para você, o que seria educação sexual?

---



---



---

16. Cite, logo abaixo, exemplos de IST que você conhece.

---



---



---

17. Cite, logo abaixo, exemplos de métodos contraceptivos que você conhece.

---



---



---

18. Você saberia informar qual a importância dos métodos contraceptivos?

---



---



---

19. Você tem vergonha de falar para alguém os temas que envolvam a área de educação sexual? Por quê?

---



---



---

---

---

20. Você acha que o meio no qual você vive tem influência sobre suas escolhas e/ou preferências sexuais? Por quê?

---

---

---

---

---

21. Você acha que o meio no qual você vive tem influência sobre suas informações sobre educação sexual? Por quê?

---

---

---

---

---

22. você já sofreu ou algum tipo de discriminação (bullying, assédio sexual, homofobia, etc.)?

Sim       Não       Talvez       Não sei dizer

23. Caso sim, poderia descrever?

---

---

---

---

---



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE G – CONTRATO DE CONVIVÊNCIA**

Pesquisa: **SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO.**

Eu, Thiago Brandão de Assis, docente da ECIT Cristiano Cartaxo e professor responsável pela referida pesquisa, em conjunto com os estudantes: Aparecida Isabelli Santos Mendes, Beatriz Soares Gonçalves, Diego Henrique de Oliveira Silva, Eduardo Gouveia Mangueira, Francisco Anderson Furtado Amorim, Guilherme Pereira Gomes, Gustavo Pereira da Costa, Jefferson Campos Soares, Jordania Cilda Avelino de Carvalho, José Gildivan Bento Morais, Kaio Joan Pereira Galdino, Keila Verissimo Dantas, Laryssa Paulino de Almeida, Laysa Silva Araujo, Luis Felipe Soares Simão, Maria Vitoria Dias dos Santos, Maria Vitoria Mendes Pereira e Yasmin Soares Pedrosa e concordamos que, para o bom encaminhamento deste projeto referente a pesquisa **SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO**, seguiremos algumas regras que foram pré-estabelecidas em conjunto no encontro do dia 18 de outubro de 2023. Estas terão validade até o último dia de encontro que se encerrará no dia 22 de novembro de 2023. A seguir haverá descrição de atitudes que podem ou não ocorrer durante os encontros:

**Atitudes/Ações permitidas:** Compartilhar conhecimento a respeito do conteúdo, utilizar o aparelho telefônico para pesquisas que guardem relação com o projeto, carteiras e mesas em posição circular durante o encontro, ter maturidade e respeitar a opinião do colega durante a fala de cada um.

**Atitudes/Ações não permitidas:** Desrespeito para com o colega e o professor, palavras de baixo calão, conversas paralelas, fazer comentários desnecessários, realizar brincadeiras de mau-gosto ou que deixem a(o) estudante constrangida(o), por apelidos nos colegas, rir ou caçoar de um colega por não saber/ter informação sobre algo.





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE H – ROTEIRO DESCRITIVO DA OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO ADOLESCER**

<b>Oficina de dinâmica em grupo nº 1</b>	
<b>Tema:</b> Adolescer	<b>Duração:</b> 60 minutos
<b>Objetivos</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Refletir sobre como os estudantes percebem o processo da adolescência que incluem mudanças externas e internas e a relação disto com o processo de descobrir algo que está relacionado ao período de vida;</li> <li>• Relacionar as mudanças hormonais e físicas apresentadas, em homens e mulheres, em consonância com as mudanças psicológicas, comportamentais e sociais decorrentes do período da adolescência.</li> </ul>	
<b>Questões norteadoras</b>	
<p>Como eu consigo me perceber? Por que e como o meu corpo mudou em comparação com a infância? Como eu me sinto agora, comparado com a época da infância (física, sensorial, emocionalmente)? Como eu sou visto pela comunidade escolar? Há diferenças de percepção do corpo entre o menino e a menina?</p>	
<b>Conteúdos presentes na oficina de dinâmica em grupo</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Anatomia externa do corpo;</li> <li>• Hormônios.</li> </ul>	
<b>Descrição sumária das atividades</b>	
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Foi solicitado aos estudantes que realizassem desenhos em uma folha de papel A4 por no máximo 20 minutos, sobre como eles percebem a si mesmos durante a fase da adolescência;</li> <li>2. Foi solicitado que todos falassem a respeito do seu desenho com a finalidade de relatar sobre o que foi desenhado;</li> </ol>	

3. Foi concedido um tempo de até cinco minutos para que cada discente relatasse o que desenhou sobre a fase da adolescência;
4. Durante as falas dos estudantes, o professor gravou a voz dos mesmos que integraram as informações relatadas.

#### **Teor investigativo**

A investigação esteve presente a partir dos relatos dos estudantes nos momentos em que relacionaram as diversas mudanças que ocorreram (ou estão ainda ocorrendo) neles próprios e correlacionando os aspectos morfológicos e fisiológicos e comportamentais com as alterações hormonais características da puberdade e adolescência.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE I – ROTEIRO DESCRITIVO DA OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO**  
**COISA DE HOMEM E/OU DE MULHER**

<b>Oficina de dinâmica em grupo nº 2</b>	
<b>Tema:</b> Coisa de homem e/ou de mulher	<b>Duração:</b> 90 minutos
<b>Objetivos</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Unir o aprendizado anatômico e fisiológico dos sistemas reprodutores masculino e feminino com aspectos psicológicos e sociais aos quais os adolescentes estão sujeitos;</li> <li>• Correlacionar as palavras disponibilizadas pelo docente aos bonecos e figuras de modelos anatômicos dos órgãos genitais masculino e feminino presentes no quadro da sala fazendo inferências e explicações sobre se uma palavra deve estar atrelada a um dos ou ambos os gêneros.</li> </ul>	
<b>Questões norteadoras</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todos sabem os nomes dos órgãos sexuais masculinos e femininos? Quais são as principais IST e os principais sinais e sintomas destas? Como se prevenir de uma IST? Como os aspectos socioeconômicos e psicológicos exercem influência acerca do conhecimento sobre educação sexual?</li> </ul>	
<b>Conteúdos presentes na oficina de dinâmica em grupo</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Morfofisiologia dos sistemas masculino e feminino, IST e métodos contraceptivos;</li> <li>• Aspectos psicológicos e socioeconômicos.</li> </ul>	
<b>Observações prévias</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A oficina em dinâmica de grupo foi uma adaptação do trabalho de Talhaferro; Coutinho (2015), no qual a atividade envolveu a criação de um jogo educacional que utilizou banner ou cartolina, contendo imagens dos órgãos reprodutores e suas estruturas e silhuetas corporais que já estavam presentes na escola nas quais foram</li> </ul>	

postas próximos ao quadro na sala de aula em local e altura de fácil acesso aos demais alunos (figuras 1 e 2).

- Houve palavras que estiveram presentes na dinâmica relacionadas as seguintes categorias: morfofisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, IST, métodos contraceptivos, aspectos psicológicos e aspectos socioeconômicos (Quadro 1). Estas foram sorteadas e correlacionadas a um ou ambas as figuras em sala de aula, tendo sido previamente escritas em papel A4 e cortadas.
- O modo como a dinâmica ocorreu foi baseado no trabalho de Lima (2019) intitulada “Quem é de quem?” que diz que a sortear uma palavra, deve-se relacioná-la a uma das figuras, masculina ou feminina, presentes na sala de aula (figura 3 e 4). Algumas palavras foram duplicadas, pois de acordo com Lima (2019), podem existir casos em que os estudantes optem por palavras que podem ser utilizadas em ambos os modelos.

#### **Descrição sumária das atividades**

1. Utilizou-se silhuetas corporais e figuras anatômicas dos órgãos reprodutores masculino e feminino que estiveram sobre a mesa em sala de aula;
2. Dividiu-se a turma em dois grupos (homens e mulheres);
3. Alternadamente, um dos representantes do grupo sorteou uma palavra que estava contida no envelope para sorteio, leu em tom alto e discutiu o que sabe, em torno da palavra ou expressão, com toda a turma;
4. Quando algum estudante afirmou que não sabia de determinada palavra ou expressão, realizou-se pesquisa com a finalidade de sanar a dúvida que surgiu;
5. Os estudantes discutiram em qual boneco (homem ou mulher) aquela palavra pertenceu;
6. Cada estudante participante dispôs de cinco minutos para esta etapa da oficina de dinâmica de grupo;
7. Houve mediação do professor para complementar as informações dialogadas incompletas ao final da dinâmica, por meio da exibição de imagens ou tecendo comentários que auxiliaram na compreensão dos dados discutidos.

#### **Imagens associadas à oficina de dinâmica em grupo**

Figuras 1 e 2: Peças anatômicas dos órgãos genitais e bonecos articulados masculino e feminino, respectivamente, presentes na escola em que o trabalho foi aplicado.



Fonte: Arquivos do autor.

Figuras 3 e 4: Estudante anexando uma das palavras nos bonecos moldes presentes na sala de aula e estudantes presentes no momento da aplicação da oficina em dinâmica de grupo.



Fonte: Arquivos de autor.

### Quadro associado à oficina de dinâmica em grupo

Quadro 1: Discriminação das palavras, por categoria, que serão utilizadas na dinâmica 2: Coisa de homem e/ou de mulher.

<b>Morfofisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino</b>	<b>IST</b>	<b>Métodos contraceptivos</b>	<b>Aspectos psicológicos</b>	<b>Aspectos socioeconômicos</b>
Uretra	Herpes genital/labial	Preservativo	Tamanho peniano	Influência familiar
Pênis	Herpes genital/labial	Preservativo	Tamanho peniano	Influência familiar
Saco escrotal	Cancro	Hormonal	Primeira vez	Influência de amigos
Canal deferente	Cancro	Hormonal	Primeira vez	Influência de amigos
Próstata	HPV	DIU	Ficar com vários(as)	Influência das mídias digitais
Vesícula seminal	HPV	Espermicida	Ficar com vários(as)	Influência das mídias digitais

Vagina	Doença Inflamatória pélvica (DIP)	Abstinência periódica	Homossexualidade / Bissexualidade / Transexualidade	Informações inverídicas sobre métodos contraceptivos e IST
Clitóris	Doença Inflamatória pélvica (DIP)	Abstinência periódica	Homossexualidade / Bissexualidade / Transexualidade	Informações inverídicas sobre métodos contraceptivos e IST
Uretra	Donovanose	Esterilidade	Puberdade / desenvolvimento das características sexuais secundárias	Informações verídicas sobre métodos contraceptivos e IST
Vulva	Donovanose	Esterilidade	Puberdade / desenvolvimento das características sexuais secundárias	Informações verídicas sobre métodos contraceptivos e IST
Útero	Gonorreia		Primeiro beijo	Dinheiro
Ovários	Gonorreia		Primeiro beijo	Dinheiro
Tubas uterinas	Infecção por clamídia		Gravidez	Estabilidade familiar
GnRH	Infecção por clamídia		Gravidez	Estabilidade familiar
FSH	Linfogranuloma venéreo		IST	Gravidez precoce
LH	Linfogranuloma venéreo		IST	Gravidez precoce
Testosterona	Sífilis		Demonstração de afeto	Local de residência
Progesterona	Sífilis		Demonstração de afeto	Local de residência
Inibina	Tricomoníase		Demonstração de desafeto	Local de estudo
GnRH	Tricomoníase		Demonstração de desafeto	Local de estudo
FSH	HTLV		Prazer	Aquisição de objetos
LH	HTLV		Prazer	Aquisição de objetos
Progesterona	Aids/HIV			
Estrogênio	Aids/HIV			

Fonte: Dados do autor.

**Teor investigativo**

Os estudantes participantes foram informados sobre o funcionamento da dinâmica com 10 dias de antecedência para que pesquisem por informações e levantassem hipóteses sobre o papel e funcionamento da anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, métodos contraceptivos e IST em sites<sup>19</sup>, vídeos<sup>20</sup> e/ou livros didáticos confiáveis<sup>21</sup> norteadores para a realização das pesquisas.

---

<sup>19</sup> Sistema reprodutor masculino e feminino. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/sistema-reprodutor.htm>. Acesso em: 15 dez. 2022;

Hormônios e reprodução - Hormônios sexuais, menstruação e pílula. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/hormonios-e-reproducao-hormonios-sexuais-menstruacao-e-pilula.htm>. Acesso em: 15 dez. 2022;

Infecções Sexualmente Transmissíveis. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist>. Acesso em: 15 dez. 2022;

Métodos contraceptivos. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/metodos-contraceptivos.htm>. Acesso em: 15 dez. 2022;

<sup>20</sup> O Sistema Reprodutor, a Menstruação e a Gestação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6PYdjw0WvtA>. Acesso em 24 out. 2022.

Uma história de amor...diferente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ni4SNGTfMMg>. Acesso em: 24 out. 2022.

Animação - Doenças e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SZy8AOsNaSA>. Acesso em 24 out. 2022.

<sup>21</sup> AMABIS, José Mariano, *et al.* **Ciências da Natureza e suas tecnologias**, Humanidade e Ambiente, v. 4, cap.: 10, 1ª edição, São Paulo, Moderna Plus;



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE J – ROTEIRO DESCRITIVO DA OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO**  
**MITO OU VERDADE**

<b>Oficina de dinâmica em grupo nº 3</b>	
<b>Tema:</b> Mito ou Verdade	<b>Duração:</b> 60 minutos
<b>Objetivos</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Refletir sobre os mitos e verdades relacionadas à sexualidade que, conseqüentemente, podem gerar uma gravidez na adolescência ou a aquisição de IST</li> </ul>	
<b>Conteúdos presentes na oficina de dinâmica em grupo</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gravidez, métodos contraceptivos, IST e morfofisiologia do sistema reprodutor;</li> <li>• Aspectos do período da adolescência.</li> <li>•</li> </ul>	
<b>Descrição sumária das atividades</b>	
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Anteriormente a realização da oficina de dinâmica de grupo, foi solicitado aos estudantes que pesquisassem mitos atuais para que fossem trazidos para o momento da aplicação da oficina de dinâmica em grupo;</li> <li>2. A partir dos mitos trazidos, os estudantes avaliaram se eles continham alguma base científica para serem presentes até os dias atuais por meio de pesquisas realizadas na internet;</li> <li>3. Após algum de pesquisa, eles comprovaram de fato que todos são falsos, pois não tem comprovação científica que os sustentem.</li> <li>4. Foi dialogado com eles, o porquê de não só estes mitos estarem presentes na sociedade, bem como outros mitos de diversas áreas científicas;</li> <li>5. A dinâmica continuou até que todos os mitos fossem discutidos</li> </ol>	
<b>Teor investigativo</b>	
Deu-se por meio de pesquisas em sítios eletrônicos realizadas pelos estudantes anteriormente a realização da oficina de dinâmica em grupo quando os estudantes buscavam por mitos	

atuais e no momento da realização da mesma enquanto pesquisavam o porquê dos mitos trazidos por eles serem falsos.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE K – ROTEIRO DESCRITIVO DA OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO**  
**“COMO A MULHER É VISTA NA SOCIEDADE?”**

<b>Oficina de dinâmica em grupo nº 4</b>	
<b>Tema:</b> Como a mulher é vista na sociedade?	<b>Duração:</b> 60 minutos (1ª aula) 60 minutos (2ª aula)
<b>Objetivos</b>	
<p>1ª aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Verificar exemplos de manifestações sobre a sexualidade e preconceito em algumas mídias digitais, como por exemplo: músicas, novelas, séries, imagens ou propagandas de TV;</li> </ul> <p>2ª aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comparar ideias, visões e manifestações que as diferentes gerações possuem acerca do papel da mulher na sociedade.</li> </ul>	
<b>Questões norteadoras</b>	
<p>1ª aula:</p> <p>Como a mulher é percebida/vista pela sociedade, especialmente nos contextos apresentados (música e propaganda)? Quais as consequências desta situação/percepção? Como isso afeta as mulheres e como afeta os homens? As mulheres são subestimadas? As mulheres podem ser machistas?</p> <p>2ª aula:</p> <p>A primeira mulher é muito musculosa (exagerada)? Você se importaria de viajar em um avião sabendo que é comandado por uma pilota? A duas modelos acima deveriam emagrecer (elas ficariam mais bonitas se fossem magras)? Você criticaria/confiaria nessas mulheres ou elas parecem felizes/competentes em ser quem elas são? Ou elas deveriam se encaixar nos estereótipos ditados pela sociedade? Por que?</p>	
<b>Conteúdos presentes na oficina de dinâmica em grupo</b>	

- Machismo;
- Feminismo;
- As relações de trabalho perante a figura feminina;
- As relações familiares perante a figura feminina;
- Semelhanças e diferenças sobre a figura feminina entre diferentes gerações.

### **Descrição sumária das atividades**

1ª aula:

1. O início da oficina em dinâmica de grupo ocorreu com alguns exemplos para nortear os estudantes sobre o objetivo da mesma, quatro imagens e uma música. Em relação a esta, o exemplo escolhido pelo docente foi “Esse cara sou eu”, de autoria de Roberto Carlos e apresenta duração média de quatro minutos (ANEXO C);
2. A partir do exemplo descrito os estudantes contribuíram com músicas que guardassem relação com a do exemplo apresentado pelo professor. Foram tocadas as quatro canções seguintes: “É por isso que sofre” de DJ Batata, Tati Quebra Barraco e Bárbara Labres, “Tijolos e Vadias” de Brocasito, “Meu namorado é maior otário” Mc Carol e “Toda Arrepiada” de Hytalo Santos e Renatinha Cabulosa (ANEXOS D, E, F e G, respectivamente);
3. Houve a apresentação de duas notícias apresentadas por um estudante sobre casamento entre pessoas maiores de idade com menores de idade<sup>22</sup>;
4. A partir dos exemplos trazidos pelos estudantes, eles refletiram sobre algo que tenham observado, escutado, falado ou sentido sobre como a sociedade trata, por meio da mídia, sobre a posição e o papel das mulheres que estão inseridas no meio social;
5. A música e as imagens (figuras 5 e 6) associadas foram debatidas neste primeiro momento e referenciaram a próxima atividade, complementar a esta.

2ª aula:

1. Anteriormente a oficina em dinâmica de grupo, o professor solicitou apenas que os estudantes fizessem as perguntas norteadoras da segunda aula ao seu núcleo familiar não informando, primeiramente, o motivo de eles realizarem esta atividade. Isto se

<sup>22</sup> Notícia veiculada no site Uol. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2023/10/09/pm-pe-investiga-militar-que-pedi-u-menina-de-15-anos-em-casamento-na-escola.htm>. Acesso em: 18 de out. de 2023.;

Notícia veiculada no site G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/04/25/entenda-o-caso-do-prefeito-de-araucaria-que-casou-com-adolescente-e-nomeou-sogra-secretaria-de-cultura.ghtml>. Acesso em: 18 de out. de 2023.

fez necessário para comparar dados, ideias e conceitos entre o que estudantes e familiares apresentam em relação a figura feminina nos diferentes seguimentos da sociedade;

2. No momento da oficina em dinâmica de grupo, o docente discutiu com os alunos se acham aceitáveis as imagens apresentadas;
3. Para dar prosseguimento à dinâmica, os estudantes elaboraram atividades para responderem a seguinte pergunta: **Que estratégias poderiam ser realizadas para empoderar as mulheres?;**
4. Foi fornecido um tempo de uma semana para que os estudantes confeccionassem a atividade.
5. Eles tiveram liberdade para escolher o tipo de material e como apresentar a atividade;
6. O grupo dispôs de 15 minutos para que apresentassem a estratégia elaborada e mais 5 minutos adicionais para que a turma e o professor realizassem considerações acerca dos trabalhos apresentados;
7. À medida que os estudantes conversaram sobre o tema, o debate foi estimulado sobre a importância do papel do empoderamento feminino na sociedade.

**Imagens associadas à primeira aula**

Figura 5: Exemplos da objetificação feminina com a finalidade de vender um produto.



Fonte: <https://clickpublicitario.files.wordpress.com/2013/06/wd.jpg>

### Imagens associadas à segunda aula

Figura 6: Imagens de mulheres consideradas fora do estereótipo pela sociedade.



Fonte: Imagem esquerda - <https://br.pinterest.com/pin/15833036176043086/>; Imagem central - <https://i.pinimg.com/564x/15/95/d6/1595d668fd1f5259291301db3f973f79.jpg>; Imagem direita - [https://conteudo.imguol.com.br/c/entretenimento/71/2019/11/01/fluvia-lacerda-e-mayara-russi-1572628870442\\_v2\\_450x600.jpg](https://conteudo.imguol.com.br/c/entretenimento/71/2019/11/01/fluvia-lacerda-e-mayara-russi-1572628870442_v2_450x600.jpg)

### Teor investigativo

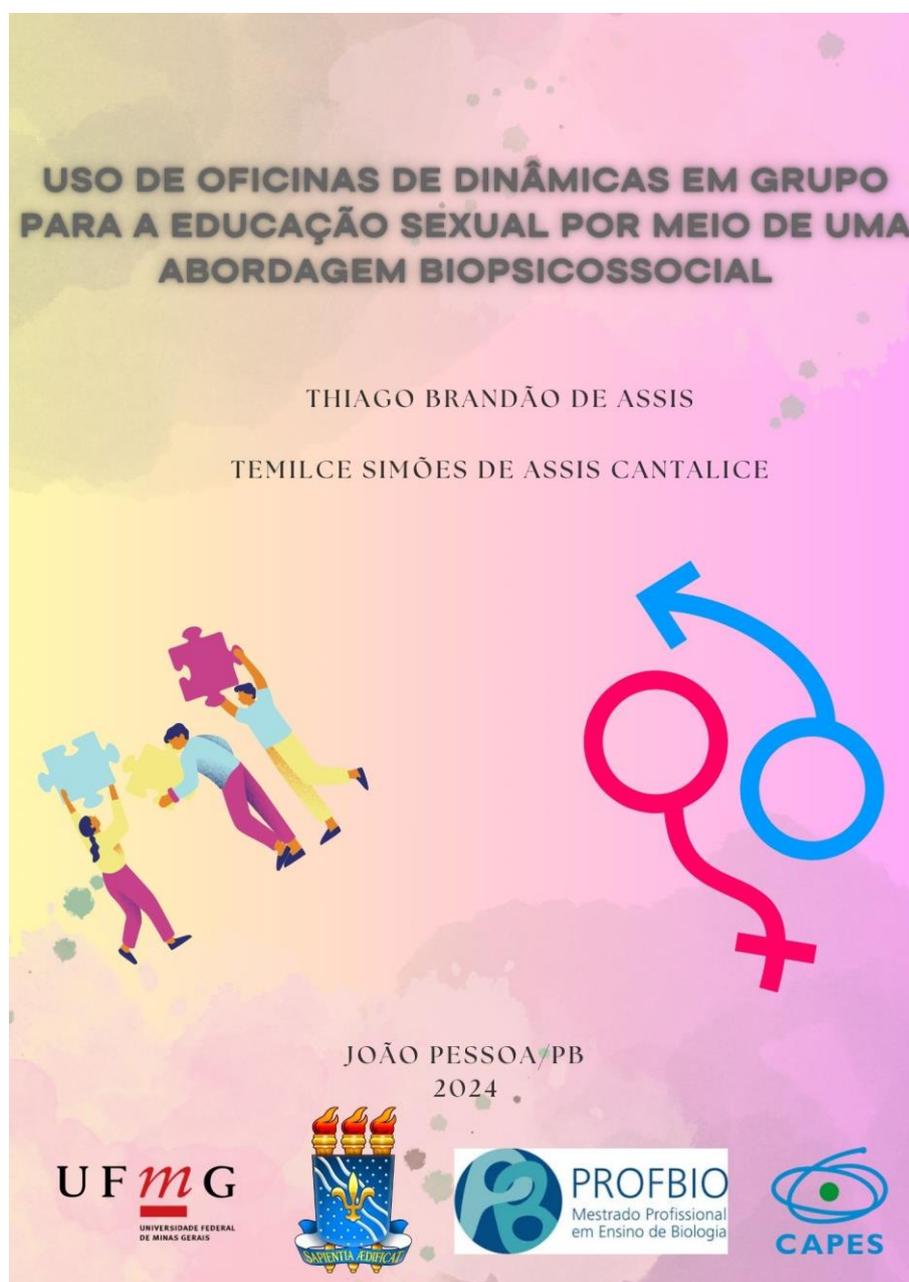
A investigação esteve presente a partir dos relatos dos estudantes nos momentos em que eles próprios trouxeram músicas e notícias que contribuíssem com a oficina em dinâmica de grupo

e que guardaram relação com o exemplo apresentado pelo professor. A partir destas ideias geradoras ocorreu o debate onde se pronunciou diferenças marcantes entre o homem e a mulher na sociedade. Na segunda aula, foi nítido observar, através da fala dos estudantes e em relação as falas dos próprios familiares, que algumas pessoas mais velhas ainda têm pensamentos retrógrados em relação à figura feminina na sociedade.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**APÊNDICE L – USO DE OFICINAS DE DINÂMICAS EM GRUPO PARA A  
 EDUCAÇÃO SEXUAL POR MEIO DE UMA ABORDAGEM BIOPSISSOCIAL**



# SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	3
2.	RESSIGNIFICANDO A BIOLOGIA	4
3.	O PAPEL DA EDUCAÇÃO SEXUAL	4
4.	O QUE É UMA OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO	5
5.	O QUE É O MODELO BIOPSISSOCIAL	5
6.	OFICINAS DE DINÂMICA EM GRUPO	6
6.1	Adolescer	6
6.2	Coisa de homem e/ou de mulher	8
6.3	Mito e verdade	16
6.4	Como a mulher é vista pela sociedade?	18
7.	SUGESTÕES DE ATIVIDADES AO FIM DAS OFICINAS DE DINÂMICA EM GRUPO	24
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	AGRADECIMENTOS	26
	REFERÊNCIAS	27

# 1. APRESENTAÇÃO

Amigo (a) professor (a),

Esta cartilha intitulada “USO DE OFICINAS DE DINÂMICAS EM GRUPO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL POR MEIO DE UMA ABORDAGEM BIOPSISSOCIAL” foi construída a partir da inquietação dos autores no que concerne ao ensino da Educação Sexual dentro do contexto escolar que é permeado por tabus, preconceitos e ideias errôneas sobre o assunto. Este material visa tornar o ensino do tema mais atrativo por meio de uma abordagem integral da temática que une os aspectos biológicos, sociais, econômicos, culturais, familiares e comunitários acerca da sexualidade.

Os autores em questão foram responsáveis por produzir oficinas de dinâmicas em grupo que possam ser replicadas por quaisquer professores (as) que venham a ter acesso a esta cartilha e utilizando materiais de baixo custo.

As oficinas de dinâmicas em grupo oferecidas têm como objetivo principal utilizar abordagens lúdicas e investigativas para facilitar a compreensão da Educação Sexual de maneira integral, especialmente em relação à morfofisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, gravidez, métodos anticoncepcionais, infecções sexualmente transmissíveis (IST), questões comportamentais, como o machismo, questões psicológicas, como a puberdade e questões socioeconômicas, como o ambiente familiar. O enfoque é motivar e envolver os estudantes, visando superar as dificuldades que eles enfrentam nesse contexto, evitando assim a propagação de conceitos equivocados sobre esses temas.

Portanto, desejamos que este material norteie a prática docente na aprendizagem em Biologia e possa oferecer aos estudantes aulas motivadoras, atrativas, divertidas e inclusivas. A finalidade é a de transformar um ensino fragmentado em um ensino integrado a vida e realidade dos estudantes e que eles possam apresentar um sentimento de responsabilidade de si e do outro em um assunto tão delicado que é a Educação Sexual.

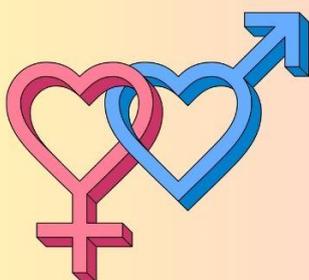
É importante ressaltar que as oficinas de dinâmicas em grupo aqui presentes podem ser aplicadas com quaisquer turmas. Salienta-se que um limite mínimo de idade poderá ser aos 11 anos, que é a média de idade para o início da puberdade; ademais, não sem limite máximo de idade, afinal trata-se de um tema rico e importante para ser aprendido por todos (as).

## 2. RESSIGNIFICANDO O ENSINO DE BIOLOGIA

A práxis pedagógica é a integração da teoria com a prática e envolve a aplicação do conhecimento em situações do mundo real. No contexto da educação em Biologia, aquela é importante por permitir aos alunos contextualizarem o conteúdo de Biologia dentro de situações reais, relacionadas à promoção da saúde e à compreensão de doenças. Uma abordagem didática tradicional, particularmente no contexto desta disciplina, resulta em um ensino monótono, fragmentado e distante do cotidiano dos alunos. Isto resulta em uma aprendizagem imprecisa e confusa, e pode até implicar em desordem em relação aos conhecimentos científicos já possuídos pelos alunos. No mundo moderno, a educação caminha para um processo de aprendizagem que não é uniforme como no passado. A aprendizagem escolar deve ser diversificada, envolvendo decisões e estratégias variadas. Isso ajuda os alunos a utilizarem eficazmente recursos alternativos para acessar informações e promover uma aprendizagem mais eficaz.



## 3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO SEXUAL?



A educação sexual fornece aos alunos as informações necessárias para que eles possam tomar decisões sobre a saúde sexual; isto se reflete em como os estudantes lidam com as mudanças que estão ocorrendo em suas vidas físicas, emocionais e psicológicas. É no espaço escolar que o discente pode, exemplificativamente, adquirir conhecimento sobre o próprio corpo, sobre relacionamento saudável com os pares, desmitificar, a título de exemplo, tabus e preconceitos, bem como se proteger, por exemplo, de IST e gravidez precoce.

#### 4. O QUE É A OFICINA DE DINÂMICA EM GRUPO?

A oficina de dinâmica em grupo é uma atividade estruturada e direcionada, realizada em um ambiente de grupo, que têm como objetivo promover a aprendizagem, a interação, o desenvolvimento pessoal e a resolução de problemas. Ela é projetada para ser uma experiência prática e participativa, na qual os participantes podem explorar tópicos específicos, adquirir habilidades ou conhecimentos práticos, discutir questões relevantes e interagir uns com os outros de maneira colaborativa. Nelas, as experiências como um todo são acolhidas, mas não são o foco principal. O objetivo principal é a realização de tarefas específicas do grupo. As angústias são o pano de fundo para o que estiver sendo debatido e que auxiliarão no progresso do grupo como um todo. Ressalta-se o viés pedagógico da oficina, pois os envolvidos trocam informações, aprendem e ensinam mutuamente e assim, produzem conhecimento. Para trabalhar o viés investigativo, são necessárias questões norteadoras que têm a função de orientar a investigação, direcionar a reflexão e fornecer um foco claro para o trabalho a ser desenvolvido, que, neste caso, é desenvolvimento das oficinas de dinâmica em grupo.



#### 5. O QUE É O MODELO BIOPSIKOSSOCIAL

O modelo biopsicossocial da educação sexual é uma abordagem que considera a sexualidade como um fenômeno complexo que é influenciado por fatores biológicos, psicológicos e socioeconômicos. Essa abordagem é importante porque reconhece que a sexualidade é uma parte natural da vida e que deve ser abordada de maneira positiva, respeitosa e inclusiva. Ele inclui a compreensão anatômica e fisiológica do corpo, a discussão sobre aspectos psicológicos e emocionais, o contexto social no qual o adolescente reside e os relacionamentos e o tipo de comunicação a qual os estudantes estão sujeitos.

Essa abordagem também defende que a educação sexual deve ser integrada a diferentes disciplinas do currículo escolar, pois a sexualidade humana é uma parte intrínseca e complexa da vida que não pode ser adequadamente abordada em um único contexto. Além disso, o modelo biopsicossocial defende uma abordagem crítica e emancipatória da educação sexual, que não apenas transmite informações, mas também capacita os indivíduos a pensarem criticamente, a questionarem normas sociais prejudiciais e a exercerem sua autonomia em questões relacionadas à sexualidade.



## 6. OFICINAS DE DINÂMICA EM GRUPO

### 6.1 Adolescer

**Adolescer** é uma oficina de dinâmica em grupo aplicada ao público adolescente. Ela possibilitará a reflexão sobre como os estudantes percebem o processo da adolescência que incluem mudanças externas e internas e a relação disto com o processo de descobrir algo que está relacionado ao período de vida. O caráter investigativo desta oficina permitirá aos adolescentes correlacionarem as diversas mudanças que ocorrem, ou estão a ocorrer neles próprios, em seus aspectos anatomofisiológicos e comportamentais com as alterações hormonais características da puberdade e adolescência. Neste primeiro momento não há necessidade em o estudante conhecer nomes de estrutura ou hormônios, mas é importante ele perceber que existe algo que atua na modificação corporal e comportamental do mesmo.

Ficha Técnica	
<b>Duração</b>	50 – 100 minutos (1 a 2 aulas)
<b>Conteúdo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Anatomia externa corporal;</li> <li>• Hormônios.</li> </ul>
<b>Objetivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Refletir sobre como os estudantes percebem o processo da adolescência que incluem mudanças externas e internas e a relação disto com o processo de descobrir algo que está relacionado ao período de vida;</li> <li>• Relacionar as mudanças hormonais e físicas apresentadas, em homens e mulheres, em consonância com as mudanças psicológicas, comportamentais e sociais decorrentes do período da adolescência.</li> </ul>

**Questões norteadoras**

Como eu consigo me perceber? Por que e como o meu corpo mudou em comparação com a infância? Como eu me sinto agora, comparado com a época da infância (física, sensorial, emocionalmente)? Como eu sou visto pela comunidade escolar? Há diferenças de percepção do corpo entre o menino e a menina?

**Materiais:**

- Papel A4;
- Canetas esferográficas;
- Lápis de cor.

**Instruções:**

1. Inicialmente, o docente escreverá no quadro as questões norteadoras da oficina em dinâmica de grupo;
2. O professor entregará uma folha de papel A4 para todos os estudantes individualmente;
3. Em seguida, solicitará aos estudantes que realizem desenhos na folha de papel A4 por no máximo 20 minutos, sobre como eles percebem a si mesmos durante a fase da adolescência;
4. Ao fim do período estipulado, o professor pedirá que todos comentem a respeito do seu desenho com a finalidade de relatar sobre o que foi desenhado;
5. O professor concederá um tempo de até cinco minutos para que cada discente relate o que desenhou sobre a fase da adolescência;
6. A partir desta discussão o professor mediará as falas entre os estudantes sobre como ocorre o processo da adolescência destacando as mudanças físicas, fisiológicas, culturais e familiares entre as duas fases;
7. A oficina em dinâmica de grupo será finalizada quando todos os estudantes fizerem seus relatos.

## 6.2 Coisa de homem e/ou de mulher

**Coisa de homem e/ou de mulher** é uma oficina de dinâmica em grupo que pode ser aplicada para adolescentes, jovens e adultos. Ela está pautada na interrelação entre a biologia, aspectos psicológicos e aspectos socioeconômicos que permeiam a vida do adolescente por meio de palavras categorizadas descritas no quadro 1. O caráter investigativo da oficina de dinâmica em grupo estará presente desde o momento em que o estudante inicia a confecção das silhuetas e perpassa por um processo de construção do conhecimento de maneira interrelacionada descrita anteriormente. É importante discutir o processo de um modo global e não entregar o conhecimento pronto, mas permitir que cada ser singular possa construir seu próprio conhecimento de modo que percebam a importância de evitar uma gravidez precoce, proteger-se contra uma IST e compreender o funcionamento biológico dos sistemas reprodutores masculino e feminino. Além disto, poderá haver questões implícitas aqui como: discussões de identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico, tabus e preconceitos. Mais importante ainda é permitir que as diversidades existam e que convivam em harmonia, pois a vivência dentro da escola é reflexo do que é encontrado na sociedade.

Quadro 1: Discriminação das palavras, por categoria, que serão utilizadas na dinâmica 2: Coisa de homem e/ou de mulher.

Morfofisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino	IST	Métodos contraceptivos	Aspectos psicológicos	Aspectos socioeconômicos
Uretra	Herpes genital/labial	Preservativo	Tamanho peniano	Influência familiar
Pênis	Herpes genital/labial	Preservativo	Tamanho peniano	Influência familiar
Saco escrotal	Cancro	Hormonal	Primeira vez	Influência de amigos
Canal deferente	Cancro	Hormonal	Primeira vez	Influência de amigos
Próstata	HPV	DIU	Ficar com vários(as)	Influência das mídias digitais
Vesícula seminal	HPV	Espermicida	Ficar com vários(as)	Influência das mídias digitais
Vagina	Doença Inflamatória pélvica (DIP)	Abstinência periódica	Homossexualidade / Bissexualidade / Transexualidade	Informações inverídicas sobre métodos contraceptivos e IST
Clitóris	Doença Inflamatória pélvica (DIP)	Abstinência periódica	Homossexualidade / Bissexualidade / Transexualidade	Informações inverídicas sobre métodos contraceptivos e IST
Uretra	Donovanose	Esterilidade	Puberdade / desenvolvimento das características sexuais secundárias	Informações verídicas sobre métodos contraceptivos e IST

Uretra	Donovanose	Esterilidade	Puberdade / desenvolvimento das características sexuais secundárias	Informações verídicas sobre métodos contraceptivos e IST
Vulva	Donovanose	Esterilidade	Puberdade / desenvolvimento das características sexuais secundárias	Informações verídicas sobre métodos contraceptivos e IST
Útero	Gonorreia		Primeiro beijo	Dinheiro
Ovários	Gonorreia		Primeiro beijo	Dinheiro
Tubas uterinas	Infecção por clamídia		Gravidez	Estabilidade familiar
GnRH	Infecção por clamídia		Gravidez	Estabilidade familiar
FSH	Linfogranuloma venéreo		IST	Gravidez precoce
LH	Linfogranuloma venéreo		IST	Gravidez precoce
Testosterona	Sífilis		Demonstração de afeto	Local de residência
Progesterona	Sífilis		Demonstração de afeto	Local de residência
Inibina	Tricomoníase		Demonstração de desafeto	Local de estudo
GnRH	Tricomoníase		Demonstração de desafeto	Local de estudo
FSH	HTLV		Prazer	Aquisição de objetos
LH	HTLV		Prazer	Aquisição de objetos
Progesterona	AIDS/HIV			
Estrogênio	AIDS/HIV			

Fonte: Dados do autor.

<b>Ficha Técnica</b>	
<b>Duração (fase preparatória)</b> <b>I. Realizada por toda a turma</b> <b>II. Realizada apenas pelo docente</b> <b>III. Realizadas apenas pela turma</b>	50 – 100 minutos I. (1 a 2 aulas) II. 1 semana III. 1 semana
<b>Duração (dinâmica)</b>	150 minutos (3 aulas)
<b>Conteúdo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Morfofisiologia dos sistemas masculino e feminino, IST e métodos contraceptivos;</li> <li>• Aspectos psicológicos e socioeconômicos.</li> </ul>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Unir o aprendizado anatômico e fisiológico dos sistemas reprodutores masculino e feminino com aspectos psicológicos e sociais aos quais os adolescentes estão sujeitos;</li> <li>• Correlacionar as palavras disponibilizadas pelo docente aos bonecos e figuras de modelos anatômicos dos órgãos genitais masculino e feminino presentes no quadro da sala fazendo inferências e explicações sobre se uma palavra deve estar atrelada a um dos ou ambos os gêneros.</li> </ul>
<b>Questões norteadoras</b>	<p>Todos sabem os nomes dos órgãos sexuais masculinos e femininos? Quais são as principais IST e os principais sinais e sintomas destas? Como se prevenir de uma IST? Como os aspectos socioeconômicos e psicológicos exercem influência acerca do conhecimento sobre educação sexual?</p>

#### Materiais:

- Cartolinas;
- Folhas A4;
- Tesoura;
- Fita dupla face;
- Canetas.

#### Instruções da fase preparatória:

I. Para os desenhos da silhueta, recomenda-se que o (a) docente peça aos estudantes que realizem os desenhos em cartolinas, duas para cada silhueta (masculina e feminina) e uma para cada figura dos órgãos genitais (sistema reprodutor masculino e feminino) (figuras 1, 2 e 3). Deste modo, eles estarão aprendendo sobre a morfologia corporal. Como sugestão, se a escola dispuser de modelos anatômicos e bonecos representativos de homem e mulher, estes poderão ser utilizados;

II. Para as palavras dispostas nas categorias, o docente poderá utilizar folhas A4 ou cartolinas. É importante que as palavras estejam em um tamanho razoável para que possam ser lidas por todos os estudantes presentes em sala de aula;

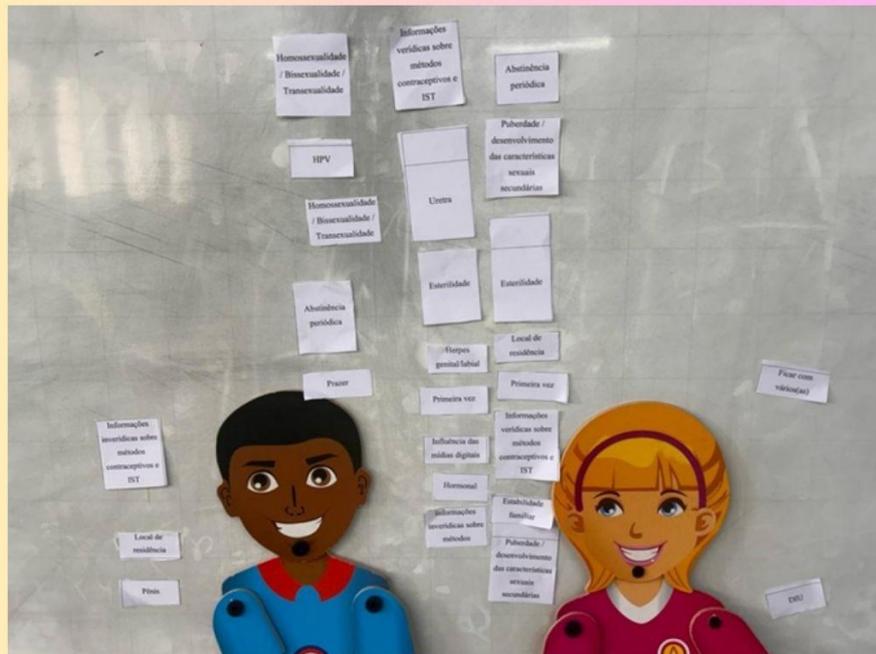
III. Sobre o tema desta oficina de dinâmica em grupo, o docente deverá aplicar uma sala de aula invertida sobre os assuntos seguintes a serem tratados: morfologia e fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, IST e métodos contraceptivos. Aqui é sugerido ao (à) docente que forneça estes materiais norteadores, por meio impresso ou digital, para que o estudante realize o estudo com êxito e tempo para absorver as informações. Forneça, no máximo, uma semana para que os discentes realizem estes estudos. É importante perceber que o foco ainda é o estudante, pois é importante não apenas saber a parte biológica do assunto, mas também que estão envolvidos aspectos subjetivos e que estão implícitos dentro desta temática.

Figuras 1 e 2: Peças anatômicas dos órgãos genitais e bonecos articulados masculino e feminino, respectivamente, presentes na escola em que o presente trabalho foi aplicado.



Fonte: Dados do autor.

Figura 3: Bonecos articulados masculino e feminino no transcurso da oficina de dinâmica em grupo intitulada "Coisa de homem e/ou de mulher". Os estudantes afixaram as palavras como sendo apenas do homem, o faziam pondo-a do lado esquerdo. Àqueles que afixaram as palavras ao lado direito da mulher, pertenceria apenas a ela. As palavras afixadas ao centro pertenceria a ambas as figuras.



Fonte: Dados do autor.

### **OBSERVAÇÃO IMPORTANTE**

A oficina de dinâmica em grupo incorpora a Pedagogia da Pergunta de Paulo Freire, permitindo que os estudantes tragam questionamentos adicionais que enriquecem o conhecimento ao combinar suas experiências com o conhecimento científico. Adaptada do trabalho de Talhaferro e Coutinho (2015), a atividade envolve a criação de um jogo educacional utilizando imagens dos órgãos reprodutores desenhadas em cartolinas, bem como fichas para identificação das estruturas. Inspirada na dinâmica de Lima (2019) chamada "Quem é de quem?", a atividade inclui palavras-chave, duplicadas ou não, relacionadas à morfofisiologia dos sistemas reprodutores, IST, métodos contraceptivos, aspectos psicológicos e socioeconômicos, permitindo uma abordagem aberta, crítica, investigadora e participativa dos estudantes.

#### Instruções da oficina de dinâmica em grupo:

1. Inicialmente, o (a) docente escreverá as questões norteadoras da oficina de dinâmica em grupo;
2. Os bonecos e as figuras anatômicas dos órgãos reprodutores, masculino e feminino, ou as silhuetas feitas em cartolinas, deverão estar presentes na sala de aula antes do início da oficina de dinâmica em grupo para que sirvam de referência para os estudantes;
3. Divide-se a turma em cinco grupos;
4. Para cada grupo, será sorteada uma categoria presente no quadro 1, pois deste modo, todas as palavras presentes em uma categoria poderão ser sorteadas;
5. A depender da quantidade de estudantes presentes no grupo, todos os participantes pegarão quantidades de papéis da categoria de modo que seja uma divisão proporcional. Assim, nenhum estudante pegará mais ou menos papéis e todos irão participar;
6. O estudante lerá as palavras ou expressões sorteadas da categoria e discutirá o que sabe em torno delas com toda a turma. Sugere-se que os estudantes tenham acesso à internet para averiguar se o que foi dito é correto ou não para que seja dada a pontuação a equipe;
7. Caso não seja possível a conexão com a internet, como sugestão, o professor atuará como mediador da resposta afirmando se o que foi dito está correto ou incorreto. Como sugestão, ele (a) poderá utilizar livros ou textos para consulta presentes na sala de aula. Caso a resposta esteja incompleta, é necessário que se complete a mesma, em conjunto com os estudantes, para dar prosseguimento a dinâmica;
8. Além disto, será discutido o erro para a resposta errada e/ou a resposta que estiver incompleta para dar prosseguimento a oficina de dinâmica em grupo. É sugerido que a cada resposta correta, o estudante seja premiado com alguma guloseima (bala, pirulito e afins) ou outro item a critério do (a) professor (a), para instigar a participação do mesmo;
9. Em seguida, os estudantes discutirão em qual boneco ou silhueta (homem ou mulher) ou sistema reprodutor (masculino ou feminino) aquela palavra pertence (figura 4). Cada estudante participante disporá de cinco minutos para esta etapa da brincadeira;
10. A oficina de dinâmica em grupo encerrará quando todas as palavras forem sorteadas.

Figura 4: Momento em que um dos estudantes participantes fixou uma das palavras sorteadas no centro dos bonecos articulados indicando que ela pertenceria a ambos os sexos na oficina de dinâmica em grupo intitulada “Coisa de homem e/ou de mulher”.



Fonte: Dados do autor.

### OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

- Para o (a) docente que não dispuser de tempo hábil para concluir todas as palavras presentes na oficina de dinâmica em grupo, sugere-se a união de categorias em uma, como por exemplo: Morfofisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino (categoria 1), Métodos contraceptivos e IST (categoria 2) e Aspectos psicológicos e econômicos (categoria 3).
- Também sugere-se trabalhar com um número de palavras reduzidas, caso o (a) ainda tenha problemas com a logística de aplicação da oficina de dinâmica em grupo ou a depender da quantidade de estudantes presentes na turma.
- Como as palavras presentes no quadro 1 são exemplificativas, o (a) docente poderá incluir outras denominações que o (a) mesmo (a) ache pertinente.

### 6.3 Mito ou Verdade

**Mito ou Verdade** é uma oficina de dinâmica em grupo que pode ser aplicada com adolescentes, jovens e adultos. É importante que o docente esclareça para os estudantes que, embora esta temática esteja presente na sociedade, raramente a informação é transmitida de forma correta, sendo a partir disto que nascem mitos, boatos e superstições que poderão ser aceitos como verdadeiros pelas pessoas. Além disso, poderão surgir pontos sensíveis durante o transcorrer da dinâmica; portanto, será necessário que o docente esteja preparado para questionamentos que poderão surgir durante o decorrer da oficina de dinâmica em grupo.

<b>Ficha Técnica</b>	
<b>Duração</b>	50 – 100 minutos (1 a 2 aulas)
<b>Conteúdo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gravidez, métodos contraceptivos, IST e morfofisiologia do sistema reprodutor;</li> <li>• Aspectos do período da adolescência.</li> </ul>
<b>Objetivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Refletir sobre os mitos e verdades relacionadas à sexualidade que, conseqüentemente, pode gerar uma gravidez na adolescência ou a aquisição de IST</li> </ul>
<b>Questões norteadoras</b>	De que maneira os mitos sobre sexualidade são perpetuados pela mídia e pela cultura popular? Como a educação sexual baseada em evidências pode ajudar a combater os mitos e promover uma visão mais saudável da sexualidade?

<b>Questões norteadoras (continuação)</b>	Como a falta de informação e educação contribui para a propagação de mitos sobre sexo e sexualidade?
---	--

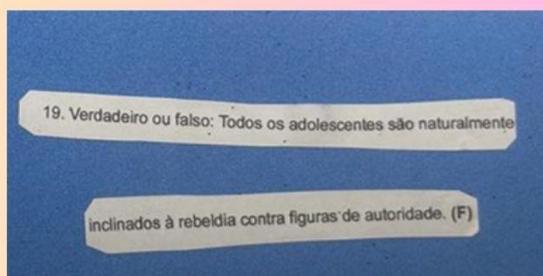
Material:

- Papel A4;
- Canetas esferográficas;

Instruções:

1. É recomendado que, uma aula antes da realização desta oficina de dinâmica em grupo, os estudantes pesquisem mitos atuais sobre os temas de gravidez, métodos contraceptivos, IST, a fase da adolescência, comportamento, etc., para que sejam trazidos para o momento da aplicação da mesma, pois estimulará o caráter investigativo desta (figura 5);
2. É importante que o professor, em um primeiro momento, não interfira na pesquisa dos estudantes;
3. Peça para cada um trazer ao menos um mito para a sala de aula para serem discutidos junto com a turma;
4. O docente escreverá as questões norteadoras no início da oficina de dinâmica em grupo. Cada estudante revelará o mito que pesquisou, anotando-o em uma folha papel. A turma averiguará se é falso ou verdadeiro - a partir de um viés científico - e, se possível, verificar o motivo de tal mito ter sido criado.
5. Dialogar com a turma o porquê de estes mitos estarem presentes na sociedade, bem como outros mitos de diversas áreas científicas. A dinâmica será finalizada até que todos os mitos trazidos pelos estudantes sejam discutidos.

Figura 5: Um exemplo de mito trazido por um dos estudantes sobre o período da adolescência. A partir desta oficina de dinâmica em grupo "Mitos e Verdades", pode-se discutir o que é falso e o que é verdadeiro por meio de um embasamento científico.



Fonte: Dados do autor.

## 6.4 Como a mulher é vista pela sociedade?

**Como a mulher é vista pela sociedade?** é uma oficina de dinâmica em grupo que pode ser realizada com adolescentes, jovens e adultos. Ela é importante, pois mulheres e homens são vistos de forma diferenciada perante a sociedade. O papel da mulher tem sido modificado ao longo dos últimos anos, mas um considerável número de pessoas, devido a visão patriarcal do meio em que se vive, considera que a mulher tem menos importância que homem. Em muitos casos, isso resulta na objetificação da mulher perante a sociedade, manifestando-se em diferentes formas como músicas e propagandas e no papel atribuído à mulher na sociedade de ser ou parecer sempre bonita, arrumada, magra e jovem. Isto é algo que não é cobrado do público masculino, pois não existe uma pressão social para se cobrar a estética sobre eles. Esta oficina de dinâmica em grupo tratará de demonstrar o papel da mulher na sociedade por meio de debate com os estudantes para que estes possam ter uma visão crítica acerca da sociedade machista e patriarcal ainda bastante presente na atualidade.

Ficha Técnica	
1º Momento	
<b>Duração</b>	100 minutos (2 aulas)
<b>Conteúdo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Machismo;</li> <li>• Feminismo;</li> <li>• As relações de trabalho perante a figura feminina;</li> <li>• As relações familiares perante a figura feminina;</li> <li>• Semelhanças e diferenças sobre a figura feminina entre diferentes gerações.</li> </ul>
<b>Objetivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Verificar exemplos de manifestações sobre a sexualidade e preconceito em algumas mídias digitais, como por exemplo: músicas, novelas, séries, imagens ou propagandas de TV.</li> </ul>
<b>Questões norteadoras</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como a mulher é percebida/vista pela sociedade, especialmente nos contextos apresentados (música e propaganda)? Quais as consequências desta situação/percepção? Como isso afeta as mulheres e como afeta os homens? As mulheres são subestimadas? As mulheres podem ser machistas?</li> </ul>

<b>2º Momento</b>	
<b>Duração</b>	100 minutos (2 aulas)
<b>Conteúdo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Machismo;</li> <li>• Feminismo;</li> <li>• As relações de trabalho perante a figura feminina;</li> <li>• As relações familiares perante a figura feminina;</li> <li>• Semelhanças e diferenças sobre a figura feminina entre diferentes gerações.</li> </ul>
<b>Objetivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Verificar exemplos de mulheres que fogem a padrões impostos pela sociedade.</li> </ul>
<b>Questões norteadoras</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A primeira mulher é muito musculosa (exagerada)? Você se importaria de viajar em um avião sabendo que é comandado por uma piloto? A duas modelos acima deveriam emagrecer (elas ficariam mais bonitas se fossem magras)? Você criticaria/confiaria nessas mulheres ou elas parecem felizes/competentes em ser quem elas são? Ou elas deveriam se encaixar nos estereótipos ditados pela sociedade? Por que?</li> </ul>

Material:

- Papel A4;
- Aparelho de som portátil com suporte para dispositivo de armazenamento externo (pendrive ou cartão de memória);
- Canetas esferográficas;
- Lápis de cor;
- Lápis de hidrocor;
- Cartolinas.

Instruções – 1º momento:

- 1.É importante que o docente inicie a oficina em dinâmica de grupo com as questões norteadoras referentes à primeira parte;
- 2.Em seguida, utilize alguma música de referência do (a) docente em que a mulher é objetificada. Grave a canção em um dispositivo de armazenamento externo para ser tocada durante a realização da oficina de dinâmica em grupo. Este exemplo será norteador para a atividade em tela;
- 3.O (a) docente também deverá imprimir a letra da música para o estudante com a finalidade de que ele possa acompanhar a mesma e fazer anotações;
- 4.A partir do exemplo descrito, os estudantes contribuirão com músicas que guardem relação com o exemplo apresentado pelo (a) professor (a). Importante que o professor tenha acesso aos exemplos dos estudantes previamente para que possam serem tocadas em sala de aula, assim como as letras das respectivas músicas. Também é importante que o (a) professor (a) imprima as letras musicais para que todos os estudantes possam acompanhar a música e realizarem anotações;
- 5.O (a) docente solicitará que os estudantes se dividam em grupos de até quatro componentes e, a partir dos exemplos trazidos por eles, peçam-lhes que reflitam acerca de algo que tenham observado, escutado, falado ou sentido sobre como a sociedade trata, por meio das mídias, sobre a posição e o papel das mulheres na sociedade e que guardem relação com as questões norteadoras;
- 6.As músicas e as imagens (figuras 6 e 7) deverão ser debatidas neste primeiro momento para servirem de referência a próxima atividade, complementar a esta.

Figura 6: Exemplos da objetificação feminina com a finalidade de vender um produto



Fonte: <https://clickpublicitario.files.wordpress.com/2013/06/wd.jpg>

Figura 7: Exemplo de imagens de mulheres consideradas fora do estereótipo pela sociedade

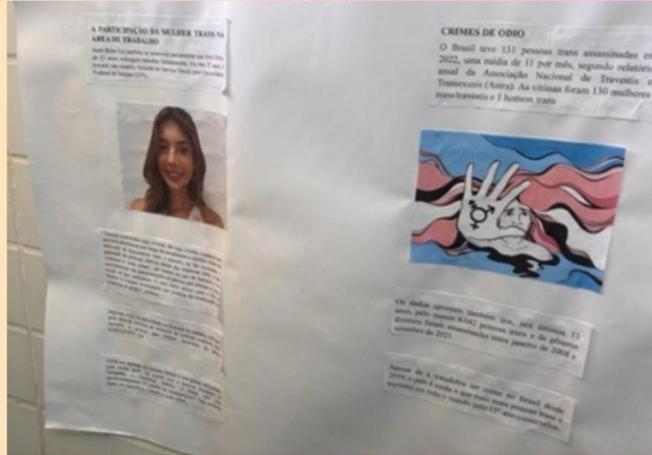


Fonte: Imagem esquerda - <https://br.pinterest.com/pin/15833036176043086/>; Imagem central - <https://i.pinimg.com/564x/15/95/d6/1595d668fd1f5259291301db3f973f79.jpg>; Imagem direita - [https://conteudo.imguol.com.br/c/entretenimento/71/2019/11/01/fluvia-lacerda-e-mayara-russi-1572628870442\\_v2\\_450x600.jpg](https://conteudo.imguol.com.br/c/entretenimento/71/2019/11/01/fluvia-lacerda-e-mayara-russi-1572628870442_v2_450x600.jpg).

Instruções – 2º momento:

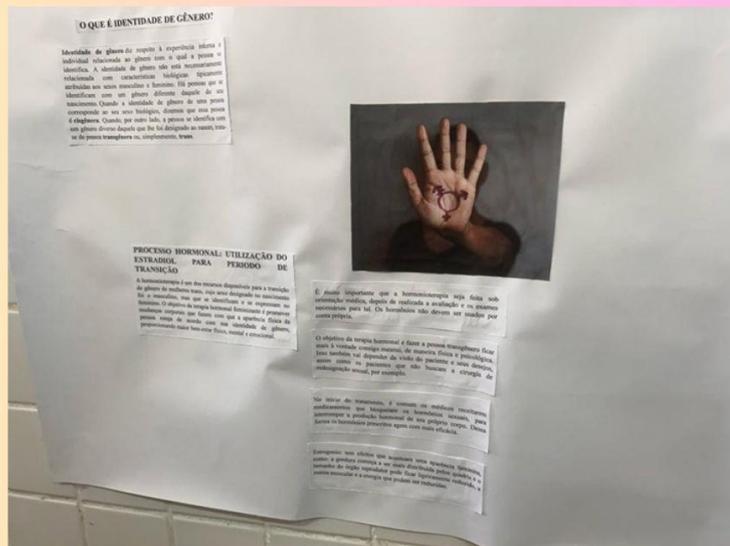
1. Anteriormente a este momento, o docente solicitará aos estudantes que realizem os questionamento norteadores referentes à segunda parte da aula, em relação a figura 7, e anotem as respostas dos seus respectivos familiares. É importante não informar o motivo de eles realizarem esta atividade em um primeiro momento, pois se fez necessário para comparar dados, ideias e conceitos entre o que estudantes e familiares apresentam em relação a figura feminina nos diferentes seguimentos da sociedade;
2. Na aplicação da oficina de dinâmica em grupo, as mesmas questões norteadoras são repetidas, mas direcionadas aos próprios grupos de estudantes. Deve-se anotar as respostas ditas pelos grupos;
3. Compara-se as respostas dos adultos e dos estudantes e verifica-se o que é semelhante e o que é diferente em relação às respostas de ambos;
4. Forneça um tempo de 30 minutos para que os estudantes elaborem atividades (por exemplo: power point, cartazes, charge ou história em quadrinho) (figuras 8 e 9) para responderem a seguinte pergunta: Que estratégias poderiam ser realizadas para empoderar as mulheres?
5. Forneça um tempo de até 10 minutos para que apresentem propostas relacionadas as perguntas;
6. Em cima destas propostas, serão discutidos como as mulheres poderão ser empoderadas e ter seus papeis redefinidos perante a sociedade.

Figura 8: Exemplo de cartazes expostos pelos estudantes versando sobre a participação da mulher transexual no mercado de trabalho e os crimes de ódio a que este grupo em particular está sujeito.



Fonte: Arquivos do autor.

Figura 9: Exemplos de cartazes sobre a temática identidade de gênero e processo hormonal para modificação corporal mediante a utilização de hormônios. Tais conceitos ainda sofrem bastante resistência, pois as pessoas desconhecem termos como cisgênero e transgênero e, muitas vezes, elas acreditam que é algum tipo de distúrbio mental ou "ausência de Deus na vida". A explicação fornecida pelo grupo é baseada em uma questão de disforia de gênero que é uma incongruência entre o sexo biológico e a identidade, causando sofrimento em quem apresenta este estado.



Fonte: Arquivos do autor.

## **7. SUGESTÕES DE ATIVIDADES AO FIM DAS OFICINAS DE DINÂMICA EM GRUPO**

Como atividade final deste trabalho, é sugerido que o docente realize uma culminância que envolva todos os estudantes, bem como a comunidade escolar de modo que se demonstre a importância em se retratar a Educação Sexual de forma séria e afastada de notícias inverídicas para que todos saibam que o tema é importante e que faz parte da vida de cada pessoa que esteja passando pela fase da adolescência.

Aqui é sugerido que os grupos sejam divididos baseados nos temas apresentados durante as oficinas de dinâmicas em grupo: 1. Adolescência, IST e contracepção; 2. Adolescência e os mitos existentes e 3. Adolescência e o empoderamento feminino. Percebe-se que como é uma sugestão, ficará a cargo do docente decidir se utilizará estes exemplos elencados ou se subdividirá em mais subtemas a depender da realidade local. Os trabalhos serão importantes e necessários, pois contribuirão com a aprendizagem significativa estudantil, já que serão realizados por eles próprios, e, deste modo, os discentes se transformarão em propagadores do conhecimento para a comunidade escolar com a finalidade de que tabus e preconceitos possam ser reduzidos na escola e também no seio familiar, bem como fomentar a existência do respeito em torno da comunidade escolar.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Colega professor (a),**

Se o seu desejo é ir além do conhecimento engessado, você deve inovar, e o meio para isto é utilizar metodologias ativas da aprendizagem, pois assim o estudante se sentirá motivado e confiante para aprender e ressignificar o conhecimento. Esta cartilha intitulada “USO DE OFICINAS DE DINÂMICAS EM GRUPO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL POR MEIO DE UMA ABORDAGEM BIOPSISSOCIAL”, foi pensada e concretizada com a finalidade de criar melhores condições para o ensino de Biologia no que tange ao ensino da Educação Sexual para ser trabalhada com estudantes do Ensino Médio de forma lúdica e diferenciada.

Foi da não aceitação dos presentes autores em verificar que o ensino do tema é transmitido de forma fragmentada e sem relação com a realidade do estudante que este material pôde ser concluído para chegar até você para que possa dinamizar suas aulas. Esperamos que o mesmo possa ser compartilhado por outros professores e que possa despertar no estudante o interesse pela Biologia enquanto uma Ciência Investigativa e que possa ser percebido no cotidiano.

É importante que tais conteúdos possam ser transformados em ações que possibilitem solucionar e derrubarem preconceitos construídos ao longo do tempo para que o adolescente possa viver em harmonia na comunidade a qual está inserido. Isto irá ressignificar em mudança social e melhoria da qualidade de vida na apenas para ele, mas também por todos que estão no entorno. Para isto é preciso combater não apenas os preconceitos e tabus existentes, mas também notícias inverídicas sobre quaisquer áreas científicas.

Desta forma, o nosso mais sincero desejo é que esta cartilha seja motivo de mudança de postura, tanto docente, quanto discente, para um olhar mais crítico e ativo sobre a temática da Educação Sexual, bem como outros temas dentro da grande área da Biologia. Também acreditamos que haja uma melhor inclusão de estudantes que se enquadram nos grupos minoritários e aqueles que sejam vítimas da sociedade patriarcal a qual vivemos atualmente e que estes possam, gradativamente, mudarem suas concepções acerca do papel da mulher, bem como o respeito as diversidades.

Que esta inclusão possa despertar o protagonismo estudantil e a segurança para falar abertamente e sem discriminação sobre a Educação Sexual e, deste modo, possa proporcionar uma vida harmoniosa e uma atuação participativa em sociedade.

# AGRADECIMENTOS

Venho por meio desta agradecer a todos que contribuíram para a construção desta cartilha, pois este material suscita o desejo de tornar o ensino da Educação Sexual mais dinâmica e próximo a realidade dos estudantes. Também agradeço a minha família por todo o apoio fornecido para concluir mais esta etapa na minha vida. Deixo meu mais profundo agradecimento a Dr<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice pelas sugestões e comentários com a finalidade de elevar a qualidade do presente material para que seja mais claro e didático a fim de alcançar o maior número de docentes possíveis. Gratidão a Universidade Federal da Paraíba e ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO) por proporcionar esta formação e engrandecimento particular. Agradeço também aos colegas e amigos da ECIT Cristiano Cartaxo pelas contribuições e por tornar este trabalho possível. O presente trabalho foi realizado com apoio da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda (org.). **Oficinas em dinâmicas de grupos: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Campo Social, 2002. 172p.

\_\_\_\_\_. **Oficinas em dinâmicas de grupos: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Artesã, 2010. 172p.

ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos; CORRÊA, Rita da Graça Carvalhal Frazão; ROLIM, Isaura Leticia Tavares Palmeira; HORA, Jessica Marques da; LINARD, Andrea Gomes; COUTINHO, Nair Portela Silva; OLIVEIRA, Priscila da Silva. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 5, p. 1087-1094, 2017.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: ArtMed, 2011. 310p.

FIALHO, Wanessa Cristiane Gonçalves. As dificuldades de aprendizagem encontradas por alunos no ensino de biologia. **Praxia**, v. 1, n. 1, p. 53-70, 2013.

HARDEN, Jeni. **Good sitting, looking and listening: the regulation of young children's emotions in the classroom**. *Children's Geographies*, v. 10, n. 1, p. 83-93, 2012.

LIMA, Lucineide Fagundes de. **Sexualidade no âmbito escolar: ações lúdicas no processo de educação sexual**. 2019. 86f. Dissertação (Mestrado). Mestrado Profissional em Ensino de Biologia. Universidade Federal da Alagoas. Maceió – AL. 2019.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Revista Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 307-324, 2008.

LUIZ, George Moraes de; DAL PRÁ, Rayany Mayara; AZEVEDO, Renata Closs. Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência. **Psicologia Revista**, v. 23, n. 2, p. 245-260, 2014.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo; QUEIROZ, Any Bicego; OLIVEIRA, Izabela Assis de; MORAES, Roberta Quirino; OLIVEIRA, Thaís Helena. Psicologia escolar, desenvolvimento humano e sexualidade: projetos de orientação sexual em instituições educacionais. **Revista Ciência em Extensão**, v. 2, n. 2, p. 1-21, 2006.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002; 23-40. 296p.

SILVA, Maria João; CARVALHO, Maria da Luz. Para uma Educação Sexual Corporizada: análise situada na educação básica em Portugal. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 2, p. 33-41, 2014.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da; MEGID NETO, Jorge. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência e Educação**, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SILVA JUNIOR, Arildo Nerys da; BARBOSA, Jane Rangel Alves. Repensando o Ensino de Ciências e de Biologia na Educação Básica: o caminho para a construção do conhecimento científico e biotecnológico. **Democratizar**, v. 8, n. 1, 2009.

SOARES, Cassia Baldini. **Consumo contemporâneo de drogas e juventude**: a construção do objeto na perspectiva da Saúde Coletiva. 2007. 195f. Tese (Livre-Docência). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TALHAFERRO, Jordan Tuparai; COUTINHO, Cadidja. Elaboração de jogo didático para o ensino do sistema reprodutor. *In*: Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2015, Bagé. **Anais**, v. 7, p. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/79814>. Acesso em: 30 de set. 2023.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 453-474, 2017.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Defining sexual health**: Report of a technical consultation on sexual health. World Health Organization, Genebra, 28-31, 2006. Disponível em: <https://www.cesas.lu/perch/resources/whodefiningsexualhealth.pdf>. Acesso em: 04 de out. 2023.

## ANEXO A – TERMO DE ANUIÊNCIA



## TERMO DE ANUIÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada: **“SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO”**, a ser desenvolvida pelo estudante **THIAGO BRANDÃO DE ASSIS**, do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE BIOLOGIA do CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA (CCEN), da UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB), sob orientação da Prof. Dra. Temilce Simões de Assis.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso em verificar seu desenvolvimento para que se possa cumprir os requisitos das Resoluções 466/12, 510/16 e da Norma Operacional 001/13, todas do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, como também, no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantia de sua segurança e bem-estar.

Igualmente informamos que para ter acesso à coleta de dados nesta instituição, fica condicionada à apresentação à direção da mesma, da **CERTIDÃO DE APROVAÇÃO (PARECER CONSUBSTANCIADO) DO PRESENTE PROJETO (PROTOCOLO DE PESQUISA), PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA QUE ANALISOU E APROVOU O MESMO**. Tudo como preconiza as Resoluções 466/12, Resolução 510/16 e a Norma Operacional 001/13, todas do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Cajazeiras-PB, 27 de março de 2022.

*Prof. Kátarine Souza da Silva*  
 Profa. Kátarine Souza da Silva  
 CPF: 011.474.466-075  
 CNPQ: 01161394/2002-21



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DA EMENDA**

**Título da Pesquisa:** COMPREENDENDO A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA POR MEIO DO MODELO BIOPSISSOCIAL: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO

**Pesquisador:** THIAGO BRANDAO DE ASSIS

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 68504323.1.0000.5188

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.847.474

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de uma emenda ao protocolo de pesquisa egresso do Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO) do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal da Paraíba (CCEN-UFPB), solicitando alteração no título sugerido pela banca examinadora e redução do tamanho da amostra em virtude da dificuldade de recrutamento dos participantes devido à temática pesquisada.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Desenvolver em conjunto com os estudantes, por meio de metodologias ativas, e de forma reflexiva a temática educação sexual auxiliado pelo modelo biopsicossocial de ensino.

**Objetivo Secundário:**

Diagnosticar o perfil dos sujeitos da pesquisa quanto ao conhecimento da temática sobre educação sexual;  
 Apresentar estratégias didáticas, interativas e lúdicas que integrem os conteúdos do livro didático às dinâmicas que serão apresentadas;

Integrar as dinâmicas com a investigação científica realizando provocações reflexivas nos

<b>Endereço:</b> Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar	
<b>Bairro:</b> Cidade Universitária	<b>CEP:</b> 58.051-900
<b>UF:</b> PB	<b>Município:</b> JOAO PESSOA
<b>Telefone:</b> (83)3216-7791	<b>Fax:</b> (83)3216-7791
<b>E-mail:</b> comitedeetica@ccs.ufpb.br	

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.847.474

estudantes para que eles sejam protagonistas do aprendizado;  
Argumentar, junto aos estudantes, como a manifestação da sexualidade está diretamente atrelada às fases do crescimento, bem como ao meio social em que estão inseridos;  
Fomentar o diálogo com o estudante sobre a importância da interlocução sobre sexualidade no meio escolar e no seio familiar;  
Organizar as estratégias utilizadas na pesquisa em uma cartilha digital voltada aos professores do ensino médio para o ensino da temática educação sexual.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Considerando-se que toda pesquisa com seres humanos envolve risco é necessário ter precauções, assim destacam-se a possibilidade de constrangimento ao responder o questionário, desconforto, medo ou vergonha e por serem gravados por meio de vídeos ou áudios, estresse e cansaço ao responder às perguntas. A metodologia não impõe risco a saúde física do participante.

**Benefícios:**

Os benefícios provenientes da pesquisa superam as possibilidades de quaisquer tipos de riscos, como o psicológico, intelectual e emocional. Ademais, as estratégias utilizadas constituem-se em metodologias ativas capazes de tornar o aluno protagonista do processo de construção e criticidade do conhecimento. Além disso, os resultados dessa pesquisa poderão fomentar a ressignificação do professor em sala de aula, bem como incentivar a reflexão e a mudança sobre as práticas educativas tradicionais, sobretudo, no ensino de educação sexual.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O presente trabalho está sendo realizado dentro de uma abordagem qualitativa, através da pesquisa participante com os estudantes, direcionada a duas turmas da primeira série do ensino médio, com um total de 70 estudantes, da ECIT Cristiano Cartaxo, localizada na cidade de Cajazeiras, PB. Ela será dividida em quatro momentos. O primeiro será uma reunião com a finalidade de explicar o objetivo da pesquisa para que os pais, responsáveis e os estudantes maiores de idade para assinatura do TCLE e autorizar os filhos a participarem da pesquisa. Em seguida, os filhos irão assinar o TALE e Termo de Consentimento de Uso de Imagem e Som e Voz. A segunda consiste na aplicação do questionário diagnóstico. A terceira parte consiste na construção de um contrato de convivência, entre professor e participantes, com a finalidade de

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.847.474

haver respeito entre eles, especialmente quando cada estudante preferir suas ideias e opiniões durante a realização das dinâmicas. A quarta parte consistirá na realização de quatro dinâmicas: "Adolescer" é uma dinâmica que será realizada em uma aula geminada de 50 minutos cada (100 minutos a duração total). "Coisa de homem e/ou de mulher" é uma dinâmica que será realizada em três aulas, sendo uma aula dedicada a confecção de silhuetas e figuras (50 minutos), e uma aula geminada dedicada a dinâmica em si (100 minutos). "Mito e Verdade". O

objetivo é refletir sobre os mitos e verdades relacionadas à sexualidade que, conseqüentemente, pode gerar uma gravidez na adolescência ou a aquisição de IST. Como a mulher é vista pela sociedade? É uma dinâmica que tem como objetivo verificar exemplos de manifestações sobre a sexualidade e preconceito em algumas mídias digitais. A aplicação do questionário diagnóstico ocorrerá em uma aula de 50 minutos; além disto, será utilizada a técnica de observação participante. Os dados serão sistematizados e organizados textualmente, utilizando as imagens de vídeo ou áudio gravados durante o percurso metodológico. Após esta estruturação, a análise será feita comparando-se as respostas proferidas pelos estudantes com os teóricos, com a finalidade de unir o que será falado, observado e escrito considerando as temáticas que serão trabalhadas. A ação será intencionalmente planejada, tendo como base os métodos qualitativos. Os dados serão analisados, organizados, sintetizados e interpretados a partir da análise de conteúdo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos de apresentação obrigatória foram anexados tempestivamente.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Diante do cumprimento das exigências éticas de pesquisas com seres humanos, somos de parecer favorável à aprovação da presente emenda a esse protocolo de pesquisa, salvo melhor juízo.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_2326297_E2.pdf	12/05/2024 08:37:49		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_2024.pdf	12/05/2024	THIAGO BRANDAO	Aceito

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.847.474

Folha de Rosto	Folha_de_rosto_2024.pdf	08:37:22	DE ASSIS	Aceito
Outros	Certidao_projeto_pesquisa.pdf	26/04/2023 08:07:28	THIAGO BRANDAO DE ASSIS	Aceito
Outros	Termo_de_anuencia_2023.pdf	28/03/2023 19:28:42	THIAGO BRANDAO DE ASSIS	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	28/03/2023 19:20:24	THIAGO BRANDAO DE ASSIS	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	28/03/2023 19:20:10	THIAGO BRANDAO DE ASSIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PTCM_Thiago_Brandao.pdf	28/03/2023 19:19:48	THIAGO BRANDAO DE ASSIS	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_PTCM.pdf	28/03/2023 19:12:42	THIAGO BRANDAO DE ASSIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	28/03/2023 19:12:23	THIAGO BRANDAO DE ASSIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_maiores_de_idade.pdf	28/03/2023 19:12:11	THIAGO BRANDAO DE ASSIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	28/03/2023 19:11:03	THIAGO BRANDAO DE ASSIS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOAO PESSOA, 24 de Maio de 2024

**Assinado por:**

**Eliane Marques Duarte de Sousa  
(Coordenador(a))**

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**ANEXO C – LETRA DA MÚSICA “ESSE CARA SOU EU” DO CANTOR ROBERTO CARLOS**

**Esse cara sou eu**

O cara que pensa em você toda hora  
Que conta os segundos se você demora  
Que está todo o tempo querendo te ver  
Porque já não sabe ficar sem você

De manhã você acorda feliz  
Num sorriso que diz  
Esse cara sou eu  
Esse cara sou eu

E no meio da noite te chama  
Pra dizer que te ama  
Esse cara sou eu

Eu sou o cara certo pra você  
Que te faz feliz e que te adora  
Que enxuga seu pranto quando  
você chora

O cara que pega você pelo braço  
Esbarra em quem for que interrompa seus passos  
Está do seu lado pro que der e vier  
O herói esperado por toda mulher

Esse cara sou eu  
Esse cara sou eu

Por você ele encara o perigo  
Seu melhor amigo  
Esse cara sou eu

O cara que sempre te espera  
sorrindo  
Que abre a porta do carro  
quando você vem vindo  
Te beija na boca, te abraça feliz  
Apaixonado te olha e te diz  
Que sentiu sua falta e reclama

O cara que ama você do seu jeito  
Que depois do amor você se deita em seu peito  
Te acaricia os cabelos, te fala de amor  
Te fala outras coisas, te causa calor

Ele te ama

Esse cara sou eu (6x)

**ANEXO D – LETRA DA MÚSICA “É POR ISSO QUE SOFRE” DE DJ BATATA,  
TATI QUEBRA BARRACO E BÁRBARA LABRES**

Homem é pra sentar	Fica sentada na esquina, só vendo passar
Vocês, vocês querem amar	os macho
Homem é pra sentar	Só cachorro, outro galinha, não adianta
Vocês, vocês querem amar	procurar
Homem é pra sentar	Um vacilo e tu perdeu, bota a fila pra andar
Vocês, vocês querem amar	
Homem é pra sentar	DJ Batata
Vocês, vocês querem amar	(Hey) Tati Quebra Barraco
Homem é pra sentar	(Hey) E Barbara Labres
Vocês, vocês querem amar	Jesus...
	Homem é pra sentar
É por isso que sofre	Vocês, vocês querem amar
É por isso que sofre	Homem é pra sentar
É por isso que sofre	Vocês, vocês querem amar
É por isso que sofre (é por isso que sofre)	Homem é pra sentar
	Vocês, vocês querem amar
Eu falo há mó' tempão, abraça o papo	Homem é pra sentar
quem quiser	Vocês, vocês querem amar
Sou a Quebra Barraco, sempre senti bem	
mulher	É por isso que sofre
Eu falo há mó' tempão, abraça o papo	É por isso que sofre
quem quiser	É por isso que sofre
Desse mal eu não sofro, porque eu gosto é	É por isso que sofre (é por isso que sofre)
de mulher	
	Eu falo há mó' tempão, abraça o papo
Eu falo há mó' tempão, abraça o papo	quem quiser
quem quiser	Sou a Quebra Barraco, sempre senti bem
Sou a Quebra Barraco, sempre senti bem	mulher
mulher	Eu falo há mó' tempão, abraça o papo
Eu falo há mó' tempão, abraça o papo	quem quiser
quem quiser	Desse mal eu não sofro, porque eu gosto é
Desse mal eu não sofro, porque eu gosto é	de mulher
de mulher	
	Eu falo há mó' tempão, abraça o papo
É por isso que sofre	quem quiser
É por isso que sofre	Sou a Quebra Barraco, sempre senti bem
É por isso que sofre	mulher
É por isso que sofre (então sofre)	Eu falo há mó' tempão, abraça o papo
	quem quiser
Pra você que é boladona, gosta de quebrar	Desse mal eu não sofro, porque eu gosto é
barraco	de mulher

É por isso que sofre  
É por isso que sofre  
É por isso que sofre  
É por isso que sofre (então sofre)

Pra você que é boladona, gosta de quebrar  
barraco  
Fica sentada na esquina, só vendo passar  
os macho

Só cachorro, outro galinha, não adianta  
procurar  
Um vacilo e tu perdeu, bota a fila pra andar

DJ Batata  
(Hey) Tati Quebra Barraco  
(Hey) E Barbara Labres  
(Hey)



**ANEXO F – LETRA DA MÚSICA “MEU NAMORADO É MAIOR OTÁRIO” DE MC  
CAROL**

Meu namorado é mó otário

Ele lava minhas calcinha

Se ele fica cheio de marra

Eu mando ele pra cozinha

Se tu não tá gostando

Então dorme no portão

Porque eu vou pro baile

Vou pra minha curtição

Aca-aca-aca-aca-acaba com essa

Vai!

Vai!

Vai!

Aca-aca-aca-aca-acaba com essa

Vai!

Vai!

Vai!

Meu namorado é mó otário

Ele lava minhas calcinha

Se ele fica cheio de marra

Eu mando ele pra cozinha

Se tu não tá gostando

Então dorme no portão

Porque eu vou pro baile

Vou pra minha curtição

Aca-aca-aca-aca-acaba com essa

Vai!

Vai!

Vai!

Aca-aca-aca-aca-acaba com essa

Vai!

Vai!

Vai!

Meu namorado é mó otário

Ele lava minhas calcinha

Se ele fica cheio de marra

Eu mando ele pra cozinha

Se tu não tá gostando

Então dorme no portão

Porque eu vou pro baile

Vou pra minha curtição

Aca-aca-aca-aca-acaba com essa

Vai!

Vai!

Vai!

Aca-aca-aca-aca-acaba com essa

Vai!

Vai!

Vai!

**ANEXO G – LETRA DA MÚSICA “TODA ARREPIADA” DE HYTALO SANTOS E  
RENATINA CABULOSA**

Renatinha, a cabulosa  
Hytalo Santos, aceita ou respeita

Renatinha vou te levar num baile em Baiê,  
Lá onde vai tudo acontecer,  
Lá tu não vai entender,  
Tu vai subir, vai descer, vai beijar ou vai  
morder,

Renatinha vou te levar num baile em Baiê,  
Lá onde vai tudo acontecer,  
Lá tu não vai entender,  
Tu vai subir, vai descer, vai beijar ou vai  
morder,

Homem, eu tô sem dente!!  
Fico toda arrepiada, toda arrepiada  
Quando vejo um novinho de seaway e  
cordão de prata  
Fico toda arrepiada, toda arrepiada  
Quando vejo um novinho de seaway e  
cordão de prata

Fico toda arrepiada, toda arrepiada  
Quando vejo um novinho de seaway e  
cordão de prata  
Fico toda arrepiada, toda arrepiada  
Quando vejo um novinho de seaway e  
cordão de prata

Renatinha vou te levar num baile em Baiê,  
Lá onde vai tudo acontecer,  
Lá tu não vai entender,  
Tu vai subir, vai descer, vai beijar ou vai  
morder,

Renatinha vou te levar num baile em Baiê,  
Lá onde vai tudo acontecer,  
Lá tu não vai entender,  
Tu vai subir, vai descer, vai beijar ou vai  
morder,

Homem, eu tô sem dente!!  
Fico toda arrepiada, toda arrepiada  
Quando vejo um novinho de seaway e  
cordão de prata  
Fico toda arrepiada, toda arrepiada  
Quando vejo um novinho de seaway e  
cordão de prata

Fico toda arrepiada, toda arrepiada  
Quando vejo um novinho de seaway e  
cordão de prata  
Fico toda arrepiada, toda arrepiada  
Quando vejo um novinho de seaway e  
cordão de prata